OBRAS
LITTERARIAS E POLITICAS

DE

J. M. PEREIRA DA SILVA

TOMO I

VENDE-SE NA MESMA LIVRARIA

a seguinte obra do mesmo auctor :

OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIAES

2 vol. em 8°

PARIZ — TYP. SIMÃO RAÇON E SOC., RUA DE ERFURTH, 1.

VARIEDADES

LITTERARIAS

POR

J. M. PEREIRA DA SILVA

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER
RUA DO OUVIDOR, 69
PARIZ, GARNIER IRMÃOS, EDITORES, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

1862

AVISO DO EDICTOR

Publicámos reunidos em um volume varios escriptos do Sr. Pereira da Silva.

Comprehendem estudos sobre as litteraturas extrangeiras e nacional, memorias politicas, descripções de viagens, parte inedita, e parte já publicada em periodicos e revistas, que obteve do publico muito benevola aceitação, e recebem agora importantes retoques e correcções. É nossa opinião que prestamos um serviço ás lettras brazileiras, offerecendo-lhe este livro; decidi-lo-hão os leitores illustrados.

VIAGEM PELA ALLEMANHA

EM 1837

I

Tinhamos deixado a Prussia, e percorriamos a Saxonia. Já não avistavamos as immensas planicies, que desappareciam no horisonte, despovoadas de arvores, sem animação, e vida, e que assemelhavam-se á terrenos arenosos abandonnados pelo mar. É triste e singular paiz o Norte da Allemanha! Que differença da nossa patria, aonde é tão risonha a natureza, magestosas as florestas e bosques, pittorescos os rios, e erguem-se á cada passo da terra verdes montanhas, que elevam seus cumes aos ares, appresentando lindas prespectivas, declividades engraçadas, e as mais pittorescas formas!

Percorrem-se leguas e leguas no Norte da Allemanha, avistando-se apenas, em grandes distancias, aqui e ali espalhádos, alguns elevados pinheiros, e um ou outro pequeno bosque sombrio e merencorio de cyprestes; é o terreno argiloso, duro, e esteril; produsèm apenas alguma sensação longas seáras de trigo, que dobram suas debeis vergonteas ao sopro frio do vento, e que em distancia parecem campos de oiro em pó. Não tem os rios margens escarpadas; não rolam suas aguas com estrepito, como os do Brazil; deslisam-se antes com indolencia ao nivel do solo, sem que uma colina denuncie a sua existencia, e uma arvôre annuncie a sua proximidade. E, para harmonisar com este sombrio paiz, gyra ali, constantemente, uma athmosphera fria, triste, e nebulôsa. Parece que o sol tem vergonha de illimina-lo, e ganha a terra com isto. O esplendor do rei dos astros, seus raios brilhantes, e luz assombrôsa, conbinam unicamente com a bellesa das terras meridionnáes. Dão as trevas mais formosura á uma cathedral gothica: lucra ao escuro da noite; aos raios tremulos e opacos de uma lampada vacillante; e ao sussurrar monotono e merencorio da lua. Pode-se comparar o Norte da Allemanha com uma cathedral gothica.

Tinha Leipsic commeçado a sua famôsa feira de São Miguel. Elevavam-se pelas praças, ruas, jardins, e passeios mil barracas diversas de formas e cores, e atopetadas de toda a especie de mercadorias. Abal-

roavam-se por toda a parte individuos de todas as nações. Confundiam-se as religiões, paizes, vestes, e varias linguas. Judeos, Armenios, Russos, Persas, Italiannos, Egypcios, Franceses, Hespanhões, Inglezes, Turcos, Americanos, e Arabes, encontrávam-se á cada passo por que, neste vasto bazar da Allemanha, vende-se sciencia, industria, generos da China, Japão, Chile, e Pará; e mercadorias da Italia, Grã-Bretanha, Odessa, Turquia, França e Portugal. E sí não bastára ao viajante para alegrar-se um espectaculo tão divertido, abria-lhe a historia, em torno da cidade de Leipsic, paginas soberbas. No caminho para Iena ganhou Gustavo Adolpho da Suecia victoria memoravel, e morreu morte de heróe. Em Bautzen venceu Napoleão pela ultima vez na Allemanha. Em Wittemberg teve Luthero seu berço e o tumulo. Atravessando á nado um dos braços do Elba, que corta a cidade, findou seus dias o bravo Poniatowski. E não longe d'ali expirou em combatte tambem o Principe Mauricio, que enganou á Carlos 5, o maior enganador que houve no mundo. Como se eleva o espírito humáno, recordando-se de acontecimentos historicos tão memoraveis e brilhantes!

Deixámos Leipsic por Weimar, uma cidade de provincia importantissima pela pequena capital de um grão ducado, abundante porem de reminiscencias dos quatro grandes genios, que produzio a Allemanha; Schiller, Goethe, Herder, e Wieland, que

ali viveram, escreveram tantas obras memoraveis, e baixaram ao sepulchro, quasi pelo mesmo tempo, protegidos todos pelo soberáno reinante, que soube converter a sua insignificante corte e cidade em uma Athenas litteraria e artistica, que causáva admiração; e attrahia ao seu seio por tão justificado motivo quantidade innumera de curiosos, que desejavam conhecer da Allemanhaos escriptores celebrisados.

Que differença faz actualmente d'aquella Weimar, tão elegantemente descripta na obra admiravel de Madame de Stael! É tudo hoje isolamento, e solidão! Jardins, praças, e ruas desertas. Vive apenas de reminiscencias, guardando orgulhôsa em uma capella particular os restos mortáes dos quatro engenhos, que tanta nomeada lhe attrahiram!

Nem-um d'elles teve ali o seu berço, si bêm que ali encontraram todos o seu tumulo. Nasceu Schiller no reino de Wurtemberg, em uma pequena aldeia, denominada Marbach. Foi Francfort, cidade ricca, industriôsa, e livre, banhada pelo rio Mheno, um dos ramos principáes do famôso Rheno, a patria de Goethe. É Herder da Franconia, e Wieland da Suabia.

Até os fins do seculo 18. não possuia a Allemanha litteratura propria e nacional. Aos poemas heroicos da epocha dos Hohenstauffens, aos Minessengers, e Niebelungs, que formam os seus canticos nacionáes da edade media, succedeu o gosto da litteratura francesa, que alimentáva e desenvolvia Frederico 2° da

Prussia. Detestava tanto este soberáno a lingua allemãe, que a não fallava e nem escrevia; intitulava-a de barbara, prohibia-lhe o uso na corte, e admittia unicamente o francez!

Com razão dizia Schiller — « Não teve a lingua germanica o seculo de Augusto; nêm lhe sorriram as graças dos Medicis. Não foi mimoseada pela gloria, e nêm antreabrio suas flores aos raios de reáes favôres de algum Luiz 14. Sêm protecção e nêm honra foi-se elevando ao lado do trono do mais gloriôso filho da Allemanha, o grande Frederico. Pode portanto o Allemão dizer com orgulho, e mais fortemente palpitar sua alma nutrida por este pensamento, que o que tem de nobre e grande dêve-o á si, e só á si. »

Cabe á Wieland a gloria da regeneração da litteratura allemãe. Foi o chefe, e o mais velho dos escriptores da nova epocha. Lessing, Klopstock e Winkelmann o accompanharam na emprêsa hônrôsa da regeneração. Goethe e Schiller elevaram-a á seu apogeo.

São portanto estes dous homens as sumidades litterarias da Allemanha. Differentes no caracter, e distinctos nos genios, vivêram todavia sempre na mais cordial intimidade. Presáva Gœthe o fogo impetuoso, e ardente inspiração de Schiller. Respeitava e admirava este a harmonica tranquillidade d'alma, que caracterisava o primeiro. Foi Gœthe superior á Schiller na universalidade de conhecimentos, e na amplidão de estudos,

e luzes. Excedeu-o Schiller no sentimento, paixão, e descripção da dor e melancholia.

« O poeta, diz Platão, é um ente de natureza pura e sagrada. Volteia em roda das fontes dedicadas ás muzas; colhe nos seus jardins o mais puro mel; e abandonna-se á Deus, que o possue, sobre o brilhante carro da harmonia, até que o desampare o sopro divino. »

Assim foi Gœthe, genio fecundo e ráro, variado e harmoniôso como a natureza, original e profundo nas suas concepções, e subtil e penetrante nos seus juisos. Identifica-se com todos os objectos, que desenvolve. Ouve resoar o echo deliciôso dos Hellenas sob as abobedas do Parthenon com a mesma facilidade, com que descreve o suspiro do vento frio do norte, atravez dos galhos desfolhados dos pinheiros da Prussia e Noruega, ou a vôz funebre do orgam sobre os vidros coloridos do mosteiro gothico. Inspira-se á sombra das palmeiras da Palestina, e exalta-se no seio das abrasadoras areias dos desertos de Bagdad. É poeta classico e romantico, antigo e moderno, pagão e christão, pastoril e elegiaco, dramatico e heroico, tudo no mesmo tempo, sêm que se perceba quasi a transição. É sêm duvida o genio mais raro da Allemanha, e seus canticos, idilios, e ballatas, percorrem com a rapidez do raio todas as regiões, em que domina a lingua germanica. Desde o Oder, e nascenças do Elba até o Danubio e o Rheno; esde Dantzick e Konigsberg até Kehl, e o Tyrol, ouve-

se repetir continuamente os canticos de Gœthe. Reune a doçura de Gonzaga, graça de Camões, expressão maviosa de Virgilio, força energica de Tasso, e a rara variedade de Ariosto. É todavia poeta exclusivamente allemão; intraduzivel em lingua extranha; e inintelligivel para quem não estiver muito versádo no seu idiôma.

Semelhante á láva do Vesuvio, têm Schiller a imaginação de fogo : alma ardente, e melancholica : coração sensivel e enthusiastico. Religiôso por excellencia, purifica suas ideias e dicção com um perfume moral e sancto : como o rei Midas do politheismo, converte em oiro tudo em que tocca; é o prisma, que rouba a luz palida e incolor, para mais pura e brilhante transmitti-la.

Mais popularidade adquirio Gœthe pela diversidade de objectos, que o inspiráram. Para os pensadôres porêm, e philosophos, classes selectas e illustradas, é Schiller um amigo necessario, e indispensavel : tem valor particular, que não acha preço.

Foi um drama a sua primeira producção : intitulou-o os ladrões. Enthusiasmo por ideias extravagantes, que repudiam as sociedades organisadas; espirito de revolta contra as leis, que regulam civilmente os homens reunidos em associações; e fogo de mocidade inexperiente e exaltada, formaram as inspirações de um engenho, que pretendia desabrochar, e anhellava sahir da obscuridade.

Differentemente marchou Gœthe. Declara-o nas suas memorias : « Tomei o partido de procurar em mim, no que me fornecêsse minha sensibilidade ou reflexão, a materia de minhas producções; realisar em quadro, e drama, o que me tiver dado prazer ou dôr, e unicamente pintar o que tiver sentido. »

Corresponde assim cada uma de suas composições a uma disposição da sua alma, ou espirito. É o seu resumo a historia completa dos successos da sua vida, e dos sentimentos, que a occuparam. Foi o romance de Werther sua primeira obra.

Como poeta dramatico tem Schiller preeminencia sobre Gœthe. Possue sistêma, ordem, regularidade de acção, e conhecimentos scenicos, superiôres aos do seu amigo, que, ou pinta a edade media a expirar, escrevendo o seu drama de Gœtz de Berlinchingen, e exclama que o theatro lhe pareceu muito estreito, e a duração ordinaria de uma peça muito curta para o desenvolvimento de uma grande obra, ou aceita as regras fixádas por Aristoteles, e desenvolvidas par Quintilianno, e imita a simplicidade e harmonia do theatro grego, imaginando Iphigenia e Torquato Tasso, que mais proprios são de uma leitura de gabinete do que de uma representação theatral.

Quereis sentir a exaltação mistica de Schiller, e perceber a tendencia lyrica do seu genio? Lede o cantico do *Mergulhador*, que é uma das mais apreciadas de suas composições. Imagens, elevação de pensa-

mento, e nobresa de linguagem, primam n'este poemetto, e dão-lhe delicado e particular realce.

CANTICO DO MERGULHADOR

« Qual d'entre vós mergulhará ousado
« No fundo d'esse pégo?
« Eis d'ouro un vaso; ás ondas o arremesso;
« O negro abysmo o engolio d'um sorvo.
« Quém fór busca-lo que o guarde; é d'elle. »

Do pico d'alta rocha sobranceira
De Charybdes as vagas irritadas
D'est'arte o rei fallava :
« Qual dentre vós (de novo eu vos pergunto)
« Ha-de sondar o abysmo? »

Os nobres e escudeiros, toda a côrte
Em silencio escutou estas palavras.
No mar fitando a mal segura vista,
Ninguem se atreve á affrontar-lhe as iras;
E já terceira vez o rei bradava :
« Qual dentre vós mergulhará ousado
« No fundo d'esse pégo? »

Emquanto mudos permanecem todos,
Com seguro ademan, rosto sereno,
Um mancebo gentil avança os passos;
Dos hombros larga o manto, e tira o cinto;
Trava os olhos nas ondas, que, inquietas,
Ora procuram rapidas sumir-se

Nas profundas cavernas, ora surgem
Com feroz estampido, sacudindo
Pelos rochedos a nevada espuma.
Ferve o mar! Disserás que atro fogo
Lhe atormenta as entranhas; encapellam-se
Uma sobre outra as incessantes vagas.

Mas do bravo elemento a louca furia
Pouco a pouco socega; a branca espuma
Deixa entrever escancarada faucé
Do tenebroso abysmo, que semelha
Negra voragem do medonho Averno :
E antes que as furias voltem redobradas,
C'o pensamento em Deus, eil'o d'um salto...

Atrevido mancebo!... Pela praia
Um grito resoou de horror e espanto.
No turbilhão das aguas arrastado
Quem pode vê-lo ainda? O feio monstro
D'um só golpe o tragou!... Adormecidas
Como jaseram brandamente as ondas!
Apenas corta os ares murmurando
Um confuso bramido mal distincto;
Do infausto moço a desastrosa sorte
A' porfia lamentam. — « Valor tanto
Sêm fructo esperdiçado! » Este bramido
Que do seio dos mares vêm sahindo,
Mais surdamente sôa, e quasi morre.

Bem poderas agôra o sceptro e a c'rôa
Arrojar, ó monarcha, ao vasto pégo;
Bem poderas disêr — « Quêm fôr tira-los
O sceptro empunhe, e a corôa cinja;
Impere em meu logar, que o throno eu deixo
De seu denodo em premio. »

Os misterios, que encerra o torvo abysmo
Ninguem ha-de traser á luz do dia.
De naufrago baixel arrebatado
No vortice das aguas quantas veses
Apenas despejaste, ó fatal syrte,
Restos quebrados, miseros destroços!

E cresce o rouco sôm, e as vagas bramem!

Mas entre as negras ondas lá diviso
Alvos braços da côr do alvo cysne.
Esforçado mancebo, és tu que luctas
Peito á peito co' a morte : a rica taça
Na mão sinistra acima d'agua erguida,
Com mostras de praser como elle ostenta!
Saúda a luz do sol : o peito anciado
Respira á longos tragos ; clamam todos :
« Ei-lo! E vivo! O moço valeroso
« O sepulchro venceu, zombou do abysmo! »

Para o rei se encaminha : e a turba alegre
De um lado e outro o cerca; ante o Monarcha
O mancebo gentil curva o joelho;
E o vaso lhe apresenta. A um leve aceno
Do respeitado Pai, linda princeza
De licor generoso enchêra a taça.
« Viva o rei! (disse o joven) Que ventura
« Não sinto respirando aura celeste!
« Ah! nunca o homem queira penetral' os
« Os segredos que esconde o mar profundo!
« Seria a Deus tentar, pois que elle occulta
« De nossos olhos as terriveis scenas.
« Qual o raio das nuvens despedido
« Na força da torrente impetuosa,
« Ao abysmo desci; nova torrente

« Do largo sorvedouro arremessada
« Vem batter sobre mim. Vistes accaso
« Como impelido pela fraca dextra
« Rapido gyra o infantil brinquedo?
« Tal me sentia revolver no abysmo.
« A' Deus invoco então : elle me indica
« A ponta de um rochedo : eu d'ella travo
« Com a tremula mão ; á morte escápo,
« E sobre um ramo de coral depáro
« Có a preciôsa taça. Oh! que d'assombros,
« Atravez do clarão abrazeado,
« Que uns sitios de morte allumiava
« Meus olhos distinguiram! Tremo ainda.
« No continuo silencio, que ali reina,
« Eu nada ouvia. Mas, ó Deus! Que horrores!
« As negras phocas, torpes, hediondas,
« Salamandras enormes, asquerôsas,
« Serpes horrendas; os dragões feroses,
« A mente me figura; ainda os vejo
« No boqueirão do inferno retouçando!
« Que densa multidão lá se agitava
« De nunca vistos, não sabidos monstros!
« E o voraz tubarão, lobo dos mares,
« Os aguçados dentes amostrando. »

« Entre a vida e a morte suspendido,
« No meio de taes monstros solitario,
« Sem soccôrro esperar de peito humano,
« N'esse deserto espantoso d'aguas,
« Onde a voz do mortal jámais penetra,
« O perigoso lance avaliava,
« Quando os terriveis monstros á milhares
« Se abalançam de golpe a devorar-me :
« Estremeci de susto; largo a rocha
« A que me segurava : em tal ensejo,

« A torrente subindo accelerada,
« Traz-me de rojo : e nisso esteve a dita,
« Que dest'arte surgi do fundo abysmo.»

Do semblante do rei, á seu máu grado,
De pasmo translusira um leve assomo.
« A taça é tua (diz) e eu te destino
« Este que vês annel tão primorôso,
« Si vás de novo, devassando o abysmo,
« De novo descobrir á mim e ao mundo
« Segredos portentosos.

« Ah! basta já, senhor! (c'um brando riso,
A princesa dizia commovida
Da pintura do caso, que passára
O denodado moço aventureiro)
« Que barbaro recreio! Este mancebo
« Por compraser-te expôz a propria vida.
« Excedam cavalheiros destemidos
« Do pagem o valor, si por ventura
« O teu desejo réfreiar não podes. »
Disse : e o rei c'um gesto desabrido
A taça lança ao mar, e assim prosegue :

« Si a trases outra vèz, eu te proclamo
« Dos cavalheiros por o mais valente,
« E dou-te esposa a timida donzella,
« De quem soubeste penhorar cuidados,
« O' mui ditoso joven! »

A' taes palavras mais que humana força
Do peito se apodera do mancebo.
Brilha em seus olhos o valor, a audacia;
Vê palida cahir desfalescida
A mimôsa princesa : « Ah! possui-la,

Possui-la ou morrer. » Comsigo disse,
E do rochedo ás ondas se despênha,
As' ondas, que o cobriram, rebramando
Até que as vagas sobrepuja, e nada
Para de novo n'ellas sepultar-se.

Rouca vôz do trovão ouvio-se ao longe.
Do vasto abysmo á beira acodem todos.
Avidos lançam cobiçosas vistas.
Sobem, recrescem de continuo as aguas,
Que vêm rugindo do profundo pelago:
Mas o moço infeliz ao claro dia,
Ah! Nunca mais trouxeram!

II

Que expectaculo variado e confuso de mil povos diversos appresenta esta moderna Allemanha! Fallam a mesma lingua; possúem uma litteratura nacional identica, cuja gloria chamam para si todos os estados germanicos, nascêsse o escriptor nas margens baixas e uniformes do Elba; ou nas magestosas ribas do Rheno; banhassem o seu berço as aguas amenas do Danubio ou do Oder. São subditos entretanto de governos distinctos; regidos por leis civis e disposições administrativas diversas; subordinados á instituições politicas differentes, que umas derivam dos principios liberáes, como as constituições de Baden et Wurttemberg, e

perdem-se outras no absolutismo puro, como o da Austria; ou militar como o da Prussia; as dos estados Rhenanos d'esta ultima potencia appresentam a phisionomia do jugo colonial; as de Francorft, Hamburgo, Bremen, e Lubeck descem á democracia republicana; a Bohemia e Hungria curvam-se á uma verdadeira tyrannia. A Grecia antiga, com suas inumeras divisões de pequenos estados encerrados entre o Eta e o Pindo, comprehendendo a Attica, a Beocia, o Peloponeso, a Megarida, a Phocida, e muitas ilhas semeadas como ramos de flôres pelo mar Ionio, é a unica nação que figura a mesma variedade, e quiçá identica rivalidáde. Fallava-se em Sparta a mesma lingua que em Athenas, e Macedonia; e quão differentes eram entretanto as instituições, pelas quáes se governavam! Como tão diversas as administrações de Delos e Thessalia!

Assim se organisou a Allemanha moderna, filha legitima das divisões, que durante a edade media lhe dilaceraram as entranhas, e dos tratados internacionáes, que lhe resultaram das suas guerras civis, e extrangeiras. Collocada no coração do Europa, como para servir de medianeira entre a barbaria invasôra da Russia, e as explosões enthusiasticas da França, tem ainda este ponto de analogia com a Grecia antiga, que era a muralha, que existia entre a Asia e a Europa d'aquellas eras.

E como o Atheniense ao Spartano, o e Macedonio ao

Beocio, detesta o Bavaro ao Brandeburguez, e o Austriaco ao Hanoverianno e Prusso.

Si se unisse a Allemanha sob um unico governo; si predominásse n'ella um só pensamento; si uma ideia patriotica conseguisse colligar de uma vez e para sempre tantos fragmentos discordes, e divididos; constituir-se-ia de certo a primeira nação da Europa. Nada lhe falta para isso! Possue todos quantos elementos compôem a riqueza, valor, e civilisação. A antiguidade da sua historia, e identidade de lingua, dar-lhe-iam a força tradicionnal, que é verdadeira força moral. Descêsse embôra a Russia do Caucaso, com seus innumeraveis exercitos; tentásse a França approximar-se do Rheno fiada na bravura tempestuôsa de seus filhos; nada teria que temêr a Allemanha; contrabalançaria os esforços de seus invasores, e serviria para assegurar a paz do mundo.

Verdade é que se nota em grande parte dos espiritos uma tendencia á unidade politica e governativa; Gœthe e Schiller a tinham presentido, e procuraram alimentar e desenvolvêr em seus escriptos. Klopstock, e Uhland esforçaram-se em dar-lhe força e cohesão. Não passa até agora de ideia methaphisica; não têm descido á realidade; a influencia dos escriptores não conseguio entranha-la no corpo da nação, e massa do povo, que é quêm pratica e conclúe as innovações, e mudanças radicáes.

Quem pàssa por Weimar não pode deixar de fazer

uma visita ás casas da residencia de Schiller e Gœthe, que se conservam como monumentos. Não passa a do primeiro de um sobradinho notavel apenas pelos trastes já carcomidos, que lhe serviram. É porêm une bello predio a do camarista, espaçôsa, elegante, e rodeiáda de jardins, e espesso arvoredo; guarda-se n'ella o manuscripto do famoso drama do Doutor Fausto; livros com margens annotadas pelo proprietario; e quadros e gravuras, que lhe pertenciam: são curiosidades que todo o viajante têm desejos de ver, como tributo que paga aos grandes homens, que honráram o mundo com o seu genio.

Passa-se das casas para os mausoleos conservados no cemiterio; sobre o de Schiller estão gravados tres disticos: compõem-se o primeiro das ultimas palavras, que disse ao expirar: *Cada vez mais tranquillo*. Éscripto o outro por Gœthe, á respeito do seu enterro, encerra as frases seguintes:

« A' noite foi o corpo de Schiller condusido ao ultimo jasigo, accompanhádo por quasi toda a cidade de Weimar e estudantes da universidade de Iena, fasendo echoar pelo caminho seus hymnos e canticos. Durante a marcha funebre, estáva o ceo enluctado e coberto de sombrias nuvens. No momento de depôr-se o cadaver no tumulo, reappareceu repentinamente a lua, e csclaresceu com seus palidos raios o sepulchro do poeta. »

É o terceiro distico a cantata que escreveu o poeta

quási no instante de deixar o mundo, e que se intitula — Os mysterios de Eleusis.

OS MYSTERIOS DE ELEUSIS

Vinde commigo celebrar pastores
De Eleusis os mysterios sacrosanctos.
Tecei verdes capellas : enfeitai-vos
Com douradas espigas : entôemos
Alegres hymnos em louvôr da deusa,
Que de asp'ras selvas, das incultas brenhas
Tirou primeira os miseros humanos.

Vagava n'essas eras pelo mundo
Ceres em busca da perdida filha.
N'estes então inhospitos paizes
Vem alfim apportar. E chôra, e geme
Com dor dos homens, que semelham feras,
Nas occultas cavernas escondidos;
Ou pelo espesso emmaranhado bosque
Errando, á caça de mesquinha preia;
Ou mal segura, movediça tenda
D'aqui ali transpondo! Verdes campos,
Hospitaleiro tecto, alto zimborio
De algum templo naõ vê por mais que ao longe
Estenda aguda vista. Só descobre
Calvos rochedos, aridas charnecas,
E n'um cruento altar uns brancos ossos.

CERES.

O'Deuses immortaes! Ao desamparo
Vedes sem pejo a raça dos humanos,

Do vosso eterno sêr imagens vivas!
São senhores da terra qual monarcha
Pelas mãos de rebeldes despojado
D'avita herança, e que perdeu com ella
A patria, os filhos, e a querida esposa.
Têm numes bronzeos peitos? Não lhes pesa
O mal que não os fere? Dentro n'alma
O' prole sem ventura, o' malfadados,
Cruamente me pungem vossos males!

Ao solo, que vos gera, e que vos nutre
C'um pacto de alliança vou prender-vos,
E mostrar-vos as leis, que permanentes
Na immensidade do espaço os astros regem.

Em vosso peito Promotheu outrôra
Soube a flamma ateiar divina e pura,
Que o pai da luz pelo universo esparge;
Sob as cinzas do crime e vicio torpe
Amortecido jaz o sancto lume.
C'um sopro animador eis o desperto;
E vós cobrai, mortáes, a essencia d'homem.

—

D'est'arte falla a Deuza. A nuven rompe,
Que da barbara gente a nega aos olhos;
E qual no ethereo assento fulgurava,
Tal se lhe amostra magestosa Ceres.
Mão fratrecida aos labios lhe appresenta
Taça, que espuma em borbotões de sangue.
De si o monstro horrorisada affasta.

CERES.

Aos numes não apraz sangue innocente.

Folgam si flores lhe offertaes mimosas,
Ou rescendentes, saborosos pommos.

—

Das mãos arranca ao impio sacerdote
O ferro acicalado. A'dura terra
As veias rasga, e nos abertos sulcos
Das espigas, com que cingira a frente,
Portentosa semente vai lançando,
Que em breve nasce, e cresce, e ja se ostenta
Fertil seára pelo campo immenso.

Serve de altar á deusa um verde combro;
N'elle depõem premicias da colheita.

CÉRES.

O'jove omnipotente, ó pai dos numes,
Seja-te aceito o puro sacrificio.
C'um prodigio desfaz a densa treva,
Que teu divino ser esconde á mente
D'esta misera prole!

—

Jove attende
Da irmãa querida a fervorôsa prece :
E sêm que tolde o ar de feias nuvens,
Arroja com fragor um raio á terra.
Accende n'ara o sacrosancto fogo,
Que áos ceos remonta crepitante chamma,
Envolta em rolos de ligeiro fumo :
Batendo então as azas estendidas
Vem sobre ella pairar aguia soberba.

De prodigio tamanho arrebatada

Lançando para longe as duras armas,
Ante a deusa se prostra a fera turba,
E absorta escuta providos dictames.

N'este ensejo os celicolas potentes
Da luminôsa estancia a'terra descem.
Primeiro assoma Themis, que na dextra
Empunha da justiça o sceptro augusto;
E pelo campo erguendo altas balisas
Do Averno invôca as negras potestades.
Apóz ella Vulcano coxeiando,
Vêm aos homens mostrar a forja ardente,
O rijo malho, os folles engelhados;
E na rapida roda lhes fabrica
De fragil barro primorôsa taça.

Co'a lança em punho a'todos sobranceira
Minerva solta a vóz sonora e forte :
A' rude gente sabias leis ensina,
E quêr povo de irmãos em todo o orbe.

De Pallas os vestigios vêm trilhando
O Deus, que os marcos planta n'esses campos :
Agôra sobe da colina ao cimo,
Agôra a'margem pára de um ribeiro.
Vóz em grita, la vêm pulando alegres
Da formosa Diana as castas nymphas;
Aos repetidos golpes estalado
O duro pinho escáxa, quebra, e cahe :
Levantando das ondas verde-negras
A frente de espadanas coroada,
O Deus do rio impelle para a praia
O tronco antigo, o ancião da selva,
Que a's destras mãos das açodadas horas
A primeira rudeza larga, e perde.

Das entranhas arranca á madre terra,
C'o tridente, Neptuno o marmor duro,
Que sopesa na dextra poderôsa.
De Mercurio ajudado lança e firma
Do novo templo os largos alicerces.

Ao sôm da lyra d'ouro Apollo chama
A suave harmonia : o lindo côro
Das donzellas gentis desprende o canto,
E co'o mago poder das meigas vôzes
Uma sobre outra vão pousando as pedras.

Crava Cybele a forte feixadura
Na chapeada porta. Os atrios enche
A multidaõ, que em jubilos transborda.
Juno de verdes, de cheirosos myrtos
O mais formôso par corôa e une.
No consorte feliz, na terna esposa
Venus requinta magicos encantos.
De preciosos dons os numes todos
Contentes os colmaram. Bipartidas
Portas abrindo o templo em si recolhe
A recente nação. Sagrados ritos
Mal Ceres os findou, assim fallava :

« — Amam na terra a doce liberdade
As feras pelos matos embrenhadas.
Gozam nos ceos a doce liberdade
Os numes, que só regem seus affectos,
Pelo firme padrão da natureza.
Si amáes a liberdade, ó gente humana,
Fraterno laço de união sagrada
Com insoluvel nó vos prenda e ligue. — »

—

Vinde commigo celebrar, pastores,
De Eleusis os mysterios sacrosanctos.
Tecei verdes capellas : enfeitai-vos
Com doiradas espigas. Entoemôs
Alegres hymnos em louvôr da deusa
Que d'asp'ras selvas, das incultas brenhas
Tirou primeira os miseros humanos,
E primeira lhes deu altar e patria.
Ceres é nossa mãe; louvor eterno
De grato coração dêmos á Ceres.

Goethe ficou só e isolado no mundo. Nascera antes de seus amigos, e o haviam todos precedido no sepulchro. Foi o primeiro e o derradeiro na gloria litteraria do seu paiz. Colheu as premicias das flores, e os ultimos fructos. Desprendeu-se da vida aos oitenta e quatro annos de edade, em 1832.

No dia 2 de outubro continuamos a nossa viagem para a Baviera, passando por Erfurth e Gotha.

III

Avistavamos Bamberg. Seis leguas de distancia separavam-nos entretanto d'esta velha cidade. Toda a parte da Saxonia, que comprehende os ducados de Gotha-Coburgo, e Meiningen-Hildburghausen, não nos tinha mostrado uma unica cidade, que por suas

reminiscencias, grandesa e magestade, seus edificios e população, compensasse as fadigas e encommodos da viagem. Eram pequenas ainda que risonhas villas á riba de mesquinhos regatos, cercadas de jardins, bosques, e colinas pittorescas, e que mais pareceriam quintas amenas de capitalistas retirados, do que capitáes de estados, e residencias de principes, que carecem para seu brilho de corte luzida, e povo numerõso.

Diversa porêm se ostentava já a Baviera. Pela estrada, que segue de Coburgo para Bamberg, entrecortada de montanhas alegres, descobriamos nos picos ôra um gothico castello com delicadas ameias, muros elevados, pontes levadiças, e negros torreões; ôra bellas, encantadôras e solitarias egrejas, que formavam expectaculo prasenteiro. Aqui calvarios arranjados com arte e gosto; acolá imagens de pedra de sanctos padroeiros. Não era o mesmo espirito, que animava o Norte protestante, que orgulhôso despresa as exterioridades da vida, e dirige directamente para Deus o seu soberbo pensamento, sem faser caso de agentes intermediarios. É catholico o sul da Allemanha; tem fé na religião da egreja Romána; sua devoção pelas pompas externas, e sua veneração pelos sanctos do calendario, revelam-se em todos os seus actos, e feitos.

Vista de longe dá Bamberg de si ideia avantajada. Descendo de uma alcantilada montanha, em cujo ca-

beço estão edificadas a Sé com quatro torres, e o palacio episcopal com torreões gothicos, estende-se pela planicie, abraça um ribeiro, que por ali precipita suas aguas turvas, e vem feixar-se em uma grande e antiguissima porta de ferro, de onde corre estensa e alta muralha, que circunda a cidade inteira. Cem negrás torres gothicas, desdobrando pelos ares flexas engraçadas, afformoseiam o painel, que descortinam os olhos do viajante, que de distancia observa. Arredôres cobertos de agradavel vegetação, ceo puro e claro, e uma bella tarde, que morria diante dos raios vermelhos do sol, que desapparecía no firmamento, produsiram sobre nós uma sensação suáve no momento, em que nos approximávamos de Bamberg.

E á proporção, que mais perto estavamos, e melhor descortinavamos os edificios, que ornam a cidade, por entre a negridão dos tectos e torres, que se perdiam na atmosphera azulada, lá refulgiam palacios e casas gothicas, pintadas de novo com mil cores diversas, que produsiam maravilhôso effeito, e modificavam inteiramente o primeiro painel. Disticos gravados nas portas da entrada, em honra todos de Deus e dos sanctos da egreja catholica, cruzes pintadas nos cantos das ruas e praças, imagens da Sancta Virgem em pequenos oratorios, revelàva tudo que era ainda a sua população animada pelo espirito religiôso da edade media.

Nas poesias das eras passadas e nas modernas com-

posições é muito celebrisada a parte da Baviera, que comprehende Beyruth, Bamberg, Wurtzburgo e Nuremberg. Formava um circulo do antigo imperio da Allemanha, com o nome de Franconia. Dominou ali com todo o seu poder, independencia, e brilho a feodalidade ecclesiastica e secular: a ordem teutonica de Mergentheim, e os Bispos de Bamberg, e Wurtzburgo; as associações secretas, minnesängers, mestres cantôres, e os duros barões feudáes, tornaram esta terra galharda, cavalheirôsa, e superiormente historica. O Papa e o Imperador, que na edade media constituiram as duas imagens de Deus, acharam n'este paiz todo o appoio popular para combatterem as innovações de Luthero, e as predicas de Melánchton, quando travâram combate de morte com o catholicismo de Roma : na Franconia estabelesceu Gœthe o castello feudal de Goetz de Berlinchingen para pintar e descrever os ultimos arrancos de uma epocha, que acabava, diante de novas eras, que nasciam, e que a mão de ferro do heroe não pode superar.

Foi Bamberg a terra querida do famoso romancista Hoffmann, delicia litteraria do seu e nosso tempo. Compunha musica, pintava decorações, representava no theatro, e escrevia os seus contos nas grosseiras tavernas, saboreando a cerveja e o ponche, e atirado no lodaçal de uma vida devássa.

Que genio admiravel era no entretanto! Philosopho e poeta, artista, e litterato de immenso valor, acabou

sua existencia carcomido por dôres phisicas, exhausto pela miseria, e rindo-se no meio das angustias, como si vivesse em um leito de rosas!

« Dai vinho á Hoffmann, disia Schlegel, não que tenha sede, não que procure na bebida espirituosa o praser brutal, com que se embriagam os homens. Não é do vinho, que gosta, mas do calór que lhe produz nas veias, e que lhe realça a immaginação, e incita-lhe a mente. Fica louco, solta as redeas ao espirito, parte a todo o galope. É o momento de sua melhor inspiração. Immensa familia de entes bizarros, filhos de um pensamento vagabundo, corre á seu chamado, e responde á sua vóz. Satanaz e gnomos, sylphos com azas diaphanas, e nymphas com seios de rosas, sahem do reino das quimeras, e convertem-se em personagens reáes, encantam-nos, e electrisam-nos, passando por sua penna. »

Burlesco, e pathetico, espirituoso e sublime, era dotado de uma immaginação vigorosissima, e fertilidade espantôsa de engenho. É o allemão mais allemão, que se conhêce; porque é a Allemanha a terra, que mais adôra o maravilhôso, o ideal e o phantastico. Desenha com mão firme as personnagens mais extravagantes, dando á seus quadros uma naturalidade, e colorido tão reáes, que não são excedidos pelo pincel pratico e fecundo do proprio Walter Scott.

Electrisáva-se por tâl forma quando compunha seus romances, que elle proprio tremia ás vêses, e tão ate-

morisado ficava, que parava de escrevér; si era durante a noite, gritava, e chamáva pessôas da familia para fazerêm-lhe cômpanhia, e o livrarem das visões, que o assaltavãm.

Não são entretanto o maravilhôso, e phantastico das feiticeiras, e apparições, que maiõr realçe lhe dão, e nomeada mais vasta lhe adquiriram, apesar de haver esboçado seus quadros de modo, que medo incute realmente e faz tremer o mais animôso e precavido dos seus leitores.

Fê-lo admiravelmente : é um artista eloquente e sublime, encarado sob este unico aspecto. A maneira natural porêm com que narra os factos, arranja as scênas, liga os acontecimentos, combina os effeitos, e prepara as peripecias, formam sêm duvida o seu mais primorôso titulo de gloria.

Da vida deboxada, que passáva, pretendeu arranca-lo o rei da Prussia, restituindo-o á um logar de magistratura, que occupára em Posen, durante os seus primeiros annos. Não pode porêm elle resignar-se á existencia quieta e uniforme de juiz. Tudo de novo abandonnou para voltar para os seus habitos, e costumes desregrados.

Conservou todavia Bamberg a sua memoria. Guardou saudades d'elle, levantou-lhe uma estatua, e repete seu nome com respeito, amôr, e veneração.

De Bamberg seguimos nova peregrinação pa a Nuremberg.

Gothicas e antigas ambas, irmães na edade e nos feitos celebrisados, são as mais bellas reliquias da Franconia. Casas com ogivas e flexas, janellas rasgadas e compridas, com bordaduras multicôres nas vidraças; edificios de torreões rendados; egrejas e castellos gothicos; municipalidades com campanarios grotescos e emblemas expressivos; ruas estreitas; muralhas de ferro; tem tudo isto um encanto historico para o viajante; varia-lhe as impressões, attrahe-lhe o respeito, e admiração, e descobre-lhe á cada passo as chronicas das eras feudáes, e da epocha do cavalheirismo, que ainda hoje luz e agrada pela sua singularidade, galhardia, e pittorêsco. O tempo, com suas mudanças; as guerras dentro dos proprios muros das cidades; e as revolúções politicas, e sociáes, não lhes alteráram a phisionomia, e nêm poderam rasgar-lhes as vestes dos dias antigos. É Nuremberg mais formosa do que Bamberg; enfeitiça mais a immaginação : satisfaz melhor aos olhos; e impressionna com mais força o pensamento. Eleváda á cathegoria de cidade imperial por Rodolpho de Habsburgo, guarda, e mostra ainda ao extrangeiro os ornamentos do imperador, a corôa de ferro de São Sebaldo. e o palacio, aonde decretou Carlos IV a sua famosa bulla de oiro.

Apparêce ali puro e original o genio allemão : nemuma semêlhança tem com a Grecia, Roma, e Italia. Typo germanico domina sem mescla não só nos costumes, e nas artes de applicação, como mesmo na pintura.

Alberto Durer e Lucas Cranach formáram escola notavel, e podem seus quadros concorrer com os paineis admiraveis de Ticiano, Corregio, e Raphael d'Urbino, si bem que partam de principio diverso, usem de formulas differentes e não tenham por estes motivos egual nomeada.

A Egreja de S. Lourenço, as fortificações, o tumulo de bronze de são Sebaldo, seu protector, e as fontes publicas, offerecêm originalidade particular, que chama toda a attenção.

Era noite feixada quando deixamos Nuremberg. Pela estrada roláva solitaria e surdamente a nossa carruagem, quando de repente o sôm de uma harpa veio arrebatar-nos á esse quasi somno inquieto, que se pode dormir em viagem, apesar de cánsádo o corpo, e de procurar repoiso. De um pequeno castello gothico, que ficáva encostado ao caminho, vinha o sòm harmoniôso. A harpa no deserto, áquellas horas mortas da noite, tocada sem duvida por algum anjo, produzio effeito maravilhôso, que nos é impossivel descrevêr fielmente.

Seria o gemido da edade media, que soïa faser-se ouvir n'aquelle castello gothico, contemporaneo de seus feitos memoraveis? O silencio da noite, allumiada apenas por algumas poucas estrellas, que scintillavam no firmamento, concorria para melhor apreciarmos o instrumento divino e poetico, cujos sôns melancholicos e doces, solemnes e magestosos, influiam sobre

todas as fibras da alma, e deixaram impressão que dura ainda hoje, e nos reccordará sempre tão admiravel scêna.

Vemo-la ainda hoje, como ao natural, essa scèna nocturna, e do deserto, frente á frente com os tempos briosos do cavalheirismo, galanteria delicada, amôr generoso, e fidelidade sêm mancha; frente á frente com uma epocha distincta pelos triumphos e glorias da religião christãe, e brilhantismo dos seus feitos heroicos. Sentimos como que uma apparição, que nos transportáva para as eras celebrisadas, que a historia tem tanto abrilhantado com uma poesia sympathica e encantadôra.

Continuavamos nôsso caminho, rolando merencoriamente a carruagem, por entre espesso arvoredo plantado de um e outro lado da estrada; e ia-nos accompanhando o sôm harmonico da harpa, cômo si fôra o anjo da guarda, que sobre nòs veláva. Não menos bella que o angelico instrumento, e nem menos melodiôsa, eis que ouve-se de repente uma vóz, que entoáva um cantico de accompanhamento á musica sonôra. Era uma ballata de Schiller, intitulada: O cavalleiro de Tockemburgo, esplendida pela poesia, sentimento, e paixão arrebatadôra.

Não podia haver duvida. Um castello gothico repercutia uma legenda feudal. Scenas do tempo antigo harmonisavam com o velho monumento. Não podia haver duvida. Era a voz da edade media, que

enviáva seus gemidos aos tempos modernos, como nma doce reminiscencia. Eram as virgens castellães, que mandavam saudades aos homens, que vagam hoje pelo mundo, com o fim de recordar-lhes as eras, em que ellas brilharam.

Foi-nos por um amigo offerecida uma copia d'esta canção; damo-la para melhôr sentir-se o expectaculo deleitoso, que nos electrisou nos instantes solemnes, que descrevemos, e que não podem riscar-se da nossa memoria.

O CAVALLEIRO DE TOCKEMBURGO

« Cavalleiro, este meu peito
« Por ti sente amor de irmão;
« Nem com outro amor exijas
« Te pague meu coração.

« Si quebro o voto sagrado,
« Eu serei infortunada :
« Não me atormentes, te rogo,
« Quero vivêr descansada.

« Não me e' dado, cavalleiro,
« Nêm devo comprehender
« Esse pranto, que teus olhos
« Estão tristes a verter. »

Elle a ouve taciturno
Entre suspiros chorando,

Mal a aperta nos braços,
Velóz se vai apartando.

Ei-lo monta audaz ginete,
E manda que incontinente
Lá das terras da Suissa
Parta toda a sua gente.

Que partam quantos vassalos
Lhe rendem submisso preito;
Marcham p'ra o sancto sepulchro,
Tendo uma cruz sobre o peito.

Lá façanhas se praticam,
Arrostam-se mil perigos.
Vôam elmos e pennachos,
Na lucta c'os inimigos.

Ao nome de Tockemburgo
Estremêce o Mauritano :
Mas nada o mal lhe mitiga,
Nascido de amor insáno.

Um anno o tinha soffrido;
Já não pode mais soffrer.
Embalde busca o socego,
Embalde busca morrêr.

Então elle se despede
De infanções e cavalleiros;
O campo deixa dos bravos,
Parte só sêm escudeiros.

Em um navio se embarca,
Que já prompto à partir vira.

E vai ás terras da patria,
Onde *ella* vive e respira.

Batte á porta o peregrino
Do castello assoberbado;
E uma vóz, ai! lhe responde
Em tôm rude e magoado.

« Essa, que vós procuráes
« Já tomou o sacro vêo :
« Unio-se hontem á Deus,
« E' hoje noiva do cêo. »

Elle então deixa p'ra sempre
O castello de seus pais.
Nêm suas luzidas armas,
Nêm seu palafrem vê mais.

De seu soberbo castello
Elle sáhe desconhecido,
Que lhe cobre o corpo inteiro
Grosseiro e rude tecido.

E construe pobre choupána
Em um sitio retirado,
Que olhava pára o convento,
De arvores tristes cercado.

E dêsque a aurora nascia,
Até que a noite apontava,
Muda esperança no rosto
Assentado elle esperáva.

A' olhar para o convento
Passava o inteiro dia

D'olhos fitos na janella
Té que a janella tremia.

Então da gentil amada
O semblante divisava,
Tão púro como o de um anjo,
Quando para o valle olhàva.

Satisfeito então ficando,
Ia dormir consolado :
Nova ventura aguardando
Logo que o sol fôsse nado.

Muitos dias, longos annos,
Em triste langor jazia,
Sêm mostrar queixa nêm dôr,
Té que a janella tremia.

Então da gentil amáda
O semblanta divisáva,
Tão puro como o de um anjo,
Quando para o valle olháva.

E uma manhã assim estáva
Frio cadavêr sentado...
Inda olháva p'ra a janella
C'o semblante esperançado.

IV

Que praser immenso sentimos quando no dia seguinte, descendo de uma elevada montanha, desenrolou-se á nossos olhos o mais ricco e magestôso painel, que se pôssa imaginar! Descia o Danubio suas agôas assoberbadas pelo meio de largas campinas, aonde pastava alegremente innumera quantidade de bois e carneiros. Estavam as ribas povoadas de choupánas, e pastores; e sobre os picos de colinas dispersas magnificos castellos, e casas de campo, pintadas de diversas côres, e com jardins maravilhosos. A' tres ou quatro leguas de distancia, na margem direita do magnifico rio, elevava Ratisbonna suas negras torres, communicando-se por uma soberba e enorme ponte com a margem esquerda, na qual o branco monumento de Walhala, assentado sobre o cume de um monte mais levantado, coroáva o quadro, que combinava o grandiôso da scêna com o pittoresco da paisagem.

Não pode ser a presença do Danubio indifferente á quem se recorda de Roma, e do poeta favorito dos amores. Nas suas margens, e ao precipitar-se no mar Negro, viveu desterrado o infeliz Ovidio Nazão; carpio ali o seu destino, e arrancou do seio os mais subli-

mes assomos de dôr. Vivendo entre povos barbaros, e na proximidade dos Scythas, que então habitavám aquellas terras abandonnadas, escrevia á seus insensiveis amigos dē Roma, rogando-lhes que applacássem as furias de Augusto, e lhe dissessem as miserias, que soffria, e que desenháva tão patheticamente:

> Cum subit illius tristissima noctis imago,
> Quæ mihi supremum tempus in urbe fuit:
> Cum repeto noctem, qua tot mihi cara reliqui,
> Labitur ex occulis tunc quoque gutta meis.

É grande e magestôso o Danubio: possúe margens agradaveis; banha innumeras cidades; presta immensa e importantissima navegação ao commercio. Constitúe a arteria mais interessante da vida da Allemanha, Hungria, e mais paizes, que percôrre, e enriquéce com suas aguas caudalosas, e direcção admiravel.

Não passa Ratisbonna de uma velha cidade. Séde da dieta germanica, teve bandeiras e armas proprias, exercito, e nomeada gloriôsa. Não é hoje porêm mais que uma povoação obscura, e sem importancia politica.

Munich! Munich! Temos a bella, e nova cidade, a perola da Allemanha, com suas vestes modernas, e voluptuosos enfeites, seu luxo e gosto, suas grinaldas e toucados.

Avista os Alpes e o Tyrol, constantemente cobertos com um vêo branco de nêve, e que formam as balisas da Allemanha. Possúe ruas largas e direitas, palacios

lindissimos, egrejas excellentes, monumentos soberbos, museos de pintura, esculptura, e historia natural, eguáes aos mais affamados das mais importantes capitáes da Europa; bibliotecca vasta, escolhida, e preciôsa; collecções de curiosidades antigas e modernas, de povos selvagens, e nações civilisadas, que rivalisam com as melhôres que existem em outras localidades: parques cobertos de espesso arvoredo, entrecortados de rios, semeados de jardins e flôres, povoados por cervos, e abrilhantados por lagos e ilhas formosas, montanhas artisticamente construidas, e casinhas e choupánas variadas, e primorôsas, que encantam os olhos! É a capital de um reino de quatro milhões de habitantes, que creou Napoleão em 1806 depois da victoria de Austerlitz.

No esplendido musêo de historia natural, encontra-se um sabio, como Martius, que tudo explica, com uma delicadeza de maneiras, amenidade de caracter, e agudêza de engenho, que jamais poderão sêr esquecidas. Percorrendo-se o palacio de pintura, offuscam os olhos os primôres admiraveis das diversas escolas italianna, francesa, flamenga, hespanhola, e allemãe, desde Durer e Cranach até Velasquez e Murillo, desde Perugino, e Rembrandt até Poussin, e Giordano.

Um dos paineis, que mais attrahio-nos a admiração, é o que desenha Sephora diante do divino mestre, no momento, em que pretende apedreja-la a populaça de Sião. N'este formoso quadro bebeu sem duvida

o poeta francez, Alfredo de Vigny, a inspiração com que escreveu o cantico primorôso, que é considerado o seu mais bello flôrão poetico, e uma das composições, que mais geralmente agradam.

SÉPHORA

I

« De meu leito recende o aloes e a myrrha;
Molles tapetes perfumados tenho
De cinamomo e nardo de Palmira.
Rico adereço brilha-me na frente.
Vêm, ó querido! em gozos affogar-me
Até que a luz ao sacrificio chame.
Remoto d'estes sitios o consorte,
Que noite de prazeres nos aguarda! »

De cima do terraço, acobertado
Por verde larangeira, assim fallava
Uma linda mulher, e debruçada
Amostra escusa porta, que rangia
Mollemente impellida, por que entrásse
O suspirado, venturoso amante.

Entrou. Feixada a porta, estas palavras
Da casa resoaram pelos tectos.

« Os olhos vejo que minha alma adôra...
Teu rosto é como o lirio d'estes valles;
De teus labios se exhála sempre a rosa :

A' vóz tão meiga meigo amor compete;
Oh! Deixa que de enfeites eu te dispa. »

« Pelo orvalho da noite os teus cabellos
Humedecidos foram. Devo eu mesma
Enxuga-los de prompto, pois dei causa
A'que gelasse o frio a tua fronte. »

« Arde o peito. De amor nas chammas arde.
Ante os teus olhos o que importam riscos?
O que vale da noite o duro sopro,
Si vou colher de amor os doces fructos,
Si ao toccá-los có a mão pouco segúra
Estremecer os sinto? Mas que escuto!
Ouvi bradar... E passos não distantes... »

« Um dos filhos de Arão ao templo chama
O povo de Israel. »

« Mas do semblante
Por que te foge a côr? Oh! Que este beijo,
Que este beijo de fogo nos abraze,
Que lance para longe os vis temores,
Que ardor egual ao meu em ti desperte! »
alaram-se, e nas lampadas de bronze
A mal nutrida luz morreu de todo.

II

Os raios diffundia o sol nascente
Pelos campos, e pelo sacro monte
Das verdes oliveiras. Do deserto
Os camellos voltavam carregados;
Ao vêr os arrebóes da madrugada

O singelo pastor abria a tenda,
Os filhos despertando, e a cara esposa,
Que horas são de saudar com sôns devotos
A luz que surge, o Deus, d'onde ella emána.
E o seductor folgando com seu crime
Os prazeres deixava enfastiado.

Ah! Com elles a victima deixava!
Desamparada, immovel, sobre as faces
Já do remorso a palidêz lhe assoma.
Bêm quizera reter da noite o gyro!
Traz a primeira punição a aurora:
O leito profanado, o crime horrendo
Com horror de si mesma encára absorta,
E na crença de Deus vacilla... hesita;
Juntas as maôs, silenciôsa e queda,
Os olhos fitos na escondida porta,
Dá signáes de que vive, por que o pranto
Da dôr indicio pelo rosto desce.

Assim mulher insána foi outrora
Ferida pela mão do omnipotente,
Quando celeste, abrazadôra chamma
Dous povos consumira, e seus palacios
Mergulhára nas ondas empestadas.
Do senhor o preceito desprezando,
Ella quiz penetrar altos misterios,
E á patria lançar ultima vista.
Eis que seus membros permanecem fixos
Do rosto perde as encarnadas rozas,
Em estatua de sal se transfigura;
E o justo velho, que Segor demanda,
Debalde escuta os passos, que não ouve.
Tal se antolhava a desleal espôsa.
Mas n'isto para ella o tenro filho

Os mal seguros passos dirigindo,
Por que lagrimas vê, chorôso corre :
Ao colo quêr lançar-lhe o meigo abraço;
Nos descorados labios quêr beija-la...
Como suaves são, e deleitosas
As caricias da prole! Mas na face,
Na face do innocente está pintada
Do injuriado pai a copia viva.
No logar tantas veses testemunha
Dos honestós segredos do consorcio,
No logar, aonde à pouco ouviste attenta
De criminôso amor altos protestos,
Como ousarás os labios do adulterio
Aos puros labios ajuntar do filho?
O maternal amor afia o gume
Do remorso, que o seio lhe traspassa;
Quer fallar, mas apenas balbucia
Mal acabadas, confundidas vozes :
Mas solta apenas dos arcános d'alma
Entranhavel suspiro, que disseras
Levar comsigo a derradeira vida.
De si repelle o filho. De tal modo
D'essa infeliz o pejo se apodera!
A pôrta vai abrir, e cáhe por terra
Qual estatua da base derribada.

III

Em alegres ideias occupado
Do deserto voltava n'esse dia
De Sephora o marido. De alvo linho
As cargas preciôsas traz cobertas;
Guiados pelo ferro de uma lança

Preguiçôsos camellos, e o jumento,
Que a cafila conduz, vêm opprimidos
Com desmedido pezo. Doze escrâvos
Pela estreita vereda encaminhados
A escura frente dobram carregada
Com grossos fardos de formosas sedas,
De purpuras reáes. « A terna esposa,
(Comsigo diz o atraiçoado espôso)
Pelo horisonte rastreando a vista,
Debalde me procura; agôra mesmo
Talvêz chorando exclama. « Oh! como tarda!
E o sol já doira os plainos do deserto!
Seu extremoso amor figura accáso
Que eu morta sou! » Mas ei-la que se lança

Nos braços do consorte. « Longe, ó bella,
Longe, ó querida, o timido receio.
De alegrias cuidemôs e prazeres.
Molles tapetes, sedas preciosas,
A purpura estimada, ambar cheirôso,
Os espelhos de ti tão desejados,
E tudo sô para offertarte, ó cara! »

Taes imagens na mente revolvendo;
Já da sancta Sião, à largos passos,
Mal alinhadas ruas atravêssa.

IV

Sazão era de festa. Para o templo
De povo sobêm agitadas ondas.
Os velhos, os meninos, as mulheres
Penitentes em pranto debulhadas,

Ou eivadas de mal occulto e lento,
O clamorôso cego, o coixo tremulo,
Esse impuro leprôso asco da terra,
A portentosa cura relatando;
Do salvador aos pés jazem prostrados,
E o salvador adoram, que nascido
No meio ás dores, rei dos infelizes,
Com fertil mão portentos esparzia,
E com vôz majestosa altos misterios
Ao mundo revelava. Dos humanos
Quiz elle supportar a vil miseria,
E dos pobres á par se collocára.
De sua escóla divinal sahidos
Alguns varões singelos e grosseiros,
Mas fortes com a palavra do seu mestre,
De luz divina as frontes coroadas,
A' passo lento o seguem meditando.

Pelas soltas madeixas empolgada
Uma debil mulher arrasta o povo,
Feróz soltando brados de vingança.
A triste para o cêo levanta os olhos,
Os olhos, por que os braços desnudados
De pesadas cadeias vêm cingidos.
Ante o filho do homêm pára a turba:
E dos escribas um assim lhe falla,
Insultos e ciladas preparando.

« D'este crime tão grave julga, ó mestre!
A desleal consorte, surprehendida
No crime foi. Ao povo o que compete
Em cumprimento á lei obrar agora? »

A desleal consorte aguarda emtanto;
E com incerta vista inda procura

Alguem por estes sitios. Mas a turba
Já com pedras na mão se excita e clama.

« Eis a perjura; apedrejae-a : punido
Já foi o seductor. Elle é já morto. »
E Sephora chorou... Porêm o mestre
« A primeira pedrada (lhes dizia)
Dentre vós arremesse o que se julga
Sêm mancha de peccado em sua vida »

E d'elles affastando-se, na areia
Em sanctos caracteres desenhados
Nos arquivos do ceo, curvado escreve
Lingua vedada á labios dos humanos.

O mestre levantou-se. A varia turba,
Pelas divinas vozes acalmada,
Já de todo por fim se dissipára.

É a Baviera um paiz constituicionnal; possue camaras legislativas que se reúnem regularmente, e não exercem todavia influencia sobre o governo : cita-se seu exercito como bravo e disciplinado : passa sua nobreza por antiga e ricca. É gabado o seu sistêma de ensino, e notavel sua legislação civil e criminal. Regradas e favoraveis andam suas finnanças. De que lhe serve porêm a independencia politica, que é toda theorica? Domina a Austria na sua administracção interna; quanto á relaçõès exteriôres submette-se á direcção da dieta germanica, que se curva ás influencias exclusivas da Prussia e imperio Austriaco.

Brilha todavia pelas artes e sciencias : sustenta sabios do valor de Schelling, Gœrres e Martius : que maiôr gloria pode almejar? Que nação mais forte, e de independencia mais real e pratica, a tem conseguido em mais elevada escala?

Si é tudo de creação moderna; si de hontem são seus admiraveis monumentos, e edificios; si não tem os arcos, bazares, e obeliscos uma remota antiguidade; si não é tradicional a sua universidade, criada apenas em 1826 pelo rei Luiz Maximianno; maior honra lhe cabe, por que soube em pouco tempo collocar-se ao nivel de capitáes de nomeada velha, e de recursos avantajados.

Bastou ao seu governo querer para conseguir a execução e reunião de tantas obras e cousas de importancia reconhecida.

Conta actualmente a Allemanha muitas universidades da primeira ordem, que se honram com professõres os mais distinctos. Berlin possúe Ritter, Raumer, Humboldt, Gans, Savigny, e Neander. Leccionam em Gœttingen Heeren, e Wendt, Hugo, e Ottofried Muller, Boutterweck e Eichhorn. Brilham em Heidelberg Zaccarias e Mittermeyer, em Bonna Niebuhr e Schlegel, e em Tubingen Rotteck e Uhland.

Em que paiz do mundo apparecem leccionnando á mocidade varões mais illustrados? Accrescente-se á esta pleiade de sujeitos tão reputados os que ensinam em Vienna, Leipsic, Ienna, Praga, e outras cidades, que

possuem universidades, ou simplesmente cursos e escolas especiáes de instrucção superior. São mais modernas as universidades da Allemanha do que as de França, Italia, Hespanha, e Inglaterra. Dactam as de Pariz e Bolonha do seculo 12°; as de Padua, Tolosa, Napoles, Salamanca, Oxford, Montpellier, Cambridge, e a Portuguesa do seculo 13°. As de Berlin, Bonna, e Munich são entretanto creações dos nossos dias, e encontram por ventura superioridade nas suas irmães mais velhas?

Passámos de Munich para Augsburgo, e Ulm, que são velhas cidades gothicas: chama-nos a attenção o reino de Wurttemberg, que comprehende a antiga Suabia, patria de Schiller, Wieland, Schelling, Hegel, Uhland e Spittler: é tambem um estado constituicionnal, e pequêno, como o da Baviera, sujeito ás mesmas condições, e egualmente curvado ao jugo da dieta.

Mister é confessar todavia que os pequenos estados constituicionnáes da Allemanha, que são Baden, Wurttemberg, e Baviera, ainda que possuam o sistema representativo unicamente em miniatura, dão ás veses cuidados serios á dieta de Francfort, que se receia de desenvolvimento e propagação das ideias livres, si bêm que estejam por ora em embryão. Razão de mais para que supportem-coitados! vida dura e pesada, e passem tempos mais ou menos aborrecidos, á que, não podem entretanto, evadir-se, pela sua fraquesa e posição.

Entrámos em França por Strasburgo, cidade franco-allemã, e terreno de conquista. Avista-se de longe a brilhante e esbelta agulha de sua maravilhôsa cathedral gothica. Antiga Argentoratum, servio aos Romanos de muralha e fortalesa para atirarem d'ali suas legiões sobre a Allemanha, e assenhorearem-se d'este paiz. Não se prestará egualmente á designios eguaes da França?

IMPRESSÕES DE VIAGEM

PRIMEIRA CARTA

Outubro de 1851.

Partio-se-me de dôr o coração, quando umas após outras, tantas pessôas, me forãm abraçando, e dizendo adeos! Então, e só então veio-me ao pensamento que deixava commodos, amigos, e patria..... Custou-me muito a reter as lagrimas que me saltarãm aos olhos.

Moverãm-se as rodas da maquina; começou o *Tay* a caminhar magestosamente, e a pouco e pouco desapparecêrãm no horizonte os navios que povoãm o porto, os edificios da cidade, e as montanhas elevadas que guarnecem a entrada do Rio de Janeiro, e lhe dão o mais assoberbado aspecto.

Encostado ao mastro do *Tay*, assisti a todas as scenas que me ia mostrando a terra á proporção que della se afastava o navio; as innumeras, acerbas, e oppressivas sensações, que me assaltárãm então, não posso, e nem sei descrevêr.

Parecia que o mar e o vento rijo do nordeste, que soprava pelo oceano, e lhé barulhava as entranhas pretendia impedir-nos a viagem; dobramos pela tarde o Cabo-Frio, vendo perfeitamente suas grotescas fórmas, e picos e furos exquisitos; entranhámo-nos pelo mar, e cinco longos dias gastámos até que avistassemos de novo a terra : foi o morro de S. Paulo, na entrada da Bahia, que nos appareceu em frente.

E' realmente um dos espectaculos que mais encantam os olhos o que offerece o primeiro aspecto da Bahia. Ha o que quer que seja que assemelha esta cidade á de Genova. Parece que das montanhas se precipita para o mar, atirando desdenhosa e artisticamente os seus edificios por toda a declividade dos morros, com o fim de attrahir a attenção.

Deu-nos tempo a demora do navio para saltar em terra, e visitar os monumentos da cidade.

Como és vistosa, oh Bahia! Quanto desejaria ver-te seguir a carreira do engrandecimento, que leva, a passos de gigante o Rio de Janeiro! Offereces a quem te olha do mar um grande, e bello panorama; nem outra cidade do Brazil possue edificios que rivalisem com os que te adornãm; e que, pódes com

orgulho, dizer ao estrangeiro que são os primeiros do imperio! Aonde temos monumento que valha o collegio da antiga Companhia de Jesus, e sua egreja grandiosa, ornada de tantos marmores e pinturas delicadas, finos lavores de tartaruga, e uma sacristia, que barbaras e sacrilegas mãos tem profanado, arrancando-lhes as mais primorosas peças? Mais profusão de riqueza do que a do templo de S. Francisco? Aspecto mais grave do que o da Conceição da Praia? E a linda rua da Victoria, no pico mais elevado da montanha, com quintas esbeltas, e pittorescas, semeiadas de um e de outro lado; aqui sumindo-se o oceano immenso, e perdendo-se no horizonte; ali a graciosa ilha de Itaparica, aonde o terrivel tacape do Tupinambá astuto decepou a cabeça do primeiro donatario da terra, Francisco Pereira Coutinho, que se finou obscuramente no Brazil, depois de haver adquirido na India gloriosa nomeada; acolá o reconcavo soberbo com seus grandes engenhos e rios navegaveis; ao longe uma lingua de terra, que enfia e rasga o mar, coroada pela egreja do **Bomfim**, que parêce uma bellissima camelia branca; descortinam-se para o lado do norte bosques de enormes arvores, que provãm a magnificencia e fertilidade da terra, que ingrata! — ignora hoje aonde se guardárãm os ossos do padre Antonio Vieira, do general Mem de Sá, e de Diogo Alvares, que ali se finaram; sabe apenas mõstrar na capella da Graça um tumulo novo, a que attribue a gloria de ser o deposito

das cinzas de Catharina Paraguassú! Aonde ha no Brazil um passeio publico situado em mais levantada posição, dominando toda a cidade, bahia, e oceano; e que possua as jaqueiras, mangueiras, e tamarineiros mais grandios os que se possãm ver?

A Bahia representa dignamente o Brazil; não são montanhas graniticas como as que rodeiãm o Rio de Janeiro; não são planicies correndo na direcção do mar, e parecendo fazer parte delle, como as de Pernambuco; é uma vegetação extraordinaria que denuncia a natureza da terra que deu o acaso a Pedro Alvares Cabral para sua gloria; é a imagem mais veridica de quanta seva, força, grandeza, e magestade doou o Creador ao solo de Santa Cruz, que tem direito á ambicionar, e gozará sem duvida de um futuro glorioso.

Dous dias gastámos da Bahia a Pernambuco, vendo quasi sempre terras cobertas de palmeiras, e parallelas quasi com o mar. A cidade do Recife só tem de semelhança com Veneza o parecer sahir tambem do centro das aguas, mas que é dos marmoreos e multicôres palacios, e das gothico-arabescas torres e torreões que embellesam a filha querida do Adriatico?

Consiste a belleza do Recife em estar assentado á beira do mar, cortado por toda a parte pelas aguas dos rios Biberibe e Capeberibe, que lhe dão sua graça: possuir uma planicie em torno de si de mais de legua, e avistar ao longe, sobre o morro do norte, a sua irmãa

mais velha, a cidade de Olinda, edificada por Duarte Coelho, e que merece o nome que lhe deu o donatario da terra pela posição que occupa, mas que não mostra hoje senão velhos e despedaçados edificios, ruinas e destroços, que chamam a compaixão.

Si é gloria para a Bahia o facto de ter sido a primeira terra do Brazil descoberta pelos conquistadores Portuguezes, e por elles povoada; de haver sido a capital constituida de toda a colonia, e a patria de alguns homens que se celebrisaram : occupa Pernambuco na historia do Brazil logar tambem assignalado pelas invasões e guerras dos Hollandezes: não faltãm sitios, como o Cabo, Olinda, Serinhaem, Nazareth e Guararapes para trazer á lembrança os feitos de Mauricio de Nassau, André Vidal de Negreiros, D. Francisco Rolim de Moura, Jõao Fernandes Vieira, Mathias de Albuquerque, Camarão, e Luiz Barbalho Bezerra.

Goza o Recife sobre a Bahia da vantagem de ser o emporio do commercio de todo o norte, que comprehende Alagôas, Piauhy, Rio Grande do Norte, Parahyba, e Ceará, podendo-se considerar a sua capital; é o norte do Brazil susceptivel de grande desenvolvimento de industria e riqueza, logo que delle desappareça para o sempre o pernicioso espirito revolucionario, que infelizmente se não acha inteiramente extincto; só póde contar a Bahia com a sua propria provincia, e a de Sergipe; se conseguir abrir estradas para o centro de Minas Geraes e do Piauhy, dominará parte destes

pontos, que por se acharem mais internados no paiz, com mais difficuldade poderáõ civilisar-se do que as provincias do norte situadas á beira do mar.

Possue Pernambuco quatro bellas e largas estradas de algumas leguas de comprimento, e em linha quasi recta, proprias para carros, as quaes vêm do norte, sul e centro para a capital da provincia, prestando via facil de communicação á Goyana, Cabo, Páo d'Alho, Rio Formoso, Victoria e mais riquissimos municipios internos; tem uma bella ponte pensil de ferro de cerca de 25 braças, quando no Rio de Janeiro apenas agora lançámos a primeira ponte de ferro sobre o rio Alcantara. Oxalá continuem no Brazil as tendencias para os progressos materiaes, que tem tomado incremento, de á um anno á esta parte, e que promettem para o imperio o porvir mais esperançoso!

Muito senti não poder demorar-me mais, e faltar-me a obra de Barleus para comprehender o Recife nos restos historicos do seu passado. As campinas e monumentos de Roma (terra sagrada, que tantas emoções provoca!) comprehendi melhor, tendo sempre diante de mim não um dos guias do viajante que se espalham e vendem pela Europa, nêm a propria Corinna de Stael, e Child-Harold de Lord Byron; mas Virgilio e Tacito, Tito Livio e Cicero, Salustio e Ovidio. Barleus é o escriptor que melhor explica o que foi, e continha a cidade Mauricéa, e para bêm conhecer a historia do Recife é indispensavel a leitura de Barleus.

Deixámos emfim o Brazil! Bem curta tem de ser esta minha nova peregrinação pela Europa : custa-me porém bastante dôr, e bem amargas saudades, que sempre :

A minha terra amei e a minha gente [1].

Seguio o *Tay* para o norte; sete dias levantou-se e sumio-se o sol no horizonte, até que avistassemos as ilhas do Cabo Verde, e fundeassemos na de S. Vicente.

Nada ha que mais falle á alma do homem do que uma viagem de mar. O immensuravel deserto de aguas, que o cerca por toda aparte : a marcha monotona do navio, que as ondas empurram, e que corta e separa as ondas : a linha de espumas, que como branco lençol vai desapparecendo pela pôpa : o movimento cadente que faz a embarcação : até o proprio levantar do sol, e o seu ocaso, variando todos os dias de côres e figuras, segundo as nuvens que passãm; a tristura da natureza maritima, si bêm que esplendida, e a linguagem dos homens, que fallãm só de viagens, ventos, e tempestades; fere tùdo o coração, e impressiona a alma.

As ilhas do Cabo Verde são montanhas elevadas, e graniticas : graciosas as suas formas, mostram todavia tão completa nudez, sêm uma arvore, e quasi

[1] Antonio Ferreira.

que nem arbusto ou relva, que causãm dó, e incitam os desejos de abandona-las immediatamente.

Já outras terras são Teneriffe e as Canarias, que encontramos a cinco dias de viagem do Cabo Verde; veste-se a natureza de suas côres verdes e elegantes, e conserva ao mesmo tempo a graciosidade de fórmas, desenvolvimento montanhoso, e aspecto elevado: Santa-Cruz, capital da ilha de Teneriffe, e de todas as Canarias, é cidade pequena, mas asseiada, e se nada tem de airoso que mostrar ao estrangeiro, recorda-lhe ao menos que a antiguidade conhecia aquellas ilhas, com o nome de *Affortunadas*, que os Phenicios e Romanos as haviãm visitado; que Estacio Seboso, Plinio e Ptolomeu as descrevêrãm, e considerárãm seus habitadores descendentes dos Lybios e Getulos; e possúe Teneriffe para os Brazileiros uma qualidade memoravel; foi a patria do veneravel José de Anchietta.

Seguio-se no fim de dia e meio de viagem a formosa ilha da Madeira; formosa, e verdadeira perola das ilhas, coberta toda de lindissimas quintas, e das mais frondosas arvores; subi á Senhora do Monte, e vereis a ilha lançada no seio do oceano como um ramalhete de flôres mais delicadas: arbustos multicôres, pereiras, os seculares carvalhos, enormes cameleiras, larangeiras, bananeiras, pecegueiros, a cobrem toda de viço, e formãm um encantador espectaculo: é a natureza do Brazil: são as arvores do Brazil que se vêm por toda a parte; reminiscencias do Brazil, co-

lhem-se a cada passo; e parece que os habitantes o advinhárãm, porque dividiram a sua cidade em dous bairros ou freguezias, e áquella que é cercada de arvoredos derãm o nome do Brazil, e durante o dominio de D. Miguel para este sitio se refugiavãm os liberaes intitulando-se Brazileiros e independentes.

Com sentimento doloroso deixei este diamante ou antes esmeralda que fulgura no seio do oceano, e ao cabo de tres dias avistámos as montanhas elevadissimas de Cintra, terra de nossos gloriosos avós, e o Tejo tão decantado pelos poetas!

Rompia a aurora no momento, em que chegámos aos fortes de S. Julião e Bugio, que guarnecem a entrada do rio, por onde sahirãm tantas esquadras para conquistar as longinquas terras da America, Africa e Asia; e guerreiros denodados como Albuquerque, Vasco da Gama, Castro, e Cabral, que em Timor, Sumatra, Ormuz, Moçambique, Diu, Damão, e em toda a parte do mundo, plantárãm a cruz de Jesus-Christo, o estandarte lusitano, e a gloria da sua patria.

Parecia que a lua queria alumiar-nos ainda o horizonte para que bebessemos pelos olhos o espectaculo deleitoso que offerecia a terra de nossos antepassados. Cheia e clara, dava uma luz que rivalisava com a do dia que começava á raiar : que reminiscencia doce e agradavel para nós que desde o Brazil não a tinhamos avistado com tal galhardia e magestade! Vinhanos do occidente, esclarecia-nos as costas, e deslisava-

se pela prôa o grandioso Tejo, com suas aldêas de Trafaria e Caxias, e suas fortalezas aqui e ali disseminadas. Que idéas me assaltárâm o espirito! Nao recebi impressões eguáes senão quando vi Roma, a antiga senhora do mundo! Lembrei-me logo de Camões, e recitei instinctivamente os seguintes versos :

> Esta é a ditosa patria minha amada,
> A qual se o Céo me dá que eu sem perigo,
> Torne com esta empreza já acabada,
> Acabe-se esta luz ali comigo!

Separar Camões de Lisboa não é possivel; o cantor dos Lusiadas é a maior gloria da lingua e terra de Portugal. Não pude avistar Cintra, e a Penha, aonde o grande rei D. Manoel vinha esperançoso pedir ao oceano que lhe trouxesse a sua frota, e o seu Vasco da Gama, que mandára á procura de terras incognitas; e ver a igreja dos Jeronymos, e a capellinha, aonde ouvio o heróe descobridor das Indias a ultima missa, em presença do rei e côrte, e recebeu depois das mãos de seu soberano o estandarte portuguez que devia plantar nas terras que descobrisse; semque me assaltassem lembranças de Camões, que tão sublimados arroubos teve, que o proprio Tasso disse arrebatado em um admiravel soneto :

> Vasco, le cui felici, ardite antenne
> Incontro al sol, che ne riporta il giorno,

Spiegar le vele, e fer cola ritorno
Ove gli par che di cadere accenne.

Ed or, quella del colto e buon Luigi.
Tanto oltre stende il glorioso volo,
Che i tui spalmati legni andar men lungi!

A's oito horas pisavamos terra de Portugal!

SEGUNDA CARTA

Outubro de 1861.

Descrever Lisboa, e pintar o Tejo, não entra na minha intenção. Que o façam outros. Para quem passa porem os fortes do Bugio e S. Julião, deixa de lado o pittoresco castello de Belém e a egreja dos Jeronymos, e sobe até ficar fronteiro ao Terreiro do Paço, aonde abre o Tejo uma extensa bahia, como para receber os navios que devem trazer as numerosas riquezas do universo, é mister confessar que não é Lisboa inferior nem á Napoles e nem a Genova, que são as duas mais admiraveis paisagens que tenho visto.

Descobre Napoles todos os seus encantos á primeira vista : está-se sorrindo nos braços do mar, e beijando-

se nas suas ondas; dir-se-ia uma pintura : amontôa Genova palacios multicôres, que trepaam uns sobre outros, reflectindo os raios do sol, e formando mil bellezas, que eclipsãm a vista; nada escapa porem ao viajor em qualquer destes expectaculos : é um só quadro que tem em frente de si. Não possue Lisboa os magestosos edificios de Genova, e menos as bellezas artisticas e encantadoras de Napoles; a cada passo porêm que damos pelo grande rio, subindo as aguas tão historicas e poeticas do Tejo, aqui e ali, de um, e outro lado, cousas novas se nos antolhãm, e não cansam os olhos de ver objectos que se mudam, e substituem-se uns aos outros, como scenas de theatro.

O mourisco castello de Belém, tentando estabelecer-se no meio do rio, como para tomar contas a quem navega pelas suas aguas; o magnifico convento dos Jeronymos, gothico-normando e semi-mourisco, aonde se despediam da patria os conquistadores da Asia, Africa e America, construido pelo celebrisado rei D. Manoel, que jaz sepultado n'elle ao lado de sua mulher, e em frente do digno filho D. João III, em soberbo mausoléo; o alegre palacete de Bélem cercado de jardins pittorescos; mais em cima o não acabado palacio da Ajuda, cujo plano assentava em proporções gigantescas, e a igreja da Memoria, edificada pelo marquez de Pombal no proprio sitio em que os Tavoras e Aveiros pretendêrãm assassinar a D. José I;

adiante o vasto palacio das Necessidades, habitação que foi dos frades da congregação do Oratorio, morada hoje da familia real, a egreja da Estrella, obra digna da piedade de D. Maria 1ª, e para cujo seio forãm os seus ossos transportados do Brazil; o convento de S. Vicente de Fóra, jazigo dos monarchas da casa de Bragança, aonde o respeito e a gratidão do Brazileiro deve-o levar aos pés do tumulo do imperador D. Pedro I, autor da independencia da sua patria, seu primeiro heróe, e heróe americano; vê-lo-ha no seu jazigo derradeiro, descansando emfim de tantos trabalhos gloriosos, que praticou em favor de dous povos — que bem ingratos lhe forãm ambos! — e conservando ainda as corôas imperial do Brazil e real de Portugal a ornarem-lhe o monumento; mais ao longe o castello de S. Jorge, aonde Mem Muniz perdeu a vida, defendendo-o contra os assaltos dos innimigos da patria : a igreja dos Martyres, acampamento de D. Affonso Henriques, durante o sitio que a Lisboa fizera para arranca-la aos Musulmanos; e em frente, ao pé mesmo, a brincar com o Tejo, o Terreiro do Paço com seus monumentos, a estatua equestre de D. José, devida ao talento de Joaquim Machado de Castro, e as tres magestosas ruas da Prata, Ouro e Augusta, que como tres rios se precipitão na praça; são paineis admiraveis, que deleitam os olhos!

Como é bello este rio! Vem lá do centro das Hespanhas, atravessando montes, valles, e penedos, e or-

nado nas suas margens por cidades importantes, mouriscos castellos, velhas atalaias, e torreões elevados; vio Godos, Romanos, Cartaginezes, e Arabes, sulcarem as suas aguas tão cristalinos; recebeu os galeões que traziãm as riquezas do mundo inteiro, quando era poderoso monarcha e emporio do commercio; e ao ver Lisboa, que descia de sobre suas sete colinas, estendendo-lhe os braços amorosamente, no momento emque elle se atira no abysmo do oceano, como devia de alegrar-se e ensoberbecer-se o velho rio com noiva tão primorosa e encantadora! Não lhe cortãm mais as ondas bateis soberbos, carregados de ouro e diamantes do Brazil, perolas e especiarias da Asia, marfim e raridades da Africa; não offerece mais um porto coalhado de navios, parecendo seus mastros verdadeira floresta; não possue uma quantidade numerosa de náos que lhe defendam a entrada, e a tornem inconquistavel. Desappareceu já tudo; mas é ainda o de Tejo o rio europeu mais proprio para a navegação os grandes navios; e nas suas exquisitas e amenas ondulações, por meio de terras tão viçosas e ferteis, na linha de prata que formãm suas beneficas aguas, nenhum rio o iguala, nem o proprio celebrado Rheno, e nem o aprazivel Danubio.

Está ali uma alfandega, enorme monumento de pedra, vasia, erma, e deserta; existe um arsenal com diques excellentes, e accomodações para uma grande frota; a velha náo *Vasco da Gama*, deteriorada pelos

annos, e pelos homens, e já sêm prestimo descansa apenas em seu seio! Não ha mais armada, e os ultimos velhos cascos, que figuravãm, sequïoso de dinheiro, acaba o governo de vender em hasta publica, restando-lhe uma fragata, duas corvetas, tres ou quatro brigues, e outros tantos pequenos vapores que se não podem considerar de guerra por lhes faltarem a força necessaria de cavallos no machinismo, e a propriedade na construcção. Foi grande golpe para Portugal a independencia do Brazil, mas não foi a cauza unica dos seus males.

A' nobresa faltárãm, é verdade, governos riccos de provincias; aos letrados, logares de magistratura; aos militares, commandos de guerra com direitos a promoções rapidas; aos negociantes, monopolios mercantis e empresas lucrativas privilegiadas; decahirãm as rendas publicas: diminuirãm as riquezas particulares; foi o commercio a pouco e pouco fugindo do Tejo e de Lisboa, e o que é triste, e dóe dentro d'alma a quem, como Brazileiro, lembra-se sempre que descende de Portuguezes, cada anno rendem menos as estações financeiras, e cada mez augmenta mais a miseria publica!

Entretanto não é só bella esta terra de Portugal. A natureza dotou seu solo de fertilidade, e sua atmosphera de doçura; rasgou os seu seios com rios soberbos o Tejo, Douro, Minho, Lima e Mondego. Possue uma rainha illustrada, de sorriso amavel, e conversação amenissima; é seu marido um dos homens mais in-

telligentes, de trato mais delicado, e qualidades mais preciosas; litterato, artista, e ardendo de desejos de felicitar o paiz que adoptára, e pelo qual trocára o seu de Allemanha; cavalheiroso em toda a extensão da palavra; tem principes bem educados, e uma familia real, emfim, digna, e moralisada : adoptou instituições representativas que no seculo actual são as unicas possiveis para ligar a ordem publica e a liberdade do povo, para consorciar o elemento monarchico e o elemento popular. Tem industria, não só agricola, mas bastante industria fabril. Sustenta Lisboa muitas fabricas de fiar e tecer algodão, lãa, e seda; de louça, chapéos, moveis, tabaco, vidros, e varios outros objectos.

É Porto cidade mais industriosa ainda, e para as bandas de Santarem, Alemquer e outros pontos, existem disseminados muitos estabelecimentos industriaes de importancia : anima-lhe a vida uma historia de feitos tão prodigiosos praticados por seus naturaes, cantados por tantos poetas illustres, celebrisados por tantas nações diversas, que é a sua historia a mais gloriosa de todas as das modernas nações europeas. Que póde haver ahi que eguale a viagem de Vasco da Gama, os descobrimentos de Bartholemeu Dias, e as aventuras dos principes D. Henrique e D. Fernando? As acções de Affonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida, D. Rodrigo Frojaz, Nuno Alvares Pereira, Gonçalo Mem da Maia, marquez de Pombal, D. João

de Castro, e Duarte Pacheco Pereira? As grandes qualidades e talentos de D. João I, D. João II, D. Manoel, e D. Affonso Henriques? Os escriptos de Luiz de Souza, João de Barros, Jeronymo Osorio, Padre Antonio Vieira, Rocha Pitta, Fernão Lopes, Azevedo Continho, Mendes Pinto, e Freire de Andrade? As poesias de Camões, Côrte-Real, Garção, Gonzaga, Padre Souza Caldas, Bazilio da Gama, Bernardim Ribeiro, Francisco Manoel, e Cruz e Silva? A sciencia e genio de João das Regras, Duarte Nunes, e bispo de Coimbra D. Francisco de Lemos?

Tem ainda hoje bellos portos, população trabalhadora, um exercito si bêm que anarquisado, que possa todavia composto de elementos, que se podem aproveitar, reduzindo-o, e disciplinando; uma litteratura abrilhantada com os nomes de Garrett, Herculano, Mendes Leal, Castilhos, João de Lemos, Rebello da Silva, Corvo, Marreca, Sarmento, e Silvio Tullio? Que lhe falta pois para prosperar?

Um governo decidido e energico.

É certo que Portugal tem-se desenvolvido desde a queda de D. Miguel: sua população pôrem parece não ter fé nos homens, nêm nas instituições, e nem em Deos! A anarquia que o tem assolado empobreceu-lhe o thesouro! Estão por pagar-se os empregados em mais de dous annos; os rendimentos alfandegaes, que constituem a melhor parte do orçamento, acham-se hypothecados ainda por muito tempo a particulares

e por emprestimos onerosos : a rainha e o rei dão o exemplo de dedicação e desinteresse, cedendo annualmente boa parte de suas dotações em prol da nação, não aceitando senão o que lhes é restrictamente necessario : com excepção unica talvez da cidade do Porto, que floresce sempre, as mais cidades e povoações do reino soffrem decadencia visivel. Coimbra não é a mesma Athenas do outro tempo, que apezar de perder as honras de capital da monarquia, augmentava as suas forças, e desenvolvia influencia; melhorára entretanto muito o marquez de Pombal os estudos de sua universidade. com a coadjuvação do bispo D. Francisco de Lemos, e de seu irmão João Pereira Ramos; ultimamente, no anno de 1831, pelo decreto de 11 de janeiro, reformou-se a sua organisação de modo mais consentaneo com a actualidade, perdendo o caracter que tinhão quasi que exclusivamente especulativo. Santarem, Braga, Guimarães, Thomar, Evora, Alcacer do Sal, Faro, Vianna, e Barcellos, já não são, segundo a opinião dos mesmos Portuguezes, senão restos do que forãm no passado.

Não provem o mal de nossos tempos; nasceu tambêm em parte das medidas que erradamente tomou o governo do imperador D. Pedro, depois da expulsão de D. Miguel, acabando repentinamente com os conventos, vendendo propriedades por preços baixos, e providenciando com golpes revolucionnarios á soffrimentos ue melhor se sanariam moderada e paulati-

namente. É causa principal põrem o desgoverno, que tem tido Portugal desde a morte de D. José I°, e as guerras civis e extrangeiras, que o tem anniquilado.

Nada ha mais proprio para felicitar uma nação moderna do que as instituições representativas; mas precisãm que o povo as aceite, abrace, e pratique com amor; que se vá a ellas acostumando; que se eduque com ellas e as encare como a sua salvação. Mas até hoje parece que as instituições representativas se não enraisaram ne coração do povo: não faltãm talentos litterarios, braços militares, e jurisconsultos abalisados; mas faltão homens de Estado, e chefes de partido, desinteressados, e praticos, que sustentem, o verdadeiro espirito de ordem, cortem largamente nas despezas, tratem das vias de communicaçaõ e propaguem no povo a educação, e instrucção!

Lêde os debates da tribuna portugueza. Encontrareis por ora discussões sobre principios geraes e abstractos. Vede os periodicos. Accompanham apaixonnodamente este movimentó dos seus oradõres; é tudo politica e só politica. Não ha uma folha de annuncios mercantis, como o *Jornal de Commercio* do Rio de Janeiro, o *Diario de Pernambuco* e outros periodicos do Brazil. Ha sõmente folhas de declamação politica, e de artigos virulentos de polemica. Nota-se todavia muito talento litterario na *Revoluçao de Setembro*, *Estandarte*, *Lei* e outros periodicos. A politica, e polemica, referem-se exclusivamente aos negocios de Portugal; parêce

que para que tenham os periodicos portuguezes extracção, não necessitãm mais do que satisfazer o gosto dos seus partidarios politicos, fallando-lhes aos interesses, e ateiando-lhes as paixões; que se importa o periodico portuguez, do que vai pela França, Grã-Bretanha, Estados-Unidos, Brazil, Italia, e Allemanha? Não têm correspondentes nas differentes nações para lhe mandarem minuciosas noticias que interessem os seus leitores, e lhes deêm conhecimento de todos os successos do mundo; não contém numerosas columnas de annuncios, que constituem a renda mais avultada dos modernos periodicos, e que o espirito commercial exige hoje imperiosamente. Espanta-se qualquer proprietario de periodico de Portugal quando ouve narrar a importancia, fundos, renda, despezas, extracção, e desenvolvimento do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro!

Direi com muito prazer que possúe Portugal actualmente uma litteratura como não tem o Brazil; nos estudos historicos, litterarios, e artisticos está muito mais adiantado; mas em politica, intelligencia, e pratica do systema representativo; no amor a suas instituições, penso que fica atraz do novo imperio americano, que nasceu de suas entranhas!

TERCEIRA CARTA

Outubro de 1851.

É pessima a estação; calor tropical aquece a atmosphera; dir-se-hiãm os dias quentes do Rio de Janeiro; assemelha-se até o ceo ao da nossa patria, tão claro, limpido e sereno; as noites uma lua brilhante nos allumia; e estremecem as estrellas no horizonte. Consiste o meu prazer em debruçar-me á janella elevada do hotel de Bragança, pela manhãa, quando se levanta o sol lá das bandas das Hespanhas, e esclarece a vasta bahia que forma o rio em frente de Lisboa, continuando a sua vagarosa marcha até entrar pelo oceano, que ronca ao longe alegre e satisfeito; ou ouvindo pela noite o canto dos barqueiros que atravessãm de uma para outra banda, á luz pallida da lua e ao brilho sintillante das estrellas, fluctuar os escaleres pelas aguas, que se embranquecem com o cortar dos remos, e Belem surgindo em larga distancia do seio dellas, Belem, prisão da bella condessa de Tavora, affigurando-se, pela elegancia de sua torre mourisca, a um sonho Agareno, todo de encantamentos. Pelos dias vagava eu pela cidade: em cada rua, largo, e praça ornada de monumentos, lia o nome do marquez de Pombal, que sobre uma mal edificada cidade,

de que não poucos indicios restãm ainda escapados á furia do terremoto de 1755, soube com destro e forte braço fundar uma capital digna de uma grande monarquia. Em cada velha e tortuosa rua, em cada casa semi-arabe e semi-gothica, em cada pedra dispersa e negra que encontrava, deparava tambem com o nome de Luiz de Camões.

> Aquelle cuja lyra sonorosa
> Fôra mais afamada que ditosa.

São os dous heróes, á quem maior gratidão deve Lisboa, áquelle, por hãve-la reedificado, e este por faser chegar á mais remota posteridade a sua memoria, e a historia dos gloriosos feitos de seus filhos distinctos. Quanto a amava Camões? Não é somente nos Lusiadas, até nos sonetos, canções, e elegias, em que se lhe esvae o pensamento harmoniosamente, e escapa-lhe o mais saudoso, e melancolico som do intimo do peito. Conhece-se Lisboa, sabe-se a historia de Portugal, como nasceu este pequeno reino, como cresceu e prosperou; que monarchas e heróes creou dignos de ser lembrados pelos posteros, quando se folhea o monumento extraordinario, que chamãm — Luziadas; — monumento que nunca morrerá, como nunca morreu a Iliada de Homero, e nem a Eneida de Virgilio; e que é superior aos marmores, porque o Parthenon cahio, e lá para Londres levou-lhe os restos lord Elgin; o

templo de Salomão desappareceu, e nem se sabe hoje aonde se dispersárãm as suas cinzas; e em Roma, aqui e ali atirados, jazem por terra o Coliseo e os arcos triumphaes dos seus imperadores e consules.

É no entretanto um mal para os demais engenhos a existencia de um homem como Camões, que elevou-se tão alto, e fulgurou com uma superioridade tal, que desapparece tudo diante delle; resume, por assim dizer, uma litteratura, e uma civilisação inteira; simbolisa um paiz, e uma lingua; os estrangeiros, e até muitos nacionaes, só conhecem Camões, e só em Camões fallam; e quantos grandes engenhos tem todavia illustrado a nossa lingua, e mereceriãm mais as honras da nossa lembrança?

É-me penoso confessar todavia que têm razão o poeta Garrett quando denuncia no seu bello poema que :

> Nem o humilde lugar, onde repousãm
> As cinzas de Camões, conhece o luso,

e que se pergunta inutilmente :

> Onde jaz, Portuguezes, o moimento
> Que do immortal cantor as cinzas guarda?
> Homenagem tardia lhe pagaste
> No sepulcro sequer?... Raça de ingratos!
> Nem isso! Nem um tumulo, uma pedra,
> Uma letra singela!

Conta-se que foi o seu cadaver trasido do hospital

para a Egreja de Santa-Anna, e enterrado logo á entrada da porta, á mão esquerda; levou o terremoto de 1755 aquelle templo, e quando o reedificarãm, varreu-se da memoria dos Lisbonenses a lembrança do maior genio, que produzio a terra Portugueza; não tratáram de salvar, e guardar-lhe os restos! De que lhe servira ter ditto:

Olhai que à tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
Afortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos damnos;
Agora o mar, agora experimentando
Os perigos Mavorsios inhùmanos;
Qual Canáce, que á morte se condemna,
N'uma mão sempre a espada, e n'outra a penna!

Agora com pobreza aborrecida,
Por hospicios alheios degradado:
Agora da esperança já adquirida
De novo, mais que nunca derribado:
Agora ás costas escapando a vida,
Que de um fio pendia tão delgado:
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o rei Judaico accrescentar-se.

Deixemos Lisboa ingrata, que Camões intitulava princesa das cidades; visitemos as magestosas quintas do Lumiar com suas plantas exquisitas, Larangeiras com um lindo theatro e collecção de animaes ferozes; Regaleira com repuxos e flôres; atravessemos os ar-

cos das Aguas Livres construidos por Manoel da Maia, por ordem de D. João V, aguas outr'ora excellentes, deterioradas hoje com a agglomeração necessaria de outras que se lhe tem annexado; descansemos no palacio de Queluz, aonde nasceu e morreu D. Pedro I, massa enorme de pedra tristonha, abandonada e incompleta; espiemos a quinta do Ramalhão, que nos lembra a rainha D. Carlota, e a serie desgraçada de intrigas domesticas, que curtirãm de desgosto o bondadoso coração de D. João VI.

E nas serras da lua conhecidas
Subjuga a fria Cintra o duro braço,
Cintra, onde as Nayades escondidas
Nas fontes vão fogindo ao doce laço[1].

Estamos em Cintra que eleva a immensuravel altura os seus magestosos picos!

Subis de espaço a tortuosa senda:
Voltando a face, repousaes na encosta:
Cresce a altura da fraga, e as graças crescem:
No mosteiro da Pena então parando,
Monges frugaes vos mostrarãõ reliquias
E estranhas lendas vos dirãõ d'outr'ora[1].

Oh! lindissima Cintra, tão merecidamente cantada por tres poetas illustres, Camões, Byron e Garrett!

[1] *Lusiadas*, de Camões.
[2] Lord Byron, *Childe Harold*.

Oh! Cintra! oh saudosissimo retiro
Onde se esquecem magoas, onde folga
De se olvidar, no seio a natureza,
Pensamento que embala adormecido
O sussurro das folhas e o murmurio
Das despenhadas lymphas misturado!
Quem, descansando á fresca sombra tua
Sonhou senão venturas [1]?

Em um bello palacio, que servio de prisão a D. Affonso VI, deparam abrigo os monarchas reinantes contra os grandes calores de Lisboa: ali meditou e deliberou D. Sebastião a sua partida para a Africa, da qual resultou a perda da batalha de Alcacer Quivir em 1578, e a morte do soberano; tão grande perda e morte tão fatal trouxeram a quéda do reino de Portugal sob o dominio castelhano, do qual, se bem que libertada em 1640, muito alquebrada sahio a nação portugueza, sentindo, actualmente ainda, effeitos do cruel dominio dos Fellipes: construcção dos antigos reis arabes, mostra ainda este palacio a sua origem musulmana nas salas, repuxos jardins, vidraças, ameias e janellas: recorda ao mesmo tempo as épocas de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, D. João II e D. Manoel o Afortunado, que na aprazivel Cintra passárãm os seus dias mais felices. Em roda deste palacio uma povoação cercada de jardins e flôres, tão pittoresca, e viçosa; ao longe o mar, que se estende a

[1] *Camões*, de Garrett.

perder de vista; e lá no horizonte os picos das montanhas, sobre uma das quaes está o bello castello dos Mouros, a mais delicada obra e perfeita no seu genero, reconstruida nos nassos dias por el-rei D. Fernando a expensas suas, e qual verdadeira atalaia sobre o pincaro da serra, domina os campos, e as colinas, o Tejo, a cidade e o oceano. Sobre o cabeço de outro morro, subia D. Manoel o affortunado todos os dias para lançar seus olhos sobre a extensão do mar em procura da frota que, sob a direcção de Vasco da Gama, mandára descobrír as Indias, e que por fim descobrio — elle primeiro que nem um dos seus subditos! Que prazer o innundaria no momento, emque reconheceu as velas dos gloriosos navios, que dobrárãm pela primeira vez o cabo das Tormentas, e atracárãm a costa de Melinde.

O' gente ousada,
Mais que quantas no mundo hão commettido
Empresas grandes! — não te basta o mundo
D'homens sabido, para tantas guerras,
Taes e tão cruas, com que, tão pequenos
Fatigaes o universo [1]?

Pretendeu D. Manuel commemorar este sitio celebre, instituindo uma casa filial dos Jeronymos com o titulo de Convento da Penna. Ahi edifica agõra D. Fernando, com gosto verdadeiramente artistico, e animo

[1] *Camões*, de Garrett.

eminentemente real, o mais bello castello normando gothico que se póde imaginar; nenhum castello das ribas do Rheno, Danubio, e nem dos Alpes, lhe iguala em belleza; não tem a vastidão do Alhambra de Granada, mas reune, por assim dizer, todas as suas curiosidades, porque tem partes que são perfeitas imitações deste extraordinario monumento que nas Hespanhas deixou o dominio arabe.

Um torreão, diversas torres lateraes, e ameias coroando as mais pittorescas muralhas, formãm o seu exterior; ha dentro um bello palacio, uma pittoresca capella e páteos soberbos; trepado tudo isto por entre cabeços da serra e massas collossaes de basalto, e assentado sobre os restos do antigo mosteiro dos Jeronymos; em torno um magnifico jardim com tanques, rios, cascatas e arvoredos frondosos plantados na serrania escalvada, parecendo subir para o céo, e enredando as suas raizes nas raixas da penedia; por baixo, lá a desapparecer no horizonte, Lisboa com seus zimborios da Penha dos Francezes, S. Roque, Graça, Coração de Jesus, Estrella, Sé, e S. Vicente de Fóra; Mafra de um lado, convento ou palacio; quem sabe? com suas elevadissimas torres, obra de D. João V, imitação do escurial de Filippe II; verdadeiro oasis no meio do deserto, que esgotou dezenove milhões de cruzados, arrancados ás minas do Brazil, e que, apezar de suas riquezas carregadas, não tem poesia e nem verdadeira grandeza; Collares mais adiante no

meio de seus viçosos arvoredos; a quinta de D. João de Castro, propriedade hoje de um particular, com o nome de Penha-Verde, que recorda os feitos do celebrisado heróe portuguez, que, no cerco de Diu, perdeu dous filhos, que em valor o egualavam quasi:

> Até que nas maiores oppresões
> Castro libertador, fazendo offertas
> Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
> Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem [1]:

Admira-se tambem a quinta dos Sitiais, onde celebrou-se a convenção de 1808, pela qual evacuou o exercito francez o territorio portuguez, e que foi justamente estigmatisada pelos Ingleses. Sussurra á seus pés o mar, salpicado de muitos bateis, e recebendo em seus braços o magestoso Tejo.

É tudo isto bello, e admiravel. Cintra, tão proxima de Lisboa, a cinco leguas de distancia, sobre o pincaro das serras, como as antigas aras, onde iam orar as nações primitivas, e virgens, com soberbo clima, aguas deliciosas, e pittorescos sitios, merece que a chame o poeta moderno [2].

> Cintra, amena estancia,
> Throno da vicejante primavera;
> Quem te não ama? Quem, se em teu regaço

[1] *Lusiadas*, de Camões.
[2] Garrett.

Uma hora da vida lhe ha corrido,
Essa hora esquecerá?

Trouxe-me Cintra á idéa a aprazivel Petropolis, bella concepção do nosso monarcha, que pretende ahi também estabelecer o seu palacio de verão. Ha em Petropoles quadros egualmente pittorescos, panoramas soberbos, frondosas arvores, aguas deleitosas, cascatas e sitios aprasiveis, e uma atmosphera de amor e venturas, que não encantam menos.

Ficavã-nos tambem na terra amada
O coração, que as mágoas lá deixavãam,
E já depois que todo se escondeu.
Não vimos mais emfim que mar e ceu [1].

Passei em Cintra bellissimos momentos; regressando para Lisboa, lançava de novo os olhos para o Tejo : Oh dor! via só náos e fragatas inglezas ancoradas, como guardando-o : cerrou-se-me o coração; pensei ver a terra de meus avós convertida em colonia britannica! Soffri ainda quando notei a falta de estradas no velho reino, sendo que é a de Cintra a melhor que existe, e que muito inferior entretanto é á nossa de Petropolis! Isto em um canto da Europa, quando o solo das mais nações já não está atravessado senão por estradas de ferro! Deixe Portugal que siga a emigração de seu povo para o Brazil; que continuem regular-

[1] *Lusiadas*, de Camões.

mente os paquetes de vapõr á communicar a terra Americána com a Europa; voltaráo as riquesas para Portugal, trazidas pelos seus naturáes, que não queiram permanecer no Brazil, e prefiram regressar para a patria com o producto de seus bêns e trabalhos. Facilitar-se-hão as communicações; retalhar-se-ha o solo com estradas e canáes, poisque para isso faltam actualmente os meios ao governo; e si houverem estadistas, que acabem com o espirito revolucionnario, que domina os espiritos quasi exclusivamente; os attráhiam para os trabalhos uteis; diminuam o grande numero de empregados civis e militares, que tanto pesam sobre Portugal; reerguer-se-ha o paiz, e tomará logar ao lado da Belgica e Hollanda, que sabem florescer na Europa.

De quantas scenas tem sido testemunha esta grande cidade, e este pequeno reino, desde que lhes faltou o braço poderoso do Sr. D. Pedro I? Quantas conspirações, e revoltas de soldados, quantas revoluções vencedoras? Cahio a carta outorgada; rehabilitou-se a constituição de 1821; funcionou uma nova constituição feita pelas côrtes; restaurou-se logo depois a antiga carta; Maria da Fonte, os setembristas, e os marechaes conspiraram; erro é e grande dos partidos politicos, lançar mão das armas, como si fossem recurso constitucional, quando o systema representativo so reconhêce os recursos legaes, e pacificos, que tem estabelescido; é um crime grave, cuja punição cumpre severa e rigorosamente á opposição e ao governo, pro-

movêr, afim de consolidar-se com a manutenção da ordem publica a permanencia das instituições; e eis que por fim o duque de Saldanha insubordinou a tropa, expellio os seus adversarios, e apoderou-se do poder, praticando scenas tão anarquicas! E que intuito politico? Quaes as razões que teve?

Não ha que realisar principios politicos; e nem que mudar instituições . lança-se todavia mão das armas, revoluciona-se o paiz, insubordina-se o exercito, anarquisa-se a nação, desmoralisãm-se os espiritos, só para se conseguir lançar fora do poder ao inimigo , tomar-se-lhe o logar e assenhorear-se da situação!

Onde está o partido da ordem, que tem por devêr oppor-se á que se não perturbe a tranquillidade publica, e nem se alterem as instituições? Ha delle um nucleo excellente; o duque da Terceira, o marquez de Fronteira, D. Carlos Mascarenhas, o conde de Thomar e muitos cavalleiros illustres aceitãm todos os principios de um partido conservador e ordeiro; no mesmo partido porêm, a que pertencem, manifestam-se entre os chefes graves scissões. Pondo de parte o excesso criminoso, que praticou o duque de Saldanha, unido elle seriamente com Rodrigo da Fonseca Magalhães, podem regularisar a situação, por que professam tambem principios ordeiros; a questão porem é de pessoas e não de principios, e é este o maior mal.

Os setembristas, que se intitulãm o partido liberal contãm tambem em seu seio com cavalleiros illus-

trados, importantes e dignos, como Sá da Bandeira, os dous Passos, marquez de Loulé, e o conde de Lavradio: penso porem que, como os seus contrarios, se não entendem; dividem-se e subdividem-se em muitos grupos. Está actualmente tudo isto por tal forma revolvido, e desenvolvêrãm-se os odios pessoaes por maneira, que nada se percebe desta politica; não se sabe o que quer o governo, que falla em conciliação de partidos; ignora-se o fim dos setembristas, cujos exagerados, durante a revolta do duque de Saldanha, ousárãm tocar na necessidade de abdicação da rainha, quando é ella, — é o seu nome, e a reputação de suas virtudes, e das de seu esposo e familia real, que tem salvado o reino de Portugal de irremediavel perda em que por vêses quasi que tem estado a precipitar-se; dizem-se todos, nos momentos de crise — quem nos governárá a não ser a filha de D. Pedro? É ella portanto a salvação de Portugal. Passe-se para o campo da imprensa, onde brilhãm com tanta luz os talentos de Mendes Leal, Rebello da Silva, Sampaio, Tullio, e José Estevãm; não é possivel, mesmo ahi, descobrir-se um systema, plano, ou combinação politica.

Oxalá que o partido que vencer as eleições, que estão proximas, e que occupãm todos os animos, e perturbãm todos os espiritos, logo que suba ao poder, outra direcção dê aos negocios publicos; trate emfim de Portugal, aproveitando suas riquezas naturaes, e encaminhando os animos dos povos e as tendencias da so-

ciedade para a manutenção das instituições, que possuem, e para o engrandecimento real, e sincero progresso do paiz.

QUARTA CARTA

Outubro de 1851.

Lisboa tem a fortuna de possuir em seu seio a imperatriz viuva, a Sra. D. Amelia, e sua augusta filha a princeza brazileira do mesmo nome; coube-me a honra de ser recebido por S. M., que só uma vez eu vira, quando com todo o esplendor e pompa do throno, e viço brilhante da mocidade, desembarcou no Rio de Janeiro. São passados 22 annos, e durante este longo intervallo quantos acontecimentos tem tido logar que devem te-la muito affectado! Mas os trabalhos e dôres por que tem passado, não lhe tirárãm o bello e magestoso porte, as maneiras affaveis e dignas, e o trato delicado e agradavel, que o Brazil admirava na estimada esposa do Sr. D. Pedro I. Mostra-se sua magestade saudosa do nosso Brazil, e folga de ouvir os testemunhos de respeito e veneração que tributãm os Brazileiros á memoria daquelle que foi o seu heróe, e hes deu patria, instituições e gloria!

Sua augusta filha, a Sra. D. Amelia, estava enferma; não gozei portanto da ventura de vê-la; notei porem os cuidados maternos da imperatriz viuva, que no mundo se sustenta pelo fraco e debil fio que liga sua vida á vida de sua filha : morto seu esposo, entregou-se á educação da linda princeza; para ella é que existe, e vive; lê em cada movimento, por mais pequeno, que ella faça, o seu proprio estado, e destino; uma dôrzinha, que soffra a filha, repercute com centuplicada força no coração da mãe; uma enfermidade da princeza é um longo penar para ella, que se lhe debruça sobre o leito, não come, não dorme, não vive, e consigo pensa e diz : « Esta filha é que me liga ao mundo; si Deos m'a quizer tirar dos braços, acaba-se tambem a minha existencia. »

Commove o aspecto verdadeiramente real da imperatriz viuva; impressionãm profundamente as suas virtudes e amenidade; ressumbra na sua pessoa e attitude tanta elevação e magestade, como doçura, e lhaneza.

Nota-se que, depois da reforma do regimen municipal, tem a cidade de Lisboa ganho extraordinariamente em limpeza de ruas, solidez de calçadas, systema de construcção de edificios e illuminação publica, e portanto em formosura, e magnificencia. Fez o conde de Thomar um bõm serviço, publicando o seu codigo administrativo, politico e civil de 18 de março de 1842. Contêm muitas imperfeições, divisões administrativas mal concebidas, e attribuições

de empregados defeituosas. Assim mesmo melhorou todavia muito, maxime na divisão das attribuições das camaras e dos administradores do conselho, e na creação de juntas parochiaes puramente administrativas. Si bem que ainda deixou a presidencia ao mais votado vereador, o que é um erro grave, porque aquilata a capacidade pelo numero de votos, e a presidencia de uma camara municipal deve ter importancia e attribuições que lhe sejam privativas; como desannexou comtudo a parte executiva da parte puramente legislativa, e cabe ao administrador do conselho, nomeado por decreto real e amovivel, a execução, comprehendeu o verdadeiro systema municipal e publico. O certo é que, desde a reforma, tem Lisboa e Porto feito bastantes progressos materiáes, e obtido melhoramentos consideraveis.

Nem se diga que Lisboa, possuindo muito menor numero de carros, que transitãm pelas ruas, póde ter calçamento melhor do que o Rio de Janeiro : é um erro. Um bom systema de construcção obsta aos males do transito numeroso, e está a prova em Pariz, e mais que tudo em Londres, cujas ruas são cortadas a todo o instante, constantemente, e em todas as direcções, por infinitos carros das mais variadas especies. Infelizmente não ha no Rio de Janeiro nem-um systema capaz de calçamento de ruas; não ha um plano de construcção de predios; nem-um beneficio real apparece feito pela municipalidade, e si em dous ou

tres annos conseguirmos uma excellente illuminação, deve-la-hemos unicamente ao zelo do actual ministro da justiça. N'esta parte estámos a trazados, em relação á Portugal, si bêm que em vias de communicação para o interior do paiz nos achemos muito mais adiantados.

É no Brazil urgentissima a necessidade de reformar o regimen municipal, que como está não presta serviço algum ao municipio; convém ao mesmo tempo que melhor dota-lo em rendas, acabar-lhe o numeroso pessoal, que lhe absorve o que ganha, destacar-lhe as attribuições legislativas das executivas, e dar-lhe mais extensas bases com responsabilidade mais bem definida dos seus membros. Mister é cuidar ao mesmo tempo da creação de juntas ou conselhos parochiaes, que possãm tratar das cousas da parochia, e se não dota-los com o desenvolvimento que tem na Inglaterra, e que a tudo se estende, inclusivamente á administração dos pobres, e antes da reforma de 1848 ou 1847, até á policia, estabelescê-los ao menos nas mesmas ou quasi identicas proporções que tem hoje em Portugal e na Hespanha, administrando a fabrica da egreja, bens da parochia, serviços dos pobres, casas de caridade e caminhos parochiáes.

Foi-me preciso deixar Portugal e seguir para a Inglaterra. Deu-me o acaso a companhia de Luiz Kossuth, o ex-dictador da Hungria. Morámos juntos em Lisboa no hotel de Bragança; juntos embarcámo-nos

para Southampton á bordo do vapor inglez *Madrid.* Conversámos durante a viagem; assisti aos cumprimentos que recebeu em Lisboa da parte exaltada e operarios da população, e aos hurrahs enthusiasticos com que a plebe de Southampton o acolheu á sua chegada : estes factos, e demonstrações publicas convencêrãm-me seriamente de que a sociedade moderna soffre muito, e devem os governos cuidadosamente descobrir e minorar semelhantes soffrimentos; ha um elemento malevolo, destruidor, anarchico, e anti-social, que se intromette nas demonstrações pacificas ou armadas; são felizmente pacificas na Inglaterra; causam pôrem males nas outras partes do continente europeo; porque ahi o elemento malevolo representa o primeiro papel, toma a dianteira, usará e abusará da victoria, si a obtiver, e a fará de seu exclusivo proveito; desapparecerá a sociedade no cahos, que será a sua consequencia certa; mas deve-se tambem observar e cuidar dos soffrimentos, molestias, e enfermidades que supporta o povo, e cujo estudo cumpre que seja o primeiro dever do estadista, porque sem providencias adquadas o elemento malevolo, de que acabei de tratar, poderá produzir effeitos desastrosos.

Quem é, e foi Kossuth para receber as honras de heróe? Um advogado habil e orador facundo, que começou a sua carreira, organisando e dirigindo um banco mercantil em Pesth, e, fallido o banco, processado, e condemnado como estellionatorio a alguns annos de

prisão, obteve do imperador D. Francisco I o perdão da pena, e continuou no exercicio de advogado até que rebentando a revolta dos Magyars da Hungria contra a corôa de Austria, entregou-se aos levantados, e pelo seu talento, actividade e genio, chegou a ser nomeado dictador; perdida a causa dos Magyares refugiou-se na Turquia, e foi por ordem do Grão-Senhor recolhido a uma prisão em Kutaya, donde sahio pelas exigencias dos governos inglez, francez e americano.

Merece por ventura Kossuth ser igualado a Washington, á Pinto Vieira, á José Bonifacio, a Bolivar, e a Guilherme Tell, que entretanto em sua vida nunca recebêrãm honras semelhantes? A causa que defendia era muito diversa da causa de Guilherme Tell, Bolivar, Washington, Pinto Ribeiro, José Bonifacio e mais personnagens illustres n'este genero. Era a causa destes a da independencia de sua patria, e liberdade do povo. A causa que Kossuth defendeu na Hungria seria talvêz a da independencia da Hungria, no final do drama, mas não para dar-lhe a liberdade, e sim para conserva-la na escravidão feudal de cujo estado para o de liberdade pretendera tira-la a corôa austriaca, o descendente de Maria Theresa, de quem diziãm os Hungaros : *Moriame pro rege nostro Maria Theresa*. Foi a corõa austriaca que libertou os servos da Hungria do jugo da escravidão com que os Magyars os tinham curvado; foi a corõa austriaca que disse ao povo hungaro : — basta de governos feudaes no seculo XIX;

ahi tendes instituições que vos garantem a todos direitos iguaes, quer tenhaes nascido nos andrajos da miseria, no leito desgraçado da humilde choupana; quer nos palacios e castellos dos magyars, que parecem atalaias dos rios e valles.

Em quanto foi absoluto e aristocratico o governo da Austria, estavam os Magiares satisfeitos, por que dominavam, e escravisavam a Hungria : logo que raiou pôrem a luz da liberdade, e foi preciso estendêr as suas vantagens á Hungria, revoltaram-se contra a Austria; queriam na sua patria governo, administração, e leis differentes curvando Slavos, Allemães, Rumanos, e Ruthenos, que formam a maior parte dos habitantes; guerreárão a corôa austriaca, e proclamárão a independencia da Hungria. Perdêrão a sua causa, e a deverião perder para o bem da liberdade da maioria dos Hungaros que não é dos Magiares.

Mereceria attenção, e attrahiria a sympathia geral dos povos acausa dos Magiares si se rebellassem pela sua independencia e liberdade; portárão-se, na verdade, com coragem, valor, e energia, dignos de melhor sorte, e que mesmo assim mal empregados merecem ser commemorados; Kossuth como intelligencia, Klapka, Bem, Debinsky e Georgey como militares, são debaixo deste ponto de vista merecedõres realmente de fama honrosa.

Mas saudar com hurrahs. enthusiasticos a Kossuth, dar vivas á liberdade e independencia da Hungria

como causa que elle tivêsse defendido, é confundir adrêde objectos differentes.

O acolhimento extraordinario que recebeu Kossuth na Inglaterra, e que miudamente não descreverei, si bem que testemunha ocular, porque os periodicos todos o tem recontado, prova ainda que lord Palmerston consentindo, senão incitando — o elle proprio, folga de açular as más paixões revolucionarias em todas às partes do mundo, para o fim de dar incommodos aos governos estrangeiros, e torna-los fracos por este feitio diante da Inglaterra; deixou praticar-se demonstrações publicas para intimidar o governo austriaco, e animar os revolucionarios e anarchistas da Europa.

O certo é que lord Palmerston tornou-se o homem mais popular para todos os revolucionarios do universo : os Mazzinis, Ledru-Rollins, Louis Blancs, Struves, e Kosuths, merecem a sua sympathia, e pagãm-lhe amor com amor, e estima com estima. Não é o Brazil a unica nação que tem soffrido affrontas deste orgulhoso ministro; não é sua victima só o povo Brazileiro, que, todavia, tantas sympathias nutre pelo povo inglez, e tão extenso commercio entretem com elle; não é o governo Brazileiro, que tanta lealdade, energia, e patriotismo emprega actualmente na repressão do trafico de escravos, o unico que tem encontrado em lord Palmerston um impertinente adversario, um constante e rancoroso inimigo. Portugal, Hespanha, Grecia, e Napoles ainda agora pelo mais escandaloso

abuso da diplomacia; todas as nações emfim do globo sabem que é elle o primeiro revolucionario dos outros paizes, e o mais obstinado inimigo da paz alheia.

Foi optima a nossa viagem de Lisboa para Southampton; tivemos vista de quasi toda a costa do reino portuguez, do qual diz Camões:

> Eis-aqui quasi cume da cabeça
> Da Europa toda o reino lusitano,
> Onde a terra se acaba e o mar começá,
> E onde Phebo repousa no oceáno.
> N'este quiz o Ceo justo que floresça
> Nas armas contra o torpe mauritano,
> Deitando-o de si fora, e la na ardente
> Africa, estar quieto não consente.

Estava sereno o mar; soprava brandamente o vento do Sul; dobrámos facilmente os cabos da Rocca e Penniche; avistámos as Berlengas, pedregosos rochedos sahindo do centro das aguas para espantar o navegante; vimos a embocadura do Mondego, que recorda com tanta saudade e melancholia os amores poeticos de Ignez de Castro, e o tragico destino, que soffrera a

> . . . . . misera, e mesquinha,
> Que despois de sêr morta foi rainha.

Appareceu-nos a perigosa barra e entrada do Douro, com os penhascos que guarnecem as suas margens,

mostrando no fundo do quadro a cidade do Porto como um amphiteathro; admirou-nos o pharol da Luz, a fortaleza de S. João da Foz, a costa de Mindelo, e o não concluido obelisco que se pretende ahi levantar em memoria do desembarque do Sr. D. Pedro I em 8 de julho de 1832, quando viera libertar o povo de Portugal, e dar-lhe sua soberana legitima e instituições livres e representativas.

O que mais admira ao viajante que navega encostado ás terras de Portugal é infinidade de egrejinhas pittorescas, collocadas nos pincaros das serras e o sem numero de torres mouriscas, e castellos agarenos, quasi todos actualmente em ruina, e cuja construcção soberba, dominando as maiores alturas, demonstra o caracter poetico dos Mouros, que em todas as cousas que praticavãm, mostravam um gosto particular.

Seguio-se Vianna assentada em vasta planicie; Villa de Conde; o convento dos Carmelitas, construido por D. João V, e o seu immenso aqueducto ; os valles deleitosos e outeiros pittorescos da provincia de Enre-Douro e Minho; approximando-nos ao Norte do Minho, limite de Portugal com a Hespanha, descobrimos as terras de Gallisa : entramos na vasta bahia de Vigo : vimos Redondella, aonde jazem ha seculos sepultados muitos galeões carregados de prata, que de proposito afundou um almirante hespanhol para não cahirem no poder da frota ingleza, que os perseguia.

Avistámos no dia 23 a bella ilha de White, com o

seu palacio real, e cidades florescentes; e ancoramos em Southampton, no fundo de um braço de mar de cerca de quatro milhas de comprimento.

QUINTA CARTA

Outubro de 1851.

I stood in Venice in the bridge of sights. Dizia enthusiasmado lord Byron achando-se em Veneza, terra de amores mysteriosos e fantasticas bellezas, banhada pelas ondas amigas do mar Adriatico, cortada pelo Rialto e innumeros canaes, que a atravessãm em todos os sentidos, reflectindo aos raios ardentes do sol, ou patenteando á luz pallida da lua, os multicôres marmores e os gigantescos porfiros de seus palacios, que parecem sahir por encantamento do fundo das aguas. E eu estou em Londres, a metropole do universo, a cidade gigante dos tempos modernos, que excede em grandeza e magnificencia tudo o que póde a imaginação conceber; fosse poeta; não precisava mesmo possuir estro tão elevado, e sons tão harmoniosos como lord Byron; bastava-me o talento de qualquer cantor de segunda ordem do seu tempo, e paiz; ou de qualquêr outra nação; poderia, imi-

tando-o, descrever a cidade de Londres, que pareceu-me, depois de treze annos de ausencia, mudada, e espantosamente engrandecida!

Não foi sómente Londres que mudou, e engrandeceu; toda esta terra da Inglaterra, cidades e campos, vales e colinas, como que tomárãm nova fórma, e ganhárãm maiores riquezas. Lembro-me que em 1837 segui de Douvres para Londres, e depois para Oxford. Haviãm bellissimas estradas, como em todo o continente se não encontravãm. Mas existia ali apenas um pequeno caminho de ferro assentado sobre arcadas, e communicando Londres com Greenwich; era um ensaio antes do que um verdadeiro caminho de ferro; não occupava Londres mais da metade do solo que possue hoje, e nem se aformoseava com tão explendidos edificios.

Magestosos caminhos de ferro, ou correndo sobre os tectos das casas, ou rasgando as montanhas pela base e formando passagem subterranea, ou precipitando-se por debaixo dos rios, communicãm todos os pontos da Grãa-Bretanha com a sua magestosa metropole levãm-lhe todas as riquezas do mundo, e fazem desapparecer as maiores distancias. Tenho ouvido dizer, que os caminhos de ferro tirárãm ás viagens a sua côr pittoresca, e poetica. Pensoque nada ha de mais pittoresco e poetico do que vêr um caminho de ferro, e um telegrapho electrico porque revelam o poder e intelligencia do homem. O que ha de mais admiravel

do que a rapidez de raio, que nos trouxe em duas horas e meia de Southampton, através de campinas tão bem plantadas, e outeiros tão bem cultivados, vendo aqui e ali o arado sulcando as entranhas da terra, o pastor solfejando seus amores ao pé do rebanho; a aldêa entornada por detrás da egreja; a quinta vecejante, e primando o parque por seus alamos e flôres; Winchester, Hampton-Court e Richmond com seus palacios; e apparecendo e desapparecendo tudo em um minuto, como scenas de feitiçeria?

A cidade de Londres, vasta, populosa, e riquissima, guardando em suas dokas mais de dez mil navios de todos os tamanhos e qualidades, cortada de ruas largas e compridas, cobertas dos mais bellos edificios, e cheias de innumeras fabricas, estabelecimentos publicos, egrejas e parques lindos e immensos; affogando em seus braços o Tamisa por meio de extensissimas pontes de ferro que o cobrem, ou pelo tunnell que passa por debaixo das suas aguas; sabendo aproveitar todo o terreno, todo o tempo, e o mais pequeno objecto; prova quanta é a força do homem, que soube vencer um solo ingrato, e clima cruelissimo, lutando corajosa e audazmente contra a natureza, que por todas as fórmas se lhe oppunha. Comprehendo agôra o orgulho britannico, contra o qual se queixãm todos os povos do mundo; tenho quasi vontade de desculpar a lord Palmerston quando disse, fallando do subdito inglez : — *Civis Romanus sum!*

É esta terra o refugio de todos os exilados, e proscriptos; do cidadão honesto, e servidor pacifico de seu paiz quando vencem os revolucionarios; e dos anarchistas e demagogos que, proclamando sempre a liberdade, são os maiores inimigos d'ella; nestas ruas passeiãm uns e outros, e encontrãm-se homens de todas as jerarchias e partidos.

Luiz Philippe, homem de bem que não foi ainda apreciado como merece; Metternich e Guizot, admiraveis intelligencias de estadistas; Carlos X, cavaleiroso, mas infelizmente cheio de velhos preconceitos e improprio para rei; vierãm pedir aqui asylo, e o encontrárãm entre este povo, que vive no seio da paz quando os outros se dilacerãm; porque de suas desgraças primeiras, que felizmente terminárãm em 1688, tomou elle a lição proveitosa de presar e manter as instituições, e o seu soberano; respeitar a lei e a autoridade; fazer só a opposição legal que seus direitos politicos lhe permittem, concorrendo os partidos para repellir revolucionarios e anarchistas, que são as maiores pestes do universo, e para combater estrangeiros, quando estrangeiros ousãm insulta-los: governistas e opposicionistas unem-se sempre que se trata de sustentar a ordem publica contra os anarquistas, ou a dignidade nacional contra os estrangeiros.

É este o segredo do estado pacifico desta nação! Bem terriveis trabalhos supportou para chegar ao estado actual de comprehensão dos seus verdadeiros interes-

ses. Teve amarga educação. Dóe conhêcer a gravidade da corrupção, que lavrou nos reinados de Guilherme, Anna, e dos dous primeiros Jorges; encontrar-se caracteres infames como Malborough, I° Fox, e Bolingbrook, ou corruptores como Bute, e Walpole; ouvir-se a narração das scenas escandalosas e anarquicas que por veses practicou a população miuda, sublevando-se, e embriagada estragando, queimando edificios, e commettendo horrôres. Gastou cem annos, á contar de 1688, para conseguir que se estirpassem os maos instinctos; que na massa, sangue, e medula dos ossos do povo se entranhasse a necessidade de obedecer á lei e á auctoridade para ter ordem, e liberdade; e que se creasse verdadeiro espirito publico, que alçando bêm alto os direitos civis e politicos, colloca á par d'elles os devêres de cada um cidadão, para que o exercicio dos primeiros marchem parallelamente com o comprimento dos segundos. Prospera hoje extraordinariamente, por que obteve separar o principio de civilisação do principio de revolução que se confundem muitas vezes, e que são perfeitamente distinctos, por que usa sô aquelle de meios moráes, quando este emprega a força bruta. Nas instituições livres combattem-se elles, e cifra-se o cuidado do estadista em expellir o ultimo, que é enganadõr, porque exalta e fascina com falsas promessas de progressos rapidos, e vantagêns immaginadas. É o trigo, e o joio, que o lavrador dêve distinguir, e separar. Cumpre-nos, á to-

dos, aproveitar as licções, que nos offerece a historia d'este povo, que ganha sempre que se revolucionãm e estragãm as demais nações!

Mas deixemos de lado Ledrus-Rollins, Mazzinis, Luiz Blancs, Kossuths, e tantos revolucionarios mais que aqui se acoutãm; procuremos o que merece o nosso respeito, e tem direito á nossa estima; tomemos o caminho de ferro de Esher, lancemos uma vista d'olhos sobre o bello palacio de Clermont, deitado sobre uma eminencia, e cercado de um parque de relva, flôres e arvoredos, que se perde no horizonte, brilhando no seu centro um pequeno lago no qual brincãm os cysnes alvos como fragmentos de neve!

E' um magestoso palacio e parque magnifico, pertencente ao rei Leopoldo da Belgica. Mas sente-se palpitar o coração ao entrar por suas portas de ferro; são infelizes, mas dignos, e gloriosos os habitadores actuaes deste palacio. São exules porque forãm amigos de seu paiz, e lhe derãm seu sangue e vida; porque ninguem mais amou a França, ninguem melhor a servio do que estes jovens que a França ingrata... não digo bem... Pariz ingrato expellio de seu seio, enthusiasmando-se pelos revolucionarios de 1848, que bem depressa lhe fizerãm pagar o seu engano!

Ver-se a rainha de brancos cabellos, amavel sorriso, e expressões tão bondadosas: a virtuosa esposa, mãe exemplar, e modelo de tudo o que a natureza fez de mais bello e respeitavel, fallando do finado rei Luiz

Philippe com tanto amor, e da França com tanta saudade; observar-se o cavalheiroso principe de Joinville, bravura todo, engenho, e amenidade, e que pela França expôz a sua vida, e para ella e sua historia obteve uma nova pagina gloriosa, a de Mogador, que pode luctar e concorrer com as façanhas dos Condés, Massenas, e Henrique IV : olhar-se para a nossa joven e lindissima princeza, com seus olhos brazileiros, sorriso brazileiro, fallar brazileiro, tão saudosa da térra que teve a ventura de ser o seu berço, e suspirando tambem pela França, patria de seu glorioso esposo, ah! que coração pode assistir a taes scenas sem ficar profundamente impressionado, e grandemente magoado?

Tive a honra e fortuna de ouvir as palavras da nossa princeza, que é uma viva imagem de sua patria com seu brilhante céo e natureza explendida! Essas palavras, que se dignava de dirigirme, e que manifestavãm a sua saudade pelo seu Brazil, como o chamava, enchiãm-me tambem a mim de orgulho, porque era Brazileiro, e coubera-me a ventura de nascer na mesma terra que teve a honra de ser a sua patria querida!

Ja tributava profundissimo respeito á nobre familia de Orleans, que deu á França 18 annos de paz e grandeza, que lhe não póde dar a sua republica, e a que na sua historia passada não encontra iguaes a França. A sabedoria, prudencia, illustração e patriotismo do

rei Luiz Philippe, que longe da França findou seus dias amargurados; o valor, talentos, intrepidez e cavalheirismo de seus filhos, que todos, Orleans, Nemours, Joinville, Aumale, e Montpensier, derramárãm seu sangue pela França, e com seus exercitos combatêrãm nas terras africanas para gloria de sua patria; as virtudes domesticas da rainha, da finada princeza Adelaide, e das filhas do rei, attrahem para esta familia a veneração geral e veneração mais particular do Brazileiro, porque para o seio da familia de Orleans se passou um anjo que é seu compatriota.

E agora, depois da minha visita a Claremont, em que fui tão bondadosamente acolhido pelos seus hospedes gloriosos, visitemos Windsor, e Hampton-Court.

SEXTA CARTA

Outubro de 1851.

Fallar de Londres é lembrar a grande exposição de 1851. Tão magestoso espectaculo apresentou a capital da Inglaterra emquanto durou este acontecimento, que é no seu genero o primeiro nos annaes

das nações európêas, que a sua memoria se guardará por longo tempo em todas as partes do mundo.

Não vi a exposição viva; assisti porém á exposição morta; quando cheguei a Londres, já se havia fechado o palacio de cristal; obtive todavia uma introducção, e achei ainda quasi tudo no seu lugar, e tudo pude percorrer a meu vagar; faltava-lhe o povo por debaixo das abobadas; a multidão, que dá poesia e vida ao espectaculo, e que ali concorria diariamente de 80 a 150 mil pessoas durante o tempo da abertura; ganhei talvez, por outro lado, porque não poderia tão livremente e á vontade presenciar e admirar a magestade de tão feliz concepção, que basta para provar a grandeza de um povo e rodeiar o seu nome de incontestavel brilho.

Seria um verdadeiro sonho das Mil e uma noites arabes; só tambem a Inglaterra, ou Londres, deviam executar um pensamento tão grandioso.

Levantou-se quasi que instantaneamente um enorme palacio de crystal no centro do mais vasto parque de Londres, o Hyde-Park. Paxton, que foi jardineiro do duque de Devonshire, deu o plano, lembrando-se das estufas, que na Inglaterra se estabelecem para obter-se as fructas, flôres, e productos raros do mundo. Obteve Paxton um premio que o enriqueceu.

É o palacio de extensão extraordinaria, altura elevadissima, proporções gigantescas, e magestosas galerias. Pensais que se cortárãm as arvores, que ornavãm

o parque, e occupavãm o terreno de que se apoderou o palacio de cristal? Enganai-vos; servirãm estas arvores para mais abrilhantar a funcção; forãm deixadas no mesmo lugar, e dir-se-hia que de proposito se plantarãm dentro do edificio para afformosea-lo: parece que as arvores se dobrárãm ás formas do palacio, quando foi este que tão artisticamente construido se quebrou e requebrou de modo a hospeda-las magnificamente: seria admiravel o exterior do edificio se não tivésse proporções tão gigantescas; desapparecendo os olhos na massa enorme de muralhas de vidro, não pude achar-lhe a belleza real, direi mesmo, conhecer e apreciar a architectura irregular, e encantadora comtudo, no pensar de pessõas entendidas.

Passeiar pelos corredores cercados de toda a especie de productos das nações do globo; debaixo das arcadas elevadissimas cobertas de espelhos, vasos, sedas, pedras, especiarias e metaes; sobre as galerias pittorescas, aonde se mostra o que a intelligencia do homem imaginou e sua mão executou; equivale certamente a uma viagem pelo mundo, à qual dispensa quasi todas as viagens effectivas.

Lançai os olhos pelo espaço, que occupãm a industria e artes francezas no espantoso palacio; vêde os admiraveis relogios realisando fantasias as mais inacreditaveis; sedas de Lyão de desenhos tão arrebatadores, lustres de fórmas as mais exquisitas, pianos, vasos, porcelanas, flôres, quadros, bronzes, estatuas, joias,

preciosidades de toda a natureza e especie; notai mais adiante como a Suissa, Belgica, e Allemanha querem roubar á industria franceza a palma, e gloria que até hoje adquirira; como são alegres os Suissos, praticos os Belgas, e imaginativos os Allemães, Austriacos ainda mais que os Hamburguezes, estes mais que os Prussos, que excedêm aos Saxões, Wurtemberguezes, Bavaros, Hanoverianos, e Badenses : estão as salas guarnecidas dos mais ricos e explendidos trabalhos de marmore, bronze, ferro, e madeira; dos mais admiraveis productos de suas fabricas de sedas, lãas e algodões : se não tomarem os Francezes sentido, e tiverem cuidado, vence-los-hão os seus visinhos na luta que encetãm contra elles no campo da industria.

Mais adiante espanta a Russia com as amostras de trabalhos artisticos, e productos industriosos; admira como se tem adiantado na civilisação : industria estensa e delicada fez a exposição conhecer ao mundo. Que relogios, moveis, joias, sedas, especiarias faustosas, e lindas carruagens apresentãm os Russos! E ha quem pense que é um povo barbaro!

Patentêãm os Italianos porphyros e mosaicos, trabalhos em marmore fino de Carrara, quadros em delicadas côres, que lembrãm perfeitamente a terra de Correggio, Raphael, Buonarrotti, Vinci, Rosa e Ticiano; são artistas por excellencia os Italianos; são as artes a unica gloria que lhes resta; primam ainda pelas sedas do Piemonte, productos agricolas, e ma-

quinas aperfeiçoadas da Lombardia; industria celicola da Toscana, e fructos deliciosos de Napoles e Sicilia.

Quiz a Hespanha, apparecer com brilho e fausto aos olhos do mundo, e a par das demais nações europeas; cumpre confessar que não se sahio mal : como que uma reminiscencia da época gloriosa de Fernando, Carlos V, e Felippe II, lhe surrio a idéa, e lhe trouxe a ventura de realisa-la. Apresentou mesas de mosaicos, que se diriãm italianas, punhaes de ouro admiravelmente gravados, pinturas dignas da descendencia de Murillo, tapetes pittorescos, pistolas bem trabalhadas, espadas e lanças de primoroso lavor, damascos e roupas de fios de ananazes os mais fantasiados que se podem imaginar.

Tambem brilha Portugal; nação pequena, appareceu todavia, e appresentou productos naturáes, e objectos de industria, que lhe fasem honra : trouxe madeiras escolhidas, marmores delicados, tecidos engenhosos, chapeos, comestiveis preparados, vinhos os mais exquisitos, algodões, rapé, flores de cêra, azeites, fructos, arbustos, pedras preciôsas, metáes trabalhados e varios objectos mais, que provam o adiantamento de sua industria e a riqueza do seu solo admiravel.

A Turquia, Hungria, Suecia, Noruega, Dinamarca, Bohemia, Polonia e a Grecia não faltárãm ao emprazamento das nações do globo; riquezas mineraes, productos artisticos, objectos industriosos, tudo o que

fórma o seu commercio, e que produzem, fez-se collocar em linha no seu logar competente. Postou-se a Hollanda ao pé da Inglaterra, e chamou a attenção pela delicadeza e singularidade de suas maquinas.

Occupou a Grãa-Bretanha o maior espaço; e de proposito, para dar sêm duvida nos olhos, estendeu os seus productos com sumptuosos disticos designadores do logar da procedencia. Após a Inglaterra, Escossia e Irlanda, vinhãm Gibraltar, Jersey, Guernsey, Malta, Canadá, Santa Helena, Jamaica, Boa Esperança, Guyanna e as Indias. Pensareis talvez que como que queria dar uma lição de geographia aos curiosos, fazendo-lhes conhecer todas as terras que domina a corôa britannica na superficie do globo. Não houve de certo nação que rivalisasse com ella na quantidade e qualidade de maquinas de todas as sortes e destinações, além de que mesmo em muitissimos ramos mais da industria levou-lhes completamente a palma.

Não nos parecêrãm felizes os Estados Unidos; as amostras de algodão, tabaco, trigo, e milho; as maquinas, carruagens, e modelos de navios que enviou encontravãm não rivaes sómente, mas tambem superiores. O Mexico, e Chile, Guatemala, Equador, Perú, não se esquecêrãm de seus metaes e pedras, passaros multicores, productos do seu solo, e armas e vestes dos seus indigenas. Primou a China pelas suas perolas, rubins, esmeraldas, sedas, toucados, sapatos, porcelána, e tecidos delicados.

Cerrou-se-nos de mágoa o coração, quando apenas vimos no lugar reservado para o Brazil um ramo de flôres de pennas de passaros, tão delicado que recebeu um premio mas que achava-se sozinho; e lá ao longe atirados entre selins e arreios inglezes um coxinil, arreios e chicote do Rio Grande!! O que não poderia remetter o Brazil para figurar honrosamente n'este vasto bazar da industria humána e riqueza natural? Foi um erro do nosso governo não convidar o povo a remetter as amostras dos seus cafés, fumos, assucares, algodão, milho, anil, feijão, e arroz; do seu ouro, diamantes, prata, e pedras preciosas que gerãm as entranhas de um solo tão abençoado; flôres artificiaes de pennas como tão delicadamente se fabricãm na Bahia, e de escamas de peixe, que se fazem com tanta felicidade em Santa Catharina; bordados tão bem delineados como os de Pernambuco, Maranhão, e Ceará; algodões finos que se preparãm em Minas Geraes, amostras de madeiras, como nem-um paiz possúe tão bellas; passaros, e insectos, que attrahiriam a attenção geral; ganharia o paiz no seu credito para com as nações europeas, e no proprio interesse seu, animando e protegendo os trabalhos naturaes da industria nacional.

Convenceu-me esta muito sensivel ausencia do Brazil na exposição universal de Londres do quanto é verdade que nada se faz no Brazil sem a direcção do governo!

Nada fez, nada disse, e nem dirigio o governo; nada

fizerãm os particulares; seria tão facil entretanto figurar o Brazil nesta magnifica exposição, e primar sobre outras nações pelas suas riquezas naturaes, e productos de industria!

Bem triste devia de ser a posição do Brazileiro, que por ali passeiando no meio de tanto povo, pertencente a todas as nações do mundo, ouvisse fallar á respeito da ausencia do seu paiz!

Para se admirar bem a magestade do quadro que a exposição appresenta torna-se preciso semear de povo todo o espaço vazio do edificio; sentir-se o fallar, passeiar e mover-se da multidão, que em certos dias subia a cento e cincoenta mil pessôas; e illuminar-se as galerias de copia innumera de luzes; é o que me faltou, mas reproduzio-mo a imaginação despertada; e bem que os meus olhos só viãm o cadaver da exposição parecendo depositar-se no seu tumulo, via eu a exposição viva, porque a povoava pela imaginação com os objectos que lhe faltavãm, e que deveriãm realmente affigura-la um sonho maravilhoso.

Findou-se a exposição; distribuirãm-se os premios; foi-se o edificio esvaziando; vendeu-se em Inglaterra a maior parte dos productos; um excesso de mais de 400 mil libras esterlinas superou a despeza; trata-se actualmente de applica-lo com vantagem publica, e desfazer o palacio, para repôr o parque no seu antigo estado. Mas a Grãa-Bretanha adquirio não só maiores riquezas, senão tambem um renome immortal por

esta façanha ainda não praticada, e nem mesmo imaginada pelas demais nações do globo.

SETIMA CARTA

Novembro de 1851.

É pessima a estação em que nos achamos. Toda a aristocracia britannica deixou Londres, e retirou-se para os seus castellos, aonde se entrega aos prazeres da caça. O fidalgo inglez desfructa a metropole nas estações calmosas; quando estão abertas as camaras; ha bailes, representações de operas italianas, festas jantares e concertos; a graciosa rainha recebe, e brilha a côrte. No tempo do inverno conserva-se, em Londres, a classe média sómente, negociantes e banqueiros, e a classe infima da sociedade, criados e pobres obreiros; a aristocracia ingleza é formalista; faz tudo systematicamente, em publico, e mesmo na vida intima da familia: compromette-se na opinião publica o fidalgo que não seguir á risca os costumes estabelecidos, e as formalidades que são aceitas pela sua classe. E pois, acha-se Londres sem o brilho da sua aristocracia, e sabe apenas que tem governo, porque uma

ou outra vez lhe apparece um ministro de estado para negocios urgentes.

A rainha Victoria, o principe Alberto, seus filhos, e a côrte, voltárãm jà da Escossia, e forãm repousar em Windsor, até que se mudem para a ilha de Wight, a passar o inverno nas delicias de Osborne-house. Fechados estão os theatros da Opera, Covent Garden, e Drury Lane : nem-um concerto musical diverte o estrangeiro; apenas pode correr pelo Colyseo, dioramas e panoramas, que por toda a parte se mostrãm : Zoological Garden, Botanical Garden, e Politechnical Institution. Goza todavia do espectaculo divertido de M^me Tussaud, que em cera apresenta as notabilidades do dia e algumas antigas, taes quaes forãm e são, com as suas vestes, modos, signaes caracteristicos, proprio tamanho, e tão bem arranjadas que pensarieis que estão vivos, que tendes diante de vós Guizot, Espartero, Palmerston, Russell, Cavaignac, o imperador Nicoláo, Wellington, a rainha Victoria, o principe Alberto, Napoleão, Murat, Ney, Voltaire, Byron, Walter-Scott, Luiz XVI, Maria Antonietta, Guilherme IV, Kemble, Cobden, Blucher, e mais personagens celebres. Vôa entretanto o tempo passando-se de Westminster ao gothico palacio do parlamento; de S. Paulo á famosa torre que servio de prisão para os favoritos e victimas de Izabel e outros soberanos; da ponte de Londres por cima do Rio á ponte do Tunel, por baixo delle, obra admiravel, extraordinaria, e incom-

prehensivel! Do museo britannico que quasi que só se torna notavel pelos marmores do Parthenon, á galeria de pinturas de Trafalgar-square, que lhe não é superior; do parque immenso de Richmond ao palacio de Grennwich, situado na margem do Tamisa, e habitado pelos invalidos da marinha ingleza, que ali aprendem, que a Inglaterra não deixa na miseria a quem a serve sobre os mares; do parque do Regente ao de São James; e da alfandega ao Guildhall, ao banco, correio, ou praça do Commercio.

Força é pois partir, guardando para melhor época voltar para Londres, afim de poder conhecer a sociedade ingleza, e a côrte tão afamada da Grãa-Bretanha.

E' o que pretendo fazer hoje mesmo.

Direi no entanto sempre : é Londres a rainha das cidades pela sua magestade e explendor; nada no mundo a iguala; e si espanta pelo seu commercio extraordinario, pela immensidade de navios que enchem o rio e as docas, e formam com os mastros uma verdadeira floresta; pela grandeza de suas fabricas, como a de cerveja de Barcklay, e imprensa do *Times;* não se faz menos admiravel pela excellente policia que possúe; no meio do povo immenso, que concorreu á procissão do Lord Mayor, e enchia todas as ruas da City; quasi que não apparece a policia, e entretanto vê, e prevê tudo, e observa se por toda a parte a maior tranquillidade.

E' que este povo leva o sentimento de obediencia á lei e respeito á autoridade ao ponto de torna-lo um verdadeiro culto; torna-se por isso verdadeiramente livre em toda a extensão da palavra, e goza de todas as garantias e direitos civis e politicos : é, sêm contestação alguma, o primeiro povo da terra.

É egoistica a politica do seu governo em relação ao estrangeiro; não ha infelizmente dous systemas diversos para os partidos politicos que se debatem na scena; queixa-se ás vezes lord Aberdeen dos modos bruscos e da linguagem insolente que lord Palmerston emprega; faz tambem das suas, quando governa : diversificam talvez de linguagem, estão porém de perfeito accordo, porque são Inglezes ambos. Consiste a differença em que lord Aberdeen é homem mais delicado, e possúe maneiras cavalheirosas, entretanto que lord Palmerston é mais violento, irascivel, atrabilario, e acrimonioso.

Não goza todavia lord Palmerston da popularidade e força que lhe dão os periodicos por elle alimentados : para existir no poder carece do apoio de lord John Russell; si por um lado agrada aos Inglezes por que os exalta orgulhosamente em sua linguagem, por outro tambem aos proprios nacionaes dirige as vêzes expressões desagradaveis, como ultimamente o fez tratando com os negociantes de Manchester e Liverpool, que lhe forãm fallar em favor do commercio que entretinhãm com o Brazil : — Sois tão contraban-

distas, disse-lhes, como os Brazileiros. — Notei que no jantar do lord mayor forãm mais enthusiasticos os vivas dados a lord João Russell, do que os dirigidos a lord Palmerston.

Aproveitou lord Palmerston as desgraças de que são actualmente victimas as nações da Europa, para incitar os seus revolucionarios, açular-lhes as más paixões e instinctos ferozes, e causar maiores embaraços aos governos legaes; si em França, porém, obteve triumpho com a louca revolução de 24 de fevereiro de 1848, em que uma minoria de demagogos turbulentos de Pariz lançou por terra um throno beneficente e glorioso, e impôz á nação inteira um governo contrario aos seus habitos, aspirações e interesses, soffreu derrotas nas mais partes do mundo, aonde se quiz intrometter; salvou Napoles a Sicilia, que os manejos britannicos queriãm roubar-lhe; segurou a Austria a Hungria, que se sublevára contando com o apoio do gabinete de S. James; a Confederação Germanica ratificou à sua união, que debaixo do predominio austriaco e prusso desagrada tanto a lord Palmerston; Narvaez, com firme braço e heroica vontade, susteve a Hespanha anarchisada, e, em despeito da Inglaterra, salvou-a e regenerou-a; a Grecia, a Toscana, Portugal, e as demais pequenas nações que tanto inquieta o orgulhoso Bretão, escapárãm aos males que lhes desejára causar; os seus revolucionarios protegidos tem perdido o combate; até o dictador

Rosas lá parece eclipsar-se, apezar de todo o apoio britannico.

A politica ingleza, portanto, dirigida por lord Palmerston, ostentando linguagem insolente e manifestando o mais aborrecido orgulho, tem sido justamente a mais infeliz, porque nada conseguio ainda dos seus intentos.

Nêm se póde dizer com segurança que tem o ministerio maioria na nação : está hoje túdo dividido em Inglaterra, e tantas tem sido as modificações creadas pelos interesses crescentes do paiz, que os principios politicos já não são caracteristicos dos partidos. As questões que os separãm são mais de commercio, industria, e interesses materiaes, do que de principios politicos e moraes. Resulta d'ahi que não havendo para os partidos um complexo de idéas, nem-um ministerio póde dizer que tem maioria no paiz : o de lord João Russell conseguio victorias em umas questões, e soffreu derrotas em outras; deseja retirar-se : mas não ha successores que queirãm o posto, porque sabem que não podem tambem contar com a maioria em todas as questões, e não desejãm subir ao poder na contingencia de se verem obrigados a deixa-lo logo. Pode-se diser que é Roberto Peel o auctor de toda esta anarquia governamental, com a scisão que fez no seu proprio partido, a respeito das questões de cereaes e commercio livre; subirãm estas á altura de principios politicos, tomarãm-lhes a preponderancia, e como

não ha sobre ellas opiniões ainda conformes e fixas, acha-se tudo em um verdadeiro cahos.

Em qualquer outro paiz esta revolução moral dos espiritos, que se nota na Grã-Bretanha, causaria as maiores calamidades, e traria talvez alguma revolução material; em Inglaterra, porém, está o povo tão acostumado a sustentar a tranquillidade, e os partidos a respeitar a ordem publica, que mantém-se o ministerio de Russell emquanto aquelles, que o devem substituir, não concordam nos meios de governo que devem empregar, e não contam com o apoio dedicado e sincero da maioria.

Como quer que seja, o systema representativo padêce com este facto anomalo, por que sem partido organisado não pode elle subsistir : verifica-se porém que não é possivel conhecer-se hoje na Inglaterra qual é a maioria do paiz em todas as questões politicas e administrativas, porque differentemente se patentêa ella sempre que tem de manifestar-se.

Faz me isto mesmo dizer : « Como é grande este povo! que instinctos governamentaes, e bom senso possùe! »

Quereis apreciar ainda mais as bellas qualidades do povo? Vede como lord Palmerston, para inquietar a Austria, (ingrato que é, porque foi sempre a Austria amiga constante, a alliada fiel da Inglaterra), atira a multidão em torno de Kossuth, fa-la applaudir, os seus discursos, e gritos de guerra, e deixa o leão en-

tregue a seus institutos e furores, sem o menor receio de que contra o seu proprio paiz revolte as forças e liberdade! Aonde, abandonnada á si propria a multidão, seria possivel deter-se espontaneamente, e sem que necessario seja empregar-se os meios coercitivos? Parece o menino que zomba com o fogo; seria fogo, e de grande explosão em qualquer nação do mundo; em Inglaterra, porém, apaga se logo que o governo quer, e dá o signal a policia!

OITAVA CARTA

Novembro de 1861.

Estou em Pariz; preferi vir para aqui ao viajar pela Escossia, Manchester, Birmingham e Liverpool, como fôra a minha a primeira intenção, para o fim de visitar as fabricas e manufacturas dos districtos industriosos da Grã-Bretanha : estava já o tempo tão frio, começava o gelo, cahia a neve constantemente, e mais me aborrecia ver o dia em Londres quasi tão escuro como a noite. Corri para Pariz, aonde corre de certo mais doce o clima, e não me acho ao menos, ao meio dia, no meio das trevas.

Estou em Pariz, e em uma republica; e republica democratica, de liberdade, fraternidade e igualdade. Desejaria ver em França a todos os nossos republicanos de bôa fé, para que assistissem ao espectaculo que apresenta este desgraçado paiz; anarquia no governo, anarquia no parlamento, anarquia no povo, anarquia nos espiritos, anarquia em todos os poros da sociedade, e anarquia que se infiltra e transborda por toda a parte! é o que veria: e com isto a miseria das classes baixas, a decadencia da industria, a diminuição do commercio, a prostração de todas as forças sociaes, a desmoralisação geral, e um futuro desconhecido, medonho porém, horrivel, e monstruoso, que é o que promette o systema do communismo, que ganha um a um os homens do campo, os obreiros das cidades, e os soldados do exercito.

Dirme-iãm em bôa fé, se queriãm ainda para o seu paiz semelhante systema do governo, que alargando o campo a todas as ambições legitimas e illegitimas, desligando todos os laços sociaes, desorganisando todas as idéas de governo, e nem — uma base nem — um limite, e nem — uma garantia offerecendo á segurança publica e individual, e aos direitos do cidadão, acaba com todas as liberdades, subjuga e violenta as consciencias, comprime as vontades, e reduz o povo ao jugo da maior escravidão!

Que paiz ha no mundo hoje aonde menos se goze de liberdade do que em França? Que povo ha e

é mais escravo? Que legislação mais compressiva? Que policia mais violenta e cruel?

Fallavãm os liberaes do governo pessoal de Luiz-Philippe; accusavãm os seus ministros de não passarem de instrumentos de uma politica exclusiva; e quem caracterisa melhor o governo pessoal do que a presidencia de Luiz Napoleão, que governa por si e absolutamente, e só assim poderá conservar a ordêm material?

Nem Luiz XVIII, nem Carlos X, nem Luiz-Philippe prendêrãm a imprensa com legislação tão compressiva como a que a rege actualmente; é menos de certo a censura prévia que o deposito de uma somma enorme, a publicação dos nomes dos escriptores, as penas de sequestro antes de julgamento, e as longas detenções e multas pecuniarias excessivas depois de sentença, dependendo esta quasi que mais de empregados escolhidos pelo governo, e amoviveis á sua vontade, do que de jurados, que representãm nos delictos da imprensa uma parte muito secundaria.

Clamavãm contra o numero de soldados aquartelados nos arredores de Pariz, porque tendiãm elles á acabar com a liberdade do povo: maior numero de tropa se acha hoje estacionada dentro dos muros de Pariz; em todos os cantos de ruas, em todas as praças e edificios; em todos os estabelescimentos publicos, vêdes soldados armados; no páteo das Tulherias, aonde, no dominio dos reis, era livre o passeio, e nem-uma

espada ou espingarda se notava, está agôra postada a artilharia; mais de 50 enormes bocas de fogo, com balas, e polvora, e a tropa preparada e municiada para todo o instánte; em Vincennes e outros arredôres a cavallaria, que ao primeiro signal apparecerá em campo; e isto tudo em nome da liberdade e para defender a liberdade! E desgraçadamente, como o obsorvam os factos, parêce que não ha aqui outro meio de governo para salvar a sociedade ameaçada!

Segundo a linguagem dos liberaes não era a nação representada devidamente, durante os governos execrandos da monarquia; proclamárãm o suffragio universal; logo porém depois o abolirãm, porque conhecêrãm que em vez dos generaes vinhãm para o parlamento os sargentos, em vez dos proprietarios os criados, e dos banqueiros e agricultores, os mendigos e saltimbancos.

Havia no tempo das monarquias ministros como Villèle, Richelieu, Decazes, Guizot, Martignac, Serres, Thiers, Molé, Broglie, Soult, Perrier. O que ha hoje? Quem são os ministros? Os proprios nacionaes os não conhecem, e nem lhes acertãm com os nomes, e os estrangeiros riem-se á custa da decadencia desta grande nação, que poderia ser indubitávelmente a primeira nação do mundo, porque tem em seu seio todos os elementos proprios para isso, e nem-um povo a iguala em intelligencia; entretanto, pelo seu pouco senso, cahe em tão miseravel estado que causa dó!

Ah! meu paiz! meu paiz! Na leitura dos successos da França aprendei cada vez a estimar mais e sustentar as instituições que possuis, e o throno glorioso que fundou um heróe, e que é occupado agôra por seu illustrado filho, base e garantia da nossa prosperidade e do nosso porvir!

Nem sequer esta republica tem produzido talentos que chamem a attenção. O propro Falloux, que como parlamentar só agora é appareceu, já tinha bello nome como escriptor no tempo do governo de Luiz-Philippe; Cavaignac e Changarnier haviam ganhado tambem, durante essa época, os seus postos militares nas campanhas d'Africa quado commandava o marechal Bugeaud.

E que differença se nota na litteratura de hoje! A livraria quasi que desappareceu; a maior parte dos livreiros quebrárãm com a revolução de fevereiro de 1848; parece que se declarava tambem ella pelas trevas e contra as letras; Pariz que era o bazar das sciencias, letras e artes, e que convidava o estrangeiro a vir em seu seio para admirar as producções de seus filhos, os escriptos, quadros, e descobrimentos de tantos genios que honravâm o seu nome; Pariz, que parecia uma grande livraria e um grande museo, nem se parece o mesmo Pariz! A Republica como que tem vergonha de mostrar as suas producções republicanas!

Morrêrãm muitos periodicos litterarios; alguns que

resistirãm á tempestade não conseguem os lucros de outr'ora; os romances, peças de theatro, poesias, e a litteratura alegre e divertida, que todos os dias fallava ao espirito e conversava á mesa, nos passeios, e bailes, e que dormia até no nosso leito; procura se hoje em vão; cousa boâ que se ache ainda pertence á ruim época das monarchias!

E uma ou outra obra nova que se publique, e tenha merito transcendente, como as de Guizot, Thiers e Barante, parece verdadeira lamentação dos tempos passados, e imagem viva delles ao mesmo tempo; são os seus autores os homens detestados de épocas actualmente tão execradas! Lêde-as, e conhecereis que encerrãm a satyra mais amarga que Juvenal poderia escrever contra as éras desmoralisadas.

Havia no tempo de Luiz Philippe moços que, nascidos nos degráos do trono, gloriosos por seus antepassados, respeitados e por sua familia e posição, corriãm ás armas para ganharem por si um nome, um nome pessoal, só a-si devido; seu braço, seu sangue, e sua vida davãm á França, e illustrárãm a França; forão os campos da Africa atravessados por Orléans, Nemours e Aumale; estão as cinzas de Mogador revolvidas por Joinville, que n'aquelle combate famoso, e memoravel victoria, provou que era o primeiro almirante do seculo : expulsos hoje, e desterrados vagam os principes, que tanto ennobrecêrãm o seu paiz! E quem pela França se sacrifica actualmente? Que é da

devoção, enthusiasmo, e amor da patria, que fervia nos peitos d'outr'ora?

É tudo medo, e susto actualmente : ninguem se considera seguro; ninguem conta com o dia seguinte; o poder executivo precisa de força, que não pode recebêr do legislativo, e nem do povo; estão todos brigados porque nem-um se fia no outro; e praticãm por isso actos de estonteados, como que em delirio; poisque nem-um sabe quem terà por si a nação; e ignora esta tambem o que deve fazer, e o como avalie os seus representantes, nem qual o destino que a aguarda. Está tudo dividido, intrigado, e inimizado; forma-se ao longe uma nuvem de communismo que ameaça absorver a sociedade, e reduzir a França a um cahos, do qual não achareis exemplos na historia do mundo, nem durante o imperio romano, com a invasão dos povos do norte, e a decomposição das associaçôes e nacionalidades que então existiãm.

Como sahir destas difficuldades, e escapar a estas calamidades previstas, ignoram todos; a assembléa legislativa, se não estivesse tão dividida, e a maioria tivesse um só pensamento, e um só fim, acharia uma solução qualquer; no estado porém, em que se acha, nem-um valor lhe resta, e nada conseguirá, porque estraga as suas forças em lutas extravagantes contra o poder executivo, fazendo crer que está o perigo aonde todavia não existe. O presidente da republica poderá por si salvar a nação? Só Deos conhece o fu-

turo. A luta entre o presidente e a assembléa, que fracciona o partido da ordem, proveita só aos demagogos, socialistas, communistas, e sectarios de systemas destruidores da sociedade, familia e propriedade : devêra ser o combate entre o partido da ordem e os vermelhos; deveria ser a contenda entre o *to be or not to be* da sociedade!

Trouxe tudo isto a revolução de 24 de fevereiro de 1848 : é a consequencia da inauguração em França do systema republicano!

Fallei com Molé, Thiers, Berryer, Tocqueville, Donozo Cortez, e varias notabilidades, nacionaes e estrangeiras; convenci-me que divergem sobre os meios de salvar a França; que ignoram que sorte caberá a um tão bello e glorioso paiz!

E foi para assistir a este espectaculo, e presenciar talvez alguma revolução que eu aqui vim! Não o precisava para ser um devotado monarchista de coração e de cabeça.

NONA CARTA

Dezembro de 1851.

Na manhãa do dia 2 de dezembro espalhou-se em Pariz uma noticia grave : o presidente da republica

acabára com a constituição, dissolvêra a assembléa nacional e o conselho d'Estado, prendêra os principaes e mais illustres deputados, Cavaignac, Thiers, Lamoricière, Changarnier, Bedeau e Leflo, reunira na cidade uma força militar de cerca de 120,000 homens dedicados á sua pessoa, declarára Pariz em estado de sitio, e convidára o povo para reunir-se em comicios no dia 12, e declarar si approváva o que fizera, e uma nova constituição que lhe appresentáva.

Após logo d'esta noticia soube-se que muitos deputados, não podendo reunir-se no edificio de suas sessões, ajuntárãm-se em uma casa publica da mairie do 10° districto, abrirãm assembléa, e achando-se em numero sufficiente para deliberar, decidirãm suspender o presidente da republica das suas funcções, e nomear commandante em chefe do exercito o marechal Oudinot, que conquistára ultimamente a cidade de Roma.

Marchou porém contra elles a força publica; e apezar de que o marechal Oudinot proclamasse ao exercito, e Berryer pretendesse mover o povo, forão presos todos e conduzidos a Mazas.

O povo de Pariz estava como estupefacto! Apenas aqui e ali se ouviãm vivas á republica e á defunta constituição, aos quaes a tropa respondia com vivas a Napoleão.

Correu pouco depois que os juizes da côrte alta se apresentárãm immediatamente no palacio de justiça, e em virtude dos poderes que lhes dava a constituição,

declarárãm Luiz Napoleão suspenso da presidencia da republica, e lavrárãm contra elle mandado de prisão. Lá foi ainda a tropa, e em poucos minutos os velhos juizes forãm mandados para as suas casas, e dissolveu-se a alta côrte.

Pariz ficou occupado militarmente por toda a parte.

Pelas tres horas sabia-se os nomes das pessoas presas : e quem erão? Quasi tudo que tem a França de mais illustre na politica, exercito, letras, e artes; tudo o que a honra e tem honrado o paiz aos olhos do estrangeiro.

Além dos cinco primeiros generaes francezes, cobertos de cicatrizes e gloria, Chargarnier, Oudinot, Cavaignac, Lamoricière e Bedeau, apparecem na lista dos presos Broglie, Berryer, Thiers, Daru, Odilon Barrot, Dufaure, o almirante Lainé, Dupetit-Thouars, Falloux, Rémusat, Tocqueville, Vatimesnil, Piscatory, Passy, Duvergier de Hauranne, e Pastoret; e se escapou o condé Molé, appareceu a distribuir-se de noite uma carta sua, dizendo que lhe não permittirãm reunir-se aos seus collegas, e que partilhava todavia a responsabilidade dos actos por elles praticados.

Foi bêm calculado, e habilmente desenvolvido este golpe de estado, e com tanta promptidão e tão feliz successo executado, que, apezar de muitos o esperarem, espantou á todos, e a prisão repentina das notabilidades politicas como que prostrou a todos.

O dia 2, e a noite respectiva, passárãm-se sem

novidade. Notava-se apenas que o povo dava vivas á republica, e a tropa a Napoleão. Podia-se porém passear por toda a parte, ouvir as conversações dos grupos, e desde logo prever que a revolução não tinha terminado.

Foi preciso o golpe de estado para salvar a França da anarquia, e do monstro do communismo, que a ameaçáva devorar? Conseguiria acabar a revolução? São questões de futuro. É verdade que a assembléa estava dividida em muitos partidos que se não entendiãm, e composta de inimigos irreconciliaveis : que era um impossivel combinar-se, e nem se tinhãm combinado. Nem-uma força moral tinha ella perante o paiz. Cada dia, com suas divergencias e intrigas, perdia terreno, e se compromettia perante a opinião publica.

Ganhava ao contrario Luiz Napoleão quotidianamente, porque apresentava como seu inimigo a assembléa; imputava-lhe os males do paiz, e cobria-se com a autoridade que lhe havia dado a nação para collocar-se no campo do direito e da legalidade.

Nunca ousaria a assembléa praticar acto algum directamente contra elle, porque a maioria se não prestava; si uma ou outra vez se declarava contra o ministerio, ou contra uma idéa politica, nas questões graves, como a dos questores, deu ao presidente da republica grande maioria e força : era todavia um embaraço, que tendia á desmoralisar a auctoridade, en-

torpecêr a marcha da administração, inquietar e agitar os animos, deixando que ganhasse forças e incremento o partido demagogico, que unico lucrava com as luctas intestinas dos homens de ordem, e principios governamentaes.

Conviria que deixasse o presidente perder-se a força que conquistára?

Não de certo : seria a morte da sociedade. O que fazer então? Foi talvez um erro collocar-se o presidente na posição do direito da força, deixando á assembléa a posição da força do direito! E que posição coube ao paiz? A victoria hoje contra o Presidente seria de certo em favor dos vermelhos.

Eu que sou por excellencia legalista, e que reprovo tudo o que se faz contra a lei, não posso deixar de estigmatisar este golpe de estado, que foi uma verdadeira revolução e peior que todas, por que veio decima.

Tão pacifico não amanhèceu o dia 3. Durante elle cerca de doze barricadas se levantárãm em diversos logares, e organisadas pelos vermelhos; houve alguns pequenos combates, sangue derramado, algumas mortes, e entre ellas a do um deputado, Baudin, revolucionario e communista da quinta essencia. A população sãa não tomou posição nem-uma; não foi a guarda nacional chamada. Ficou travada a luta entre os vermelhos e a tropa. Mas os esforços daquelles parecião não ter unidade e nem direcção. A

tropa facilmente destruio as barricadas, e effectuárãm-se muitas prisões nas classes operarias: passou-se a noite de tres sem novidade notavel.

Apresentou-se o dia 4 mais carrancudo. A insurreição parecia ganhar terreno; dando vivas á republica, atacou a tropa que ficára destacada nos bairros Santo Antonio, Templo e Bastilha: fechárãm-se por ordem do governo as lojas e casas, prohibio-se o transito de carruagens, e cortárãm-se as communicações todas para os districtos do combate.

Foi tão previdente Luiz Napoleão, que prohibio que a guarda nacional pegasse em armas, e fechou as portas de Pariz para que não viessem dos campos e arraiaes vizinhos recrutas para os seus adversarios. Da minha casa, cuvia eu a fuzilaria, e o estridor do canhão, que destruio algumas casas do boulevard Poissonnière, e suas visinhanças.

Não se podia sahir á rua: soavãm balas ao ouvido, e forãm muitos curiosos victimas da sua imprudencia. Notãm-se ainda agora signaes caracteristicos do combatte, pelas paredes, janellas, e portas dos edificios; nos faubourgs Montmartre, Poissonnière, S. Diniz, Santo Antonio, Templo, e São Martinho, foi immenso o destroço.

Amanheceou o dia 5 sob o mesmo aspecto de combate: estavãm formadas barricadas enormes.

Julgou o Principe que era prudente faser concessoes aos monarquistas; de quem se não temia, e que

poderia attrahir á si, como homens de ordem; mandou soltar a todos os deputados com poucas excepções; addiou a convocação do povo para deliberar si approváva a nova constituição da republica; modificou algumas deliberaçoes tomadas, e appellou para os homens de ordem para que o adjudassem contra os communistas, que haviam pegado em armas.

Desde esse momento tornou-se a questão simples; os soldados encontrárãm no espirito do povo uma reacção favoravel ao governo: mudaram-se os animos, e se foram chegando para o Presidente, preferindo que vencesse como elemento de ordem sobre os destruidôres de toda a sociedade, e fautores de anarquia: podia-se dizer no dia 6 de manhãa que a ordem publica se achava restabelecida na capital, e voltava ella ao repouso e aos negocios.

Abrio-se a maior parte dos armazens, lojas, theatros, jardins e passagens: grande parte da tropa recolheu-se a quarteis, e viãm-se innumeros curiosos a observar os destroços e ruinas da artilharia, os furos das balas da infantaria, e ainda as manchas de sangue que se notavãm nas paredes e portaes das casas e edificios.

Foi um grande beneficio para a França a attitude que tomaram os partidos conservadores; se não é abafado o movimento dos vermelhos da capital, poder-se-hiãm levantar iguaes movimentos nos depar-

tamentos; e quem se consideraria seguro na anarchia geral?

Os fundos publicos, que durante estes desgraçados dias haviam decahido enormemente, voltárãm ao seu preço regular.

Quando eu vi a guerra travada : quando desgraçadamente passando como curioso, notei as figuras patibulares, e horrorosas como as furias do Averno, que convidavãm o povo á revolta, e praclamavãm o exterminio da propriedade, da familia e da sociedade, confesso que tive medo, e tratei logo de estar preparado para passar-me para a Inglaterra, si por accaso não se declarasse a victoria pelo presidente e pelo exercito, que defendiãm ao menos a sociedade e a ordem.

E são estes os resultados da revolução de 24 de fevereiro de 1848!... Os effeitos da grande republica que proclamárãm, e que devia felicitar á França, que se dizia desmoralisada pelo governo de Luiz Philippe?

O que me parece certo é que não se coadúna uma republica regular e pacifica, com os costumes, habitos, e enthusiasmo dos Francezes.

Mirem-se os politicos neste espelho, e conheçam que sómente se frue a liberdade quando o poder tem garantias, são as instituições respeitadas, e obedecidas as autoridades; e que é mais facil gozar-se de liberdade inteira em uma monarquia do que em uma

republica como esta, pomo de discordia eterna entre todos os ambiciosos.

DECIMA CARTA

Dezembro de 1851.

Serenou a tempestade. Pariz e a França subordinárãm-se a Luiz Napoleão : correu lhe tudo ás mil maravilhas, e a decisão e energia, que lhe descobrirãm, trouxerãm para o seu partido a todos os timoratos.

Para conhecer-se o povo francez, e desenhar-se-lhe a physionomia movel e inconstante, basta a historia do mez de dezembro de 1851.

A publicação do golpe de estado do Presidente da Republica causou espanto e admiração ao principio : doze horas depois lavrava já contra elle uma surda opposição em todas as classes da sociedade ; dir-se ia que Pariz todo o não aceitava, e não se ouvia a Francezes senão protestos e queixas contra o presidente. Entendiam muitos e de bôa fé que se poderia reorganisar o paiz, e restabelescer os bons principios politicos, sêm que o governo tomasse a posição de revolucionario.

Pegãm os socialistas em armas; lavra a guerra civil dentro dos muros de Pariz, no meio das ruas e praças; brilha o fogo, corre o sangue, barricadas sobre barricadas se levantãm, move-se a tropa por todos os lados; quasi que nem-um paizano mostrou sympathia pelos soldados; eram estes os unicos que davãm vivas a Luiz Napoleão.

Dura o combate dous dias; Luiz Napoleão revoga os decretos que estabelecem eleiçao publica e immediata; alguns legitimistas e orleanistas começãm a temer que maiores desgraças appareçam no caso de vencerem os socialistas, porque não têm um governo prompto para substituir a Luiz Napoleão, e o resultado não pode ser senão a republica vermelha; vai logo a opinião publica tomando diversa direcção; já muitos cidadãos apoiãm ostensivamente a tropa, felicitãm os soldados pelo seu valor e disciplina, prestam-lhes auxilio, que bem mereciam elles: tres dias estiverãm batendo-se no meio de dias nebulados e frias noites com uma resignação heroica!

Deu por fim a victoria muita força ao Presidente augmentou-lhe o numero dos partidistas, creou-lhe prestigio, e para dizer a verdade, salvou a França do abysmo, sobre que pairáva, e do qual não poderia talvez sahir si não fôra empregado este meio.

Levantãm-se porem os socialistas nos departamentos logo apóz; commettem horrores aonde vencem, e coisas que parecem impossiveis na actualidade,

neste seculo de luzes e de civilisação; horrores, que fazem recuar a França aos tempos das famosas *Jaqueries*. Luiz-Napoleão desenvolve extraordinaria energia, e consegue vencer por toda a parte.

A reacção em seu favor adquirio com isto novos elementos, e ganhou ainda mais terreno : dez dias depois daquelle em que, dissolvendo a assembléa e o conselho de estado, annullou a constituição, e plantou a dictatura, era já appoiado por uma immensa maioria da França, que deu-lhe provas de sua affeição com a espantosa votação dos dias 20 e 21.

Verdade é que a França tem seu lado defensavel nesta circumstancia. Nada trouxe mais força a Luiz-Napoleão do que o levantamento dos socialistas na capital e departamentos. Este facto deu á França a convicção, que só ligada ao Presidente podia salvar-se dos furôres de semelhantes demagogos. Adoptou por tanto a França a sua causa : orleanistas e legitimistas votárãm por Luiz-Napoleão; sô se abstiverãm de o faser os chefes antigos : os votos que lhe forãm adversos partirãm dos republicanos moderados, que formãm o partido de Cavaignac, Marrast, e Arago.

A todos se ouvia dizer : — Entre o governo militar e o demagogico não deve haver hesitação; antes o sabre do soldado do que o punhal do socialista.

E nesta parte tinhãm razão, e razão de sobra : é preciso vir a Pariz para conhecer o que é o blusa, verdadeira arraya miuda, na phrase expressiva do nosso

Fernão Lopes, com figuras patibulares, olhos de tigre, unhas de dragão, roto, esfarrapado, e sequioso da fortuna alheia, e do sangue do aristocrata, e homem rico; si vencesse, teriamos as monstruosas scenas da primeira revolução, os massacres dos prisioneiros nas cadêas, e todas as peripecias com que nos espanta a historia.

Não; não devo ser considerado suspeito; quando me lembro do golpe de estado de Luiz-Napoleão, exaspero me ainda, custa-me a conter a reprovação que dou a semelhante attentado, porque sou por excellencia homem da lei e da ordem; e si censuro e combato os movimentos armados e revoltas populares, censuro e combato tambem os attentados dos governos contra as instituições; porque são ambos crimes, e crimes de lesa nação.

Mas a questão chegou realmente a collocar-se neste ponto : ou Luiz-Napoleão dictador, com dez annos de governo, e plenos poderes para dar á França as instituições que quizesse; ou a republica vermelha, demagogica, socialista, communista, e sanguinaria

Ao menos com o governo de Luiz-Napoleão ha garantia de vida, propriedade, familia, ordem e tranquillidade : com o dominio communista quem póde dizer até onde chegariãm os horrores?

Entendo que os partidos monarchistas andariãm melhor si se abstivessem de votar; mas querendo, fazelo, não tinhãm outro recurso senão appresentar-se em

favor de Luiz-Napoleão, deixando adiadas para o futuro as suas esperanças e desejos.

E feita a votação, é claro que o povo francez deu bill de indemnidade a Luiz-Napoleão, e validou o seu poder e autoridade : não ha mais que procurar hoje a sua origem impura e violenta; não ha mais que notar o conspirador de Strasburgo, Bolonha e Pariz. Luiz-Napoleão é a autoridade actualmente constituida e legalisada pela nação franceza : merece como tal todo o appoio e respeito.

Delle tudo depende agora : trabalha por dar á França uma constituição que parece ser modelada pela do anno VIII da primeira republica, com uma camara legislativa, um senado conservador, um conselho de estado consultivo, e um presidente por dez annos com amplas attribuições executivas.

Si fôr feliz, e der á França paz e prosperidade, seu nome tomará proporções elevadas na historia, e os erros da sua mocidade serão compensados pelos seus bons feitos futuros.

Si porém desgraçado, e não salvar a França, não passará de um desses tribunos revolucionarios, como Rienzi, Savanarola, ou Mazaniello, que só servem para heróes de melodramas.

Para o passado não se póde retroceder; convém agora olhar para o futuro, e prepara-lo, afim de que os principios demoralisadores e anarquicos não consumãm pelo coração a organisação social : não são só-

mente os tumultos materiaes que trazem perigos; ás vezes não affectãm senão a superficie da sociedade, entretanto que as idéas anarquicas e immoraes entranhãm-se pelo seio dos espiritos, geram raizes, e minãm lhes até o intimo.

Parece que o dedo da Providencia andou em todos estes acontecimentos da França para castigo della; os crimes de Sodoma e Gomorra trouxerãm-lhes a colera celeste : Pariz e a França tem tambem grandes peccados, para os quaes, si as penas não devem ser tão pesadas e crueis; cumpre-lhes ao menos fazer alguma penitencia.

Nunca os Francezes gozárãm de tanta liberdade como no tempo do reinado de Luiz-Philippe : era o modelo do rei constitucional; a personificação do monarcha intelligente, que, como qualquer subdito, se sujeita ás leis e ás instituições; era demais o homem de bem, o pai de familia, o esposo exemplar; deu á França desoito annos de paz interna, ao passo que disciplinava os seus exercitos nos campos da Africa, e exercitava a sua marinha nas aguas de Mogador.

Não o quizerãm porém os Francezes; preferãm-lhe a republica; desappareceu a liberdade; perturbou-se a ordem publica; escondêrãm-se as riquezas; diminuio o commercio; decahio a industria; foram-se debilitando as forças sociaes, até que Luiz Napoleão afogou a republica no desprezo com que era olhada, declarou-se dictador, e disse aos Francezes : « Precisais

de um governo forte que subjuge e comprima a revolução. » E os Francezes o applaudirãm.

Têm Luiz Napoleão muita intelligencia, espirito atilado, decisão e energia superiores : começou já a satisfazer os interesses primarios da França, concedendo favores á industria e commercio, facilitando a creação de novas linhas de estradas de ferro; e animando o desenvolvimento dos progressos materiaes; e para agradar á tropa, que tão fiel lhe foi, determinou que se egualassem os soldos de lutas intestinas aos de guerra externa, e deu habitos da Legião de Honra aos soldados e officiaes que mais se distinguirãm no combate contra os socialistas.

E após a eleição e a nova organisação que ella validou, começárãm as festas religiosas e civis em honra do dictador. Te-Deums em todas as egrejas da França, bailes nos estabelecimentos publicos, saráos nas diversas secretarias de Estado com todas as formalidades do antigo imperio, áos quaes elle assiste, cercado já de numerosa corte.

Apezar, porém, de todos os ares festivos que se tomam, ha como que uma sombra negra que escurece o horizonte de Pariz, e traz-lhe um colorido de tristura e melancolia : é ella sempre uma cidade formosa; e com quanto não possua as longuissimas ruas de magnificos palacios que tem Londres; faltando-lhe limpeza e asseio que caracterisa o gosto inglez, o qual se revela no interior da familia, nos templos, praças,

ruas, e campinas que se estendem por toda a Inglaterra, e que encantãm os olhos, tem Pariz todavia feitiços que attrahem mais o estrangeiro, e o captivãm em gráo muito mais subido do que a metrople da Grã-Bretanha.

Quem entretanto, conheceu Pariz no commeço do reinado de Luiz-Philippe, e a vê agora, descobre-lhe uma differença no seu material que prova a dedicação e gosto deste desgraçado rei. Tres grandes monarchas teve a França para obras publicas, monumentos grandiosos, e florescimento das artes : forãm Luiz XIV, Napoleão, e Luiz-Philippe; qualquer delles enriqueceu esta terra com obras que a posteridade conservará em grande valia.

Olhai para o riquissimo castello de Saint-Cloud com o seu pittoresco parque e cascatas gigantescas; para o grandioso palacio de Versailles, e seu soberbo museu de pinturas, esculpturas e moedas, e jardim sumptuoso de estatuas e repuxos; observai o Louvre com as extensas gallerias, que o ligam ás Tulherias, Fontainebleau com sua floresta e edificios tão historicos; virai-vos para as egrejas de S. Vicente de Paulo, Magdalena, e Pantheon; para o arco de Triumpho, e praça da Concordia, ornada com um magnifico obelisco, fontes e figuras gigantescas; reparai emfim para toda a cidade de Pariz e seus arredores, e vir-vos-hão logo á memoria os nomes de Luiz XIV, Napoleão, e Luiz-Philippe que si não são os auctores de todos estes

monumentos, os restauraram pelo menos, augmentaram, e embellesaram.

Repito porêm que, apezar de todos os melhoramentos materiaes que obteve a cidade de Pariz, não me parece tão risonha, como no tempo de Luiz-Philippe, e tão alegre, e prazenteira como era. As festas de hoje assemelhãm-se a comedias que se representãm : erão então naturaes; todo o povo fallava o que queria, dizia o que lhe agradava; hoje póde-se dizer unicamente o que se permitte, e os periodicos publicãm só o que a censura approva : não é permittido lèr jornaes da Inglaterra e Belgica, porque o governo prohibio a sua introducção.

Não devem portanto os espiritos estar quietos, si bem que nada possãm manifestar; grandes acontecimentos passãm pelo mundo; o golpe de Estado de Luiz-Napoleão trouxe como consequencia a revogação da constituição dos Estados Austriacos, que o imperador concedêra a seus povos em 1849, e a quéda de lord Palmerston, ente inintelligivel, porque sendo pela maxima parte revolucionario e anarquico, reunia idéas as mais disparatadas; açulava aqui as más paixões demagogicas, ali animava os instinctos absolutistas, que são quasi tão ruins; parecia que não tentava senão desorganisar e anarquisar as demais nações; sustentava-se interiormente no partido radical, e adoptava entretanto principios os mais oppostos.

Estes grandes acontecimentos devem trazer ao mundo resultados tambem grandes.

Si o nosso paiz, a quem tudo quanto ha de bom concedeu a Providencia, para florescer e prosperar, tirar de todos estes acontecimentos a lição que elles offerecem, não posso senão levantar as mãos e os olhos agradecidos para céo, e render-lhe fervorosas graças! Temos um monarcha, symbolo de intelligencia; possuimos instituições as mais livres que possãm existir, as quaes garantem direitos, que nem-uma constituição franceza reconheceu ainda, e direitos importantissimos individuaes, como o da inviolabilidade do asylo, e de pessoa, antes de culpa formada, e pronuncia, e o de habeas-corpus contra qualquer arbitrariedade; é a nossa constituição a terceira hoje em edade, porque mais velhas do que ella são unicamente a carta ingleza e a constituição dos Estados-Unidos; é o nosso solo fertilissimo, entrecortado de tantos milheiros de correntes d'agua naturaes, e dotado de um clima que reune as bondades de todos os outros climas; gozamos de uma costa admiravel sobre o oceano atlantico; o que precisamos para em pouco tempo chegarmos á altura e engrandecimento que deve uma nação invejar?

Fundarmos em bases inalteraveis a ordem publica! Basta para isso executar e desenvolver as nossas admiraveis instituições.

Tenhamos ordem publica que teremos liberdade,

por que já não corre a liberdade perigo algum no Brazil; não ha poder que no-la possa roubar : demos assim ao estrangeiro todas as garantias de segurança e propriedade, que bastâm alguns annos para que o Brazil apanhe veloz carreira, e progrida espantosamente!

Que bello papel já representamos actualmente perante a Europa, porque gozamos de paz ha quasi tres annos! Como a questão do Prata nos tem trazido consideração! Como temos espantado a estes povos, e estadistas europêos, que nos não encaravãm senão como uma nação fraca, anarquisada, e habitada por maioria de escravos!

Não tinhamos até aqui na Europa o credito que deviamos ter, e ao qual nos competia indisputavel direito; eramos confundidos com as miseraveis repubIiquetas, que passãm o seu tempo a mudar de governos e instituições, e a estragar as suas forças nas guerras civis.

O estado de paz em que se acha o Brazil ha quasi tres annos, e que lhe vai dando tanto florescimento, já augmentando as suas rendas, e já desenvolvendo os seus progressos materiaes e moraes; e que permittio ao nosso governo crear e executar uma politica não só de interesses presentes do paiz, mas de seus interesses futuros, e de influencia politica sobre os nossos conterraneos das margens do Prata; este estado feliz e esperançoso tem modificado a opinião da Europa a

nosso respeito, e trazido importancia para o nosso paiz.

Continuemos : abracem ambos os partidos uma idéa, um axioma, uma regra invariavel para todos; união pela sustentação da ordem publica contra revolucionarios; união pela dignidade do paiz contra os estrangeiros que a não respeitarem.

UNDECIMA CARTA

Janeiro de 1852.

Como é bello este Pariz! Quantos encantos, divertimentos, prazeres, e delicias reunidas! Aqui é que é viver; em todos os demais logares vegeta-se sómente. Não se tem a grandeza, magestade, e magnificencia de Londres, que é realmente a capital, e metropole do mundo; não se admiram as linhas de palacios, que possue Petersburgo e Berlim; não se avista o mar a brincar sobre as limpidas praias, ou lutando contra os enormes penedos, e ilhas pittorescas, como em Napoles, Genova, Rio de Janeiro, Bahia, Constantinopla, Lisbôa e Palermo; não se descobrem as florestas de mastros de navios por cima das aguas azues dos mares: não se admirãm os restos de marmore, e grandes

reminiscencias historicas de Roma, Veneza, Jerusalem, e Athenas; não. Ha porém um não sei que liga, e prende o estrangeiro, e o torna tão Parisiense como o proprio Parisiense : ha tanta alegria em todos os semblantes; tanto gosto aqui e ali espalhado, e por toda a parte; tanta variedade de luxo e curiosidades, que sobresahe sem duvida Pariz a todas as demais cidades da Europa.

Nem-uma possue tão grande numero de theatros que representãm quotidianamente todos os generos de dramas; e merecem os comicos francezes a primazia sobre todos os outros comicos, porque pode-se dizer sem receio que por sua natureza nasce o Francez comico e habitua-se a representar a comedia em todas as scenas da vida publica e privada; nem-uma cidade orna-se com passeios tão pittorescos; são os Campos-Elysios dignos realmente deste nome fabuloso; os jardins das Tulherias e Luxemburgo, a soberbissima praça da Concordia com seu obelisco, e a de Vendome com sua columna; os cáes á beira do tranquillo Sena, os boulevards, reunião de todo o mundo elegante; o soberbo bosque de Bolonha com seus lagos, e perspectivas, e a admiravel cidade de mortos appellida *Père-la-Chaise* que domina pela sua altura a cidade dos vivos, entrecortada tambem por praças e ruas com denominação e numeros, e aonde a cada passo gemem sob vossas pisadas as cinzas de um homem illustre, ou Lafontaine, e Molière, ou Racine,

Filinto Elysio; Casimiro Perryer, ou Foy; Abeilard, ou Cuvier! Para entreter ainda mais os espiritos, cerca de 60,000 homens de tropa de linha fazem agora continuos exercicios no vasto campo de Marte, e nas ribas do Sena, appresentando o espectaculo de uma batalha, um assalto de praça, ou uma passagem de rio, representando estes os inimigos, e aquelles os sitiados; e os velhos invalidos, ao mesmo tempo que gardãm no seu magestoso palacio o tumulo precioso de Napoleão, a espreitar si mostrãm os seus successores habilitações precisas para ganhar victorias como elles as ganhárãm em Hohenlinden, Marengo, Austerlitz, Iena, e Ratisbonna.

É hoje o militar o homem, e heróe do dia; acabou-se o governo dos advogados, litteratos, e parlamentares; predomina em França a dictadura militar. Ide a um baile, a uma funcção qualquer, no Elyseo ou nas Tulherias, onde já se fazem as recepções officiaes, em qualquer secretaria de estado, ou edificio publico. Conversa agradavelmente Luiz-Napoleão; tem phrases delicadas a dirigir a um estrangeiro ou nacional; um ar insinuante, si bem que severo e reservadissimo: escapa porem apenas aos cumprimentos obrigados, dirige-se logo para o general Saint-Arnaud, ou general Magnan, ou para o general Lavestine, ou qualquer outro militar; descobre-se assim a sua sympathia, e a base em que com razão funda a confiança e força do seu dominio.

Em torno e fóra de Pariz, quantos divertimentos offerecem os villorios de Montmorency com as suas flôres; Bolonha, com o seu bosque; Neuilly, com o seu palacio; Saint-Cloud, com o mais bello castello que possúe a França, e o pittoresco parque que o rodeia; Fontainebleau, com as suas reminiscencias historicas, e a sua floresta de cervos e gamos; e Versailles, com o sumptuoso e esplendido jardim, que mostra as grandezas de Luiz XIV, e o admiravel museo de pintura e esculptura, que manifesta o genio artistico e gosto delicado do rei Luiz-Philippe! Observai o rio; aqui e ali atirados pelas suas margens tortuosas, edificios encantadores, uns mouriscos, gothicos outros, gregos aquelles, e estes modernos com jardins e repuxos, e lá se perdem os olhos de cansados depois de avistar tamanhas bellezas!

Ah! Não ha duvida; é uma grande cidade, e, o que é mais, uma cidade sem rival, cheia de vida, prazeres, e divertimentos : concorre para isso o genio do povo; o obreiro francez, o verdadeiro blusa, com as suas reminiscencias de 1848, é insolente e tem prazer em patentear o seu desprezo pelo homem asseiado e bem vestido; mas o povo francez é em geral ameno, vivo, e intelligente; folga de passear e divertir-se; tem, além disso, muito gosto; é esta realmente a terra do gosto; distingue-se tambem do obreiro o soldado francez, porque, ou pelo costume da disciplina militar, que é uma escola de respeito ás jerarchias, ou por outra

razão qualquer, trata a todos com polidez e acatamento; não vos dirijaes actualmente a um obreiro, que não tereis resposta agradavel; parece que em seus corações lavra o fel amontoado pela derrota que soffrêram, e salta-lhes pelos olhos o odio que nutrem contra quem tem alguma cousa de seu : é isto effeito, sem nem-uma contestação, das doutrinas socialistas que animos perversos infiltrárãm no seio desta sociedade, e que excitou tanta raiva e odio da parte dos obreiros, que nada possuem, contra as classes riccas, e por qual quer forma arranjadas.

E quizerãm converter á força este povo em uma nação republicana, e este grande paiz de 34,000,000 de habitantes em uma republica, sem lhe observarem nos costumes, habitos, caracter, physionomia, desejos e aspirações uma opposição decidida, e que se manifesta logo á primeira vista!

Permitta Deos que a dictadura de Luiz-Napoleão traga beneficios reáes e effectivos á França, que um regimen republicano de quatro annos desmoralisou completamente. A França ancia por um governo forte e energico, que restitua á autoridade a sua força e ás jerarchias o seu prestigio, e dê á sociedade garantias de ordem e repouso, e ás artes e á industria um futuro que lhes permitta prosperar : é este o segredo da grande votação, que deu ao Presidente : o que se precisa é ter governo, e governo que governe.

Como correm aqui os dias á galope! O Louvre

chama a vossa attenção com as suas galerias de quadros; o Palais-Royal encanta-vos com as suas arcadas e lojas de pedras e bronzes; o museu de artilharia mostra-vos ao lado da espada de Henrique IV o punhal de Ravaillac; o instituto abre-vos as suas sessões para ouvirdes discussões profundas sobre as letras, sciencias e artes; os jardins de inverno e de estio, resplandescentes de graças e primores, convidãm-vos a ouvir as deliciosas radowas, ou polkas e mazurkas de Musard; o Opera apresenta-vos as suas decorações, extraordinaria orchestra, e os seus bailes mascarados; o Theatro-Francez faz-vos comprehender o que é uma tragedia representada pela Rachel; no Theatro-Italiano brilhãm Mario, Alboni, Grisi e Lablache; na Opera-Comica, e em mil theatros mais não faltãm divertimentos; e quantos bailes particulares no Elyseu, Tuilherias, Hotel-de-Ville, embaixadas e secretarias de Estado?

Estais enfastiado de admirar as ogivas gothicas da Sé de Nossa Senhora, as flechas encantadoras de Sao-Germain, e de Santo-Eustaquio; a grandeza da Magdalena, e Panthéon, e a immensidade de Sao-Vicente de Paulo? Não quereis repetir os vossos passeios ao Jardim das Plantas, á Sorbona, ás fabricas de porcellana de Sèvres, e de tapetes de Gobelins? Quereis relações com homens eminentes da França? Nada vos é aqui impossivel : estas notabilidades recebem com os braços abertos a um estrangeiro, e si podeis sustentar com elles uma conversação litteraria ou scientifica,

si conseguis agradar-lhes, não sois já um hospede, mas um amigo : recebem-vos com braços abertos Guizot, Molé, Villemain, Thierry, Philarestes Chasle, Reybaud, Marmier, Lamartine, Fernando Diniz, Alfredo de Vigny, Thiers, Berryer, Falloux, e Montalembert, todas as illustrações francezas emfim, que se tornam tão communicativas e merecedoras de respeito.

E corresponde á Pariz a França toda; subordina-se em tudo á Pariz, porque é Pariz ao mesmo tempo a sua cabeça e o seu coração; é para Pariz que ella olha, e de onde recebe o sancto, poisque uma immensa centralisação politica e administrativa liga toda a França á sua capital.

Não procureis aqui estabelescimentos industriáes, economicos, e commerciáes como os de Londres : o proprio Banco de França fica muito aquem do inglez : tem o de Londres em seu seio todas as officinas para o fabrico dos objectos que emprega e necessita, desde a do papel e tinta até a do cunho dos metaes; é um enorme edificio que por dia fabrica e emitte em circulação setenta mil letras, e desconta um milhão de libras esterlinas : só em um quarto de portas, paredes, forro e assoalho de ferro, vi eu trinta milhões de moeda; dous dias inteiros, gastãm seis homens para queimarem as notas de um anno; tambem correm os seus bilhetes pelo mundo inteiro, e conseguem ás vezes um cambio superior ao valor da moeda.

Não procureis tambem em França o aperfeiçoa-

mento do systema penitenciario como se acha na Inglaterra : as prisões da França são muito inferiorés ás da Grã-Bretanha, em belleza e solidez de edificio, e no systema de tratar e fazer trabalhar o condemnado, para que o trabalho o moralise, e ampare nas suas dôres: muitos homens tem estudado em França esta materia, e importantissimas obras se hão publicádo; mas a execução, e prática não correspondem ainda á pratica e execução da Grã-Bretanha e Belgica.

Não existe tambem em França o respeito que o inglez tributa á lei, e a obèdiencia que elle presta á autoridade; ha grande differença entre a educação de um e outro povo; em Inglaterra sobem estas ideias á altura de culto; em França cahem no dominio do ridiculo e da estravagançia. Quando o obreiro inglez acha-se em divergencia com seu amo, contenta-se com retirar-se para a sua casa, não trabalha, e espera que por esta maneira seja o seu amo obrigado a aceitar as suas condições. Apparêce em França divergencia entre o obreiro e o amo, ai deste pobre homem, ai da sua fabrica! O obreiro arma-se, despeça-a, revolta-se contra o governo, levanta barricadas, e mata, e morre!

Verdade é que uma chaga terrivel devora continuamente a sociedade franceza, para a qual se não póde ainda achar lenitivo, sendo á França a unica nação, que soffre um mal semelhante; resulta da lei, e vêm á ser, o contacto livre do condemnado que acabou de

cumprir a sua pena, com os seus concidadãos, que nunca commettêrãm crimes: para cima de quarenta mil pessoas, que os Francezes chamãm *forçats*, e que sahirãm das prisões e galés, existem espalhadas no gremio da sociedade : escusado é pensar que a pena lhes quebrou as forças, e lhes mudou o tempo os instinctos. São os mesmos homens, os mesmos sceleratos, e talvez mais sceleratos ainda com as lições das galés francezas, onde se não admitte o principio cellular de incommunicabilidade e silencio; em todas as conspirações, revoltas, e crimes que necessitãm combinação e reunião de braços, apparecem estes homens á frente, e dão muito que fazer á autoridade.

Nem-um governo francez empregou os meios precisos para livrar a sociedade do contacto perniciosissimo de entes semelhantes; para que entretanto as ilhas de Kutahiva e tantos desertos mais, que estão atirados no seio dos mares? Homens convencidos e condemnados por certos crimes, para os quaes são de galés e morte civil as penas legáes, não devem ser riscados da sociedade, e separados della para sempre? Poupe-se-lhes a vida, mas após o cumprimento das penas, sejam remettidos para longe, afim de lá arrastarem a sua existencia; não se permitta que demoralisem um povo inteiro com o seu hediondo contacto e instinctos damnados.

DUODECIMA CARTA.

Março de 1852.

Bastâm sete horas de tempo para atravessar o espaço que separa Pariz de Bruxellas; e durante o seu curso goza-se da vista de campos admiravelmente trabalhados, e de cidades populosas e fortificadas com fossos, bastiões e portas levadiças, como Arras, Douai, e Valenciennes, de França; e Mons, da Belgica.

Ao passar-se de França para este ultimo reino não se nota differença alguma no terreno, povo e lingua; parece que é o mesmo solo que se pisa, a mesma nação que se encontra : como é diverso o aspecto da Bolonha, Calais, Havre ou Dieppe para quem vem de Londres, ou Folkstone, Douvres, Brigthon, ou Southampton!

Dir-se-hia que a Belgica continùa a França por um lado, e é parte por outro do territorio da Hollanda; si alguma cousa se pode reparar, é que forme ella um reino distincto, porque não se lhe encontra signal algum de espirito nacional ou propriamente de nacionalidade : conservâm as provincias de leste a lingua e costumes flamengos, e a quietação monotona que tanto caracterisa o povo hollandez; as situadas nas

fronteiras da França tomar-se-iam com razão como provincias francezas.

É a sorte de todos os Estados que se formãm, não espontaneamente, por si mesmo, pela sua especialidade, natureza do solo, costumes, limites, posição, e necessidades; organisa-os a politica, ou improvisa-os mais propriamente, arrancando deste e daquelle povo pedaços, membros, e elementos : compoêm assim, tão heterogeneamente, uma nação isolada e independente; desgraçadamente na luta da politica contra a natureza sahe quasi sempre esta vencedora, porque estes Estados não podem possuir uma força propria que os ampare, e livre de serem devorados pelos vizinhos ao primeiro acontecimento.

Tal é a posição deste reino denominado da Belgica : industrioso, activo e trabalhador é o seu povo; as artes mecanicas e a agricultura recebem aqui quotidianos aperfeiçoamentos; são excellentes as rendas do Estado; sustenta um exercito de 70,000 homens; têm no seu throno um rei intelligente, a quem deve sem duvida hoje a conservação da sua autonomia; possue camaras, regimen constitucional, divisão de poderes politicos, uma bella capital, a cidade de Bruxellas, perfeita miniatura de Pariz, com seus 146,000 habitantes, e excellentes palacios, bellas ruas, soberbos edificios e egrejas magestosas; cidades industriaes e importantes como Gand, Liege, Antuerpia, Bruges, Mons, Namur, Ostende, e Malines. É o seu terreno en-

trecortado de canaes e estradas de ferro; felicissimo o seu povo, o mais feliz talvez da Europa; e entretanto a cada instante o povo, e o governo, todos emfim, temem que se perca a independencia nacional, que o reino se desmantele, e que se evapore a nação que se chama Belgica, e não por causas interiores, e nem por guerras civis, mas pela falta de instincto nacional, que vivifica um povo, dá-lhe a força moral, e o faz unir-se na hora do perigo, porque dizem todos — somos Inglezes — Francezes — Russos — ou Brazileiros.

É uma nação independente e livre, mas a cada instante se vê obrigado o seu governo a negar aos proscriptos politicos estrangeiros o direito de asylo, que, sagrado como é, jámais devêra negar-se, porque a França o exige e a Belgica treme ao aceno da França; ultimamente Thiers, o homem de Estado que maior parte teve na organisação deste reino, recebeu ordem do governo belga para sahir do seu territorio; os refugiados que lá se conservãm como Victor Hugo e Changarnier, devem mais o beneficio da sua residencia ao proprio Luiz-Napoleão do que ao governo da Belgica.

Sempre que o rei Leopoldo se vê ameaçado pela França, olha para a Inglaterra; não pesa porem esta actualmente na Europa como pesou outrora; fez-lhe lord Palmerston perder as sympathias da sua melhor alliada do continente, a Austria, e da mais poderosa

nação, a Russia; a Prussia, que lhe resta, não ousa arrostar as tendencias do czar; e si o novo gabinete britannico não reconquistar as affeições e allianças antigas, ou não ligar-se estreitamente com a França, nem poderá a Grã-Bretanha defender os Estados de Hanover, Belgica e Suissa, que tem obrigação de proteger e amparar para equilibrio politico, e garantia do systema representativo.

E que papel representará a Inglaterra si desapparecer a independencia belga? Se a Hollanda, que é sempre apoiada pelos gabinetes prusso, austriaco e russo, lhe arrancar o que lhe pertenceu, e estimará mais Antuerpia ligar-se á Hollanda para formar a união dos portos maritimos dos Paizes-Baixos do que á Belgica, que lhe não póde compensar as perdas que soffreu; e a França reivindicar as suas antigas provincias e cidades francezas, perderá a Inglaterra mais que nem-uma outra nação, e com a perda da Inglaterra perderá tambem desgraçadamente a causa da civilisação.

Perto da Belgica começa a Prussia; que cerco soffre esta pequena nação! A França de um lado, a Prussia do outro, e a Hollanda ao norte! E que tão boa vontade nutrêm todas de tomar-lhe as suas antigas possessões!

Perto da Belgica, encontra-se nas suas fronteiras a cidade de Aix-la-Chapelle, que vive ainha hoje com a lembrança de Carlos Magno; ali nasceu elle; ali plan-

tou a capital de seus vastos Estados; e formou o foco de uma civilisação que o seu genio adivinhou, mas que sua época não permittio desenvolver-se; ali morreu o heróe que espantou o mundo, e que espantará ainda a posteridade, tão superior que foi ao tempo, em que floresceu! O logar, aonde vio a luz do dia, o palacio em que residio, a egreja que guarda o seu tumulo, e a sua cabeça e braço cuidadosamente embalsamados, e conservados, pode ainda agora Aix-la-Chapelle mostrar ao estrangeiro que a visita.

Mais adiante está Colonia, a primeira cidade romana, edificada nos paizes frios; a patria de Agripina, mãe de Nero, a Roma germanica emfim, como os dominadores do mundo a appellidavãm, assentada ás ribas do Rheno, assemelhando-se de longe a uma floresta com tantas torres, torreões e mastros, e apresentando no seu interior um labyrinto de estreitas ruas, e uma collecção de egrejas e edificios gothicos, aos quáes todos sobresahe a enorme e mysteriosa cathedral, que o povo acredita haver sido edificada segundo o desenho do diabo, desenho extraordinario, admiravel, e sublime, que em seu genero não tem rival no mundo!

Possue Antuerpia uma admiravel cathedral gothica, superior á Westminster de Londres, á Nossa Senhora de Pariz, á Santa Gudula de Bruxellas, á de Milão, Ruão, Rheims, e Malinas; honra-se Strasburgo com outra igual á de Antuerpia; nem-uma destas duas ca-

thedraes rivalisa porém com a de Colonha, si bem que inacabada, e que mais parece um cantico de triumpho, que elevava a terra inteira ao Creador do mundo, e que foi abafado pelas trombetas do juizo eterno, do que se acreditaria uma obra feita pelas mãos dos homens.

Subi o Rheno; vêde como são pitorescas as suas margens. Quantos castellos feudaes plantados nos pincaros das serras, que parecem querer precipitar-se sobre o rio! Que habitações gothicas, cheias de legendas da edade media, e de poesias as mais romanticas! Quantas cidades edificadas aqui e ali, Neuwied, Andernach, Drachenfelds, Coblentz, Bonna, Ems, Mayença, com a sua estatua de Guthemberg, revolucionario famoso que inventou a imprensa! Quantas ruinas semeadas pelas praias, quantos ribeiros que se atirãm no seio do grande rio; quantos vapores que o sobem e descem continuamente! Tem razão os Allemães! É o Rheno um rio admiravel! O Danubio, o Elba, o Escaldo, e o Mosa não podem rivalisar com elle em bellesa e poesia!

Pouco tempo gastamos em Francfort ás ribas do Meno, um dos tributarios do Rheno; não despendemos mais que algumas horas em Gœttingue, afamada pela sua universidade; e nem em Cassel, e Hanover, verdadeiros jardins, ou casas de campo mais propriamente do que cidades; assemelha-se Hanover a um parque inglez; deu reis à Inglaterra; della recebe hoje os seus reis, e governo.

Reconhecemos em Hamburgo que tambem o incendio faz beneficios; um incendio extraordinario arrasou metade da cidade; bastárãm poucos annos para que como a phenix renascesse ella de suas cinzas, e bella como nunca, e formosa como jámais suspeitaria ser! Obram bem, conservando a cidade velha com as suas ruas tortuosas e canaes mal arranjados ao pé da cidade nova com as ruas largas, vastos canaes, pitorescos largos, passeios deliciosos e palacios magnificos, que se devem ao incendio.

Vive Hamburgo do commercio e só do commercio; ninguem deixa de ir á praça, porque constitue a alma e a vida do seu habitante. É o Brazil uma das nações com que mais se occupa Hamburgo. Recebe enorme quantidade de café que prepara, limpa, collora e atira em toda a Allemanha com o nome mudado de café de Java ou Mocca; pena é que o nosso assucar vá desapparecendo dos mercados europeos; o cultivo da beterraba faz continuos e rapidos progressos: lançai os olhos pelo territorio de Magdemburgo, do Hanover, de Brandemburgo, de Brunswick, da Belgica, da França, e da Silesia; beterraba é o que se planta; campos e campos a perder de vista se descobrem povoados com este arbusto; aperfeiçoam se quotidianamente os processos para fazer o assucar, e em menos de 24 horas colhe-se na Belgica a beterraba, tira-se-lhe o suco, prepara-se e refina-se o assucar!

O assucar de beterraba tem menos doçura do que o

da cana, é mais leve no peso, e torna-se o seu preço tão baixo que expelle aquelle da concorrencia. Decahe na Allemanha todos os annos, e á olhos vistos, a importação do assucar brazileiro. Uma grande fabrica de refinar de Stettin recebia, ainda ha dous annos, 10 a 12 carregamentos de assucar brazileiro; no anno de 1851 não recebeu um só; empregou unicamente o assucar da beterraba.

Convém cuidar seriamente n'este ramo da nossa agricultura; foi o primeiro que cultivou-se no Brazil apenas o descobrirãm e povoárãm os Portuguezes; o nosso terreno, e especialmente o norte do imperio, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia e Espirito Santo, e o importante municipio de Campos, prestãm-se admiravelmente ao seu cultivo; cumpre aos poderes politicos crear premios para os mais aperfeiçoados processos de preparar o assucar de canna afim de dar-lhe melhor qualidade, preço mais baixo e maior extracção na Europa; de outra sorte não poderá resistir ao desenvolvimento do fabrico do assucar de beterraba : o que devemos tratar desde já é de acabar com os impostos de exportação sobre os nossos productos agricolas e industriaes, supprindo as necessidades do fisco com meios menos nocivos á lavoura; alliviado o assucar brazileiro do pezo dos impostos, zelando os agricultores o seu fabrico para que reganhe a reputação que outr'ora conseguira, e que hoje desgraçadamente não tem nos mercados europeos, e procurando-se aperfei-

çoar o methodo da preparação, talvez que o nosso assucar consiga ainda na Europa vender-se facilmente. O que se nota por ora é a sua diminuição, decadencia, e descredito em quasi todos os mercados.

Temos muito a ganhar com a Allemanha; poderiamos tirar della não só gente, que é o de que mais carecemos no Brazil, e de gente abunda a Allemanha a ponto que annualmente remette para os Estados-Unidos pelos portos de Rotterdam, Hamburgo, Bremen, Antuerpia e Amsterdam, para cima de 120,000 emigrantes, e gente melhor que allemãa não ha para nós, que necessitamos de agricultores para supprir os braços pretos, que nos devem faltar com a suppressão do trafico; como receber tambem de lá numerosos productos industriaes que trocariamos pelo nosso café, assucar, algodão, madeiras, fumos e couros; nada mais facil do que fazer convergir para o Brazil a direcção da espantosa emigração que sahe continuamente da Allemanha para os Estados-Unidos.

Têm os Americanos do Norte agentes em todas as cidades centraes que seduzem os povos para emigrar, e agentes publicos que com elles tratãm, e os remettem para as cidades maritimas; residem nestas novos agentes que os recebem, e embarcãm immediatamente de modo a não dar-lhes tempo para arrepender-se; estão sempre navios promptos e preparados; não tem Bremen quasi que outro commercio que não seja o da colonisação para os Estados-Unidos.

Convém crear tambem agencias identicas, ainda mesmo que se despenda alguma somma annual dos cofres publicos; são despezas productivas; já temos lei de terras, que passou em 1850 nas Camaras, e si o seu regulamento estabelecer bem distinctamente o direito do sismeiro e posseiro de boa fé, isto é, daquelle que por compras, heranças ou meios legitimos adquirio o terreno, para que não hajãm questões e queixas no paiz; e pelas terras mais proximas ás povoações começar-se já a medição e separação da propriedade nacional da propriedade individual, de modo que os colonos que se dirigirem para o Brazil achem terras promptas, e proximas aos centros commerciaes para comprar e cultivar, poderemos disputar victoriosamente aos Estados-Unidos a direcção dos colonos Allemães, e não será inferior o futuro do nosso paiz ao da Republica Norte-Americana.

Bastãm oito horas para faser-se a viagem de Hamburgo para Berlim.

É magnifica, e soberba a cidade de Berlim; atirada no meio de um areal esteril, representa perfeitamente a imagem da Prussia; nação moderna da primeira ordem possúe uma capital moderna, e cidade tambem da primeira ordem : palacios os mais ricamente mobillados, um theatro novo e soberbo que em magnificencia não encontra rival; museos de pintura, esculptura, historia natural, curiosidades antigas e armas, tão bem arranjados e abundantes que tomãm dias in-

teiros ao curioso que deseja examina-los, e para que o exterior corresponda ao interior, occupa cada um dos museos o seu edificio proprio. Toma a universidade um espaço immenso na principal rua, como para proclamar que ali as sciencias e letras conservam o primeiro logar.

E quantas illustrações scientificas se encontrãm em Berlim! Como são amaveis os Humboldts, Manteufells, Raumers, e Ritters! Quantos artistas de merito subido habitãm a capital da Prussia! Côrte luzida, e exercito excellente de jovens tão iguaes, e de physionomias tão guerreiras e sympathicas!

Apezar do regimen representativo que adoptou a Prussia depois de 1848, é a nação mais militar do que civil; deste espirito militar, e de um estado armado necessita a Prussia para conservar o seu posto, pesar na balança europêa, e fazer valer a sua influencia politica.

Jaz ao pé de Berlim outra cidade de palacios, pequena, rica porém de reminiscencias do grande Frederico II, creador deste povo, e cujo nome é, e será sempre, um titulo de gloria para o povo prussiano: brilha Potsdam pelos seus edificios, e honra-se de guardar em seus muros as cinzas do maior homem da Prussia e de um dos mais illustres guerreiros do mundo.

Apenas faz-se Wittemberg notar pelas lembranças de Luthero: cada uma cidade da Allemanha mostra

ao estrangeiro um tumulo de grande homem como a sua preciosidade : Hamburgo apresenta o de Kotezbue; Altona o de Klopstock; Hanover o de Leibnitz; Leipsik o de Poniatowsky; Nuremberg o de Alberto Durer e São Sebaldo. É uma curiosidade, que attrahe a attenção, e chama gloria para a localidáde.

Possue Dresde o melhor museo de quadros da Allemanha; mais de 1,800 obras de Correggio, Raphael, Rubens, Murillo, Ticiano, Guido Reni, Giotto, Carlo Dolci Kreuzer, Caracci, Poussin, Cranach, Tintoreto, Cignani, Caravaggio, Leonardo da Vinci, Salvator Rosa, Vellasquez, e Rembrandt, ornãm-lhe as paredes e ganharam-lhe o titulo de Florença Germanica. Mostra-se no palacio real os ricos brilhantes, pedras da corôa, e joias preciosissimas dos antigos eleitores da Saxonia, e os trastes de ouro e prata mais primorosos que elles possuirãm.

Comprehende o Zwingle os musêos de historia natural, e collecções de curiosidades indiaticas e egypcias, e armas de todos os tempos e nações, entre as quaes brilhãm as de Gustavo-Adolpho, Sobiesky e Ali-Mustaphá. Tem o palacio do Japão uma soberba biblioteca de porcellanas e marmores que merecem toda a attenção.

Afóra porem isto, brilha Dresde unicamente pela sua posição pittoresca sobre o Elba, e seus passeios da Esplanada, e ribas do rio : o assedio e a revolução de 1848 destruirãm-lhe apenas uma parte do palacio

de Zwingle; mais lhe haviãm estragado as guerras dos sete e trinta annos dos seculos passados.

Sahindo da capital da Saxonia seguimos para Leipsik, cidade industriosa, e dali por Magdemburgo, Brunswik, e Erbefeldt para Dusseldorf, encostada ao Rheno, e cercada de lindos jardins: tornámos a navegar sobre as aguas deste bello rio, descendo até Arnheim, que pertence a Hollanda, notando porem que as margens inferiores não merecem a attenção que attrahe com justiça a sua parte superior.

Entrámos na Hollanda, paiz excepcional da Europa; estão os seus habitantes em luta continua com a natureza; é o mar o seu elemento de vida e grandeza; deve-lhe a Hollanda as suas riquezas, e é elle entretanto o seu maior inimigo, porque ameaça constante e quotidianamente alagar e devorar a Hollanda; ali encontram-se com as aguas do mar as dos dous grandes rios, Rheno e Mosa; está porém o mar em altura mais elevada do que a propria terra.

Trabalha o Hollandez constantemente em oppôr ao mar diques e muralhas; e occupa-se ao mesmo tempo em retalhar o seu paiz com sorvedoures e canaes afim de dar sahida ás aguas, de modo a não ser submergido por ellas.

Atraversai a Hollanda desde Arnheim até Rotterdam, passando por Utrecht. Amsterdam, Harlem, Leyde, e Haya. As aguas vos cercãm por todos os lados; são os campos divididos pelos regos; os caminhos

edificados sobre elevações, feitas de proposito para que as aguas lá não cheguem, e avista-se das carruagens o mar, que está sempre mais alto que a terra, roncando e ameaçando; as campinas e as cidades com suas egrejas a perder de vista, em plano mais baixo, e por entre as aguas do mar, rios e canaes!

Que deliciosos pastos, e jardins admiraveis de flôres em torno de Haya, Harlem, Leyde, Amsterdam, Utrecht, e Arnheim! É Amsterdam curiosa e original; si bem que não tenha os ricos palacios de marmore de Veneza, e nem a poesia do Adriatico com um céo tão puro e delicioso, possue todavia as ruas entrecortadas de agua que a assemelham um pouco á cidade dos Doges e do Bucentauro.

Guardãm ainda hoje os Hollandezes lembranças innumeras do Brazil; encontrãm-se nos arquivos e bibliothecas documentos numerosos relativos, a sua antiga possessão de Pernambuco e norte do imperio; publicou-se no seculo 17° uma grande cópia de escriptos sobre o commercio, productos, historia natural, solo e clima do Brazil; o nome de Mauricio de Nassau, edificador da cidade do Recife, é ainda hoje popularissimo pelos seus feitos na antiga colonia portugueza, e as obras de Barlœus, Pisão e Marcgrave patenteãm os cuidados que lhes merecia a colonia, que tanto presavam.

Encontrãm-se museos de quadros da escola flamenga em quasi todas as cidades da Hollanda, com-

meçando por Haya, a capital, que possue magnificos paineis de Van-Dick, Diepenbeek, Rembrandt, Rubens e seus discipulos: são além disto admiraveis as collecções de objectos da China e Japão, que se vêm por toda a parte, e mais que tudo chamam a attenção os vastos arsenaes, diques immensos e estaleiros modelos que servem para o fabrico de navios e provam com a maior evidencia a actividade e genio deste povo.

É a cidade da Haya um verdadeiro jardim, si bem que tenha edificios magestosos e praças esplendidas. Nãda mostra Rotterdam ao estrangeiro que o entretenha á não ser a casa, e estatua de Erasmo, que tanto a honrou, e o seu porto assoberbado por navios immensos.

Passamo-nos de Rotterdam para Antuerpia, atravessando em barco de vapor, e em 8 horas de tempo, o espaço de rios e mar que separa aquella desta cidade; bastou-nos uma hora para voltar de Antuerpia para Bruxellas.

Finda está a minha excursão; não permittio-me a estação estendê-la mais longe: e é esta a ultima carta que escrevo, porque daqui passar-me hei para a Inglaterra, e de lá, pelo vapor de abril, regressarei de Southampton para o Rio de Janeiro! Já estou, á bastante tempo, ausente da patria; innumeras saudades della e dos amigos perseguem-me a todo o instante; preciso revê-la e abraça-los, descansando desta longa e nova peregrinação.

UMA PAIXÃO DE ARTISTA

DESVANEIO DE 1838

I

Dansava-se na sala grande. Abalroava-se por toda a parte uma multidão immensa. O som harmonioso da musica; o sussurro desigual dos passos; e o echo confuso de palavras perdidas, formavam um expectaculo agradavel. Figuravam ali homens, que vêm unicamente tratar de negocios politicos. procuravam outros encontrar-se com amigos, á quem tinham de fallar: não faltavam egoistas, que nem-uma parte tomam no divertimento, e o desfructam melhor entretanto, mostrando sempre um semblante prasenteiro. Adejavam como borboletas de uma para outra

parte, viam, e criticavam tudo: gente inutil, que melhor fora abster-se de bailes!

Eu dansava tambêm, o que fazer na juventude! Folgava de dar o braço ás moças, entreter com ellas conversação amena, e passar assim algumas horas alegres e divertidas!

Era meu par a mais formosa e folgazona donzella, que tenho na vida encontrado. Formou-se em torno de nós um circulo de curiosos, extasiados de vêr a graça e ligeiresa, com que ella dansava. Procurava dizer-lhe este uma fineza, merecer-lhe aquelle um sorriso, e arrancar-lhe outro uma palavra espirituosa. Quem pode impunemente furtar-se ao prazer de vêr, ouvir, e admirar uma donzella, agil como um seraphim, e linda como um anjo! Subia-me ao proprio espirito um como que orgulho, ou vangloria, de dar-lhe o braço, toccar-lhe a mão, e exprimir-lhe alguma galanteria!

Soou-me de repente aos ouvidos um gemido ou suspiro maldito, que arrancou-me á illusão, que me fascinava. Era de peito extremamente magoado Não podia ser fingido. Não os ha, nem pode have-los assim. Daria então annos de vida, para se me não quebrar o encanto, que me deleitava. Causou-me impressão aquelle suspiro; procurei descobrir o desventurado. Pareceu-me que partia de um joven, que conhecia, e apreciava pelo seu talento. O que significáva, e quereria exprimir?

Torturando-me o pensamento, esqueci-me da dansa: teve porem o meu par a bondade extrema de accordar-me do letargo em que cahira.

— É algum apaixonnado — disse commigo — desditoso amante, que lamenta a sua sorte! É porem tão bella, que adoradores lhe não faltaráo, e perde o infeliz o seu tempo, que ha-de ter ella pretenções mais ousadas.

— Acabou-se emfim, que pena! — exclama um gordo deputado do norte, que pertencia ao grupo, que nos cercava, e que se havia progressivamente augmentado.

Commeçamos então o classico passeio, que succede á dansa.

Não nos deixou o meu amigo; seguio-nos e accompanhou-nos de sala em sala, olhos fitos na donzella, bebendo por elles o ardôr, que excita a formosura, ennamorado já que estava como si fora um louco.

Que corpo que ella tinha, e bêm feito de corpo! Lindos e pequeninos os pés. Mãos mais finas e delicadas, que se possam vêr. Phisionomia elegante, alegre, expressiva, animada, e espirituosa. Desenhava-se no seu rosto tanta candura, e graça! Brilhavam mais os olhos do que as estrellas em cêo azulado, e tinha-os tão vivos e pretos, tão movediços e velosês! Comparar os seus labios á rosas, que desabrocham, quasi que fôra injustiça, por que nem-una rosa lhes

valia. Cabellos pretos, longos, ondeiados, e com que arte e gosto reunidos e arranjados!

Não posso crêr que haja na terra creatura tão linda: era a imagem perfeita das virgens, que desenham os pintores mais celebrisados, e os mais enthusiasticos poetas!

Nascêra no Rio de Janeiro, e chamava-se Fortunata.

II

Deccorreram alguns mezes. Procurei no entanto o mancebo, de que fallei. Viajáramos ambos pela Italia. Vinha assim de longe o nosso conhecimento. Pouco era necessario portanto para mais estreitarmos as relações. Pertencia á uma familia pobre, e honrada. Entregava-se á pintura; tinha fogosa imaginação, e engenho raro. Torneava bêm o seu verso; desenhava e pintava com muito gosto, e adorava a sua arte, com fé e enthusiasmo.

Era porêm artista. E que valor têm entre nós por ora esta classe de gente! É comprehendida e apreciada, como merêce?

É cedo para isso, por que não nos chegou ainda o culto das artes. Que importa que sejam de gloria os seus sonhos, e de futuro as suas esperanças? Nasce, vive, e morre em athmosphera isoláda, sêm nem-uma importancia no mundo, que o rodeia.

Visitando um dia o seu gabinete de trabalho, e examinando-lhe as obras, que o occupavam, que espanto assaltou-me notando o retrato de Fortunata! Era tirado por mão de mestre. Com mais amôr não pintára Raphael de Urbino a sua admiravel Fornarina.

— Parece-me, Egidio — disse-lhe eu — que não ha n'este quadro somente o desejo de retratar uma bellesa perfeita. Confessa-me : tens paixão por ella !

— Para que negar-vo-lo? — Responde-me. — Amo-a como o modelo mais inteiro da bellesa; adoro-a como uma divindade. É pouca cousa a minha vida para dar-lha : si tenho á esperar futuro, e devo conseguir alguma gloria, tudo abandonnaria por ella!

Reparei no retrato, e fiquei extasiado. Nada lhe faltava do que possuia o original. As delicadas feições, o sorriso angelico, e o olhar de fogo. Trasia no peito o ramo de flôr, que se lhe notára no ultimo baile. Era uma copia viva, e tão poetisáda, que se lhe podia diser — move-te e falla.

Artista desventurado! De que lhe servia tanta paixão, e tamanho amôr! Importáva-se com elle a donzella, que vivia em athmosphera elevàda, possuia adoradôres riccos, e illudia-se sêm duvida com a existencia descuidada que passáva?

Já não eram vivòs os pais de Egidio. Restavam-lhe duas irmaes casadas, ás quáes dedicára até então todos os cuidados e desvelos. Vivia com estricta economia, e feliz na sua obscuridade e isolamento.

Que revolução causou-lhe a presença da donzella fatal! Esqueceu todos os seus affasêres, e abandonnou os seus trabalhos, para corrêr atraz d'ella; vê-la, admira-la, e embriagar-se com seus olhos, tornou-se o unico prazer, que sentio, e o cuidado exclusivo, que o dominou!

Vivia sô com a lembrança d'ella!

III

Não sei si para elle reparou ella siquêr alguma vez. Também o ignorava Egidio, por que, coitado! nunca ousou dirigir-se para ella, e nem dar-lhe uma palavra. Approximava-se, e fasia esforço para dizer-lhe uma fineza, e attrahir a sua attenção. Impedia-lhe a duvida de sêr bêm succedido. Morria-lhe nos labios a fineza, e acabava por dizer:

— Esperemos. Não quebrêmos o encanto. Quando tiver notado a minha adoração, fallar-lhe-hei. Resta-me ainda assim uma esperança!

Uma noite... Foi no baile dos extrangeiros, que fazia então as delicias do Rio de Janeiro. Estáva commigo Fortunata. E olhava-a, admirava-a elle... Eu não perdia nem-um dos seus movimentos. Tive tanta pena, que chamei a curiosidade d'ella para saber o que eu sentia. Não pude responder-lhe. Prometti-lhe

porêm que o faria em outra occasião, si me cedêsse uma das rozas, que tinha, e que exhalava um aroma delicioso. Deu-ma, apenas estabelescida e aceita a promessa. Percebeu-o Egidio, e estremeceu. Era para elle a roza. Como ficaria contente!

Murchou a roza com o tempo, e desfolhou-se. Mas guardou-a elle como preciosidade, e sempre que me via, fallava-me na scêna, que eu representára.

Souberam suas irmãs quanto soffria Egidio. Não era o mesmo homem. Não se mudára somente o espirito. Commeçou o corpo á sêr affectado, e decahir. Já não as procurava, e nêm visitava. Deixára o caracter jovial, brincador, e divertido, que tanto o realçára na mocidade.

Corre de repente uma noticia. Tratou Fortunata o seu casamento com um mancebo ricco, e de familia poderosa: felicitavam-se os que a conheciam por que era o noivo digno da pessôa, que escolhera.

Pensei que avisando ao meu amigo, fár-lhe-ia serviço, e conseguiria matar no seu animo qualquêr esperança, que nutrisse, e chama-lo assim á vida real, e repousada, que lhe era tão necessaria.

Dirigi-me para a sua casa. Encontrei-o em um dos extáses poeticos, em que se engolpham os namorados. Apertava a roza desfolhada sobre o peito, beijava-a de quando em quando, e ajoelhava-se humildemente perante o retrato admiravel, que lhe lembráva tamanha perfeição.

— Coragem — disse-lhe — coragem e resignação! Foi-nos dada a vida como sacrificio. Recompensa de nossos trabalhos so em outro mundo encontraremos. Coragem, Egidio. Tenho nova triste á dar-te. Espero e conto que és homem, e que te sujeitarás á sorte, que te pertence!

Empalideceu! Adivinhou o golpe! Depois de ouvir-me em silencio, deu largas ao pranto. Chorou como uma criança; pareceu porem socegar, e tornar-se superior ao destino.

Disse-me por fim.

— Saberei ter coragem; já me preparáva para isso.

Salpicou-lhe porem os labios um sorriso convulso e demorado, e cahio-me desmaiádo nos braços.

Tinha uma paixão de doido.

IV

O certo é que cahio doente, e ou por causas moraes, ou qualquer outra razão, veio-lhe uma febre, que capitularam os medicos de perniciosa. Luctou-se largos dias em combatter a febre; conseguio-se domala, e commeçar a convalescença.

Não regulou porem mais aquelle cerebro. Dizia

eu cá commigo. — Poderá escapar da molestia, permitta porem Deus que lhe não venha a loucura!

Achava-se melhor um dia, e passeiáva pelo quarto, quando entrei. Fallou-me alegremente, e quiz saber novas de Fortunata. Um amigo imprudente, que nos fasia companhia, contou-lhe que se casáva no dia seguinte... Recebeu socegado a noticia; conversou com regularidade; pareceu mehlorar durante o dia, e passou a noite excellentemente.

Na manhã seguinte levantou-se cedo, mandou-me chamar, e disse-me que queria sahir commigo á passeio.

— Anciava tomar um banho de ar — dizia elle. — Vamos gozar da frescura da manhã, ver, quem sabe si pela ultima vez, o bairro admiravel do Catete, a subida pittoresca das Larangeiras, e a praia elegante do Botafogo.

Accompanhei-o. Alugamos carro, e commeçamos um passeio pelos bairros, cujos nomes tão agradavelmente pareciam fallar-lhe ao coração.

Passámos pela casa de Fortunata. Encarou-a tranquillamente. Não deu mostras de sentimento. Chegamos ao Botafogo, apeiámos-nos, e approximamo-nos á praia:

— Como é bello este paiz! exclamou-elle. Recorda-te do golfo de Baia, e dos riccos arredores de Nápoles; não ha lá tanto brilhantismo e magnificencia! Brazil! Brazil! Tua natureza, ceo, clima e posição

presagiam-te o mais brilhante futuro, e não te verei eu á frente das nações, mostrando a tua força e magestade!

Não me admirou a inspiração patriotica, que lhe assumio ao espirito. Estáva accostumado a ellas; poucos tão patriotas haveria.

O que porem não folguei de ouvir foi de subito mudar elle do objecto da conversação. Commeçou á recitar o monologo de Hamlet, á respeito da vida e da morte. Fallou em Chatterton, que se matou na edade de 29 annos, de Correggio, que deixou-se morrer de fome, e de Catão, que endeosára a posteridade.

A' cada palavra eu estremecia. Quereria interrompe-lo, havia porem uma força que me embargáva a vóz.

Notai minha difficil posição. Estáva-se desarranjando aquelle cerebro, e eu só com elle, e sem ter á mão recurso algum.

Vira-se para mim, sácca do peito as folhas seccas de uma roza e diz-me.

— É aquella roza que d'ella recebeste. Peço-te que ma colloques sobre o coração, quando me depositares no tumulo. Somos todos como esta roza. Secca-nos e murcha o tempo. Deixa-me respirar a ultima manhã da minha vida, e saborear o perfume, que exhala esta terra abençoada, suas flores tão lindas, e arvores tão frondosas. Adeus, ó natureza, ó patria!

Immenso trabalho tive para accommoda-lo, e conse-

guir que voltasse para a casa, á fim de procurar lenitivo á agitação febril, que o estava minándo.

Apenas reganhou o seu domicilio, atirou-se sobre o leito, e dormio um largo somno até as quatro horas da tarde.

Quiz, accordando, que lhe dessem o volume de Werther. Oppuz-me. Sabia quanto mal produsira a composição enthusiastica e fogosa de Gœthe, particularmente em cabeças ainda juvenis, ou enfraquecidas pelo soffrimento, como estava a de Egidio. Tomei a responsabilidade da recusa, e tratei de socega-lo, chegando-me para o leito.

Ergueu a cabeça, sentou-se, e disse-me com vóz melancholica, que me fez estremecer.

— Agradeço a Deus o haver-me facultado forças nos meus derradeiros momentos, para dirigir-te algumas palavras. Morro, pensando n'ella. Era o meu sonho, a minha vida, o meu sangue, e a minha alma! Entregòu-se á outro homem, o que represento agora no mundo? Si lhe fallares, não lhe contes o que viste, nem lhe descubras o meu segredo. Ignore que existi... e existi sem deixar um nome... Tinha entretanto n'esta cabeça immensas ideias que brotavam... e morro desconhecido!... adeus! Fortunata! Fortunata!

E expirou com o nome d'ella nos labios.

RELIGIÃO, AMOR E PATRIA

NOVELLA DE 1839

I

Desprendia o orgam admiravel do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra variados e harmoniosos sons, em accompanhamento á missa do gallo. Estava magnificamente preparada a egreja. Brilhavam grupos de luzes por cima dos altares, como si fossem estrellas do firmamento, engastadas na cupola celeste. Evaporava-se o incenso dos vasos de prata e ouro, dirigindo-se para o ceo, como um testemunho solemne da gratidão do homem, e sincera manifestação de seu respeito e amor para com aquelle que tudo creára. Estava o templo povoado de multidão immensa de

pessoas, que assistiam as ceremonias religiosas, que soiam ali praticar-se com esplendor e gosto reconhecido.

Dir-se-ia que pairava n'este espectaculo uma ideia divina, que poetisava as obras do homem, frageis como o seu proprio auctor.

Todos os olhos levantados para o ceo; os joelhos curvados e pisando o pó da terra; e o pensamento applicado inteiramente para Deus, provavam o espirito que animava os seus expectadores e o sentimento de enthusiasmo e gratidão pela harmonia mysteriosa, que revelava a grandeza do creador, e provava a humildade da creatura feita á sua imagem.

Esquecer-se-iam brevemente alguns, que folgavam de atirar-se no oceano immenso dos interesses mundanos : o contrario porem praticariam outros, que dedicavam a sua vida ao serviço do Senhor, e só para elle dirigiam o seu pensamento. Homens, que pela gloria e adoração de Deus, desampararam o lar paterno, os seus progenitores, familia, patria, prasêres e venturas; que encerraram-se dentro dos muros de uma prisão, e noite e dia, e á todas as horas, e á todos os instantes, alimentavam-se com a sua imagem divina e pretendiam viver e morrer, prostrados perante ella. Eram os monges, habitadores de Santa Cruz.

É de certo magestosa a cerimonia, que celebra a egreja catholica no anniversario de Jesus Christo, que com os seus martyrios, sangue e vida saldou as dividas

dos homens! O povo reunido, a suave e melancholica harmonia do orgam, a missa, as predicas, e os canticos dos religiosos, concorriam para augmentar a sua pompa e magnificencia.

Acrescente-se a tradição historica, e reminiscencias do mosteiro edificado por D. Affonso Henriques, coevo da monarquia portugueza. Celebrava-se a ceremonia por cima dos tumulos dos dous primeiros monarchas lusitanos, no sanctuario que guarda as mais gloriosas e sanctas reliquias de Portugal.

Não dirieis que presidia á ceremonia a grande alma de Affonso Henriques? Não pensarieis que do sepulchro do fundador do reino levantava-se a sombra magestosa do heroe, para agradecer e abençoar o seu povo?

Monges e noviços entoavam hosànnas acalorados, assistindo do choro. Pareciam todos possuidos da ideia religiosa, e mystico pensamento, que, como perfume do turibulo, levantava-se tambem para o ceo.

Havia entre os noviços quem entretanto parecia insensivel ao encanto do espectaculo. Absorveria o seu pensamento algum Deus, diverso d'aquelle, para quem se erguiam os votos de todos? E poderia crea-lo a imaginação? Os seus olhos não procuravam o ceo; dir-se-ia que rastrejavam pela terra, preferindo o mundo, tão cheio de enganos, decepções, e contratempos.

Seria que vagasse em seu espirito a juvenil inquie-

tação, que domina os sentidos, e os esconde sob um veo de ideias, e sonhos perfumados d'ouro, que sobrepujam os pensamentos moraes, e prostram e arrastram os infelizes que se submettem á seu jugo?

Ter-lhe-ia alguma imagem feminina eclipsado os olhos, ferido o coração, e curvado a vontade? Antes que entregar-se por um instante a Deus, prefereria passar, extasiado á seus pés, uma existencia inteira?

Era um joven de bôa familia. Chamava-se Eugenio José dos Santos. Fora ao claustro levado por seu pai, para o fim de seguir a profissão religiosa. Obedecera pela acção; nunca pode porem o habito monastico, que o cobria, e pelo qual trocára as vestes mundanas, abafar o espirito, que o nutria, e repellia da vida de monge. A successão de horas e dias, e de meses e annos, eguaes sempre e identicos, que passára, pisando os soturnos lagedos dos corredores escusos do mosteiro; o silencio sombrio e monotono, que pairava pelas abobedas e sobre os tumulos espalhados; as praticas religiosas, que era constantemente obrigado á cumprir; a vida de recolhimento, á que fora condemnado; os livros, que liam os seus olhos e não comprehendia a sua intelligencia; e as predicas e exemplos devotos á que assistia; nada havia podido suffocar em seu peito a paixão, que o devorava.

Emmudeceu o orgam, cessou o sacrificio divino, ficou o templo deserto, apagaram-se as luzes, e re-

tiraram-se para as suas cellas os habitadores do claustro.

Não pode elle encontrar somno, que lhe mitigasse as maguas do coração, e nem um instante de tranquillidade, que lhe aliviasse as dores e padecimentos d'alma. Correu lentamente a noite, e pelo mesmo modo succedeu-lhe o dia, sem que o viesse acalmar somno ou repoiso!

II

— Como está o ceo escuro! Como são palidas estas arvores! Como murmura tristemente o lago! Eu condemnado á vêr sempre o repuxo d'agua, que se espreguiça prosaicamente; a cascata, que parece chorar; a fonte, que enternece pelo som monotono, e as arvores, que vão perdendo as suas folhas, como filhos, que a ábandonam! Forçado á ouvir o som funereo do maldito sino, que para mim não possúe encantos, e que chama-me todavia, dirige-me e governa-me!... Adeus, passaros, que, tão docemente carpindo, saudaveis a aurora com signaes de inefavel regozijo! Desprendeis livremente as vossas azas; sois mais felizes! Adeus, lindas margens do Mondego, bellas e coloridas flores dos bosques! Nunca mais vos vêr ei desabrochar aos raios puros e diaphanos da madrugada! Cisnes

tão alvos como a alva espuma dos mares, brincai, brincai n'este lago... Gozai da vossa ventura!

Falláva assim o noviço, encostado á um dos assentos do passeio, que fica proximo ao lago da quinta dos Crusios, ao tempo em que corriam alegres, como nuven de passaros, respirando a atmosphera sadia das arvores, tantos outros seus collegas, em cuja companhia se acháva, seguidos e observados pelo mestre que os dirigia. Quantos d'entre elles existiriam, que tivessem sido como elle violentados por seus pais e familia, para uma vida ascetica e peculiar, para a qual não tinham vocação? Dobrar-se-iam algumas almas; esqueceriam as illusões do mundo; entregar-se-iam por habito e coração á existencia, e praticas religiosas do mosteiro. Resistiriam de certo porem os espiritos, que se indignam com a contrariedade, erguem-se contra as perseguições, levantam-se até a revolta, ou morrem na desesperação!

É a quinta, que foi dos Cruzios, uma das mais bellas e vastas da Europa, ou pelos esplendidos jardins, cobertos das mais primorosas flores, ou pela raridade de objectos curiosos, que guarda, e em cujo numero se notáva um viveiro admiravel de passaros. No fundo da quinta, em terreno mais levantado e cercado com um muro espesso de rama de cedro, espalmada, junta, e recortada, imitando a muralha e ameias de um castello antigo, brilha o magnifico lago, que banha uma ilha pequena e pittoresca, coroada por uma enorme

larangeira, que parecendo sahir do seio das limpidas aguas, assemelhava-se á uma esmeralda no centro de um annel de prata. Proximos ao lago, e ao subir por um pequeno lanço de alguns degráos, fulguram dois lindos torreões proprios para o descanso, e o respirar do perfume das virações da tarde. São os torreões pintados á fresco, e representam as acções memoraveis de D. Affonso Henriques, e os mais notaveis acontecimentos do mosteiro. Sobresahia entre as pinturas a que mostráva a entrada em Santa Cruz do grande fundador da monarquia portugueza, recebido pelo D. Prior São Theotonio.

Não era possivel todavia que Eugenio apreciasse as bellesas que ornavam o mosteiro. Tinha exaltada a imaginação, e crescia e augmentava-se a sua melancholia, em vez de ser abrandada pela acção do tempo, que tem tanta força, e quasi vence tudo!

Toca o sino, chamando os noviços ás praticas religiosas. Movem-se todos á obedecer-lhe, abandonnando o passeio, e as doçuras da tarde bafejada pelo roçar delicioso do vento, e perfume balsamico das flores.

Accompanhava-os Eugenio com os olhos cravados no chão, e nem reparáva que dos galhos dos carvalhos altanados precipitavam-se as folhas seccas, que cahiam-lhe aos pés, e formavam um tal qual murmurio, que se diria segui-lo na sua dôr e padecimento.

Percebeu-o o mestre, e feixando o livro das orações, que lia ao passo que andáva, approximando, se bateu-lhe no hombro ligeiramente.

Abaixou Eugenio a cabeça, e escondeu-a entre as mãos para occultar as lagrimas, que á jorros lhe rebentaram dos olhos.

Era o ancião de virtudes austeras; tinha porem tanta benignidade no coração, que sabia alliar os requisitos de energia e moderação, e merecia o respeito, e geral sympathia dos monges e noviços.

Contemplou-o silenciosamente, e separando-o para mais longe dos companheiros, com a franqueza e cordialidade, que são o apanagio das almas grandes, fallou-lhe assim :

— Choras, filho!

— Enganai-vos, mestre, responde-lhe tremulo e balbuciando.

— Tens saudades dos prazeres mundanos? — continuou o velho. Conta-me tudo. Si a vocação te não chama para o serviço do Senhor, si prendem-te laços terrestres, dize-o... procurarei consolar-te.

— Mata-me a vossa bondade, replicou-lhe o joven, banhado em lagrimas, e quasi que ajoelhando-se. Como ousarei contar-vos o que sinto e soffro?

Prestou-lhe então o mestre algumas consolações; animou-o pouco á pouco, e pareceu ganhar-lhe toda a confiança.

Como que envergonhado, disse-lhe por fim, abaixan-

do os olhos, e não ousando tira-los da humilde posição, em que os collocáva.

— Perdoai-me, mestre. É uma confissão, que vou fazer-vos. Não o ousaria. Provocais-me porem com a vossa benignidade. Provêm meu mal de que não nasci para o convento, e fui forçado todavia por meus pais á entrar para elle...

— Isso não é bastante, rapaz! torna-lhe o velho. Ha causas mais profundas no peito...

— Provêm meu mal de que sinto aqui dentro do coração uma força, que impelle-me para o mundo... continuou Eugenio, e emmudeceu.

Sorrio-se o velho com ar bondadoso e prespicaz, e lançou-lhe um olhar, que se lhe entranhou de modo, que o obrigaria de certo á fazer-lhe plena confissão.

— Vámos, vámos! É só isto? Não houve lá por fora, pelo mundo, algum feitiço, que te attrahe, e domina? Alguns olhos fatáes, algum amor!...

— Oh!... sim... amor!... exclamou o joven. É a minha desventura! Si o não fora, cederia á vontade de meus pais, abraçaria esta vida sancta, entregar-me-hia devotamente ao serviço de Deus. Mas não tenho força, e nem vontade: não me pertenço... Não posso resistir-lhe... Prefiro morrer!...

— Si é assim, desgraçado! responde-lhe o bom mestre, deixa o serviço de Deus. Não o prostituas que é sancto e sagrado. Não o profanes, que com-

mettes sacrilegio. Deus é grande, e não quer sacrificios superiores ás nossas forças. Deixa este habito, e volta para o mundo! — Como no meio da tempestade arma-se repentinamente um tufão de ventos contrarios, que se desencadeiam de todos os lados, luctam entre si, e assolam e estragam o que se lhes antepoêm, sentio Eugenio assim um encontro de desejos oppostos, que surtiram á lume em um momento, e apoderaram-se-lhe do peito, que parecia despedaçar-se com a violencia.

— Amo... Amo!... sim, mestre, e desesperadamente — exclamou de novo; levar-me-ha á sepultura esta paixão. Mas como agora seguir o vosso conselho? Como desobedecer á meu pai?... É tarde já!

E rebentaram-lhe de novo as lagrimas com a dôr profunda que accompanhou estas palavras. Cahiria de certo, si o não sostivesse o braço amigo do velho.

— Como tarde? disse-lhe brandamente o mestre. Não és ainda noviço?

— Sim, sou-o ainda hoje; amanhã porem deixa-lo-hei de ser!

E precipitou-se nos braços do ancião, balbuciando estas palavras.

— Mancebos! Mancebos! — rosnou comsigo o mestre — como vos fazeis desgraçados por vossas proprias mãos!

III

Desde que rompera o dia seguinte, toccáva á finados o sino grande do mosteiro de Santa Cruz. Repercutia ao longe o echo funebre e sonoro, através das campinas, que são banhadas pelas aguas cristallinas do Mondego, e que rodeiam a cidade de Coimbra. Deixavam os camponeses as suas choupánas, e suas casas os habitantes da cidade. Leváva-os á todos uma indefinivel curiosidade de assistir ao expectaculo da profissão de um noviço, que preparavam os Conegos regrantes de Santo Agostinho.

Alegre e suávemente luzia a manhã : promettia imita-la o dia, em vista do céo claro, e azulado, que se affigurá va.

O valle encantador que desenrola-se em torno do Mondego desde as portas de Coimbra até ir morrer nas praias da Figueira, matizava-se com flores, que uniãm ao mais agradavel aroma bellas côres e deleitosas. Dir-se-ia que quizera a natureza realisar alli todas as inspirações da poesia, vôos da imaginação, sonhos do espirito, e as mil maravilhas de huma sempiterna primavera. Agitavam os lirios as suas brancas flores, tão contentes como as ondas do mar que se debruçam, brincam, e saltam pelas praias, e, depois de imprimirem

na arêa hum beijo de amor, retrocedem, murmurando de prazer. Balanceava a acacia as suas petalas coloridas, tão livres como o vento que sopra, e bellas como a aurora de esperança e ventura. Mil outras flores alegres e louçãs folgavam no valle, e sorriam á brisa que as affagava docemente; como um pensamento profundo da sciencia, dominando todas as futilidades do prazer, erguia-se, por entre as flores e arvores, o magestoso cipreste, que elevava os seus galhos regulares e simetricos, dominando a natureza.

O Mondego, immortalisado pelo mais suave e melancolico dos vates modernos, deitado em um leito de arêa fina, limpida e purissima, correndo as suas aguas através de tão magestosa campina, até ir entrega-las nos braços do oceano, parecia um cinto azul-dourado, que, por acaso brincando, tivesse atirado sobre o tapete a mais bella das odaliscas do serralho.

No centro, e em cima de uma collina elevada, está situada a antiga capital da Lusitania, mostrando aos olhos do viajante conventos, e amêas sotopostas umas sobre outras, e formando um lindo amfithèatro. O grande edificio da universidade, antiga residencia dos monarcas portuguezes, rasgando os ares com as suas gigantescas torres, parece coroar a cidade, assemelhando-se á auréola do genio da sciencia que immortalisa Coimbra, ao anjo da guarda que vigia a planicie, ou á nimfa amorosa que inspira o Mondego.

E como no dia destinado para a profissão, atravessava a campina um povo immenso, passando pela ponte célebre do rio, edificada primeiramente por Affonso Henriques, e reedificada depois por D. Manoel o afortunado; e as ruas da cidade, e principalmente a de Santa Sofia, estavam apinhadas de gente, que se dirigia para o mosteiro de Santa Cruz, maiores bellezas offertava o paiz, encantos superiores sobresahiam!

Denunciava o sino grande uma ceremonia que pela sua pompa, magnificencia, e variadas circumstancias que a acompanhavam, exaltava em extremo a curiosidade de todos os habitantes de Coimbra e seus arredores, e attrahia-os para o templo.

Quando, nos tempos do heroismo grego, para applacar os deoses ávidos de sangue, conduziam-se perante os altares os mais formosos jovens, ornados com fitas, e enfeites de festa, e no meio das ceremonias e ovações religiosas, eram sacrificados como ovelhas; si bem que fosse um dogma religioso aceito por todos e adoptado pelas crenças e opiniões contemporaneas; gemiam entretanto os coraçoes maternos; ninguem deixava de sentir apertar-se-lhe o peito de dôr, e as mais castas donzellas, entre soluços e suspiros secretos, choravam lagrimas furtivas, dizendo comsigo todos — Como são barbaros estes deoses!

E nos tempos humanos do christianismo, em que uma religião pura e santa rege as acções, dirige os

pensamentos, e proclama o amor entre os homens como o verdadeiro bem, custa a crêr que haja individuos, que não tiram a vida, mas que murcham-lhe as flores da existencia, cortam-lhe os prazeres, e roubam-lhe os encantos. Em vez de arrancar-nos a vida, arrancam-nos ao mundo; e o que é a vida sem o mundo? O que vale a existencia sem o variado espectaculo do universo?

Sustido por dous monges, e avançando para o altar com passo tremulo e mal seguro, parecia Eugenio uma victima da antiguidade, arrastada para o sacrificio terrivel, em honra dos deuses do polytheismo, ou um condemnado, que marcha para o patibulo.

Chegado apenas ao logar, aonde devia professar, pareceu mais instinctivo do que natural o movimento que fez para ajoelhar-se. Estáva a egreja apinhada de povo.

Cantavam em chóro os religiosos. Com os olhos em terra, erguidas as mãos, fortemente combattido o peito, e o espirito perdido, conservou-se quedo e firme, assemelhando-se á uma das estatuas que ornam o templo. Immobilidade sólemne! Terrivel socego do vulcão que dorme!

Chegou o instante fatal. Approxima-se d'elle o sacerdote, cobrindo-o com as novas vestes, que lhe não permittem mais ter coração e vontade. Seguem-se as preces habituáes, á que attendem todos tranquillamente. Resoa o orgam com vozes doloridas.

— Mancebo, diz-lhe o sacerdote, com voz sonora e forte — queres ser tão pobre como aquelle que não teve siquer um pequeno canto, aonde poizar a cabeça? Queres ser tão obediente como aquelle, que obedeceu com resignação, carregando a cruz pesada, e morrendo n'ella affrontosa morte? Queres ser casto como o filho de Deus, que remio os peccados dos homens?

Foi tres vezes repetida esta pergunta.

Levantou-se então o noviço. Fez um esforço supremo. Olhou para todos os lados do templo. Dir-se-ia que estáva resignado, e que queria manifestar ao mundo que lhe preferia o serviço de Deus.

De repente porem os seus olhos escurecéram. Dobráram os seus joelhos instinctivamente. Palido, e como em delirio, soltou do peito um grito sonoro, um *não* terrivel e estrondoso, e cahio por terra sem sentidos.

Teriam seus olhos avistado alguem?

IV

Ao occidente da cidade de Coimbra, e á margem esquerda do Mondego, existem esparsas umas velhas e grandiosas ruinas que restãm do famoso convento de Santa Clara. Proxima está a *Quinta das Lagrimas*,

célebre pela morte cruel, que ahi inflingiram os perversos conselheiros de D. Affonso IV á infeliz Ignez de Castro. Homens crueis, a quem as súpplicas da mais formosa senhora, as vozes de uma mãe que pede por seus filhos, e os gritos de uma esposa ausente do principe, que a devia proteger, não poderām desarmar o braço, que empunhava as armas terriveis, com que lhe atravessáram o peito mimoso!

Nesta quinta passava D. Pedro, o justiceiro, os seus instantes de amargura e saudade, lembrando-se, no meio do explendor da purpura, da morte cruel da sua amante. Partio d'ali para Alcobaça com os seus nobres e povo, para render ao cadaver já carcomido de Ignez as honras devidas á rainha de Portugal, e assistir duramente ao terrivel espectaculo de arrancar os corações dos assassinos da sua esposa, e trinca-los com os seus proprios dentes. Vingança terrivel! Egual somente á grandeza de taes amores!

Que idéas grandes revela esta quinta!... O acontecimento mais triste e romantico da historia dos nossos antepassados teve logar no seu recinto. A historia proclamou a sua veracidade, e o cantor dos *Lusiadas*, o infeliz Luiz de Camões, dèo-lhe a gloria e immortalidade!...

Proximo á um circulo de cedros, tão antigos como a monarquia portugueza, e que povoam um dos lados da *Quinta das Lagrimas*, desliza-se, como um manto de azul, a affamada *fonte dos amores*. Em um marmore

alli collocado pelo general inglez Trant, lêm-se os seguintes versos dos *Lusiadas* :

« As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando, memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.
O nome lhe pozeram, que ainda dura,
Dos amores de Ignez, que ali passaram :
Vêde que fresca fonte rega as flores;
Que lagrimas são a agua, e o nome amores. »

Nasce nesta fonte uma especie de musgo encarnado, que floresce e medra, humedecido pelas aguas, que sobre elle se precipitãm murmurando; conta uma antiga tradição, que dura ainda hoje, que é o sangue da bella Ignez de Castro, que, salpicando aquelle logar, envermelheceo o musgo, e lhe dêo o seu colorido.

Ali passeava Eugenio uma tarde, depois da sua sahida do mosteiro de Santa Cruz. Em vez porem de alegrar-se, saboreando de novo sitios tão agradaveis, que, por espaço de um anno que durou o seu noviciado, não apparéceram a seus olhos; e de respirar, livre e contente, a aura da liberdade, indicava o seu semblante uma dôr profunda e intensa.

É que estáva só no mundo. Desesperado pela sua repugnancia em pertencer ao mosteiro, o havia seu pai lançado para fóra de casa, e o que mais pesava sobre o seu espirito, lançara-lhe a sua maldição!

Encaminhou-se para a fonte dos Amores. Entregou-se á desvairados pensamentos, que, como sonhos ora risonhos e ora terriveis, occupavam-lhe o espirito.

Um sussurro inesperado ouvio ao longe, que o vinha perturbar na sua solidão. Como um dos genios da floresta, ou anjo escapado do paraizo, e cahido sobre a terra, approximava-se vagarosamente uma donzella, linda e formosa como a inspiração de poeta, ou a phantasia de artista.

— Anjo do ceo! — exclamou Eugenio, levantando-se precipitadamente, e correndo á seu encontro. — Só tu... oh! só tu tiveste piedade do desgraçado? Vens-lhe trazer balsamo á dôr, e alivio ao soffrimento. Agradeçote... Desemparado por todos, não me abandonnas tu!... Tens razão... Só vivo com a tua imagem... não vejo á mais ninguem no mundo...

Parou a donzella; e deixou-o continuar.

— Tu só te lembraste de mim, e um pai barbaro amaldiçõou-me! Tambem para ti so vivo, e de ti unicamente dependo. Manda-me. Queres que viva? — que morra? — Do teu corpo é o meu a sombra; e de tua alma refluxo a minha alma! Que me importa palacio, choupána, ou tumulo? Será para mim o paraizo o logar, em que ouça a tua vóz, e corram os meus olhos na presença dos teus!

Procurâram então os dous amantes mitigar as suas dores com mutuas consolações. Desejára o pai de Eu-

genio, fidalgo de provincia, dividir pelas diversas carreiras da sociedade os filhos, que lhe dera a natureza, segundo o costume portuguez da epocha. Coubera ao mais velho, que era o morgado, succeder ao pai nos bens, honras, e foros; devia o segundo seguir a carreira da magistratura, formando-se na universidade de Coimbra. Toccára ao immediato pertencer á Egreja, tomando ordens ecclesiasticas. Para o quarto abria-se a carreira militar. Entendeu que não podia deixar o ultimo de entrar para um convento, aonde poderia chegar ás honras de pregador, mestre, guardião, prior, e até de bispo.

Infelizmente era Eugenio o ultimo, e pela escala marcada, devia sujeitar-se á sorte, que lhe destinára o carinho paterno.

Pertencia a donzella á familia plebea, e pobre, si bem que decente e honesta. Ainda que se desse o accáso da prioridade de nascimento, e fosse Eugenio o morgado, não consentiriam os paternos prejuizos que se alliásse á pessoas, que não lhes pareciam eguáes em direitos da sociedade.

Não mede o amor todavia por elles a direcção das suas chammas. Accendeu-as talvez com mais intensidade e fogo a resistencia, que se lhes oppunha. E não seria ella agora appresentada somente pela familia de Eugenio. Depois do acto, que praticára na egreja dos Cruzios, e que passou por um escandalo publico, com o qual se occupára por algum tempo o espirito de to-

dos os habitadores de Coimbra e seus arredores, não permitiria a propria familia de Isabel da Cunha, que se compromettesse uma de suas filhas, ligando-se á um homem, que tão máos exemplos dera. Não poderiam os interesses fallar, no momento em que predominavam as ideias moraes, que os combattiam de frente, e eram aceitas pela sociedade inteira. Creára o acto de Eugenio uma nodoa indelevel para si, e para os seus, e que estender-se-ia á todos com quem se alliásse.

Como Eugenio, desattendéra Isabel ao principio ás vozes e conselhos da familia; desejára agôra obedecer aos dictames paternos. Fallou porem mais fortemente a paixão. Guardou no peito o amor que nutria : e como sóe succeder, foi elle ganhando forças e desenvolvendo-se á proporção que corria o tempo, e mais a torturavam os seus com insinuações adrede maliciosas, para lhe transviarem as tendencias.

— Si não fora o amor que por ti me abraza, dizia-lhe Eugenio; ser-me-hia de certo a vida um peso insupportavel. Prefereria matar-me ! Si me quizesses seguir para o deserto da America, e procurár um abrigo na sua natureza esplendida...

— Não me falles n'isso, replicou-lhe a donzella. Qualquer que seja a paixão, que te consagro, é grande, e sancta, asseguro-te ; nunca abandonnarei porem a minha familia, como filha perdida; não faltarei aos deveres, que me impoem a natureza e sociedade.

Amo-te. Guardo-te no peito um amor vasto como o mundo; é um culto á que me dedico. Não passa, nem passará d'ahi. Deixa que corra o tempo, reganha posição, fase esquecer tuas imprudencias, e talvez que desapparéçam as difficuldades, que ha hoje para nossa alliança, e que n'ella consintam os pais, que Deus me deu, e á quem obedecerei sempre em minhas acções, já que não posso accompanha-los nos meus pensamentos.

V

Tinha rebentado em Portugal a guerra civil. Depois de calcar aos pés a carta constitucionnal outorgada pelo imperador do Brazil, faltado á seu juramento de sujeição, e fidelidade á sua sobrinha a rainha D. Maria II, apoderou-se o Infante D. Miguel da coroa portugueza, proclamou-se rei, e deliberou governar pelo sistema absoluto do seculo passado.

Appareceram em todo o Portugal homens decididos á sustentar os direitos de sua soberana legitima e os foros da liberdade constitucionnal. Organisáram as resistencias, e começou a reacção, desordenadamente ao principio, mas que á pouco á pouco se foi sistematisando e moralisando.

Formou-se em Coimbra uma associação, que de-

clarou guerra ao usurpador, e tratou de reunir e disciplinar um batalhão sagrado, como o de Thebas antiga.

Concorrêram os estudantes das universidades. Enthusiastica, como soe ser a juventude, verdadeira esperança das sciencias e artes, e futuro da patria, recrutáram-se voluntariamente; para fazer parte dos defensores da carta e liberdade, unir os seus destinos, pugnar até a ultima gota de sangue, e vencer ou morrer por objectos tão preciosos.

Erguei-vos mancebos, já que dormem os velhos o somno da indifferença pelos destinos da patria! Erguei-vos, valentes e bravos! Empunhai a espada, e combattei pela liberdade, já que nas veias gyra-vos um sangue nobre, batte-vos no peito uma sagrada paixão, e inspira-vos o pensamento um fogo puro de enthusiasmo pela patria e liberdade! Que se deixem os fracos garrotear em suas casas, assassinar em seus leitos! Tendes coragem e valor para levar ao cabo a gloriosa missão de defender a liberdade, foros e garantias do povo, e salvar uma rainha legitima, destronisada por um audaz usurpador!

Erguei-vos, mancebos!

Não foi Eugenio dos ultimos que em Coimbra se alistáram no numero dos liberáes. Como á religião vencéra-o amor, levando-o á abandonnar o claustro de Santa Cruz; ao amor venceu tambem a patria, deixando a namorada, que espargia sobre a sua existencia as

unicas flores que poderia colher na posição desditosa em que se havia collocado.

Diante do pensamento grandioso de concorrer com os seus compatriotas para combater a usurpação da coroa, não houve paixão que valesse, e nem ideias de amor que lhe quebrassem os brios.

Pertenceu á sociedade dos jardineiros de Coimbra, e provando desembaraço, ardor, prespicacia, e coragem, foi nomeado tenente de uma companhia, que se apromptava á sahir á campo, e entrar no primeiro combate.

Não esqueceu-se o Infante D. Miguel, proclamado rei, de reorganisar o exercito, vencer as resistencias que encontrava por toda a parte, destruir as opposições, que se levantavam, e terminar com os seus inimigos por meio das armas, sentenças, e cadafalsos. Nada poupou. Nada esqueceu, nem perdôou. A' denuncia seguiam logo a prisão, processo, e condemnação. Funccionnavam tribunáes servis, para quem bastava a fama, supposição, ou accusação : que lhes importavam as provas legaes? Ao desejo e aceno do rei, á vontade e insinuação dos seus cortesãos, á influencia e paixões dos principaes e mais audaciosos e conhecidos sequaces do infante usurpador, curvavam a cerviz, redigiam as deliberações judiciaes, e entopiam as prisões de infelizes, e os cadafalsos de martyres.

Dividio o governo o seu exercito pelos pontos do

reino, que mais o inquietavam. Creou em cada cidade, villa, ou aldeia, uma alçada, que recebia denuncias, prendia, processava, e condemnava. Não havia salvação com a menor suspeita. Para que não apparecesse mesmo suspeita, carecia o infortunado Portuguez de não ter um inimigo, invejoso, ou mesmo desaffecto.

Tomava a suspeita a proporção de prova. Constituia a denuncia uma perfeita evidencia. Não era somente a cidade de Lisboa, que andava subjugada assim, e internada na dôr e sangue. Soffriam sevicias eguaes as demais povoações do reino, á proporção, que estabelescia o governo usurpador o seu dominio em cada uma d'ellas.

Coimbra e Porto não se sujeitáram. Fez sobre as duas cidades marchar as suas tropas e carrascos.

Foi Coimbra a primeira atacada, que era tambem a mais proxima. Resistiram os habitantes por algum tempo. Portáram-se com denodo os estudantes. Si não houve batalha formal, não faltaram tiroteios sanguinolentos, em que tornou-se notavel o valor dos jovens bellicosos, e animados de sentimentos patrioticos, e enthusiasmo proprio da edade, e da causa gloriosa, que haviam abraçado.

Ganhou Eugenio José dos Santos um nome honroso entre os seus companheiros d'armas. Combatteu com denodo, e defendeu-se com bravura. Celebrisou-se a companhia que commandáva. Era a melhor esperança

dos habitantes de Coimbra, e o terror dos seus inimigos.

Teve porem Coimbra de sujeitar-se ao poder das armas do infante. A forças disciplinadas não podem oppôr resistencia seria corpos de paysanos organisados á pressa, dirigidos com coragem, e animados com enthusiasmo, ainda que mais numerosos, mas que não possuem a pericia precisa, sangue frio necessario, e calma e regularidade, que só se aprendem com a pratica, e subordinação dos exercitos regularisados.

Foi preciso ceder. Tomáram as tropas de D. Miguel conta e posse da cidade; instituiram o seu governo; arvoráram a sua bandeira, e formaram as suas auctoridades.

Foi preso e condemnado quem não conseguio occultar-se ou fugir.

VI

Já ia adiantada a noite. Estava Isabel triste, pensativa e solitaria no seu aposento. Não chegára ainda a seu conhecimento a sorte do combate. Ajoelhava-se diante de uma pequena imagem da Virgem santissima, e pedia-lhe com devoção, que do alto de sua morada celeste lançasse os seus olhos misericordiosos

sobre o amante, que lhe roubára a guerra civil. Passeiava um pouco, abrindo a jelosia, que dava sobre um pequeno jardim semeado de flores, e rodeiado de uma exquisita cerca de junco, que findáva na beira do Mondego. Toldara-se o ceo, cobrindo-se de nuvens escuras, que escondiam as estrellas. De fora nem-um rumor vinha, á não ser o murmurio tristonho que desfiava o vento por entre os galhos e folhas dos castanheiros e pereiras.

Sentava-se outras vezes sobre uma poltrona, dando expansão aos tristes pensamentos, que adejavam-lhe em torno do espirito, como sonhos desconcertados do convalescente. Corriam-lhe pela mente escandescida dolorosas reminiscencias. Assustava-se ao assalto das ideias melancholicas, que a perturbavam de quando em quando, pintando-lhe o amante ensanguentado no travar do combate, e furor da lucta fratricida.

Ouve de repente uma voz no jardim, a qual lhe era conhecida : pronunciava o seu nome. Chamava-a...

Correu á jalosia : gritou-lhe :

— Estas salvo?

— Não.

— Vives porem!...

— Vencido.

— E agora?

— Resta-me a morte ou o exilio.

— O ultimo. Salva ao menos a tua vida.

— Si a queres salva, foge commigo.

— Não é possivel! clamou ella de voz tão dolorida, que partia o coração.

— Então morrerei — foi a resposta de Eugenio.

— E queres ver-me tambem morta? — perguntou-ella com tom decisivo e energico.

— Tu morrer! Oh! nunca!

— Foge então — exclamou ella.

— Fugir sem ti? Mendigar em estranhos lares, longe do ente unico que amo no mundo! Vem commigo, Isabel! Livre está ainda o caminho do Porto. Si não se salva esta cidade, livre está ainda o mar, e lá ao longe o Brazil, imperio nascente, que offerece recursos á todos os infelizes! Deixemos esta terra regada com o sangue dos martyres! Vamos respirar a atmosphera da liberdade!

— Como és injusto e ingrato! — respondeu-lhe Isabel. Posso accáso deixar a minha familia, meu velho e tropego pai, e minha bõa e carinhosa mãe, que morreráo de desgostos e vergonha? E, seguindo-te, alem do nome de infamia, que deixo na minha patria, não perderei tambem parte da tua estima, e sobreviverá o teu amor á perda semelhante?

Conheceu então Eugenio a razão profunda da donzella, e apreciou a perspicacia e acerto, que ella mostrava. Escapou-lhe do peito um gemido que manifestava o pensamento, que gyrou-lhe pelo espirito n'este instante.

— Coragem! — continuou ella — coragem e espe-

rança, Eugenio! Ninguem soffre mais do que eu com a tua auzencia: nem-um ente sobre a terra curtirâ angustias eguaes. Porem Deus é todo poderoso; lembrar-se-ha de nós! Parte, ama-me sempre, e confia que um dia, voltando para a patria, mais feliz e contente do que agora, rever-me-has e poderemos unir-nos livremente! Parte, para que possa eu viver, e guardar-te esta existencia e amor, que por ti nutro. Parte, senão por ti, por mim ao menos... Affianço-te eterna fidelidade!

Não se resiste á profundas e energicas vozes como foram as da donzella! Deixou-se vencer Eugenio, gritando-lhe apenas:

— Juras-me?

— Juro-o pela minha salvação, — repetio-lhe Isabel —estendendo o braço para o céo, e dando mostras reaes da espontaneidade e valor do compromisso, que tomava.

— Sabes a estensão do juramento que prestas?—disse-lhe o joven? —Sabes que si cessares de amar-me, cessarei de viver?

— Sei.

— Pois então, adeus Isabel! E o Senhor ajude-nos á ambos!

Mais ligeiro do que o gámo, saltou pela cerca, atravessou o rio, e desappareceu.

Ficou ella ainda por algum tempo á gelosia até

que não sentio o mais pequeno rumor. Feixou-a, e atirou-se emprunto, banhada em pranto copioso.

Seguio Eugenio o caminho que dá sobre a colina de pedra, que tem o nome de Penedo da Saudade; parou no cúme, e lançou os olhos sobre o vale de olivaes, que a cerca por todos os lados. Foi-se a noite esclarescendo, e sahindo a luz do seio das trevas, projectando sobre a terra os seus raios palidos, que derramam tanta melancholia. Assemelham-se os olivaes á chorões, que folgam de poisar sobre os tumulos. Esta vista tristonha : o nome do penedo, em que se achava, e que repercutia constantemente reminiscencias doridas do amor de de D. Pedro e Ignez, que haviam sido tambem tão desditosos : a propria situação, que sabia Eugenio apreciar devidamente, no instante de desamparar a patria e amante para salvar a sua, e a vida d'ella : e as lembranças emfim de sua infancia, que recordavam-lhe sitios tão conhecidos, e percorridos em epochas menos desditosas; arrancaram-lhe lagrimas abundantes, que se despenharam dos seus olhos á jorros.

Formam felizmente as lagrimas um grande consolo para as desgraças. Mitigam-lhes a dureza, e suavisam-lhes a parte mais forte e profunda.

Saudou aquellos sitios, dizendo-lhes um adeus tão enternecido, que commoveria o peito mais insensivel.

Dirigio-se depois para o Collegio da Sapiencia, internando-se pela cidade. Encaminhou-se pelo subter-

raneo, que communica o collegio com o mosteiro de Santa Cruz, para o logar em que se acham depositadas as cinzas de D. Affonso Henrique. Queria despedir-se do grande homem, que abrio a estrada da gloria para a nação portugueza, e tornou-a independente e valorosa. Foi seu intento saudar a monarquia no seu berço, já que a accompanhara ao tumulo. Recitou perante o sepulchro com uma voz vagarosa e triste, o bello soneto, que ahi inscrevera o poeta brazileiro, Marechal Luiz Paulino da França, no momento em que mandavam os Franceses, senhores de Portugal, desarmar a tropa lusitana, e arvorar o estandarte das aguias, que Napoleão fizera vencedor por toda a Europa.

A' teus pés, fundadór da monarquia,
Vai ser a luza gente desarmada :
Rende hoje á traição a forte espada,
Que jamais se rendeu á valentia.

Oh rei ! si minha dôr, minha agonia,
Penetrar pode sepulchral morada :
Arromba a campa, e com a mão mirrada.
Corre á vingar a affronta d'este dia.

Eu, fiel qual te foi Muniz teu pagem,
Fiel sempre serei. Grata esperança
Me sopra ó fogo de immortal coragem.

E o pranto que á teus pés minha dôr lança,
Recebe, o grande rei, por vassallagem ;
Aceita-o, em protesto de vingança !

Deixou o mosteiro, sahio de Coimbra, e procurou a estrada do Porto. Estava ella porém occupada pelas tropas do Infante. Não podendo unir-se mais aos defensores, que sobravam á liberdade, desceu disfarçado o Mondego, e conseguio embarcar-se na Figueira para o Rio de Janeiro.

VII

Logo que pelas armas domou o Infante as partes todas do reino, que lhe tinham recusado obediencia, começou o dominio do arbitrio e o imperio da tyrannia. Tudo dependia do novo soberano: instituições, leis, regulamentos, politica, administração, justiça, provincia, cidade, municipio e arraial. Fisera-se rei absoluto; e proclamava francamente que era a auctoridade assim necessaria para Portugal e Portugueses, que no regimen constitucional, inaugurado por meia duzia de ambiciosos contra os instinctos, habitos e sentimentos de todo o povo, não encontravam senão desordem, anarquia e irreligião.

Para o fim de acabar com toda a resistencia, cobrir com o terror a mais pequena aspiração extranha e livre, estabelescer a obediencia servil em todas as classes da sociedade, e abafar qualquer sentimento que não fora conforme ás suas ordens, fundou um

sistema de perseguição, que ou arrastava ás prisões, que se encheram de gente, ao cadafalso, que funcionava constantemente, ou á emigração para o extrangeiro, que despovoava o paiz da melhor parte de seus filhos, cujos braços faltavam á industria, agricultura, artes, lettras e sciencias.

Foram-se prostrando todas as forças da sociedade, e tornando-se visivel a decadencia do paiz, que só conseguio reerguer-se de novo depois que cahio e foi expulso o Infante, que, durante os annos que occupou o throno portuguez, fixou uma epocha menos cumprida, e mais malfadada, sem duvida, do que a do captiveiro dos sessenta annos, sob o jugo dos tres Fellipes de Castella.

Não houve classe da sociedade portugueza, que deixasse de soffrer as perdas mais sensiveis : dizimou-se a magistratura, morrendo ou emigrando os mais illustrados e probos juizes : desappareceram os advogados mais habeis, jurisconsultos mais notaveis, lentes da universidade mais distinctos, escriptores e poetas mais populares, medicos mais acreditados, sabios mais abalisados, artistas de talento, commerciantes, proprietarios, administradores, agricolas e industriosos. Cobrio-se o paiz com uma rede de frades, ecclesiasticos, e nobres que não tinham bens, de espiões, que tudo lucravam, e militares, que sõ do patronato esperavam os accessos; converteram-se em dominadores, e regulos das provincias, e termos do

reino, e sõ governava a sua vontade, e decidia o seu arbitrio.

Que faziam os infelizes foragidos, que abandonarám bens, patria e familia? Preferiram uns mendigar em França, e Inglaterra, o pão cruento do exilio, sustentando-se á esmolas dos corações generosos, e passando vida de miseria. Partiram outros para as ilhas dos Açores, ainda não curvadas ao jugo da usurpação, e formaram na Terceira um como que nucleo de nação, que resistio á todas as forças, que contra elles se dirigiram, governando-se independentemente, e assombrando o mundo com o seu denodo e valentia, que não se renderam nunca ás armadas fortes e bem esquipadas que ousarám por vezes attaca-los, conservando assim durante todo o tempo do reinado de D. Miguel um baluarte seguro para a lealdade portugueza, e liberdade constitucional do paiz. Dirigio-se a maior parte para o Brazil, aonde encontrava um paiz novo e hospitaleiro, que offerecia os recursos necessarios áo trabalho e intelligencia, empregados honestamente.

Seguio Eugenio a sorte d'estes ultimos. No Rio Janeiro se estabelesceu, e entregou ao commercio, entrando para uma casa, na qualidade de guarda-livros.

Era grande o numero dos emigrados portuguezes que procuraram no Brazil um asylo e abrigo. Encontravam-se amigos da infancia, parentes, e companheiros d'armas, vindos de todos os pontos e sitios de Portugal. Achavam sympathia no povo, que era apaixon-

nado por instituições politicas livres e democraticas, appoio entre muitos dos seus compatriotas, que haviam trocado a sua nacionalidade de nascimento pela do novo imperio, que se creára, dominando o Atlantico desde o Amazonas até quasi o Rio da Prata; e protecção no governo, á cuja frente estava o Imperador D. Pedro I°, que representava o ramo varonil da casa augusta de Bragança, e não podia deixar, como portuguez que fora, de sentir batter fortemente o seu peito heroico em prol da sua terra natal, e dos desditosos compatriotas, que andavam foragidos d'ella.

Compromettiam todavia a popularidade e posição do Imperador estes sentimentos tão naturaes; os actos tão bemfazejos, que praticava em favor dos Portuguezes, e os auxilios, que do Brazil tirava, para sustentar na Europa a cauza de sua filha D. Maria II, rainha legitima de Portugal, desapossada do throno dos seus maiores pela usurpação do Infante D. Miguel. Parecia e com razão aos Brazileiros, que á pouco tempo se haviam emancipado, e fundado uma nação livre e independente, que, não deviam os seus recursos ser tão abundantemente arrancados do paiz, para se gastárem em cauza estrangeira, comquanto lhe professassem estima, e desejassem sorte venturosa. A malfadada guerra do Rio da Prata, que decretára o Imperador, levado pela ambição tradicional dos seus predecessores, e os cuidados incessantes que applicava aos acontecimentos, e desastrosas scenas de Portugal, crea-

ram-lhe uma opposição, que se ia estendendo, e popularisando, lançando sombras de suspeita e desconfiança sobre a gratidão que lhe deviam os Brazileiros pelos relevantes serviços, que lhes havia prestado, quando os coadjuvara para a independencia, unidade e liberdade do paiz.

Mais que nem-um outro successo, trouxeram á D. Pedro I° amargos dissabores os males que soffria Portugal, e a protecção que devia e praticava com os emigrados europeos. Nasceu principalmente dos factos, que acabamos de narrar, a opposição, que foi pouco á pouco encontrando, e que obrigou-o por fim á abandonar á seu filho mais velho o throno americano, que era a sua obra mais gloriosa, e o titulo mais solido que creára para perpetuar no Brazil o seu nome, e memoria.

Passado pelo cadinho de razoavel exame, para quem está já alguma cousa distante da epocha critica, em que se deram estes acontecimentos, parece que entráram mais prejuisos e ciúmes nacionaes, excitados pelas paixões, do que propriamente interesses reaes do povo brazileiro, que não podia e nem devia receiar-se mais de predominio portuguez no solo, que possuia na America, e que para uma vez de todo se libertára.

Convem aos governos attender todavia ás prevenções nacionaes, não as affrontando de frente, e nem despresando. Encaminhar com geito a sociedade,

esclaresce-la convenientemente sobre os seus interesses reaes, e diffundir as luzes para que se conheça a verdade, impere a razão, e prevalesça a justiça, é na verdade difficil dever, mas que cumpre executar com cuidado e moderaçao, para que se não desvaire o espirito publico.

São os homens infelizmente sujeitos á erros, que acarretam muitas vezes para as nações fatalidades deploraveis.

VIII

Poderia Eugenio viver feliz, si bem que tranquillo? Não o amofinariam constantemente as saudades da patria, e do que deixára no paiz, em que abrira pela primeira vez os olhos ao dia?

Quem mesmo expontaneamente se ache longe dos lares patrios, e possa regressar para elles quando o julgue opportuno, si todavia dirige os seus pensamentos para o tempo, que passára no meio de phisionomias, que se habituára á ver desde a infancia, e para os logares, de que guarda doces reminiscencias, não escápa de certo á um accesso de sensibilidade, que se lhe apodera do espirito, sempre que não encontra mais ao pé de si os doces objectos de seus primitivos amores; as meigos abraços dos pais carinhosos; a caza,

em que brincara; a arvore, na qual colhia fructas; o companheiro e amigo dos primeiros divertimentos; o regato, que salpicava a terra com as suas tenues aguas; o céo, que lhe parecia sorrir; a propria viração, que lhe innundava a face; a ave, que esvoaçava docemente; a voz da velha criada, que vivia ralhando; e até os gemidos do animal domestico, que em tamanha distancia offerecem encantos maiores, e pungem o coração com indefinivel saudade.

Modifique-se um pouco o quadro; tome-se em vez de exilio voluntario um desterro forçado; tire-se da imaginação a esperança de rever a patria, pais, e amigos; mostre-se o solo natal banhado em sangue, moribundo, e prostrado, como cousa de uma vez perdida; e forme-se então uma ideia approximada do estado desesperado de um infeliz, atirado em um mundo, que não conhece por que não é o seu, e que nem lhe falla, entende, ou ouve!

Seja bello embora o paiz em que nos achemos, superior em todos os sentidos, mais ricco, poderoso, magnifico, prazenteiro, civilisado, insinuante, commodo e hospitaleiro, do que o solo natal; sussurra sempre no espirito, e vibra no coração do homem uma ideia fixa e innata, que lhe rasga o painel da sua terra, afformoseando-a, e abrilhantando com encantos que elle proprio não suppunha; a dura saudade, espinho que tortura cruelmente o espirito, imprime n'alma uma dor impossivel de reprimir e vencer!

Acharam os medicos um nome technico para exprimir esta ideia, tão familiar aos infelizes que amam sinceramente o seu paiz natal, e que se converte em molestia phisica, que definha, e matta ás vezes o corpo. Chamam-lhe nostalgia.

Admirava Eugenio o paiz soberbo que lhe assegurára um azilo seguro, e tranquilla existencia. Extasiava se muitas vezes diante de bellezas que não vira na sua terra natal; de recursos que tendia o futuro á desenvolver, e de que privára a natureza a terra de nossos avós; e da immensidade de grandeza, para que parecia destinádo o novo imperio, sahido das entranhas de Portugal, e mais florescente já, prospero, e ricco, do que o reino que lhe dera o nascimento.

Dizia porem comsigo — É sublime esta natureza, bellas as arvores e flores, fertil e admiravel o solo, immensos os progressos percorridos, extraordinario o porvir, excellentes as instituições e governo, e hospitaleiros e industriosos os homens! Rasgam o solo rios immensos que se tornam communicações naturaes: povoa-a copia immensa de montanhas verdes e planicies uberrimas e deleitosas: cerca-a um mar, que se não curva á os furações e tempestades do oceano da Europa: possúe todos os climas, appropria-se á todos os productos da industria agricola; semea-se de cidades florescentes, e portos seguros para todas as esquadras do mundo; já entretem relações directas com o universo inteiro! Deixe-se correr os annos, e

povoar-se-hão as suas mattas, arrasadas pelo ferro civilisador, e habitadas por um povo innumero e trabalhador; converter-se-á em uma nação poderosa e grande! Mas não vale tudo isto a minha terra, si bem que pobre e desgraçada; a minha choupana, aonde repoisam os meus velhos pais; o meu bello Mondego, com as suas campinas, arvores, e flores, que me trazem doces reminiscencias; e a minha... meu querido anjo, por quem suspiro, com quem sonho, e com cuja imagem me alimento e vivo!

Escapava-lhe pranto copioso sempre que com o pensamento media a distancia que o separava dos objectos, que o enterneciam. Olhava para o Oceano, como barreira invencivel, que se collocára diante dos seus olhos, ora immovel e socegado, como uma admiravel planicie, que se estende á perder de vista, figurando um immenso espelho que reflectia os raios do sol, ou um lago melancholico e tristonho ao sussurrar monotono da lua, que projecta por cima das suas aguas uma claridade opáca e scintilante; ora revolto como o animal bravio das florestas, roncando tenebrosamente, erguendo montanhas de ondas, que se precipitam com furor sobre as praias e rochedos, e cobrindo-os de espumas brancas, destroços e ruinas.

Quantas vezes, passeando pelo morro do castello, espraiava os seus olhos pela vasta bahia do Rio de Janeiro, e via entrar e sahir quotidianamente os navios para todas as partes do mundo! Ao abrir das velas,

que largavam, ao levantar da anchora, e ao seguimento e direcção que tomavam para o seio do Oceano, em cuja immensidade se iam sumindo vagarosamente, sentia despedaçar-se-lhe o coração, e uma como que voz interna convida-lo á enviar, por intermedio dos ventos, para a patria amada, as tristes saudades de um exilado, que pensando constantemente n'ella, definhava, tão distante, de dôr e sentimento.

— Não é a felicidade — pensava — mais do que uma irrisão terrivel! Seja o berço saudado com mimos; embale-se a infancia com perfumes e carinhos; desça do ceo um anjo para adoçar as horas da juventude, e mitigar os instantes amargurados! Não poderemos dizer: Somos ditosos! É um sonho sem sentido, momento de loucura! É a felicidade uma palavra sem significação alguma! Minha maê, que me adorava, e com a qual eu trocava o sorriso com o sorriso, e as caricias com as caricias! Que será feito d'ella? Existirá ainda? Já desceria ao sepulchro o meu velho pai, fundo de homem bondadoso sob coberta de rigor, frieza e tenacidade!... E Isabel! Isabel! Queima-me esta lembrança como um ferro ardente, que se me interna pelo peito! E a patria!... Sorvem-lhe a ultima gota de sangue homens indignos... Meu Deus! meu Deus!

Na terra vaga errante o desterrado. Tende, Senhor, piedade d'elle!

IX

Rebentavam continuamente no Brazil violentas commoções: a opposição passára dos espiritos para as ruas e praças. Exasperavam-se os partidos, irritavam-se as paixões, e collocava-se o governo do primeiro imperador em posição dubia, e fraca por isso, indecisa, e portanto impotente. Eram as eleições para as auctoridades e Camaras mais facilmente ganhas pelo partido adverso ao soberano, porque infiltrara-se, e tomára corpo e influencia a ideia de que exclusivamente para Portugal se dirigiam os seus cuidados, e não o demoviam os seus conselheiros do proposito de sustentar a causa de sua filha, á custa dos recursos do Brazil, que se esgotavam em proveito alheio, e em beneficio de paiz extranho.

Parece que já pensáva D. Pedro I° que seria obrigado á abandonar o Brazil para conseguir restabelescer a soberania legitima de sua filha, e entregar-lhe o throno que lhe pertencia, e lhe fôra usurpado traidoramente por seu thio, que devendo ser antes o seu protector do que o seu perseguidor, abusára do poder de regente, que lhe dera o imperador, para cingir a coroa, proclamar-se rei, assenhorear-se das forças militares do paiz, e submetter com as armas o reino,

que não queria faltar ao seu juramento e fidelidade.

Deixava assim que no Brazil ganhasse forças a opposição, minasse-lhe a sua popularidade, e roubasse-lhe o amor e respeito dos povos. Não trocava conselheiros fracos e impotentes pelos homens da situação, que, modificando a marcha governativa da administração, reganhassem para o throno o prestigio e gratidão, que possuira em grau tão eminente, quando o fundára com a independencia do imperio. Não subordinava-se ás exigencias e necessidades do sistema representativo, que eleva o povo á tomar parte no governo, por meio da opinião que se cria e desenvolve, e dos seus mandatarios, que impõem a politica, e fixam a direcção que devem seguir os ministros, que, possuindo a confiança do monarcha, necessitam ainda para manter-se e cumprir a sua missão espinhosa, do appoio franco e leal das Camaras do parlamento. Não fazia a menor concessão ás ideias, que germinavam no seio da sociedade, que clamava pelo aproveitamento exclusivo dos dinheiros publicos em favor dos interesses nacionaes, e neutralidade completa do paiz em relação ás luctas e eventualidades do extrangeiro.

Cansado da resistencia e opposição do Rio de Janeiro, pretendeu o monarcha apreciar por si proprio as tendencias das provincias do imperio, e comparar o espirito que n'ellas lavrava com o que predominava na capital dos seus estados. Foi a ultima decepção que soffreu!

Dirigio-se para a provincia de Minas Geraes. Não lhe faltáram os respeitos devidos á pessoa do soberano. Abundáram demonstrações de apreço pelos seus antigos serviços. Atravez porem do solemne recebimento manifestáram-se provas evidentes de que accompanhavam os animos do povo do interior as tendencias dos habitantes do Rio de Janeiro. Deixáram os eleitores de reeleger para a Camara dos Deputados, quasi em presença de soberano, o ministro novo, que escolhera e o accompanhava. Repetiam as folhas diarias das localidades censuras identicas e combinadas contra o governo, como si copiassem os artigos dos periodicos mais populares da opposição da capital do imperio. Recitavam-lhe as municipalidades discursos de felicitação pela augusta visita, com que honrára a provincia, entremeiando-os de pensamentos claros contra as tendencias do governo, e direcção das cousas politicas.

Pezaroso ficou D. Pedro. Voltando triste para o Rio de Janeiro; encontrou desordens na capital. Festas pretendéram dar-lhe os residentes portuguezes pelo seu regresso feliz. Respondeu-lhes a terrivel reacção dos Brazileiros. Travaram-se luctas, que ensanguentáram algumas ruas. Amotináram-se os espiritos; tomáram a dianteira as ideias anarquicas e revolucionarias. Levantou-se o povo, reunio-se-lhe a tropa, e marcháram para o campo de Santa Anna, exigindo a demissão dos ministros, e uma politica exclusivamente nacional.

Preferio D. Pedro que se convertesse o movimento em revolução. Abdicou a coroa em seu filho; deixou a sua familia, e embarcou-se com a sua esposa augusta á bordo de navios de guerra extrangeiros, levando avante o desejo, que nutria á muito tempo, de dirigir-se para a Europa, para cuidar pessoalmente dos negocios portuguezes de sua filha, a rainha D. Maria. Considerou salvos no Brazil o throno, e as instituições, ficando seus filhos. Perdeu amor á coroa que cingira. Havia sido heroe da independencia, e creador de um povo na America. Deliberou-se ajuntar á tamanha aureola da gloria uma segunda egual, restituindo o reino de Portugal á sua legitima soberana, e expellindo o Infante que lhe usurpára o sceptro e o dominio, renovando assim outra nação, que fora a sua patria natal.

Não se enganou D. Pedro. Atravessou o Brazil criticos e perigosos tempos durante a minoridade do seu segundo soberano. Supportou convulsões crueis, guerras civis, e luctas fratricidas. Vio desencadeiarem-se sobre o paiz as ideias mais subversivas de politica e governo. Era porém o povo monarquico, ao mesmo tempo que liberal. Salvou por fim o throno e as instituições, e escapou ás proprias tormentas, e ás que lhe mostravam por todos os lados as differentes republicas que o cercavam.

Abandonnáram então o Brazil muitos Portuguezes. Partio grande copia de emigrados para a ilha Ter-

ceira, á reunir-se ahi ao grupo valente e denodado, que resistia ao Infante, e conservava pura e illesa a lealdade dos sentimentos e feitos. D'esta ilha devia partir a reação contra o governo de D. Miguel, e sahir os bravos, que regeneráram Portugal, capitaneados pelo heroico Imperador do Brazil.

Accompanhou-os Eugenio José dos Santos: decidio-se á ser ainda voluntario da Carta constitucional, e rever a sua patria. Sacrificava-se novamente pela liberdade com enthusiasmo semelhante ao dos seus primeiros annos.

X

Conseguio D. Pedro reunir os defensores do throno constitucional de sua filha, que andavam foragidos pelo mundo; e, junto aos bravos da ilha Terceira, que tão gloriosamente haviam luctado contra as forças do Infante, e repellido-as sempre que tentáram apoderar-se do unico reducto portuguez, que tinha resistido á D. Miguel, deliberou-se á saltar em um ponto da terra firme, e fazer a guerra no coração do reino. Foi a cidade do Porto escolhida para o centro das operações, e começo da invasão. Vencendo innumeras difficuldades, que se lhe oppuzéram, e guiando uma pequena força, valente e decidida pelo denodo e

valor de seus soldados e cabos, conseguio por fim desembarcar, em 1832, no Mindello, e apoderar-se da segunda cidade do reino, aonde o encontraram e victoriáram as mais sympathicas demonstrações dos habitadores.

Numeroso era todavia o exercito de D. Miguel: tinha-o com geito ligado o Infante á sua causa, e pareceria que com elle affrontaria os imprudentes, que o desafiavam e attacavam no proprio seio dos seus estados. Foi o Porto cercado por terra; cortaram-se-lhe as communicações com as demais partes do reino; abria-lhe apenas o mar algumas relações si bem que difficultosas, por onde recebia pequenos auxilios, e se abastecia das provisões, e viveres necessarios.

Em presença do exercito do Infante poucos, e bem poucos se contavam os companheiros do Imperador. Suppria-se porém o numero com a bravura. Sustentava-se o cerco com pertinacia. Augmentavam-se os brios com o tempo, e os perigos. Conservava-se o enthusiasmo com a justiça da causa, que haviam adoptado. Animavam-se com a vista do chefe, que se não poupava á trabalhos, e fadigas, á encommodos, e feitos de audacia.

Ganhou nomeada immortal o grupo de homens que por tanto tempo resistio na cidade do Porto ás forças aguerridas, disciplinadas, e superiores do Infante D. Miguel. Coróou-se a cidade de uma aureola de gloria, que lhe conseguio o titulo honroso de in-

victa. Cobrio-se de louros o Imperador D. Pedro, partilhando, com os seus cabos e soldados, os trabalhos do sitio; os perigos da guerra, que o dilacerava em continuas escaramuças e attaques, e os assaltos da fome, que por vezes se tornáram muito sensiveis.

Era o Porto um montão de ruinas. Choviam quasi sem interrupção sobre a cidade as ballas do innimigo. Fortificada porém como estava, resistia sempre nobre e gloriosamente.

Não esquecia o sexo feminino, que si lhe deu o Creador belleza, coração, e encantos, dotara-o de braços tambem para ajudar o homem nos trances amargurados e criticos da existencia. Tornou-se sublime de dedicação, e cobrio-se de coragem e forças. Não quiz que conhesse exclusivamente aos homens a tarefa da defesa da cidade. Partilhou os seus trabalhos. Egualou-os nos esforços e resignação. Aprendeu á morrer, e não á entregar-se. Sacrificavam-se homens e mulheres pelo bem e liberdade da patria.

Figurava entre os bravos Eugenio José dos Santos, commandando uma companhia de voluntarios. E mais feliz se considerava do que no desterro, por que não temendo o destino dos combates, e nem os riscos da morte, que dizimava com crueldade os seus companheiros, pizava as terras da sua patria, e empunhava as armas em prol da sua causa sagrada. Tinha mais proxima a si a virgem dos seus amores; e si bem a não podesse ter visto ainda, por que achava se ella em

Coimbra, recebia noticias suas de quando em quando, e sabia-a sempre amorosa e constante. O exercito de D. Pedro bebia pelos olhos, e pelos ouvidos, a esperança de sahir brevemente do Porto, e percorrer victorioso o reino até entrar em Lisbõa, terminando com o dominio despotico do Infante. Cada dia que corria, ou combate que se pelejava, alimentava mais a esperança que nutriam os bravos da Carta, de que chegariam breve ao cabo da sua missão glorioza.

XI

Fôra cruelissimo, e prolongado, o attaque, que, no dia 29 de septembro, tentara o exercito do Infante contra a cidade invicta. Ensanguentou os campos, as povoações, e o rio, a immensa carnificina, que horrorizou os proprios contendores. Parecia que o Douro, arrastando as suas aguas para o Oceano, despejava ondas de sangue. Coube a victoria ainda aos sitiados, que commetteram prodigios de valor, e superiores á todo o elogio. Fugio em debandada o exercito do Infante, como que desacoroçoado. Succedeu ao dia uma noite sombria, chuvosa e escura, como para occultar o aspecto do painel, e a vista de scenas, que deveriam espantar os olhos. Abalroava-se com cadaveres nas proprias ruas, ou escorregava-se por cima de sangue

coalhado : quando uma ou outra luz bruxuleava nas elevações, e se encarava para os edificios da cidade, e particularmente para a Torre dos Clerigos, pensar-se-ia que eram as ruinas de Thebas ou Palmyra, nas quaes echoa somente a voz agoúreira do moxo, ou o cantico funebre da coruja.

Reinava o silencio nos accampamentos, interrompido apenas pelo rumor soturno das pisadas vagarosas do soldado, que estava de guarda, ou pelos gritos raros e distantes de alguma sentinella perdida.

Pelas margens do Douro, que banham a base do convento da serra, passou um homem coberto com um grosso capote escuro, que lhe descia aos pés, percorreu elle as sentinellas e guardas, parecendo espia-las, ou dar-lhes as ordens. Seguiam-no tres homens mais em distancia, como para defende-lo em caso de necessidade.

Ao dobrar o angulo de una rua estreita, precipita-se sobre elle um vulto desconhecido, que lhe não permittira avistar a escuridão da noite. Deu um grito, e puxou da espada. Felizmente que negou fogo a pistola que aos peitos lhe apontou o seu inimigo.

Parece que nem ouviram o grito, e nem perceberam a lucta repentina que se travára, os tres companheiros, que o seguiam de longe, porque se não moveram ou adiantaram. Saltou porem felizmente de outro lado um terceiro vulto, que disparou um tiro, cuja bala atra-

vessou certeira o peito do primeiro assaltante, e o atirou redondamente por terra.

Accudio povo ao som do tiro. Appareceram em um instante muitos soldados com archotes; approximaram-se os companheiros, de que fallámos. Estavam todos curiosos de conhecer as peripecias da lucta e os tres individuos que tinham tomado parte n'ella. Seria um assassinato? Que razão o promovera? E quem se diria a victima e o auctor?

O vulto coberto, que fôra assaltado, apertou com força nos braços o seu salvador, e virando-se para os seus companheiros, disse-lhes solemnemente:

— Devo-lhe a vida!

Abaixaram-se e dirigiram-se á cumprimentar o desconhecido.

— Quem sois? perguntou-lhe elle.

— Capitão dos voluntarios constitucionaes; chamome Eugenio José dos Santos.

— Sabeis á quem falláes?

— Não, senhor.

— O duque de Bragança!

Não se póde representar a impressão que causou semelhante scena em todo o povo que ali se achava, e menos ainda no animo de Eugenio, que fôra propriamente o seu protogonista.

Victoriou o povo enthusiasticamente o soberano, que examinava por si os acampamentos; vigiava as sentinellas; fiscalizava a execução das ordens; e dava

exemplos do valor e denodo pessoal. Curvou-se Eugenio perante o Imperador, que repetio-lhe o seu agradecimento, e tratou logo de conhecer quem o pretendera assassinar.

Não podia ser o acaso que arrastasse aquelle infeliz ao crime de tentar contra a vida de um homem qualquer que fosse; e nem assistia-lhe razão para o fazer, quando não tinha apparecido provocação ou pretexto. Fôra naturalmente conhecido o Imperador nos disfarces que tomava. Havia plano que se devia descobrir.

Carregado o cadaver para a inspecção, não foi ao principio conhecido; nem-uma insignia, veste, ou signal appresentava, que o distinguisse.

Depois de alguns dias reconheceu-se felizmente que era um espião do campo inimigo, que á dias se introduzira na cidade, fingindo-se pastor foragido, que se não curvára ao serviço militar do Infante, e procuráva um refugio e abrigo.

Desde então deixou D. Pedro de arriscar tão levemente a sua existencia, tão indispensavel aos defensores de sua filha. É a prudencia parte do valor, e caracteristica da bravura. Não precisava expõr-se para demonstrar que não o assombráram perigos maiores, e que de ferro era o seu corpo para os combates, e de heroe o seu animo para as emprezas.

Captou-lhe o coração o comportamento de Eugenio, que, si bem o não conhecesse, quando o defendera, seguira impeto brioso, correndo em prol de um com-

panheiro attacado repentinamente, e nos riscos de ser assassinado com trahição inaudita.

XII

Brilhou o sol com magestade assombrosa no dia 10 de outubro de 1832. Por cima das bellas colinas que cercam as duas margens do Douro, gravitava lentamente, espargindo raios que não pareciam proprios ja da sua estação adiantada.

Rolava o Douro as suas aguas suavemente, fulgurando com as luzes creadas pelo rei dos astros, que lhe quebravam a superficie tranquilla. Dar-se-ia que pretendesse o rio erguer a juba, e mostrar aos olhos dos homens as palhetas de oiro que se pensa achar-se sepultadas no seu leito, e virem arrastadas das montanhas de Hespanha, de onde se despenha?

Si quasi na escuridão das trevas travou-se o attaque de septembro, o que premeditava agora o exercito do Infante, realizar-se-ia em dia soberbo e claro, tendo por testemunha um sol esplendido, que não poderia esconder os erros dos generaes, e as vergonhas dos derrotados.

Foi com effeito o dia escolhido para a nova tentativa contra a praça. Não tinham podido até então sahir dos seus muros os estrenuos soldados da Carta, e Rainha.

Não haviam tambem podido os seus inimigos atravessar-lhes as trincheiras, e penetrar na cidade. Longos e trabalhosos esforços haviam empregado em balde. Sorria porem sempre a victoria final aos defensores de D. Pedro, que espantavam os seus proprios adversarios com denodo de gigantes.

Toccaram as trombetas. Collocaram-se as vanguardas do exercito de D. Miguel. Correram á postos os habitantes da cidade. Em quanto combattiam os valentes no campo da batalha, serviam os decrepitos, os aleijados, os velhos, as mulheres, e as crianças para guarnecerem as muralhas, carregar os feridos, cuidar dos doentes, desembaraçar dos destroços os caminhos e sitios, e coadjuvar assim os defensores da liberdade.

Fez-se ouvir um estrondo horroroso. O furor descompassado dos raios, que estremecem e assustam a terra, não egualaria o rumor, que produziram milhares de balas abrazadas, que partiram do exercito sitiante, e desabaram sobre a cidade, como vinganças do Ceo. Responderam-lhe os do Porto com o mesmo fogo, e em um momento os edificios, e torres, e ameas, e as montanhas visinhas, e os exercitos ambos, desappareceram em uma nuven de fumaça, de cujo seio escapavam apenas, de quando em quando, gritos e gemidos dos agonisantes.

Atiraram-se os sitiantes sobre o convento da Serra. Domina a cidade do Porto este forte soberbo, cuja

posição é optima para as manobras sobre o campo, e para a defesa da povoação, que fica ao lado como sob a sua guarda. Empregaram os soldados de D. Miguel esforços inauditos para toma-lo. Conseguiram trepar pelos lados, no meio do mais vivo fogo, e chegar até acima, depois de perigos extremos. Havia no forte uma pleiade de bravos, que apprendera á resistir e combater: poucos eram porem, e como oppor-se ao mesmo tempo á uma grande nuven de inimigos, que desfexavam de todos os lados golpes certeiros, e que, si um cahia, substituia-o outro, e após este um terceiro, e tantos quantos necessario fosse renovar?

Obraram os do forte prodigios de bravúra; mas já perdera o sangue e vida a maxima parte d'elles, e atrapalhavam os cadaveres dos mortos aos combatentes vivos, curvados sob a fadiga de uma lucta tão longa, cruel e duradoura, e sustentando-se ainda para morrer do primeiro ao ultimo, sem a menor intenção de render-se.

Chega o combate para o pé do estandarte da rainha; parece ir sendo já a presa dos inimigos: gritam de longe os amigos da liberdade, levados da maior desesperação e furor. Lamentam-se os do Porto, assistindo á espectaculo tão dorido. Que será da cidade invicta si render-se o forte do convento da Serra, que é a sua muralha e garantia mais importante?

Precipitam-se os valentes contra o forte, tentando subir e entrar após os seus adversarios. Mostram o maior animo, e decisão; convertem-se em verdadeiros leões, á quem no centro dos desertos querem roubar os filhinhos, e que, espumando e roncando, despedaçam quanto se lhes antepoem, levados de desesperação e furor estridente.

A' brecha é o primeiro á chegar, e á precipitar-se sobre ella imprudentemente, um valeroso e joven official, que, através de cadaveres e rios de sangue, reergue o estandarte real, dando um grito de victoria, que já outros seguem, rodeiam, e combattem denodadamente.

Dá novo vigor aos constitucionaes este acto de heroismo; são precipitados do forte os inimigos mais corajosos, que ousaram invadi-lo, e que por pouco se não assenhorearam d'elle.

Continuou tres dias o combate no campo: tres dias gastaram-se tambem em attaques contra o forte da Serra. Mas Deus é justo, e não permitte a sua infinita bondade que se percam as boas e sanctas causas. Tiveram de recuar os soldados do Infante, cedendo ainda a victoria aos defensores do Porto. Entre os bravos porem, cuja morte teve de chorar o exercito libertador, contou-se o valente capitão, que salvara o estandarte e o forte, na occasião do principal attaque.

Era Eugenio José dos Santos.

Fiseram-lhe um pomposo enterro; collocaram uma

lapida de marmore sobre o seu tumulo. Cravaram n'ella uma inscripção honrosa.

E quando conseguio D. Pedro retomar o reino dos seus maiores, restaurar o throno da sua filha, e fundar o regimen constitucional, notaram os habitantes do Porto que para o cemiterio, que guardava o tumulo do bravo, dirigia-se todos os dias uma donzella, que de Coimbra viera estabelescer-se no Porto. Ajoelhava-se sobre a lapida, derramava lagrimas copiosas, e deixava sempre uma flor saudade, como prova do seu sentimento.

No fim de um anno cessou de apparecer a donzella. Teria tambem seguido o destino do seu amante, e deixado o mundo, em que ficára isolada?

UM BANHO RUSSO

1839

Soffria uma forte e teimosa defluxão. De nada me haviam servido os medicamentos caseiros. Quando mesmo porém me devessem ser favoraveis, os divertimentos de Pariz, e os meus trabalhos de estudante, prohibiam-me uma applicação regular da medicina.

Desesperava-me com o encommodo; aconselhou-me porem um joven medico allemão, que commigo moráva, que ensaiasse o emprego de banhos russos, que eram geralmente apregoados como especificos para a molestia, que tantos padecimentos me causáva.

Deliberei-me á seguir a receita. Dirigi-me para o

estabclescimento especial, que se fundára na rua Montmartre, por detraz da galeria dos Panoramas.

Atravessei um immenso corredor envidraçado, cheguei me á um criado, que encontrei, e declarei-lhe a minha intenção de tomar um banho.

Fez-me immediatamente entrar para um pequeno quarto, e despir-me todo em presença d'elle. Não me pareceu muito regular. Que remedio porém! Sujei-tei-me. Embrulhou-me em um grande capote riscado, e forrado inteiramente de lã; enfiou-me pelos pés umas enormes chinellas de pelo de urso, e convidou-me a accompanha-lo.

Não se harmonizáva a minha expectação com o prefacio da obra. Resignei-me sempre, e segui o criado.

Atravessámos uma nova galeria, em que reinava atmosphera ardente, e passamo-nos para um quarto pequeno.

Fiquei espantado quando, lançando os olhos em torno de mim, não descobri banheira alguma, e fez-me entretanto o criado tirar o capote e descalçar as chinellas.

Uma tabôa inclinada, e pregada á parede, formava o leito, cheio todo de furos.

Deita-me em cima, estendido como um morto.

Abrio o criado um tubo, e começou o vapor d'agua fervendo á esquentar o quarto. Ja suava como christão em terra de Mouros. Foi subindo o calorico á

temperatura, que eu não podia mais supportar. Gritei misericordia que me sentia abafado, sem respirar quasi. Achava-se sempre á meu lado o maldito criado, que pôz-se á rir com um louco.

Cresceram-me os furores, quando pegou elle em uma vassoura de folhas, e açoitou-me o corpo deveras, dizendo-me que era para limpar-me completamente. Demorou a operação cerca de dous minutos, que pareceram-me dous seculos.

Afrouxou depois o tubo. Desceu a temperatura. Fez-me levantar, pôr-me em pé, e estender as mãos para segurar-me em duas argolas que pendiam do tecto do quarto, recommendando-me que estivesse firme e direito.

É preciso notar que era ainda immenso o calor, e que eu continuava sempre á suar. Eis que sem ceremonia alguma, puxa o maldito criado por uma mola, que estáva pregada no tecto, e precipita-me sobre a cabeça e corpo uma columna de agua tão fria, que se diria gelada. Não posso descrever a impressão, que soffri com este novo golpe, tão inesperado e extraordinario. Quem dirá que seja este um modo de tratar christãos?

Estremeci, dei um grito, que resôou por toda a casa e cahi no chão, tremendo como uma criança!

Entregou-se então o criado á expansão da mais livre e vivaz alegria. Não foram as suas risadas menos estrondosas do que o grito, que me havia escapado.

— Vejo que não estais acostumado á isto, disse-me, sorrindo se.

— Não estou, nem quero estar — gritei-lhe seriamente. Ordenno-vos que ja e já me retireis d'esta fornalha e d'este gelo, que para isto não foi o meu corpo criado.

— Ainda não está finda a operação — respondeu-me tranquillamente. Si vos deixasse sahir agora, correrieis risco. Tende portanto a bondade de esperar um pouco.

Resignei-me ainda.

Escapei da agua gelada, e voltei para o leito de vapor, que commeçou de novo, e infelizmente de novo arrancou-me ainda do martyrizado corpo copia immensa de suor.

Foi, n'esta segunda vez, menos desagradavel a operação da surra, porque trocara o meu verdugo por uma esponja grande, com que me corria o corpo de quando em quando, a vassoura de varinhas, da qual fizera uso tão incommodativo no primeiro acto da comedia.

Ganhei assim na mudança dos açoites.

Voltei outra vez para a agua fria, á fim de refrescar-me contra a vontade.

Cobrio-me depois com o capote, calçou-me as chinellas, e passou-me para um terceiro quarto perfumado, e cheiroso, aonde achei um bôm, e aquecido leito, em que deitei-me com gosto.

Conservei-me cerca de um quarto de hora quieto, e bem agazalhado.

Trouxe-me o criado a minha roupa, e veio em sua companhia um sujeito alto, velhusco, de má catadura, e oculos verdes. Era o medico do estabelescimento.

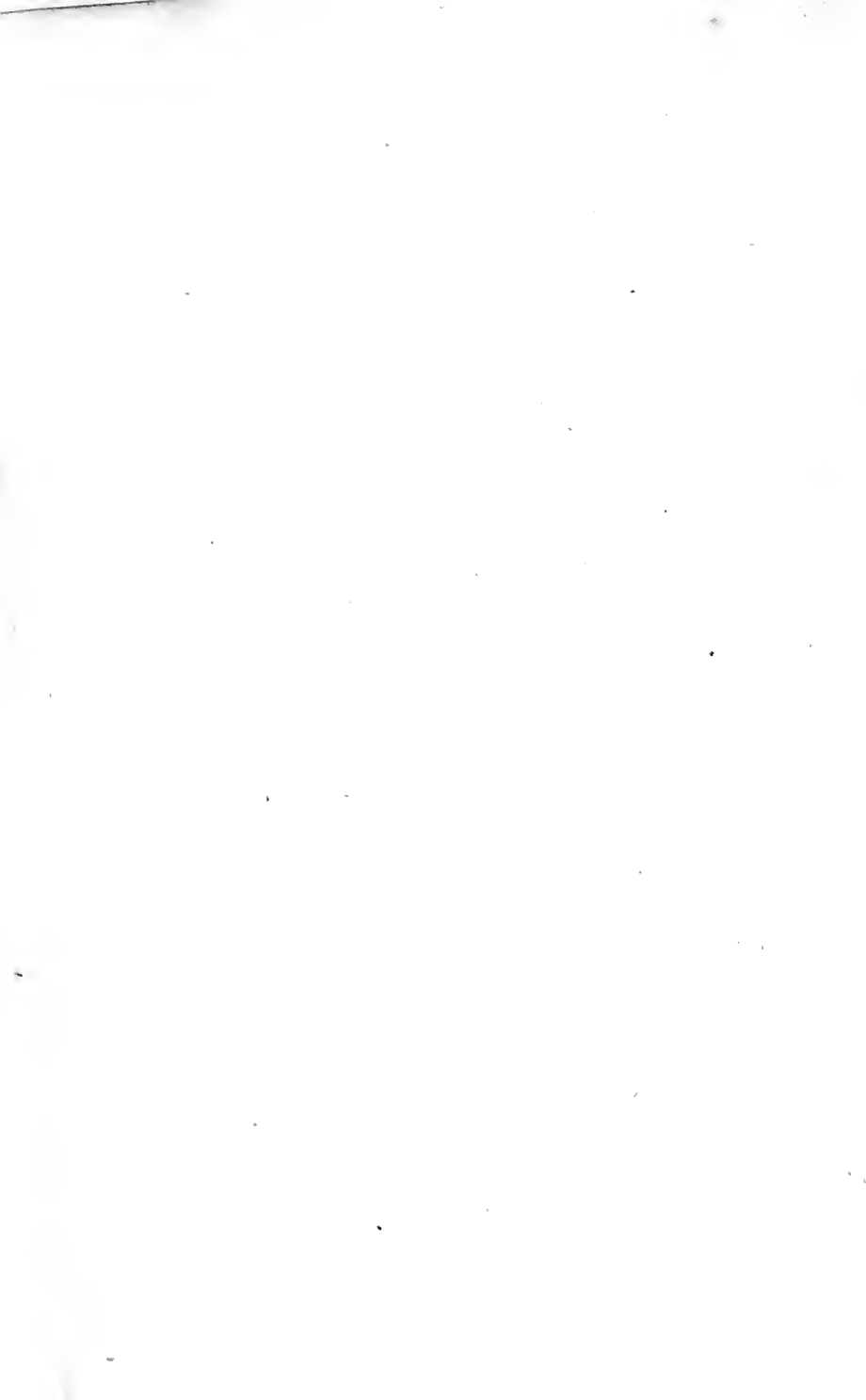
Approximou-se de mim o Hippocrates insigne, tomou-me o pulso, examinou-me a lingua, e aconselhou-me que tomasse ainda cinco ou seis banhos russos, que ficaria inteiramente bom de males passados e presentes, e creio que até dos futuros.

Vesti-me, e quando preparava-me para sahir, appareceu-me o criado, pedindo-me cinco francos pelo banho, e tres para o medico.

Puxei pelos cobres, e ao recebe-los, disse-me, sorrindo-se :

— Alguma gratificação agora, senhor, para o criado que tão bem vós tratou!

Encarei-o fixamente, e atirando-lhe com mais dous francos, fui sahindo a toda a pressa do maldito estabelescimento de banhos russos.

Excuso dizer que não voltei lá mais.

EPISTOLA

AO S[R] DE LAMARTINE

1836

Com que poder tu jogas com noss'alma!
Como magico vibras nossas fibras,
De prazer em prazer nos elevando,
Nas azas do teu genio, a um novo mundo
De tua creação, mundo, onde reinas,
D'estrellas fulgurantes rodeado,
Em elevada esphera!

É tua voz o hymno dos archanjos,
Que doce soa no celeste alcaçar,
Nossa alma de tal geito harmonizando,
Que em doce melodia se evapora
Qual aura branda, que co'as flores brinca.

São tão fortes, tão nobres teus arroubos,
Tão sublime teu estro, e enthusiastico,
Tão pura a inspiração da tua musa,
Que nem te egualam da egrega grega
Os famosos, preclaros defensores;
Nem te excedem do velho Testamento
Os poetas altivos.

Que ha na religião de mais soberbo
Que o teu pincel ousado não tocasse?
Uma por uma lhe brandiste ás cordas,
E aos seus tão puros sons os teus unindo,
De delicias um choro compozeste.

Ha lição de moral mais nobre e sancta,
Que a orquestra sublime do teu genio,
Quando raios de rica poesia
Em versos tão ousados, tão harmonicos,
Esparge, e solta ao mundo absorto e estatico?

Si descreves o brilho da natura
Envolvida, encoberta em veo tristonho,
E la ao longe a fulgurar o astro,
Que com pallida luz tudo enternece,
E o peito e o esp'rito deixa commovidos;

Si pintas da paixão o choque duro;
Si o intimo sentir d'alma desenhas;
Si á grandeza de Deus alçando o voo,
O nada da existencia patenteias;
Quem ousa, ó vate, disputar-te a palma?

Como Promotheu abraçou Jupiter,
Roubou-lhe o sacro fogo, e vital aura,

E ás frias faces do insensivel marmore
Communicou alegre...
Assim eu enlacei a Musa tua
Nos jovens braços meus, p'ra que ella amiga
Um canto me inspirasse, de ti digno,
Que offertar-te podesse...
Ouviste minha voz, musa celeste,
E um osculo de amor me deste acaso?

JORGE GORDON — LORD BYRON

É nossa opinião que a mais viva e nobre expressão de qualquêr epocha é a poesia. Representante das ideias de uma nação, interprete dos seus habitos, instinctos e aspirações, manifesta mais perfeita e brilhantemente o pensamento humano, do que a philosophia com os seus axiomas, a historia com as suas narrações, a religião com os seus symbolos, e as artes com as suas formas, cores e suspiros harmoniosos. Absorve a poesia, desenvolve e populariza tudo, por via de imagens sublimes e arroubos energicos.

De que modo chegou-nos o conhecimento da historia e civilisação do Oriente, mystica patria das reli-

giões e enthusiasmos? Devemo-lo ás grandes epopeas indias, que pintam combates, heroes e ficções tão magestosos e gigantescos como os cumes do Himalaya, e o leito do Ganges. Aós contos heroicos e poeticas tradicções da Persia, mescla extraordinaria de austeridade religiosa, apaixonada voluptuosidade e abstractas metaphysicas. 'As descripções pittorescas, e maravilhosas dos roseos jardins de Sadi, aos mysticos versos dos Suffis, ás amargas melancholias de Job, e aos extasis profeticos de David e Isaias. Devemo-lo emfim ás ficções do Alkorão, aos canticos impetuosos dos Arabes, e ás finas e agudas ironias dos Chins.

Si não fossem os vates sublimes das linguas grega e latina, Homero, Eschylo, Sophocles, Aristophanes, Pindaro, Horacio, Ovidio e Virgilio: bastar-nos-ia por ventura a lição dos historiadores, philosophos e oradores, e o exame dos marmores e bronzes de tão celebrizados artistas, que honráram a antiguidade, para que avaliassemos devidamente, e com a maestria, que possuimos no presente, os usos, tradições e vida intima dos Gregos e Romanos?

De certo que não; nem mesmo a edade media, mais approximada de nós, seria conhecida como merece, si não brilhassem n'essas eras memoraveis um Dante, Petrarca ou Boccacio; si não conhecessemos os canticos pittorescos dos trovadores, os extravagantes sonhos dos minansengers, e tantos poetas populares, cuja vida passava-se em decantar os amores, luctas, com-

bates, banquetes e festas, e em descrever as armas, torneios, costumes cavalheirosos, usanças municipaes, castellos e hospedagens feudaes, e entretenimentos do vulgo et proletariado?

Temos queda pelos poetas: apprendemos em seus versos a historia. Achamos em suas inspirações não somente o deleite, que produzem n'alma, excitando o espirito, e alegrando o pensamento, como copia de esclarescimentos importantes para a vida publica e intima de seu tempo, que nos não fornecem os escriptores que se dedicáram aos outros ramos da litteratura.

Quem melhor representa o nascer do seculo, em que nos foi dada a vida? Quem repercute as suas paixões e instinctos vagos, volubilidade e aspirações desregradas, crenças scepticas e tendencias irreligiosas?

Lord Byron, de certo. Não encontramos outro escriptor para o egualar, considerando-o sob este ponto de vista.

Foi uma revolução politica e social a de 1789; não se terminou ainda. Deixou aos seus successores continuarem na obra encetada, a apenas suspensa. Não foram colhidos todos os seus fructos, e nem talvez os apreciemos em nosso tempo. Marcha, e marcha, como o Judeu errante, através do mundo, não poupando naçoes, nem individuos, e nem classes da sociedade. Ha de passar aos ultimos terminos da terra, porque caminha progressivamente, e invadirá sem davida as

partes todas do universo conhecido. Engana-se quem pensa que o turbilhão de ideias que, como lavas de Vesuvio, atirou sobre a terra o famoso cataclisma, que principiou em França, foi abafado pelos rios de sangue em que se mergulhou, e pela reacção repentina e forte, que creáram seus proprios excessos. Pode ser que não se empregue mais a força das armas, a violencia dos meios, a iniquidade e impureza dos elementos, de que se serviram os seus instrumentos detestaveis. Não morreram porem as ideias novas que denunciou ao mundo. Tem tido incessantemente, e hão de ter necessariamente o seu curso regular e suas consequencias praticas. Vaô-se infiltrando pelo amago da sociedade, restaurando pacificamente a dignidade e egualdade do homem, e substituindo á vida antiga, velhos privilegios e opiniões estragadas, os principios salutares e generosos da epocha nova.

São os meios moraes os unicos proprios para resultado satisfactorio. As scenas de horror, por que passou a primeira explosão, causáram o abafamento das bõas ideias no montão dos maus instinctos, que se infiltráram n'ellas, e as comprometeram e viciáram, mais talvez ainda do que os feitos criminosos dos seus proprios damnados agentes.

Paixões ruins, que nutrio e espalhou a revolução, deram nascimento ao scepticismo, que é a peior philosophia, e trouxeram crises de descrença e irreligião, que são os verdadeiros verdugos do homem, que é

um ente moral, composto de duas naturezas inteiramente oppostas, a physica e a immaterial.

Irá porem o tempo limpando as ideias na confusão, em que ficáram, como separa o lavrador o joio do trigo, e o mineiro a pedra e metal precioso d'entre a terra suja e o barro impuro que a esconde.

Já instinctos melhores são os actuaes do que os do começo do seculo presente.

Personnifica lord Byron a sua epocha, e pinta as paixões e tendencias d'ella de modo, que a avaliamos e a distinguimos exactamente da nossa.

Nasceu em 1788 na cidade de Douvres. Morreu em 1825 em Missolonghi.

Procedia de familia de patricios britannicos. Toccou-lhe por direito hereditario um assento na Camara alta do grande reino unido. Foi terminar entretanto os seus dias em plagas estranhas, abandonado pelos amigos e familia, combatendo ao lado de Botzaris e Canaris pela independencia da Grecia, e entrando para o numero dos martyres que sonhavam os tempos gloriosos de Athenas e Sparta para a terra, cuja historia falla-nos tanto á alma, e ao coração!

Seguio os seus estudos nas escholas de Harrow e Cambridge. Embriagou-se na leitura dos auctores da epocha, e particularmente de João-Jacques Rousseau, Democrito moderno. Trocou as tradicções moraes e religiosas, que lhe insinaram na juventude, pelas ideias scepticas, que dominavam o seu tempo. Engol-

phou-se nos instinctos e paixões, que são consequencias d'ellas, e aborrecido de todos os prazeres e delicias, que saboreava com a avidez do famelico, deixou a Grã-Bretanha, e procurou as plagas de Portugal, Hespanha, Grecia e Turquia.

Não duraram largo tempo todavia as suas excursões. Recolheu-se á patria, cheio de saudades, e desejoso de figurar na scena politica. Casou-se, recitou alguns discursos na Camara dos Lords, e publicou poesias, que não foram aceitas pelo espirito pensador e religioso dos seus conterraneos.

Não se coadunava a sua natureza com a opposição que encontrou. Desamparou de novo e para sempre a Grã-Bretanha, a esposa, uma filha, que tinha, parentes, e amigos, deixando-lhes apenas estes adeuses.

Adeus, terra natal, que dispareces
Sobre a ceruleas vagas. Muge o vento,
Rolando as vagas com furor e estrepito.
Da gaivota repercute o grito.
O sol seguimos nós, que vai fugindo
A'perder-se nos paços do Oceano.
Adeus p'ra sempre, ó Patria ! Adeus, Britannia!

Que mortal se confia nos suspiros
De uma esposa ou de amante? Chammas novas
Humidos olhos seccarão em breve.

Não me peza a saudade dos prazeres,
Dos gozos, que me deu facil fortuna.

Não sinto a vida abandonnar, màs d'entro
Punge-me a dôr de nao haver deixado
Cousa que deva reclamar-me lagrimas.

Contigo alegre fujo, ó meu navio!
Pouco me importa á que paiz me levas.
Seja bem longe dos areaes da patria!

Salve, ceruleas vagas! Salve, ó montes!
O' grutas, ó desertos, ò campinas!
Adeus p'ra sempre, o Patria! Adeus, Britannia!

Atravessou a Hollanda e Allemanha. Descansou na Suissa, ás ribas do famoso lago de Leman, e defronte do velho e historico castello de Chillon. Procurou depois a Italia, que appellidava de sua patria intellectual. Atirou-se sem freio no turbilhão dos prazeres da voluptuosa Veneza. Amores e poesia constituiram-lhe a vida, e tomaram-lhe o tempo. Ao passo que escrevia e remettia para Londres as suas composições, á fim de serem impressas e publicadas, procurava saciar os desejos sensuaes, e absorver-se no oceano das delicias mundanas.

Infelizes creaturas que conheceu! Eram verdadeiras victimas, que esquecia, apenas lhes respirava o halito enflammado, e o suave perfume. Murchas as rozas que colhia, atirava-as fôra com desdem. Respondeu elle á uma, que pintava-lhe acaloradamente a sua constancia, e pedia-lhe amor egual :

Não mais o meu sorriso ao teu responde.
Si abrigas n'alma algum suspiro terno,

Não dirijas p'ra mim; que ja teus olhos
Perderam seus encantos.

Lembram-se d'elle ainda hoje os velhos de Veneza, que o viram e conheceram. Folgava de correr pelo Lido, entregando as faces ao sopro mimoso do Adriatico, montado em um corsel ardente, que espantava o povo. Inspirava-se com a vista das montanhas elevadas da Illiria, e os magestosos canaes, atravessados constantemente pelas gondolas ligeiras e poeticas. Ao murmurio das vagas, ao cantico dos barqueiros, e á sombra das unicas arvores, que possúe Veneza, deslizava canticos, que produziram admiração, até na propria Inglaterra, que começou á apreciar então a grandeza do seu genio, a melodia e perfeição dos seus versos, e a magestade lugubre e monotona dos seus arrojados pensamentos.

Sentava-se outras vezes na ponte dos Suspiros, entre o palacio dos Doges, e a prisão do estado, o local dos prazeres e festas, e o edificio triste das dôres e morte. Elevava-se em extasi sublime, vendo levantar-se do seio dos mares uma grande cidade, como si fôra por encanto, sorrindo-lhe através dos marmoreos restos de uma gloria moribunda.

Começou ali o 4° cantico do poema celebrizado de *Child Harold*, que é a historia do seu coração; copia fiel do que vio, gozou e soffreu; imagem perfeita do seu caracter e sentimentos; e expressão real das suas paixões e sonhos.

Dizia tristemente então, parecendo temer a opinião dos contemporaneos e da posteridade :

> Si minha fama fôr, como tem sido,
> De fragil duração, minhas fortunas :
> Si deve um dia o triste esquecimento
> Trancar-me as portas do soberbo templo,
> Que tem de conservar o nome e gloria
> Dos poetas illustres, memoraveis...
> Que me importa o destino!

Desventurado mortal! Encontrára o fel no fundo da taça! Não tinha fé, religião, nem-umas crenças moraes. Nem confiança de que lhe sobrevivesse o seu genio admiravel! Trouxera-lhe o scepticismo o marasmo da melancholia, e as dôres da desesperação

— Está a incredulidade na superficie da materia, — dizia ousadamente São Tertuliano. — Cavai a terra, e encontrareis o ceo.

Tanto não podia lord Byron praticar. Desgostou-se por fim de Veneza, e foi-se estabelescer em Ravena, brilhante capital outrora, decahida hoje tambem de todas as suas grandezas.

Chamou-lhe a attenção o tumulo de Dante Alighieri. Proscripto e foragido de sua cidade natal, vagára tambem por toda a Italia o celebrisado poeta florentino, arrastando as dôres do exilio, e vociferando ardentemente contra os seus perseguidores.

> Tu verrai si comm'é duro e sale

Lo pan d'altrui. . . . .
Lo scendere, e' l' salir d'altrui le scale [1].

Só no facto do ostracismo havia paridade entre a sorte dos dous homens, que muito differentes eram nos genios e caracteres. Fora Dante condemnado a desterro, e anciava regressar para o seio da patria. Por sua vontade abandonara lord Byron a sua terra, e familia, seguindo o caprixo da mente escandescida. Percorreram a Italia, mendigo um, esmolando o pão do exilio, disendo todavia :

Ma noi siamo peregrin como voi siete.

Entretanto que eclipsava tudo o bardo britannico com a sua riqueza e fausto. Encontraram ambos o seu tumulo em plagas estranhas.

Não ficou lord Byron insensivel perante o tumulo do vate tão geral e devidamente affamado. Em um dos seus poemas invocou o seu espirito ; dirigio-lhe versos admiraveis, e confessa em suas Memorias que folgava de visitar o sepulchro de um genio tão extraordinario, e inspirar-se com as reminiscencias que lhe lembrava o seu aspecto.

É admiravel a influencia passada e presente de Dante Aligheri ! Não se limitou á Italia ; apoderou-se do mundo. Os poetas modernos particularmente, cur-

[1] Dante, *Paradiso*, canto 7°.

váram-se perante o vulto soberbo, que espantou a edade media, e renovou a lingua, e a poesia da sua patria : procuraram inspirar-se com os seus vôos altivos, e inspiração ousadissima : clamaram enthusiasticamente :

Onorate l'altissimo poeta [1].

Almeida Garrett, o chefe da escola moderna portugueza, Magalhães, á quem coube no Brazil a gloria de sêr o primeiro da nova escola poetica, Rivas, que abrio a carreira aos vates castelhános da epocha actual, aproveitaram-se tambêm da leitura dos poemas do famoso Ghibellino, e foram arrastados por elle. A influencia, que sobre os seus escriptos e tendencias exerceu aquelle pensador extraordinario da peninsula italianna, se manifesta á olhos vistos.

De Ravenna passou-se Byron para Roma, que não podia deixar de agradar-lhe por algum tempo, como o confessa nos seguintos versos :

O' Roma! O' meu paiz! Cidade sancta!
Orfaos do coração, que á ti se cheguem,
Mae solitaria de florentes reinos,
Que hão passado na terra! Oh! Dentro d'alma
Ao consolo cerrada, esses que julguem
Suas miserias vis entre teus restos!

[1] Dante. Dirigio elle este verso á Virgilio; foi o distico, que se gravou sobre o monumento, que lhe levantaram os Florentinos na Egreja de Santa Cruz.

Que montam males do homem! Venha e escute
O moxo, e veja o funebre cypreste,
E abra caminho, tropeçando em rochas
E do trono e do templo, o que se queixa
Das rapidas angustias de um só dia.
Ali jaz à seus pés um mundo fragil,
Como este barro, que reveste o homem.
Niobe das nações! Ella aqui pousa,
Sem coroa, sem prole e em mudas ancias!
Urna vasia tem nas mãos mirradas,
Cujo pó sacro foi disperso à muito.

Ja naõ existem cinzas no moimento
Dos Scipiões — e os tumulos lá jazem,
E heroes, os domnos seus, não dormem n'elles!

E tu correrás sempre, ó velho Tibre,
Por este ermo de marmore? Sim, surge,
Co' as turvas aguas vela-lhe as desditas.

Foi o Godo e o Christão, e o tempo, e a guerra,
E delirio, e chammas, que humildaram
Dos sete montes a cidade altiva.
Astros de sua gloria se obumbraram,
Um por um, e ella o vio — e vio subirem
Barbaros reis esse ingreme caminho,
Por onde o carro triumphal buscava
O Capitolio; e sem deixar vestigios
A torre e o templo baqueiou por terra[2].

Poucas obras poeticas egualam em riqueza descriptiva o quarto cantico de *Child Harold*, que commeça

[1] Lord Byron, *Child Harold*.

em Veneza, e percorre a Italia quasi toda. Inexgotavel variedade de descripção, arroubos ousados, amarga ironia, imagens primorosas, sublimes comparações historicas, e gemidos de dôr, melancholia e desesperação, dão-se as mãos para produzir uma obra prima no seu genero.

O que se sente e dóe é que não egualem outros poemas á este cantico magestoso. A' pensamentos nobres substitúe o poeta ironias doridas, e injustas, sêm sabôr e nêm suavidade. Para que estigmatisar a creatura humana, feita á imagem de Deus, vociferando contra si proprio, e exclamando :

Quanto te abusas, debil, fraco insecto,
Com projectos, com planos de futuro,
E com crenças sonhadas de virtudes!
Eu já sei descrever teus sentimentos
Os mais occultos, e os despreso e odeio.
Piso aos pés tuas flores, d'ellas rio-me [1]!

Triste homenagem á humanidade! Nem menos soberbo clamará para Deus :

Na desordem geral da natureza
O que é a Providencia?

Não é tambem a sociedade, na sua opinião, mais do que um terrivel engano e ironia!

[1] Lord Byron, *Mélodies.*

Homem singular e extraordinario, parece que pagou o preço das suas loucuras, e desvarios, tornando-se á si proprio desgraçado, e miserrimo, e acabando com morte gloriosa uma vida desregrada e reprehensivel!

Então, e só então cobrio-se o seu nome em Inglaterra de aureola incontestavel! Esquecerám-se as qualidades que o tornavam odioso, para vir unicamente á lembrança o seu estro divino. Mandou-se disputar o seu cadaver á Grecia, e construio-se lhe em Westminster um monumento ao lado dos de Shakspeare, Dryden e Milton.

E com razão o collocáram apar dos vates britannicos mais celebrizados. Alêm de revelar e exprimir os sentimentos e paixões do seu tempo, de pintar-nos as oscillações e scepticismo da sociedade, que substituio á revolução franceza, e que foi filha legitima da primeira reacção, que formou-se contra os seus excessos, desprende canticos insuperaveis em bellezas poeticas, e em linguagem tão maviosa, e musical, que não encontra rival nos seus antecessores, e que obrigou poetas, como Walter Scott, á abandonar a rima para escrever em prosa, receiosos da sua concurrencia, e superioridade.

Apparecem bem caracterisadas na poesia duas escolas. Sujeitam-se todas as linguas á regras identicas. Esforça-se uma pela altura do pensamento, e selecção da ideia. Occupa-se antes com o fundo do

que com as formulas, mais com o amago do que com as vestes. Escrupuliza a outra na maviosidade da expressão, propriedade do termo, e cadencia sonora do verso. Presta-se a primeira ás classes instruidas, que folgam de apreciar a profundidade e altura da imaginação, subir com o pensamento, e medir o vôo d'aguia do engenho. É porêm mais popular a segunda escola, por que falla a palavra, agrada a harmonia da expressão, deleita a rima do verso, e menor attenção exige para ser o poeta comprehendido.

É lord Byron o mais primoroso escriptor da segunda escola, que possue a lingua ingleza. Presta-se por sua linguagem á difficil senão impossivel versão para os demais idiomas, pois que perde-se e desapparece na mudança a mais importante parte do merito e formusura, que ornam as suas composições.

Para ser apreciado devidamente, carece de ser lido na lingua vernacula. Segue a mesma sorte que Racine e Camões, Gonzaga e Tasso, Boccage e Virgilio, que podem-se intitular os poetas musicaes.

Folgam os espiritos juvenis com os vôos poeticos, e arroubos enthusiasticos, que sabe lord Byron desprender como nem-um outro poeta o póde conseguir ainda.

E correm á sombra de semelhantes bellezas os sentimentos ficticios que pululam nas suas composições; a exageração e monotonia dos caracteres, que desenha constantemente; e os extraordinarios lances que

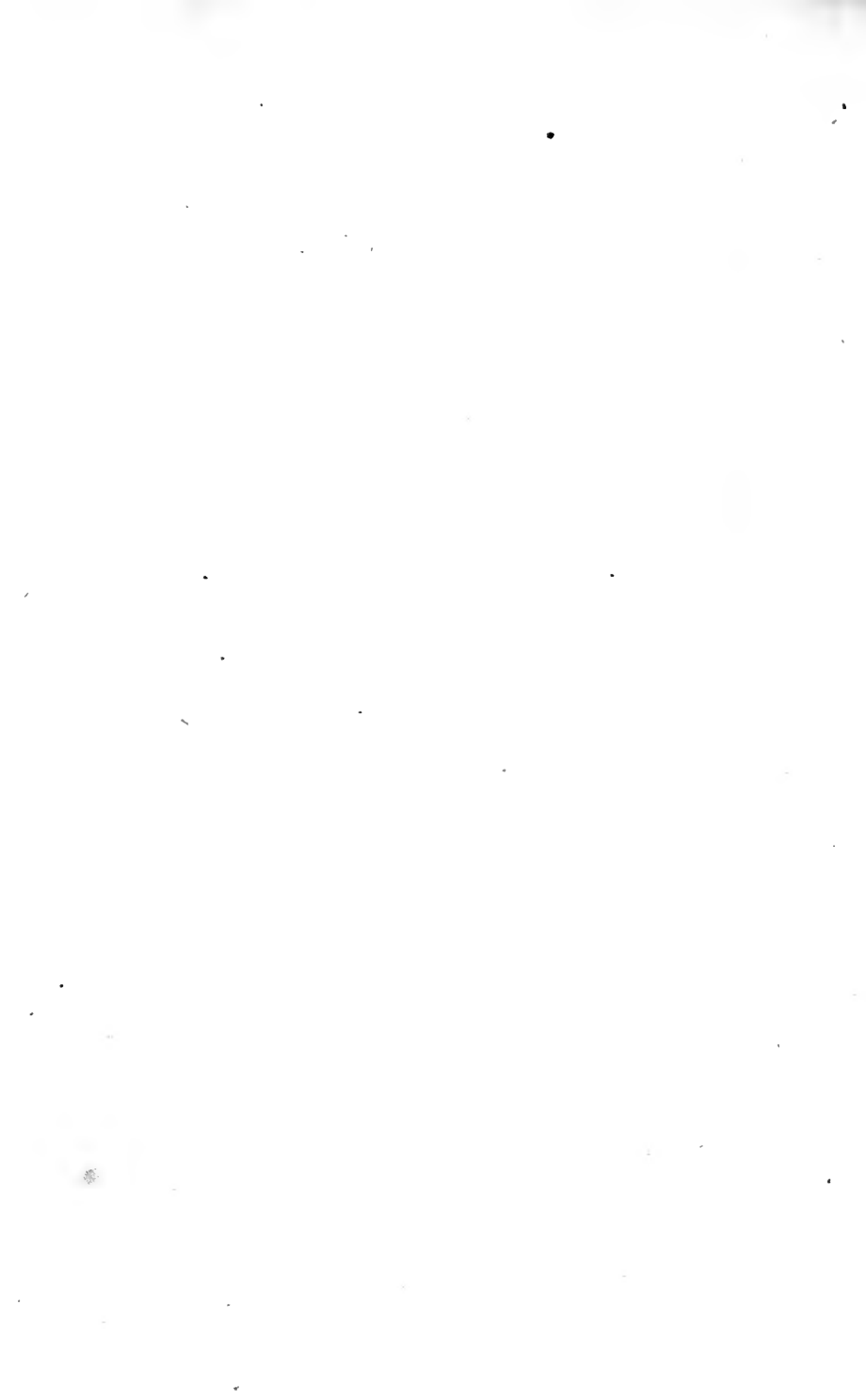
soffrem os seus protogonistas, sem que tenham a menor cohesão, logica e naturalidade.

Com a juventude passa porem a paixão, que criam as aventuras hyperbolicas, e amargos ressentimentos do poeta, mais arrastado ás vezes pelo amor proprio offendido, do que interprete fiel de pensamentos naturaes ou proprios. Succede ainda que ao scepticismo, e incredulidade da epocha de Byron, substitue actualmente uma atmosphera de reacção espiritualista, que repelle as suas tendencias immoraes e desastrosas, consequencias necessarias das ideias que vigoraram.

É lord Byron uma alma poderosa, não porem uma alma sã; uma forte intelligencia, mas não um espirito justo; um poeta superior, si bem que pecca ás vezes pela declamação.

Como Rousseau, espirito escandescido e repleto de fel e desprezo pelo mundo, por causa das decepções por que passara, amargores, que curtira, e humilhações, á que se sujeitara, e cuja leitura exerceu sobre o seu espirito uma influencia talvez egual á de Dante; imprimio tambem o cantor de *Child Harold* movimento manifesto ás lettras do seu tempo, impóz-lhes direcção, teve parte nas suas tendencias, e creou uma escola de imitadores, que, exagerando os defeitos do mestre, como sóe acontecer sempre, dando elasticidade mais desenvolvida ás suas extravagancias, e incremento maior aos impetos ferinos, e amargos, que

o caracterizavam, mareou bastante a sua nomeada poetica, e causou prejuizo á sua reputação individual e publica.

Mais imparciaes, por mais distantes da lucta, e da epocha podemos avaliar e apreciar melhor as composições de lord Byron. Nem-um poeta inglez o egualou em formosura de phraze, harmonia de versificação, selecção de palavra, e doçura de rima. Pesa o sentimento de haver-se perdido pela exageração um engenho tão raro e primoroso. Guiado differentemente, tomaria de certo logar á par dos poetas mais illustres, que têm produzido a terra.

JOSÉ JOAQUIM JUNQUEIRA FREIRE

1855

Era joven, e bem joven o Bahiano Junqueira Freire! Nascido no dia 31 de dezembro de 1832, entrou para o convento dos Benedictinos na edade de 19 annos, e n'elle passou o tempo precioso da juventude. Conseguio porem secularisar-se em 1854, trocando então a solidão pela sociedade, e deixando a cellula do monge para se atirar na existencia contrariada do mundo.

A parca cruel arrebatou lhe a vida immediatamente; ceifou-a assim em flôr, sem nem-uma piedade e no momento em que, ao desabrochar, ja espargia

tanto aroma, e promettia á terra da patria um genio admiravel!

Desappareceu do claustro; não era porem o mundo destinado para elle; desappareceu logo do mundo; deixou todavia para memoria um livro, pouco volumoso, mas rico de inspirações elevadas, de pequeno numero de paginas, e resplandescente de poesia, e poesia verdadeira!

São tão raros os poetas! Não faltãm versificadores, principalmente nas linguas do meio-dia da Europa, cujas palavras se prestam excellentemente á rima, e é a phrase ja por si harmoniosa e cadente; os poetas que todavia nascem inspirados, e que a natureza enriquece com imaginação espantosa; os poetas verdadeiros, raros são, porque a Providencia tem predilectos, e não podem ser estes numerosos.

Era Junqueira Freire poeta! O pequeno livro das *Inspirações do Claustro* o demonstra; ardia-lhe no cerebro a chamma divina; ainda quente deve estar o seu corpo, si bem que ja sepultado na terra, e ja delle fallámos como de uma cousa que foi, de uma nuvem que passou, e de um som que se sumio no espaço.

Parece que teve um presentimento de morte precoce: sahido do claustro, publicou o bello livro das inspirações, e logo que o entregou ao mundo, como para deixar-lhe a dôr e a saudade, feixou os olhos, e desceu á sepultura!

Não é novo este acontecimento na historia littera-

ria : Chatterton morreu antes de 18 annos de edade, Gilbert chegou apenas aos 29.

Como Chatterton e Gilbert, sentia o poeta Junqueira Freire intensa necessidade de olhar para o ceo e para a eternidade; no meio das suas dôres do claustro, como aquelles seus irmãos, no meio das angustias da fome, appellava o vate para Deus, e no seio immenso do Creador do mundo encontrava abrigo e consolações.

> Porque se me extasia a mente ás vezes,
> E vaga, e vaga, aligera e perdida
> Pelas soidões do firmamento ethereo,
> Bem como o seraphim que esguarda os mundos,
> Livre os celestes paramos percorre?
> Porque penetra ás vezes, arrojada,
> Nos mysterios reconditos do eterno,
> E toda entorna-se a seus pés, — bem como
> O alabastro de nardo aos pés do Christo?
> Porque se abraça em incorporeo amplexo
> Co' os angelicos seres de além-astros,
> E, como a chave das eternas portas,
> Abre os thesouros do poder do Altissimo,
> E nelles bebe inexhauriveis gozos?

Extasiava-se assim Junqueira Freire, o poeta que a Bahia e o Brazil acabãm de perder, quando á mente lhe fulgurava a imagem solemne da immensidade; sonhava, delirava, adivinhava, como sonhãm, delirãm e adivinhãm os grandes genios que nascem feitos e não se formãm no mundo.

Poeta, que vida fôra a tua? Tu o dizes quando pintas as dôres do claustro. Ali se quebrou a tua juventude como o aço ao roçar da pedra; perderãm-se os teus gemidos pelos longos corredores e sombrias cellas; ajoelhado ao pé do altar, e em cima de sepulturas, é que te vinha o allivio, a esperança, e a voz do anjo, que te chamava para outro mundo, que devia ser o teu, pois que é o mundo que te merecia.

Gosto de meditar, de noite, ás vezes,
Como um infante,
Espasmado no olhar, fitando o corpo
Que tem diante.
Gosto de meditar, de dia, ás vezes,
Como o ancião,
A quem idéas se erguem do passado,
Em borbulhão.

. . . .

. . . .

Porque, e para que rompeu meu corpo
Do embryão?
Que melhor que não fôra me abafasse
A compressão?
Fôra melhor. E a seiva de amargores
Não me coára,
E a precoce estação das dôres inda
Não me chegára.
Fôra melhor. E o estigma da tristeza
Não me sellára.
Melancholica ronha, os rins sensiveis
Não m'os gastára.

. . . .

. . . .

Ai! praza a Deos que breve;
Tão breve como a flôr,
Ardendo o incenso, ardendo,
Qual virginal rubor,
Transponha aos ceos a alma
Do triste trovador.

. . . .

. . . .

. . . .

É noite; e noite de pavor é ella,
Sacra aos mysterios de esquecidos tumulos.
Sózinho o bardo aqui — co'a noite e as trevas!
Só elle aqui; que o mundo é morto agora
Nos braços do lethargo — irmão do nada.
Só elle aqui com as campas dos finados
Na vastidão dos claustros solitarios,
Que apontando co'o indice da morte
Aos carcomidos disticos das lapidas,
Sorrindo-se, lhe volvem o problema,
Arduo problema — do que monta o mundo,
E a vida e os homens, e a vaidade delles.

. . . .

Não, sózinho é melhor. Sózinho o cysne
No vazio dos ceos mais livre adeja.

Entre tantos canticos e pela maxima parte canticos de dôr, que lhe arranca a solidão, parece que não ha escolha; contêm quasi todos bellezas que denunciām um genio poetico da primeira plana: imaginação, sentimento, ideias, paixões, inspiração sublime, tudo se allia perfeitamente com a selecção da palavra, o apropriado da phrase, a maviosidade do verso e a justeza da rima. Junqueira Freire, si pela imagina-

ção pertencia á eschola de Souza Caldas, Francisco Manoel, Almeida Garrett e Diniz, pela fórma, vestes exteriores, e metrificação, recebeu de certo lições de Gonzaga, Camões, Garção, Bocage e José Bazilio da Gama.

Como é lindo e melancolico o cantico intitulado — *Um pedido!*

Bello joven, tu vagueias
Por campinas de esmeralda,
Adormentas sobre as flôres
O doce amor que te escalda.

Ainda o ceo te apparece
Vasta abobada de anil,
A teus olhos não ha nuvem,
Nem furacão, nem fuzil.

Inda levantas os olhos
A' tua estrella feliz,
Lês cada noite em seus raios
Mil esperanças gentis.

Depois das visões ditosas
De teu dourado dormir,
Acordas fallando amores
Com prazenteiro sorrir.

Ao ardor meridiano
Ouvem-te ainda a cantar,
Não vês a mágoa estampada
Na face crepuscular.

Pela escada da ventura
Sobes cad' hora um degráo,
Tua existencia mimosa
É um continuo saráo.

Bello joven, no teu peito
Não tocou a mão da dor,
Teu espirito innocente
Póde bem pensar de amor.

Bello joven, só tu pódes
Co' os sentimentos na mão,
Fallar palavras ardentes,
Labaredas de paixão.

Eu, que tenho lutado contra a vida,
Bebido n'outro calice de dores,
Joven! — Não posso meditar doçuras,
Cantar ternos amores.

Eu que nunca senti nos olhos d'alma
O traspassar dos olhos da donzella,
Joven! — Não posso te pintar as dores,
Que não senti por ella.

E si eu quizera, disfarçando angustias,
Cantar suave a tua bella Armia,
Joven! — De todos eu teria em paga
Um riso de ironia.

Com este cantico rivalizãm em doçura e tristeza o da profissão de frei *João das Mercês Ramos*, a canção intitulada —*Ella*—, os versos aos *Jesuitas*, cheios de uma côr local brazileira, que muito agradãm, e as ele-

gias — *Flôr murcha do altar*, *Freira*, e *Devota;* derrama-se a poesia por todas as strophes, versos, phrases, e palavras; sente-se com a sua leitura, e sente-se profundamente, à perda de um genio que começava os seus vôos, que ja se podem chamar — vôos de aguia!

Ah! si a dura morte se não apressasse a risca-lo do numero dos viventes; si este joven de 22 ànnos tivesse tempo de amadurar o seu engenho, moderar e regularizar a sua inspiração, colher no estudo mais profundeza de pensamentos, que grande poeta que fôra, e quanta gloria derramaria sobre o seu paiz natal!

O cantico á profissão de frei João das Mercês denota o sentimento, magoa e dôr, que ja haviãm começado a apoderar-se do seu espirito, e desbotar-lhe as côres mais suaves; o isolamento do claustro não pudera vencer as paixões do joven, e quebrar-lhes os brios naturaes; affigurava-se-lhe o claustro um inferno medonho, aonde lhe haviãm enterrado a existencia para lh'a amargurar e emmurchecer; no meio das suas angustias exhalava suspiros desesperados como os *Claustros*, *Apostata*, *Converso*, e *Misanthropo;* ás vezes felizmente o salvava o sopro divino, arrebatando lhe o espirito e vôos para as ideas melancholicas, religiosas e moraes, que brilham e resplandecem primorosamente na *Meditação*, *Incenso do altar*, *Irmães de Caridade*, e *Pobre Soberbo*.

Quereis ouvir como se perdia aquelle espirito poetico, quando balançando entre a desesperação do isolamento e as crenças religiosas, entre as saudades da vida humana e a prisão da cellula, fazia soar a lyra com arrebatamentos dolorosos? Lêde o cantico á profissão de frei João das Mercês.

Eu tambem antevi dourados dias
Nesse dia fatal;
Eu tambem, como tu, sonhei contente
Uma ventura egual.

Eu tambem ideei a linda imagem
Da placidez da vida;
Eu tambem desejei o claustro esteril,
Como feliz guarida.

Eu tambem me prostei ao pé das aras
Com jubilo indizivel;
Eu tambem declarei com forte accento
O juramento horrivel.

Eu tambem affirmei que era bem facil
Esse voto immortal;
Eu tambem prometti cumprir as juras
Desse dia fatal.

Mas eu não tive os dias de ventura
Dos sonhos que sonhei;
Mas eu não tive o placido socego
Que tanto procurei.

Tive mais tarde a reacção rebelde
Do sentimento interno;

Tive o tormento dos crueis remorsos,
Que me parece eterno.

Tive as paixões, que a solidão formava
Crescendo-me no peito;
Tive em lugar das rosas, que esperava,
Espinhos no meu leito.

Tive a calumnia tetrica vestida
Por mãos a Deos sagradas;
Tive a calumnia, que mais livre abrange,
O' Deos! vossas moradas!

Illudimo-nos todos! — Concebemos
Um paraiso eterno;
E quando nelle sofregos tocamos,
Achamos um inferno!

Virgem formosa entre visão phantastica
Que tão real parece;
Mas quando a mão chega a toca-la quasi,
Lá vai, lá se esvaece!

Sonho da infancia, que nos traz aos labios
Um riso mais que doce;
Mas uma voz, um som.... — some-se o sonho,
Como si nunca fosse.

Tu, filho da esperança! — tu juraste
O que tambem juramos;
Tu acreditas, innocente! — ainda
O quanto acreditamos.

Oh! que não soffra as dôres que nos ferem
Teu joven coração!

Que o futuro que esperas se não torne
Terrivel illusão!

Que sobre nós os — filhos da desgraça —
Levantes um tropheo;
E que não aches — como nós achámos —
Inferno em vez de ceo!

Versos expressivos tem tambem o cantico da meditação; há um doer constante, e penar contemplativo, que se observa n'esta existencia juvenil e ardente, que fere e rasga o peito, e chama-as lagrimas aos olhos.

Oh! morra o coração — germen fecundo
De mil tormentos;
Desfalleçãm-lhe as fibras — espedacem-se
Os filamentos.

Isenta de paixões — de amor, ou odio,
Surja a razão;
Não obedeça escrava aos sentimentos
Do coração.

Torne-se o coração lampada extincta,
Cinza no lar;
E deixe que a razão veleje livre
Em largo mar.

Creia n'um Deos — e dos dulçores goze
De almo ascetismo;
Não mais lhe rõa as visceras o cancro
Do scepticismo.

A divida infernal, batendo as azas,
Perdendo as côres,
Precipite-se subito nas chammas
Exteriores.

E Deos, que vivifica o alvar pinheiro,
E a tenra planta;
Que os soberbos calcina, e que os humildes
Do pó levanta;

De minha vil baixeza — como os homens
Ah! — não se peja;
Que elle mão cheia de mil dons em todos
Largo despeja.

Mas si té qui parece deslembrado,
Triste de mim!
Si não manda a guardar minha alma dubia
Um cherubim!

Se nunca se lembrar que um ente existe
Nessa amargura!
Melhor não fôra me gelasse o sangue
A morte dura?

Bastam estes extractos para conhecer-se o genio poetico que se escondia sob as vestes do monge; servem elles para deplorar-se o passamento prematuro de uma existencia tão cheia de futuro, de um engenho tão ricamente mimoseado pela Providencia divina. Como era joven não podia escapar á sorte humana e aos defeitos da mocidade; ha nos seus canticos alguma exageração de sentimentos, alguma extrava-

gancia de ideias : é defeito da edade. É tambem influxo da eschola de lord Byron, cuja leitura se tem espalhado por todo o mundo, e produz nos cerebros juvenis tendencias desordenadas, que só a edade, e a razão amadurecida sabem evitar. O talento e o genio poetico nascem espontaneamente, recebem porem da educação, do tempo, do estudo, e do mundo, o aperfeiçoamento necessario que lhe troca as vestes brilhantes e seductoras do fogo ardente pelos vôos acertados e sublimes do enthusiasmo reflectido.

Tem canções que revelam qualidades de Juvenal : a cantata a *Frei Bastos*, que parece que ajuntava os dotes da poesia e oratoria a vicios immundos que lhe estragavãm o corpo e desseccavãm lhe o espirito, é interessantissima, alem de pittoresca : denuncia a força do poeta, e a elevação do espirito que o animava.

Porque te afogas, Bossuet brazileo,
No immundo pégo da lascivia impura?
Porque teus louros triumphaes nodôas
Co'as roxas fezes do azedado vinho?
Porque continuo tua gloria assopras
Nos leves bafos do charuto ardendo?
Porque te afogas, Bossuet brazileo,
No immundo pégo da lascivia impura?

Desces do altar á crapula homicida,
Sobes da crapula aos fulmineos pulpitos;
Ali teu brado lisongêa os vicios,
Aqui atrôa, apavorando os crimes.
E os labios rubros dos femineos beijos

Disparãm raios que as paixões aterrãm.
Porque te afogas, Bossuet brazileo,
No immundo pégo da lascivia impura?

Para as canções que celebrárãm Milton,
Deu-te o Senhor poetica ardentia;
Para esses dons, que Bossuet vestirãm,
Deu-te ó Senhor o fulmen da eloquencia.
Duas corôas te entrançava a gloria;
Duas corôas desmanchou teu genio.
Porque te afogas, Bossuet brazileo,
No immundo pégo da lascivia impura?

Não foi infelizmente Junqueira Freire o unico poeta dos nossos dias e da nossa terra que a morte ceifou na juventude, roubando á litteratura brazileira escriptos, que promettia gloriosos o genio das flores tas americanas. Dutra e Mello, Alvares de Azevedo, Francisco Bernardino, Pinheiro Guimarães, e Casimiro de Abreu ja tambem desceram ao sepulchro, legando poesias inacabadas, que provam todavia que sobre este solo não espargio somente o Creador da natureza favores divinos para o bem estar, crescimento, e riqueza do povo, que o habita. Pretendeu tambem, em sua infinita bondade, que o espirito se elevasse, e a imaginação dos homens subisse á comprehensão dos seus mysterios, podendo satisfazer as precisões moraes da sociedade, que si necessita de marchar physicamente, não consegue fortalescer-se, e medrar sem o alimento para a alma,

e a instrucção para o pensamento immaterial, que dirige o homem.

Durante os tempos coloniaes enriqueceu-se a litteratura portugueza com os productos dos genios, que creou a sua conquista dos Tropicos. Era de razão, por que formavamos todos o mesmo paiz, e um só reino.

Basilio da Gama, Souza Caldas, Durão, Alexandro de Guzmão, Antonio José, Rocha Pitta, os dous Alvarengas, Gregorio de Mattos, Benavides, os bispos de Coimbra e Elvas, Moraes, Bartholomeu Gusmão, Claudio Manoel, Mello Franco, São Carlos, Antonio de Sá, Vidal de Negreiros, Camaras, Conceição Velloso, e tantos ingenhos mais, nascidos no Brazil, enriqueceram as paginas da historia portugueza nas artes, sciencias, lettras, e politica; nos campos sanguinolentos da guerra, e nas agradaveis planicies da paz.

Ergue-se com a sua emancipação politica uma nação nova, á qual D. Pedro I° e José Bonifacio ensinam os primeiros passos, e illustra o visconde de Cayrú com a sua instrucção variada.

Brilham ja a tribuna sagrada e parlamentar com uma gloria propria. Uma historia nacional se ergue á parte, e caminha o paiz para os seus destinos particulares. Animam associações litterarias o desenvolvimento espiritual. São Leopoldo pratica o ramo historico, accompanhado por J. F. Lisbôa e Varnhagem, Januario, e Pedro Branca entôam canticos agradaveis. Abre Magalhães espaços novos para a poesia.

Seguem-no Gonsalves Dias, Porto-Megre, Firmino, Norberto, Macedo, e tantos jovens talentos que fulguram no horisonte da patria. Reune e publica o Instituto materiaes os mais importantes para a historia e geographia. Ja mesmo no theatro apparecem engenhos originaes, que traçam scenas copiadas do povo com quem vivem.

Brilham ainda hoje mais as lettras, na verdade, no seio da antiga metropoli; não estão porem n'ella mais adiantadas as sciencias praticas e abstractas: e os progressos materiaes no Brazil tomaram sem duvida a dianteira; a liberdade politica ganhou mais profundas raizes; e o amor ás instituições tornou-se mais universal, e seguro.

Corra o tempo. Desappareçam todas as rivalidades, filhas de prejuisos antigos e hoje sem a menor báse. A lingua é a mesma; e ajudando-se ambas as litteraturas, honrar-se-ha cada uma das duas nações com o que é seu proprio, e luctaráõ, sem o mesquinho espirito da inveja e despeito, no vasto e brilhante theatro da intelligencia humana, elogiando-se e estimando-se mutuamente.

Assim o praticam os Estados-Unidos da America do Norte, e não deram elles á Inglaterra, durante os tempos coloniaes, vultos notaveis, que honrassem a mãe patria, como o fez o Brazil para com Portugal. A independencia das colonias britannicas forneceu-lhes occasião então de tornar conhecidos Franklin e Wa-

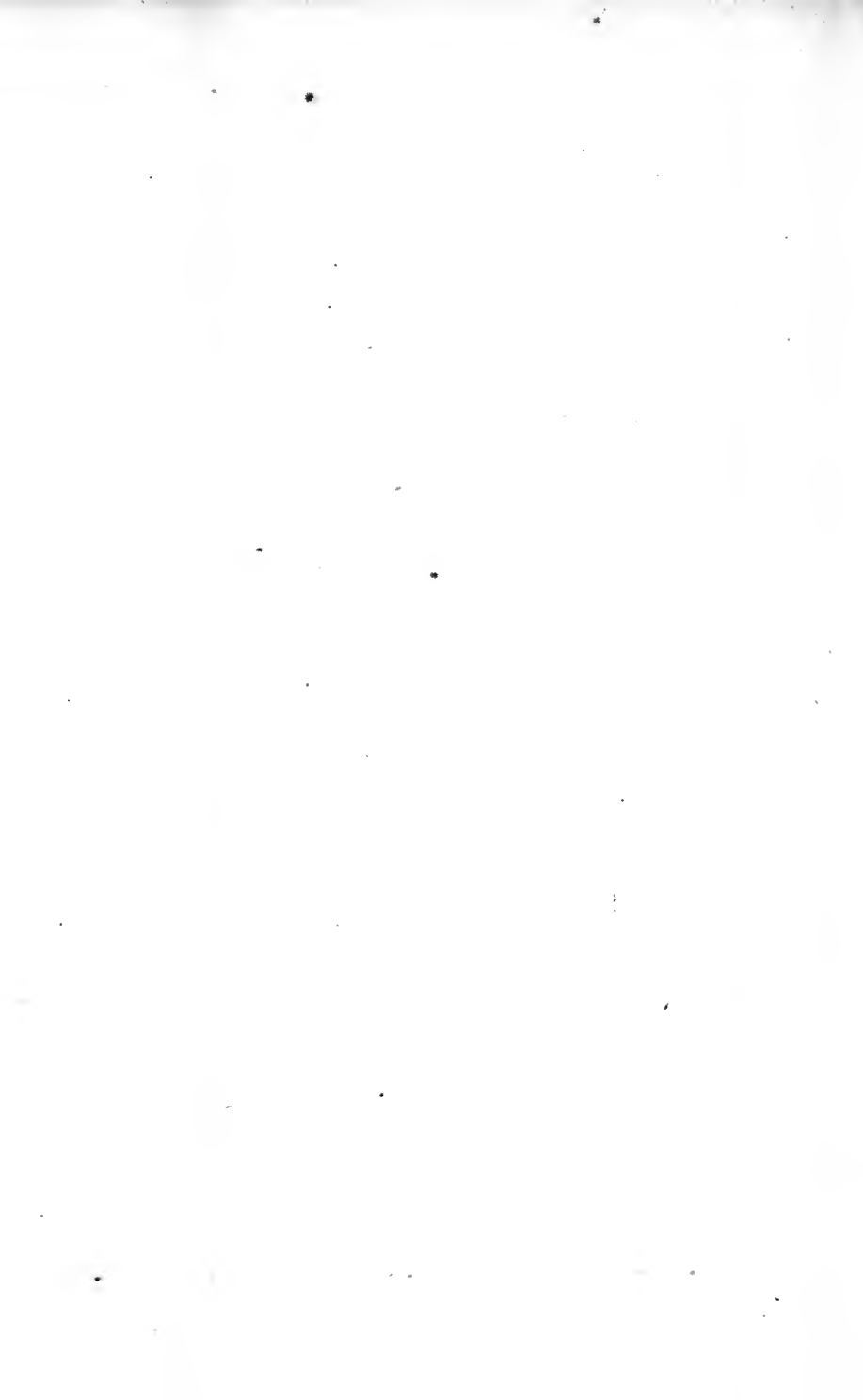
shington. A' nacionalidade que criaram, devem o impulso e movimento que recebem os espiritos actualmente. Irving, Cooper, Story, Longfellow, Webster, Prescott, Banckroft, Wheaton e Maury, são vivas demonstrações de que a terra americana produz tambem talentos que honram a lingua ingleza, e em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Distingue-se porem a litteratura propriamente da America; forma ja uma especie de nacionalidade; guarda como que uma autonomia. Ha no colorido, na expressão, e no proprio desenho a especialidade do compatriota de Washington; differem as sociedades em pontos sensiveis, como póde a litteratura deixar de accompanhal-as, quando não é ella mais do que a imagem intellectual das sociedades?

Possue a Grã-Bretanha os seus clans e montanheses, as suas luctas civis, e torneios do cavalheirismo, para que um Walter Scott os pinte, e poetise um Shakspeare, historiadores nacionaes mais profundos do que Hume e Robertson. Appresenta a America do Norte os seus Indios bravios, com os pittorescos costumes, e habitos originaes, guerreando constantemente os invasores europeos, que vinham roubar-lhes a terra, a caça, os lagos e os rios, aonde viviam e viveram os seus avós: é esta a primeira differença, historica inteiramente. Nasce a segunda do estado actual do governo, instituições, leis, usos e tendencias: que separação immensa entre os dous povos! Apparece ainda uma terceira, e

notavelmente grave. O Americano de hoje não é mais o descendente do Inglez; é tão Inglez como é este Normando; procede o povo inglez de hoje de uma unica raça, saxonica, normanda, ou da primitiva, que encontraram os Romanos, quando, no seu tempo de dominio universal, se apoderáram das ilhas d'alem da Mancha? De certo, não. Formou-se uma nação original da agglomeração de todos os povos, que para ali se dirigiram, e que, inimigos ao principio, se foram, depois das successivas conquistas, approximando e alliando, reunindo elementos heterogeneos, e fundindo as raças. É assim hoje o povo americano. A origem foi, em geral, britannica; mas a torrente de colonisação, e as tendencias da democracia, a tem metamorphoseado ja, de modo á nem reconhecer-se talvez mais a tintura primitiva. Amalgama de Allemão, Inglez, Francez, Hespanhol, Italiano, e até de gente do Norte, tornou-se uma raça nova e distincta, cujos traços se manifestam á primeira vista, apesar da homogeneidade da lingua. Não póde portanto escapar a sua litteratura ás divergencias sensiveis e graves, que separam a suá sociedade da sociedade da antiga metropole.

Si bem que entre o povo do Brazil e o de Portugal não appareça uma tão grande differença, por que nem as instituições, e governo das duas naçoes se distinguem em tão larga escala, e nem tem o Brazil modificado a raça conquistadora com a infusão de san-

gue de outras raças diversas, como succedeu no Norte da America; ha todavia no ceo, na terra, nos mares, nos rios, na atmosphera, na distancia, nas producções da natureza emfim, una separação tão palpavel, que já, durante os tempos coloniáes, distinguiram-se alguns poetas nascidos no Brazil, pelas vestes, colorido, e tendencias de seus escriptos, dos vates da Lusitania, si bem que a maior parte, educando-se, e vivendo na Europa, adoptaram inteiramente os habitos portuguezes, e seguiram as inspições de Ferreira, Quita, e Sá de Miranda. Souberam todavia tomar differente direcção, Claudio Manoel, Basilio da Gama, e Durão, que se podem appellidar os chefes da litteratura brazileira, que hoje, com a emancipação politica, e a vida propria da sociedade, desenvolve a sua autonomia, e segue os vôos da aguia, que paira sobre as alcantiladas cordilheiras, que se perdem no espaço, e espantam e embellesam os olhos dos viajantes.

Erga-se pois a mocidade brazileira! Tenha fé nos seus destinos, e inspire-se com a patria admiravel, que lhe coube na partilha que fez da terra a Providencia divina! Desenvolva-se a sua litteratura no meio do seu clima esplendido e soberbo, e encontre ella no seu povo o apoio e protecção, á que tem indisputavel direito!

CHRISTOVAM COLOMBO

GENOVA 1837

Aqui elle nasceu! Risos e flores
Colheu infante e alegre, não pensando
Que. alguns annos depois, seria illustre,
Immortal, desgraçado!

Avante, ó nauta, o leme empunha, e marcha!
Em quanto nada vê o vulgo imbecil,
E zomba e ri de teus projectos vástos;
Os teus olhos, alem do ar, do espaço,
Lá d'entre vagas, mares sem limites,
Onde occulta seu brilho o sol ardente,
E parece sumir-se entre vapôres,
Novas terras descobrem, um orbe novo!

Avante, ó nauta! O genio e a natureza
Prendem laços estreitos:

Si não existe a terra, que sonhavas,
Do abysmo nascerá terra á teu mando.
Mortos todos de fome, e tu radioso
Conduzes o baixel, altivo e ousado!
Dias, noites decorrem. Ja a esp'rança
Varreu-se d'alma dos valentes nautas.
Ja murmuran descrentes; ja trovejam
Audaces contra o chefe; alta celeuma
Quer obrigar-te á volteiar o leme!

Persistes com valor... E sobranceiro
A's gritas do marujo, e ás ameaças
Dos cabos, que ja tremem, e só anhellam
O regresso p'ra a patria... seguir mandas
Ao occidente a prôa!

Ergues-te um dia temeroso e fraco.....
Que sucesso infeliz dobrou-te os brios?
Acaso horrivel sonho
Pungio-te a mente na agitada noite,
Ao chegar, ao toccar destino prospero?

Viste pairar no ar duros cutellos,
E ferros e grilhões os pés ligarem
De miseros captivos, que se entregam...
Sede d'oiro creava os cadafalsos;
Inventara tormentos infinitos;
Soltava feros cães; rasgava os peitos;
E sangue a jorros na planicie corre.....
Surge ao longe Cortez; lá vai Pizarro;
Fero Almagro; Bovadilha monstro,
Escravizam, trucidam e atormentam
Infelizes indigenas!
Oiro e só oiro procurando infames,
E pelo oiro fatal derramam sangue,
E a terra de cadaveres esteiram!

Bem quizeras parar! Tremeu tua alma!...
Bem quizeras dizer ao nauta amigo:
« Volta o rumo, não acho a terra e as Indias,
Foi um sonho, que cegou-me o espirito.....
Não quero descobrir novos theatros
Para scenas de sangue, crime, a horrores!
Não quero que os vindouros de mim digam:
— O auctor foi este, desgraçado, e perfido! »

Mas ah! Que um novo sonho
Rasgou véo de porvir mais venturoso.
Do novo solo, que tyrannos cortam
Com ferro e sangue, mil heroes sahiam,
Que quebram o jugo seu, e a liberdade,
A sancta liberdade proclamavam...

Gyra em teus labios alegria ingente.
A' terra... á terra... mandas pressuroso
Dirigir o baixel, e a turba atonita,
Descobre um mundo, que jamais sonhára!...

N'elle plantaste do teu Rei a insignia!
Merecias um throno... E o que tiveste?
Orgulhoso Vespuccio escreve o nome
No solo virgem, que teu genio achára.
Do afan deu-te a morte a Iberia em premio.....

Assim Camões de Lysia ingrata teve
No hospital Capitolio!

REMINISCENCIAS

1858

I

Pungem me ternas saudades, sempre que me lembro das duas visitas que fiz á terra formosa da Italia! Teve logar a primeira em 1837. Succedeu a segunda no corrente anno de 1858.

Era eu durante a primeira epocha um giovinetto, para quem cifrava-se a vida no sonho dos amores e no descuidado dos annos. Impressão tão profunda deixou-me todavia o solo classico das artes e lettras, que não pude ainda, e nem poderei mais desarreiga-la da mente.

Roçava, na segunda epocha, pelos meus quasi quarenta janeiros, e si ja devia ter mudado com os an-

nos a côr da luneta, com que via os objectos externos, deparei todavia com encantos novos ainda, e mesmo talvez com encantos superiores.

Campei em ambas de artista. Predominavam porem ultimamente a razão calma, e o conhecimento do mundo, em quanto que nos tempos verdes da juventude era o enthusiasmo quem dava corpo e vida á maior parte das ideias, de que me nutria.

Foram Veneza e Roma as localidades predilectas dos vinte annos : animavam-me a historia e a poesia; e fulguram ambas estas cidades pelas inspirações da poesia e reminiscencias da historia. Nada me pareceu mais poetico do que a rainha do Adriatico, assentada sobre as suas cem ilhas, e resplandescente com um numero infinito de palacios marmoreos, e multicores, que levantam-se do seio das aguas, guarnecem os canaes, que cortam a cidade em todas as direcções, e lhe servem de ruas, como si houvesse ahi um remexer e batter continuo de magico condão.

É um sonho das *Mil e uma Noites*, em que o feiticeiro muda á cada momento de scenas, vestes, e decorações para o fim de extasiar os olhos. Quanta poesia esparge uma noite de luar merencorio, lançando-se a vista sobre esta cidade, sahida das entranhas do mar, semeada de edificios mouriscos, orientaes e gothicos, de torres, columnas, e bandeirolas; e de luzes scintillantes, e gondolas pittorescas; prestando ouvidos ao ruido das vozes dos barqueiros, que

passam incessantes pelas ruas, á repetir os versos da *Jerusalem libertada*, que mal sabia Torquato Tasso que escrevereria para serem estropeados, e monotonamente repetidos por homens ignorantes, que mais os apreciam e cantam pela melodia da expressão, e toada musical da rima, do que pelo pensamento sublime, e estro magnifico, que são o seu verdadeiro primor, e perfume mais admiravel.

É Veneza para os animos juvenis uma divindade idolatrada : á par de bellezas sem numero, e tão originaes, que não se encontram eguaes em parte alguma, cerca-se de uma aureola de gloria historica pelos seus triumphos singulares, governo aristocratico, longiquas conquistas, scenas particulares da vida interna, e pompa e festas, cuja memoria é immorredoura.

É Roma a unica cidade, que sorri aos moços com a mesma affabilidade e melancholia sympathica. Aprendemos nos collegios á soletrar a sua lingua, e conhecer a sua historia grandiosa, que parece de prodigios. Temos desde os primeiros annos chéia a cabeça de nomes de heroes, e de descripções de feitos estupendos. Forma a nossa educação a sua lembrança; accompanha-nos durante os dias alegres e as noites tristes : dorme, e sonha comnosco.

E ao vê-la, com as suas ruinas quebradas e dispersas, de cujo seio exhala-se uma indefinivel poesia; ao piar do mocho por entre os monumentos desertos e co-

bertos de limo; ao correr vagaroso e triste do rio, que adquirio tanta gloria, e presenciou tantas scenas espantosas, como se não ergue ousada a imaginação! Admira mais a dominadora do mundo, que não teve e não tem ainda rival na grandeza do dominio, e na proficiencia dos homens gigantes, que honram a sua historia.

Quando porem é ja madura a edade, e tende a velhice á apalpar o corpo, raciocinamos mais do que poetisamos, e sonhamos; é o nosso prazer supremo presenciar o estado prospero da Sardenha; o engrandecimento da sua capital; o desenvolvimento da sua industria e commercio; e a natureza de instituições livres, que possue, e funccionam admiravelmente. Folgamos mais de ver os progressos agricolas da Lombardia, e os seus campos perfeitamente cultivados; as artes florescentes da Toscana, e a felicidade do seu povo; e a magnificencia natural e esplendida da terra, que chamam Napoles, antiga Parthenope, assentada como uma fada á beira do mar idolãtrado, e eclipsando os olhos com os seus palacios e villas pittorescas, ilhas romanticas, praias deliciosas á perder de vista, e ao longe o carrancudo Vesuvio, que a vigia, semelhante ao gigante da fabula, e a ameaça sempre com lavas de fogo e fumaça continua.

Amo a Italia como segunda patria. Nem-um paiz causou-me sensações tão suaves e doces. Peza-me não vel-a toda independente, Italia dos Italianos, e não de

estrangeiros, que se accostumáram, desde a queda do grande imperio do Occidente, á fazel-a sua presa, devorar-lhe as entranhas, sorver-lhe as riquezas, e abafar no sangue e no captiveiro sentimentos e gemidos de dôr, que á tanto tempo exhala, e que á Dante e Macchiavelli desesperaram, por que os sentiam e comprehendiam.

Enganam-se os que pensam que não ha vida e nem elementos na Italia para governar-se, florescer, e tomar o logar distincto, que lhe cabe entre as maiores nações do mundo.

Dê-se-lhe a independencia. Adquira instituições livres, com garantias e direitos individuaes e politicos. Não lhe faltam elementos naturaes de riqueza; abunda em seus filhos a intelligencia; batte em seu peito o patriotismo; e ferve em seu sangue o desejo de vingar-se, mostrando-se digna do que fôra outr'ora no mundo.

Parece-me todavia sempre que nas horas do isolamento, quando solta-se a minha imaginação, como a aragem do zephiro ligeiro, e livre percorre o espaço desembaraçado, tem mais força e mais encantos as ideias da juventude, que mais poetica me figuravam a historia da Italia, e mais poetizadas as suas lindas cidades, que por tantos acontecimentos notaveis passáram, do que a terra actual com a sua realidade cruel; decahida, prostrada, e algemada ainda em parte ao jugo estrangeiro, podendo mostrar apenas ao viajante

ruinas e destroços romanticos, que sensibilizam o coração, e ferem dolorosamente as fibras d'alma, que se compadece, e revolta até por instincto.

II

Entrei em Roma, quando a vi pela primeira vez, pela porta do Povo. Tinha seguido o caminho de Florença, atravessando a cidade de Perugia, depois de examinar o formoso lago de Trasimeno com as suas tres ilhas, semelhantes á ràmos de flores, o qual recorda uma victoria memoravel de Annibal, e uma derrotta das legiões romanas, irreparavel de certo para qualquer nação, que não fosse a patria dos Scipiões. Restos da antiga Veios, e outras importantes localidades, povoam a estrada, aqui e ali dispersos. Descortina-se a cidade eterna do alto de um monticulo, á algumas legoas de distancia ainda. Passa-se por uma columna estragada de marmore, que chama a tradição tumulo de Nero. Estão rebaixados os sete montes, que coroavam a capital do mundo, parecendo achar-se assentada hoje em cima de uma planicie, entrecortada pelo famoso rio, que por ella rola tristonhamente as suas aguas sujas e minguadas.

Seriam quatro horas da tarde. Vibravam os raios do sol sobre a cupola de São Pedro; que os refectia ao

longe em mil diversas direcções, subindo aos ares muito alem de todos os mais edificios e alturas. Dir-se-ia incendiada a cidade pela nuvem de fogo, que repercutia do magestoso monumento.

Scintillou-me a memoria o trecho de Tasso, descrevendo o espanto dos cruzados, quando a seus olhos descortinou-se a famosa Jerusalem, alvo das suas aspirações, e desejo ardente do espirito religioso, que os trazia animados :

> Ma quando il sol gli aridi campi fiede
> Con raggi assai ferventi, e in alto sorge,
> Ecco apparir Gerusalem si vede,
> Ecco additar Gerusalem si scorge.

Atravessa-se o Tibre por uma ponte, que é obra ainda dos antigos Romanos. Deixam-se os campos abandonados, que rodeiam a cidade eterna, e sobre os quaes parece que cahio a maldição divina. Estendia-se por elles a antiga capital do universo, e, ermos desertos, appresentam apenas hoje monumentos estragados, columnas quebradas, e isolados fragmentos. Falta-lhes o arado de Fabio, e a industria activa e intelligente dos povos primitivos. Não se encontram arvores, e nem quasi que moradia humana. Si não vos assalta uma quadrilha de ladrões, que despojam o viajante, é pestilente a atmosphera, e póde com a sua malevola exhalação, produzir uma febre putrida, que vos roubará a saude, e talvez a existencia.

Que differença dos campos dos arredores de Roma para as terras, que se estendem de Florença ou para o lado de Piza, ou para o de Sienna, e Perugia! Quasi que não vi entre Folinho e Roma, mais que um solo inculto, despovoado, coberto de destroços de pedra e marmore, de capiteis e arcos em ruinas, e que offerece o aspecto mais desagradavel e triste que se póde imaginar!

Compensou-me felizmente o aspecto de Roma a magoa, que sentia com semelhante espectaculo.

Palpitava-me o coração. Parecia-me visão. Via Roma: mostravam-se satisfeitos todos os meus desejos. Seria porem Roma na realidade?

> Urbem, quam dicunt Romam, Melibœe, putavi,
> Stultus ego, huic nostræ similem [1].

Não estaria eu sob a impressão de algum sonho agradavel e sublime? Eram deveras o Capitolio, o Pantheon, e o Coliseo, que me appareciam? O rio, que banhava-me os pés, o verdadeiro Tibre?

> Solo el Tiber quedó, cuya corriente
> Si ciudad la regó, ya sepultura
> La llora con funesto son doliente [2].

Poderiam levantar-se dos seus sepulchros as sombras de Mario, Cicero e Gracchos, para me convence-

[1] Virgilio.
[2] Quevedo.

rem de que pisava o pó sagrado da cidade que haviam ennobrecido e immortalizado?

Era tão grande a minha emoção, que á todos os companheiros fazia perguntas; balbuciavam os labios, tremia a lingua de medo, que eram desconxavadas as palavras que soltava, e mal significavam o pensamento que me possuia.

Parámos uma hora para mudar de animaes, entregar passaportes ao cocheiro, e preparar-nos para a entrada.

Não cessava eu de olhar para Roma. Fui-me pouco á pouco accostumando á crer que a tinha diante dos olhos, e que era a propria Roma, cuja historia sõa ao ouvido do litterato, e do catholico, durante toda a sua vida, desde a infancia até o derradeiro momento da existencia; ou pelos livros classicos, por que se apprende a lingua latina, ou pelas noções religiosas que se bebem com o leite materno, ou se ouve prostrado nas egrejas; apega-se o nome de Roma ao nosso espirito com o desenvolvimento da edade; progressos da razão; e pratica na sociedade, á cujas leis nos subordinamos.

Não podia ser outra cidade: provava-o a opulencia e magestade que appresentavam tão numerosas cupolas e immensos campanarios, exclusivos da sede da Egreja universal. Não ha outra cidade, que possua edificios tão grandiosos, ruinas tão soberbas, obeliscos e columnas que fendem tão elegantemente os ares; uma

aglomeração de tantos objectos gigantescos, como para assombrar o peregrino, que deixa longinquas plagas para admirar por si a terra classica da grandeza!

Me mare, me venti, me fera jactat hiems [1].

III

Para formar-se a ideia de uma cidade monumental moderna não ha entrada mais propria do que a da porta do Povo. É uma vasta praça muito regular, cercada de egrejas importantes, jardins e passeios dos lados, subindo em largas escaderias, atopetadas de estatuas.

Desembocam ahi tres excellentes ruas, que sahem do centro de Roma, estreitando-se progressivamente. Chama-se do Corso a do interior; é a principal rua da cidade, affamada pelas corridas de mascaras em dias de entrudo, e festas do povileo em occasiões de jubiléo.

Para quem quizer porem reminiscencias heroicas da antiga cidade, agrada mais a entrada pela banda de Napoles. Dá com os olhos, por um lado, nos velhos aqueductos romanos, obras dos primeiros Cesares;

[1] Ovidio.

encontra á esquerda a primeira egreja catholica do mundo, São João de Latrão, edificada no tempo do imperador Constantino, dominando uma solitaria praça, ornada pelos paços de residencia d'este soberano; o magestoso e enorme obelisco egipcio, que não tem rival na Europa, e o edificio, que guarda a escada sancta do palacio de Poncio Pilato, em Jerusalem, por cujos degraos subio e desceu o Filho de Deus nos padecimentos, que pelos homens supportou na terra. Avista em distancia a egreja de São Paulo, com as catacumbas dos primeiros martyres do christianismo, os tumulos de Cecilia Metella, e Scipiões, a pyramide de Caio Sexto, e as ruinas do palacio de Nero, e Termas de Caracalla, que occupam extensissimo espaço de terreno. Encontra mais adiante o Coliseo, enorme massa de pedra. Atravessa o Foro do povo rei, theatro da eloquencia e triumphos dos oradores, que nem-uma nação appareceu ainda tão sensivel ás emoções da palavra. Passa pelos arcos de Septimio Severo e Tito Constantino, templo da Paz, columna de Phocas, e pelo Capitolio emfim, que conserva ainda a prisão Mammertina, aonde findou os seus dias o deboxado Catilina, tão recommendado á posteridade pelos magnificos discursos, que no senado romano pronunciou Cicero, consul, e salvador da patria!

Quosque tandem, Catilina, abutere patientia nostra?

Admira-se Roma moderna, entrando-se pela praça

do Povo. Aos que chegam porem do sul offerece Roma antiga monumentos e sitios, que fallam mais poderosamente á imaginação, e sabem crear d'entro d'alma delicias mais profundas e succulentas.

Não satisfaz tanto ao viajor a terceira entrada, que possue Roma, e que serve para os que chegam das bandas de Civita Vecchia e mar Mediterraneo. Si bem que descortine a villa Doria Pamphili, atravesse a praça de São Pedro, e aviste o palacio do Vaticano, percorre miseraveis e immundas ruellas, que não dão uma ideia favoravel da capital do catholicismo, e causam decepções verdadeiras.

Impossivel é descrever Roma. Não poderia, e nem ousaria eu fazel-o, pois que os maiores escriptores, que a tem pintado, descrevendo as antiguidades notaveis e monumentos modernos, que a enriquecem e embellesam, parecem-me inferiores á realidade, quando é ella cuidadosamente examinada e estudada. A' empreza tão elevada não egalaram os mais inspirados poetas, Chateaubriand, Byron, Stael, ou Gœthe.

É triste o todo de Roma. Corta-se de dôr o coração, encarando-se a miseria, que se espalha por toda a parte.

Ao lado de edificios, que não encontram rivaes, jazem ruinas abandonadas. Escondem ruas lodacentas, e estreitas, objectos d'arte tão portentosos, que só Roma possue. Pede esmola copia tão extraordinaria

de mendigos, que desapparece por interesse proprio o amor da caridade.

É perseguido e até maltratado o peregrino, que abre a bolsa para soccorrer ao desgraçado : cercam-no logo multidões desenfreiadas, que se julgam com egual direito á esmola. Padres, frades, e soldados francezes formam hoje com os mendigos a maioria da população.

Nem na Grã-Bretanha e Russia ha, todavia, nobreza mais ricca do que a dos patricios romanos, descendentes dos sobrinhos dos papas dos seculos passados, e das raças feudaes, que ali se conservaram. É pouco numerosa, a gasta a sua vida em conservar museos de bellas artes, e gabinetes de curiosidades e manuscriptos, que lhe legáram os seus maiores; entretendo-se continuamente em caçadas, festas, e residencias voluptuosas do campo, durante as epochas proprias; e não incommodando o governo pontificio com pretenções ou aspirações politicas, ou administrativas : possue na cidade palacios soberbos, ornados de quadros dos primeiros pintores, e objectos artisticos do mais subido valor. Goza de quintas ou villas em que se encontram admiraveis cascatas, jardins, passeios e bosques, com maravilhas e encantos que extasiam os sentidos. Tem rendimentos, á que não chegam muitos soberanos, que occupam thronos, e governam povos.

Compõe-se porem a camada inferior da sociedade

de vadios, que vivem de esmolas, e preferem a vida da ociosidade ao trabalho honesto dos campos, que se acham despovoados e precisando de braços que os lavrem, para produzirem e enriquecerem Roma. Querem antes rolar miseravel existencia de mendigos, entopindo as egrejas, perseguindo os estrangeiros, enchendo as ruas e praças, tapando a entrada dos monumentos, e recebendo o sustento diario nos conventos e casas de caridade, carregados de andrajos immundos, descalsos, e repellentes

IV

Cingia a tiara sagrada, em 1837, o veneravel papa Gregorio XVI. É actualmente pontifice romano Pio IX. Coube-me a ventura e honra de ver e fallar á um e outro. Não póde o catholico deixar de lançar-se aos pés do Papa, representante de Jesus Christo sobre a terra, successor de são Pedro, e chefe da Egreja espiritual. Não póde haver espectaculo mais agradavel do que uma visita ao Vaticano, aonde, depois de atravessar vastissimos salões cosidos de oiro e pedraria, entra-se em um modesto quarto, despido de moveis, e que brilha unicamente pela simplicidade dos poucos ornatos que possue. Encontra-se ali um velho respeitavel sentado em uma poltrona, e tendo em frente de si

uma pequena meza coberta de papeis, e no centro d'ella uma grande imagem do Salvador crucificado.

É um velho meigo, singelo, e sympathico, o veneravel chefe da christandade. Chame-se Gregorio XVI ou Pio IX, parece que o realça a mesma doçura evangelica, trato agradavel, e maneiras modestas e insinuantes, que o elevam mais aos olhos do seu filho em Jesus Christo.

Nunca me esquecerei de Gregorio XVI. São passados cerca de vinte annos depois que coube-me a honra de vel-o, e fallar-lhe. É me impossivel tambem riscar da lembrança a audiencia particular, que se dignou conceder-me o veneravel Pio IX, na qual apreciei distinctamente as primorosas virtudes do Soberano Pontifice, tão digno de occupar a cadeira de São Pedro, pelos seus talentos, e instrucção variada.

Para se conhecer si póde Roma existir sem o Pontifice Soberano, e si para o mundo catholico é indispensavel que reine o Santo Papa na capital da republica universal, basta que em Roma se examine attentamente a sociedade local; e se appelle depois para a consciencia do christão e catholico.

Convem todavia regularisar a instituição pontificia accommodando-a ás exigencias da epocha actual. Não póde ser o papa do seculo XIX, um Gregorio VII, um Leão X, ou um Julio II. É mister porem um papa em Roma para a grandeza e magestade da cidade eterna, e que seja soberano temporal para tranquillidade e

socego das consciencias de tantos milhões dos seus subditos espirituaes, espalhados por todas as partes do mundo, que olham sempre para Roma, como a sede, e a cabeça da Egreja.

É Pariz capital da intelligencia, e Londres da industria e commercio. Não é porem unicamente Roma a cidade eterna, que domina exclusivamente o mundo espiritual, e a consciencia humana : fallará tambem ao mundo com a sua historia, conquistará todas as sympathias, soará com os seus feitos á todos os ouvidos, e será assim a patria adoptiva da humanidade, que nos seus proprios restos, dispersos, estragados e cobertos de limo, encontrará o pensamento magestoso do povo dominador, que tinha fundado orgulho quando exclamava *Civis romanus sum!* Curvaram-se-lhe todas as partes do orbe conhecido. Internaram-se os Romá nos pela Asia, apoderaram-se dos terrenos ferteis da Africa, domáram a Europa, e parece que chegaram á conhecer as ilhas Canarias, que Strabo e Plinio chamaram affortunadas.

Ao recinto da grande cidade que occupava uma area de terreno dez vezes superior á que abraça Roma moderna, vinham humilhados os reis numidas, parthas, persas, e barbaros de todos os pontos do universo; cumpria-lhes prestar homenagem; receber leis, e accompanhar os carros triumphaes dos conquistadores. Sahiam do seu seio os proconsules que governavam o mundo, e arrancavam d'elle os thesouros e

riquezas, com que se afformoseava e ornava a capital do imperio.

Bastam estas ideias para prender a attenção, aguçar a curiosidade, e attrahir-lhe o amor do extrangeiro dos nossos dias. Sceptico como era, não prezou Gœthe a magestade do catholicismo : extasiou se antes como perfeito pagão, diante dos monumentos da antiga historia; folgou de olhar para Roma, como o sanctuario do bello, e o museo das artes. Imitaram-no outros, no mesmo sentimento, mas deixando Roma, declaravam todavia todos o seu doloroso sentimento, e extrema saudade, repetindo os famosos versos de Ovidio :

Cùm repeto noctem, quo tot mihi cara reliqui.

Para o catholico porem, para todo o christão, apresenta Roma ordem nova de encantos, que prendem-lhe a sympathia pelo coração, alma, e consciencia. É sagrado o seu pó, borrifado tantas vezes pelo sangue dos martyres e apostolos! Foram ali tão perseguidos e torturados os primeiros christãos, que procuraram esconder-se por de baixo da terra, formando outra cidade subterranea na qual escapavam ás iras dos Cesares monstruosos, e prejuisos do povo ignaro. Desappareceu porem a Roma do paganismo, capital dos imperadores, e dominadora material do universo.

[1] Confissão em *Willelm Meister* de Gœthe.

Existe e existirá a Roma catholica, que é eterna, pois que é a cidade do coração e das almas.

Sempre que perdeu Roma os seus papas, desde que lhes concedeu Carlos Magno a soberania temporal; ou os arrancassem á cidade querida invasores extrangeiros, ou d'ella os expellissem os revolucionarios tresloucados, ou a trocassem os Sanctos Pontifices pela agreste Avinhão, cobrio-se de lucto, e decahio a cidade eterna, e só pódio reganhar as suas galas e fausto portentoso quando os seus soberanos regressavam para o seu seio.

Encontram-se monumentos de todas as epochas; é uma historia viva pelos restos do marmore. Não ha porem nem-um dos tempos, em que conservou-se viuva, e privada da residencia dos pontifices soberanos. Representava então o Papa a luz, a liberdade e a civilisação. Foi a instituição pontificia o instrumento mais poderoso da salvação das lettras e das artes. Deixou na historia raizes profundissimas, e nas reminiscencias dos povos uma gloria immorredoura e veneranda.

Fraca physicamente, forte pelas ideias moraes, attravessou a Egreja calamidades, supportou angustias dolorosas, e conseguio todavia vencer sempre os seus perseguidores e adversarios.

É que bastava-lhe, como á virgem sancta, mostrar a face divina, no momento, em que parecia perder-se. Recuavam os Attilas, e fugiam espavoridos os tyran-

nos e incredulos. Está a sua força na propria fraqueza. É uma mãe, que grita para o filho das suas entranhas: — Fere-me, si podes!

Não é possivel com o christianismo a existencia de Neros. Malvados como Borgia e outros tyrannos pequenos; e loucos supersticiosos como Fellipe II, Henrique VIII, ou Ricardo III; não ousáram commetter matricidios!

V

Esforçou-se muito Pio IX em rodeiar a instituição tão sancta da Egreja catholica universal com as exigencias modernas do poder temporal, e collocar-se á frente da independencia italiana, de que é chefe tradicional o summo Pontifice, desde que teve de luctar contra os imperadores extrangeiros, que atiravam os seus exercitos sobre as terras da Italia, cuja posse ambicionavam.

Chamou o conde Rossi, para que o ajudasse á levar avante a missão gloriosa, que espontaneamente aceitára. Não podia ser melhor a escolha. Acabava Rossi de ser embaixador da França; não querendo aceitar a ordem de cousas inaugurada pela revolução de 24 de fevereiro de 1848, abandonara a qualidade de Francez naturalisado, e reivindicara a sua nacionalidade italiana.

—Tornei-me italiano, não emigrado. Fico italiano, e em Roma — dizia-o em suas cartas sobre a Italia, publicadas em 1848.

Não era sómente um grande vulto intellectual dos nossos tempos, e um estadista famoso e avisado, que honrou com os seus serviços relevantes á tres nações, que o empregaram, Italia, Suissa e França. Nascera Italiano, e nos dominios da Austria. — Preferi expatriar-me á curvar-me ás baionetas austriacas, — declarou elle, ao aceitar uma cadeira de ensino de direito penal, que lhe offereceram os cidadãos de Genebra. Durante o reinado de Luiz-Fellipe, foi convidado por Guizot para se passar para a França. Exerceu em Pariz a profissão de professor de economia politica no Collegio de França, e lente de direito constituicional na escola de Direito. Foi elevado ás honras de deão da Faculdade, par do reino, e embaixador em Roma : obteve para isso carta regia de grande naturalisação!

Era tambem um grande patriota italiano. Nunca deixou de guardar no peito a chamma ardente do amor da patria, e no espirito o culto da verdadeira liberdade. A independencia da Italia era o seu sonho, e aspiração constante : a liberdade constitucional devia segui-la como sua consequencia infalivel!

Escrevia para Guizot, ministro de negocios estrangeiros em França : repetia-o em officios de 1847 para o governo, cujo embaixador era, que uma trans-

formação do governo pontificio tornava-se necessaria para que podesse elle alliar-se estreitamente com as ideias e exigencias da nossa época.

— Esta transformação — dizia [1], — pode-se fazer de dous modos, ou applicando as nossas formas [2] ao governo do estado pela Egreja, ou separando da Egreja o governo pura e restrictamente temporal, e secularisando este. Um certo numero de leigos podem sêr associados aos ecclesiasticos no primeiro caso, como os ecclesiasticos no segundo. Esta associação, por qualquer dos modos, modificaria o principio sem annulla-lo. No primeiro caso governaria a Egreja, e administraria ella o estado. No segundo a administração temporal seria leiga, e a Egreja, jure proprio, so se acharia no cúme, e na pessoa do soberano. A Egreja seria o rei, mas so o rei. Levanta o segundo modo muito mais serias objecções, por que para a unidade catholica podem apparecer futuros perigos. —

Foi o primeiro systema, que preferio aconselhar ao Papa, como o mais proprio para garantir-lhe a independencia e poder espiritual. Reconheceu assim que, tirando ao Summo Pontifice a soberania temporal, correria perigos a unidade do catholicismo. Foi tambem a base que aceitou Pio IX, para assentar sobre ella as reformas politicas que eram necessarias ao seu go-

[1] Correspondencia official publicada em 1849.

[2] Refere-se ao systema constituicional francez do tempo do governo de Luiz-Fellipe.

verno, como intentava. Dotou assim os seus estados de instituições accommodadas á epocha, e garantidoras dos direitos individuaes e politicos. Converteu o seu poder temporal em dominio constituicional, e admittio no governo e administração á homens, que não pertenciam ao estado ecclesiastico. Embargaram-lhe porem a obra patriotica os revolucionarios, que de toda a parte da Italia correram sobre Roma, e apoderaram-se da cidade eterna.

Soberano infeliz! Encontrou a ingratidão em premio de intenções e actos meritorios. Teve que abandonar os paços do Vaticano, e como um exilado, refugiar-se para longe da terra querida.

Quando regressou, foi de certo intensissima a dôr que sentio! Tantos estragos em Roma, e ainda tão desvairados os espiritos! Não póde continuar na execução dos seus planos. Erraria em recuar? Responderá o futuro. Ha sobre o governo pontificio muitas ideias erradas. É porem necessario e indispensavel. Carece de reforma na parte temporal. Deve ser feita, como o pretendia o conde Rossi, com calma e sabedoria, accommodando-se á situação dos animos, e exigencias do tempo, porque não póde o poder temporal separar-se da pessõa do Papa, para a garantia da independencia espiritual. Seria o contrario destruição, e não reforma. Traria perda irreparavel para a Egreja catholica, que é a nossa mãe, e a mãe da sociedade moderna e da humanidade inteira.

Não ha monarcha mais liberal do que Pio IX. Conhece melhor que ninguem a indispensabilidade de dar satisfacção ás necessidades da nova sociedade. Mas os demagogos oppuzeram barreiras á seus desejos ardentes. Obrigaram-no á fugir para Gaeta. Assassinaram Rossi, ensanguentaram Roma, e cobriram o seu solo de ruinas novas, como si não bastassem as ruinas antigas. Crearam uma republica á imitação da franceza de 1848. Trouxeram a invasão e dominio dos Francezes, que dura ainda e durará por muito. Affugentaram a população pacifica e industriosa. Causaram emfim todos os males da Europa, de Roma e da Egreja.

E por que duram ainda semelhantes males : por que se não póde reerguer solidamente a sociedade, e organisar-se um governo regular, que seja livre, mas não demagogico, gritam e vociferam contra a instituição sagrada do catholicismo!

Ninguem mais do que eu nutre e professa ideias de liberdade civil e politica. Extasio-me diante das instituições britannicas, aonde predomina o governo parlamentar e livre, por que é real, pratica, e efficaz a interferencia do povo; porque garante um throno a baze da ordem publica, cortando os vôos á ambição, que tente chegar ao primeiro logar; e uma aristocracia intelligente e rica de tradições e propriedade territorial, accompanha o movimento nacional, moderando-o, e dirigindo-o. Não possuem os outros paizes egual aristocracia, que descende de raça dos Norman-

dos conquistadores, que entre si dividiram as terras e propriedades dos Anglo-Saxões. Falta-lhes por isso uma grande mola para o maquinismo perfeito do systema representativo. Sobram-lhes porem outras condições para compensar esta alias sensivel falta. Podem e devem ter instituições livres. Não é possivel satisfazer-se actualmente as necessidades, aspirações, e progressos moraes e intellectuaes das differentes classes da sociedade, sem que intervenham na direcção da politica, e na marcha do governo. É o regimen parlamentar o legitimo, e unico, que tende á effectiva prosperidade e preponderancia de um paiz; só elle cria e desenvolve a dignidade e independencia do cidadão.

Como soberano não póde deixar o Papa de ser liberal; mas deve ser soberano. Necessita o exercicio das grandes funcções espirituaes do successor de são Pedro de independencia, e portanto do poder temporal. Tanto a doutrina catholica como a razão politica concordam n'este principio. Como subordinnarão duzentos milhões de catholicos o dominio das suas consciencias, a direcção das suas almas, e a unidade das suas crenças, á um subdito de qualquer nação, hespanhol, francez, italiano ou austriaco? pode-os só tranquillisar e submetter um soberano independente, que guarde o caracter do pontificado universal, e se eleve á cima de todas as paixões humanas.

Muitos seculos existiram, na verdade, os papas, sem que exercessem o poder temporal. São porem di-

versos os tempos. Desenvolvia-se então a religião catholica, e como revolução moral, ia pouco á pouco modificando as tendencias; ideias, e aspirações das sociedades existentes.

Nos conventos abrigavam-se as luzes. Guardava a Egreja nova as tradições intellectuaes. Afora dos ecclesiasticos, encontravam-se as trevas, cobrindo o mundo. Não existiam governos civis regulares, como os de hoje. Não se conhecia o direito internacional. Ao principio um so estado apparecia, um so monarcha, o imperador de Roma, o representante dos Cesares; era seu todo o poder. Dividiram-se depois as nações, quando as invasões dos povos barbaros foram assentando as bases dos governos feudaes, e cada barão, ou duque dominou independentemente, dizendo-se quando muito nominalmente adstrictos á uma suzerania de direito e não de facto. Não fulguráva então uma França, ou uma Hespanha, como na actualidade, nação grande, centralizada, e forte. Eram os estados de Borgonha, Berry, Normandia, Provença, Lyão, Castella, Aragão, Navarra, Catalunha, Flandres, e Lorenna.

Como retrogradar? Como ligar as ideias modernas da liberdade com as que pertencem ás epochas do captiveiro, das trevas, e do feudalismo nascente?

Como curvar-se hoje a Hespanha, a França, o Brazil, Portugal, a Baviera, a Austria, as nações emfim catholicas, á direcção espiritual de um papa, que não

tenha independencia, por que é subdito de um soberano civil, e não passará assim de um prelado, como qualquer outro, seja qual for a sua jerarquia, e as honras, de que o cerquem? A unidade da Egreja catholica desapparecerá de certo. Cada uma das nações formará a sua propria Egreja, e renascerão os schismas.

O que é mister é que a Italia se emancipe, e seja dos Italianos. Forme-se no Norte um estado vigoroso, comprehendendo os ducados, Lombardia, Veneza e Piemonte. Seja o baluarte da Italia contra a Allemanha e a França. Guarde porem o Papa a sua sobearnia temporal, regenerando as instituições civis e politicas dos Romanos, e dando-lhes egualdade de direitos, como os possuem os povos livres.

Será então a Italia grande e florescente; recuperará o seu antigo logar, e gloria. Regenerar-se-ha Roma, accompanhará o movimento do seculo, e dominará espiritualmente o mundo. Engrandecer-se-ha o povo, e prosperarão os dominios pontificios, com a participação do elemento popular na direcção dos interesses temporaes, e do governo civil, por que não é possivel mais que deixem os cidadãos de curar dos negocios publicos da nação, e os abandonem ao poder a administração exclusiva da sociedade.

Excudant alii spirantia mollius aera,
Tu regere imperio populos, Romane, memento [1]!

[1] Virgilio.

VI

Ha um facto notavel na historia de Roma antiga : de tantos poetas latinos, que enriqueceram a litteratura romana, unico nasceu Lucrecio em Roma, entretanto que em seu importante poema falla apenas uma vez em sua patria, recommendando-lhe a paz, que era o objecto da maior antipathia do seu tempo : nas trinta leguas em torno só nasceu outro poeta, que foi Lucilio.

A' mais nem-uma capital do mundo coube egual destino.

Foram quasi todas a patria de muitos dos seus mais distinctos litteratos. Contam Lisbôa, Londres, Madrid, Pariz e Vienna filhos proprios, que na gloria litteraria não cedem aos extranhos. Produzio Roma guerreiros e oradores; constituia a sua vida a guerra e o foro. Parece que entendeu a natureza que, para illustrarem sua memoria, bastavam lhe os Cesares e Ciceros.

Nem-uma nação possuio entretando uma centralisação politica mais vasta, e desenvolvida. Concedia aos Italianos o direito de suffragio, que só em Roma podia ser exercitado; tirava-lhe assim o valor, e effectividade, reduzindo e chamando para o centro toda a força governativa.

Está Roma moderna edificada muitos pés a cima

da antiga Roma. Os tempos, as revoluções, e os estragos de barbaros, que invadiram tão continuamente esta terra sancta, destruiram os seus muros, penetraram dentro da cidade, lançaram fogo aos seus edificios, enterráram os grandes monumentos e deixaram debaixo do solo as obras dos primeiros habitadores.

Erguem se do seio rasgado da terra as columnas colossaes de Marco Aurelio e Antonino, e os restos gigantescos de edificios de marmore, que mostram quanto era grande o povo rei, nas concepções, obras, ideias e feitos portentosos. Abateram-se assim os sete montes, que poucas braças estão actualmente a cima do nivel da cidade. Não passa o Capitolio de um monticulo, e ja não é morte certa o salto famoso da Rocha Tarpeia.

Não infundem tanta admiração os palacios Borghese, Monte Quirinal, Pamphili, Ruccelai, Sciarra, Chigi, Farnese e Torlonia, como o Pantheon, o Coliseo e as catacumbas.

Custa á crer como póde o genio romano erguer uma construcção magestosa como o Pantheon de Agrippa.

E que se póde dizer á respeito do Coliseo, erecto pelo imperador Vespasiano? Quantas emoções borbulham ali dentro! Quantos extraordinarios e atrozes feitos se praticaram! Gostava o povo rei de espectaculos crueis e barbaros. Cabiam dentro oitenta mil espectadores. Battiam-se os gladiadores com os animaes

ferozes para o divertimento do publico. Regaram com o seu sangue aquella terra milhares de martyres do christianismo. Nas luctas selvagens com os leões e tigres despedaçaram-se os seus corpos, aos gritos e applausos da multidão infrene. Não ha espectaculo que se lhe compare, quando passeia-se, ao luar da noite, pelo recinto do Coliseo, e procura-se apanhar uma ideia do portentoso edificio. Parece que povoam-se as galerias; entram as victimas; soltam-se os terriveis animaes; assiste-se á matança; ouvem-se os gemidos; e corre o sangue á jorros.

Cæsar, morituri te salutant,

é o grito que repercutia o desgraçado, e que a imaginação humana, transportada para tempos tão ferozes, aquilata devidamente, recordando-se que era elle soltado pelos gladiadores, no acto de entrar para o circo e de saudar os soberanos, que faziam-lhes a honra de assistir aos horrores da sua morte infausta.

Bem perto d'ali felizmente, e por de baixo da terra, encontra-se uma segunda cidade construida pelos primeiros christãos, para escaparem ás perseguições e martyrio, e salvarem e propagarem a religião, que devia purificar, moralisar e dominar o mundo. Ali viveram e residiram alguns seculos até que regenerou-se o mundo, e á inanida mythologia substituio a fé pura e ennobrecida do christianismo.

Não é sómente na posse de museos portentosos de

pintura, esculptura e antiguidades que ganha Roma a primazia sobre todas as demais cidades, que possuem collecções excellentes de obras d'arte, Florença, Dresde, Pariz, Munich, Vienna, Napoles, Berlim, Veneza, Madrid e Antuerpia. Nem-um paiz do mundo se orna com egrejas tão esplendidas, bellas e ricas, edificios tão sumptuosos e perfeitos, e fontes que são verdadeiros monumentos e maravilhas d'arte, no meio de magestosas praças abandonadas e injuriadas pelos homens de hoje!

Apparent domus intus et atria lunga pastescunt [1].

São os templos romanos magestosos e harmonicos, como as obras da antiguidade, cujas tradições não perderam de todo os Italianos. Pelas dimensões e divisões, luxo e gosto de floreios e ornamentos, marmores, porphyros, pedras preciosas, mosaicos multicores, e estatuas magnificas, de que fazem constante emprego, não são excedidos de certo. O que ha de mais primoroso do que a Sé de São Paulo, restaurada á pouco? Com que egrejas se podem comparar as basilicas de São João de Latrão, Santa Maria Maior e Coração de Jesus?

Acima porem de todas está o famoso templo de São Pedro, que vale em elegancia, grandeza, magnificencia, maestria e sublimidade todos quantos encontram-

[1] Virgilio.

se dispersos pelo mundo. Revela os talentos raros, que trabalharam em suas obras, desde Bramante que concebeu o primeiro plano, até Bernini, que terminou os accessorios : deve-se á Miguel Angelo a nova forma da cruz grega, a columnada, o portico copiado do Pantheon, e a cupola soberba, cuja ideia bebeu nas concepções aerias de Brunelleschi, que inventou a da Sé de Florença, que atordoava com a sua magestade o proprio Buonarrotti. Levantando a cupola, que gyra por cima de toda a cidade de Roma, e domina os palacios, edificios, monumentos, desertos e monticulos, que lhe formam uma cintura arida e coberta de ruinas, e que parece um sonho, ou a supplica do homem que deixou a terra, atravessando o espaço, e sobindo aos ceos, creou Miguel Angelo tres egrejas diversas, uma sobre outra, a subterranea, que occupa grande espaço abaixo do nivel da terra, a que propriamente se chama de São Pedro, na qual celebra-se ordinariamente o culto, e a aeria, que sobresáhe á ambas.

Foi edificado o templo de São Pedro por cima do circo, em que Nero fazia suspender em cruzes inflammadas, e lapidar por seus carrascos, os Nazarenos infelizes, que cahiam no poder de tão preconisado despota; ali colloca a tradição o logar em que foi morto o Principe dos Apostolos entre martyrios inauditos, e dôres que se não egualáram ainda. Levantou Constantino, para memoria do sitio, a primeira basilica,

á qual succedeu o templo actual, ideiado por Nicolau V, começado por Julio II, e terminado por Paulo V. Vinte quatro pontifices tomaram parte na sua construcção, que exgotou os thesouros de Roma, e obrigou as nações catholicas á concorrerem com tributos em prol das suas obras, e a todas as escholas d'arte á orna-las com os seus primores.

Basta o vestibulo para formar uma egreja admiravel : é prodigioso o effeito da entrada. Revela-se como un trecho sublime de Milton, ou uma magnifica melodia de Cimarosa. Exaltam-se a alma e os sentidos. É o seu aspecto de um esplendor que se sente, e não se pinta.

Entra a luz para o seu recinto tão regular e diaphana, que cahem os raios em linhas deliciosas sobre o marmore do chão, e são reflectidos e transmittidos de modo a innundar suave e docemente o templo todo, produzindo uma impressão, que é immorredoura. Dir-se-ia effeito de magica o que se sente, collocando-se no centro do monumento, ao pé da escada sotoposta á cupola, e que, cercada de cem lampadas de bronze, e ornamentos de oiro, e pedras preciosas, desce para o tumulo do sancto, e para a egreja subterranea. Apodera-se a vista de toda a magestosa extensão do templo, percorre a escala inteira de tantos accessorios admiraveis, e derrama-se pela serie de bellezas, que tonteam e embriagam, como si fora um palacio de fadas. Parece que se percebe o sentimento

da universalidade, que tanto custa imaginar á creatura humana.

Não tem nome a arquitectura, pois que se não assemelha á nem-um dos generos que concebeu a arte. Absorve tudo quanto é bello, grandioso e sublime. Póde-se comparar a um poema superior a quantos escreveram os poetas mais affamados.

Não ha severidade septentrional. Não se desenham as formas exquisitas e flexas ou torres irregulares do genero denominado gothico. Não a ornam vidros coloridos, e pinturas disparatadas, que servem para o effeito geral, e produzem impressão sombria e melancholica, como as cathedraes de Colonha, Strasburgo, ou Antuerpia. Não admitte a phantasia pittoresca dos Arabes, e nem as risonhas inspirações do Oriente, como a egreja de São Marcos, que possue Veneza.

Sente-se gravidade, mas serena e tranquilla; grandeza, temperada pela graça, brilhantismo, semeado de pompa e de mistica sanctidade ao mesmo tempo. É o simbolo do genio enthusiasta, poetico e devoto da Italia, que reúne a nobreza e magestade do culto, a elegancia das formulas, a riqueza e esplendor dos accessorios, a immensidade regular de tamanho, e a harmonia da sombra, luz, e colorido, que constitúe uma peça inteiriça extraordinaria e sublime.

É o templo de São Pedro um verdadeiro assombro das mais encantadoras, admiraveis e prodigiosas reminiscencias. Deve constituir para os Romanos a pa-

tria, e religião, o genio, e o asylo das artes, a sua consolação e gloria!

Tu es petra et super petram ædificabo Ecclesiam meam.

Já no seu tempo, fasendo uma viagem á Roma, exasperou-se Dante, ao encontrar tamanha grandeza; não era ainda todavia o monumento espantoso que sobre o da sua epocha construio-se posteriormente. A trahição, que pensou ter soffrido da parte de Bonifacio VIII, ligando-se com os seus inimigos politicos, que se apoderaram de Florença á força, em quanto estava elle ausente da sua patria, e por ella negociava em Roma, inspirou-lhe sentimentos adversos aos Pontifices, si bem que para Roma e seus monumentos não tivesse senão admiração enthusiastica. Nutria tambem odio contra os Papas o celebrado conde Alfieri, que em Roma encontrára unicamente desgostos e perseguições, por causa de sua união com a famosa Stuart : não póde supportar os mausoleos pomposos de alguns Pontifices, que cobrem e embellesam algumas partes do templo de São Pedro. Arrancou do peito imprecações iradas, e exclamou ousado, como qualquer possesso :

Ombra dei morti, che non fur mai vivi !
Esci, e su dunque; e sia da te purgato
Il Vatican, cui di fetore empivi [1] !

[1] Victor Alfieri, *Sonetos*.

VII

Encontra em Roma o historiador os elementos necessarios da antiguidade, que lhe satisfaçam as aspirações, e dirijam os estudos : depois de percorrer as suas ruinas teve Niebuhr de corrigir e emendar a primeira parte da Historia de Roma, que ja publicára. Foi em Roma que veio a Gibbon a ideia de escrever a sua obra famosa á respeito da decadencia do Imperio. Acha o sabio magnificas bibliotecas, estabelescimentos scientificos, e sociedades excellentemente organisadas. É a terra predilecta dos artistas de todo o genero; estatuarios, que se instruem com os primores do Vaticano, Quirinal, São Pedro, Víncoli e Minerva [1]; é nelles que se reconhece como póde o bronze exprimir o movimento das veias, as protuberancias dos musculos, e as oscillaçães dos nervos do corpo humano : pintores que se extasiam diante das bellissimas telas, que são a admiração do mundo [2] : antiquarios que deparam com

[1] *Moysés* de Miguel Angelo, em São Pedro em Vincoli; a *Piedade* do mesmo artista; o *Hercules* de Canova, no palacio Torlonia; *Jesus Christo* de Miguel Angelo, na Minerva; *Castor e Polux*, na praça Quirinal; *Apollo do Belvedero, Laocoonte*, *Fauno* de Praxiteles, *Gladiador moribundo*, etc., etc., no Vaticano.

[2] A *Transfiguração, Senhora de Folinho, Batalha de Constantino*, e frescos de Raphael; *Juizo derradeiro* de Miguel Angelo, na capella

ruinas, restos, e fragmentos de marmore de palacios e monumentos, em tão grande abundancia, que é bem curta a vida do homem para comprehendê-los, estuda-los, e reorganisa-los com a imaginação; arquitectos, á quem sobram tantos e tão diversos e magestosissimos edificios, que compensam por demais quaesquer sacrificios, por que passem até chegar em Roma : poetas, que se inspiram com as grandes reminiscencias dos vates da antiguidade, e edade media; e que podem admirar o logar em que foi coroado Petrarca, e derramar uma lagrima sobre o tumulo de Torquato Tasso, que occupa o centro da egreja de Santo Onofrio, sobre o monte Janiculo. Não falta ao catholico o espectaculo soberbo do culto, que é celebrado com uma pompa digna da sua capital, e com que se sóe deslumbrar os olhos, attrahir a admiração, e fallar aos corações e á consciencia.

Offerece-se emfim á curiosidade do viajor, qualquer que seja a nação, á que pertença, a religião, que professe, as crenças e pensamentos, que tenha, o animo e caracter, com que o dotára a natureza, ou o curso da vida, tão vasta variedade de objectos curiosos, que é Roma a cidade mais digna de ser visitada.

Não sei que encantos tem, que apesar da tristura e afflicção, que mostra tres quartas partes dos visita-

Sixtina; *Judith* de Murillo; *São Jeronymo* de Dominiquino; *Magdalena* de Guerchino; *Rapto de Europa* de Veroneso, etc., etc.

dores da Italia apaixonnam-se pela cidade eterna, guardam della reminiscencias permanentes, e a consideram sua predilecta, do peito e do coração. Entrando em Roma, atirou-se ao chão o proprio Luthero, beijando a terra, e exclamando : « Saudo-te, Roma sancta, veneravel pelo sangue e tumulo dos martyres! » Que melhor prova das sympathias sinceras, que sabe crear, e enraizar dentro d'alma, do que os enthusiasmos de Chateaubriand, e as inspirações de lord Byron? O que ha de mais significativo do que os versos de *Child Harold*, que não são ficticios, que não partem da imaginação, mas cria-os a alma, e só o coração é capaz de produzi-los?

O' Roma! ó meu paiz! Cidade sancta!
Orfãos do coração, qui a ti se cheguem,
Mae solitaria de florentes reinos,
Que hão passado no terra! Oh! d'entro d'alma
Ao consolo cerrada, esses, que julguem
Suas miserias vis entre teus restos!

Que montam males do homem? Venha e escute
O moxo, e veja o funebre cypreste,
E abra caminho, tropeçando em rochas
E do throno e do tempo, o que se queixa
Das rapidas angustias de um só dia!

Ali jáz á seus pés um mundo fragil
Como este barro, que reveste o homem!

Niobe das nações! Ella aqui pousa
Sem coroa, sem prole, e em mudas ancias!

Urna vasia tem nas mãos mirradas,
Cujo pó sacro foi disperso á muito.
Ja não existem cinzas no moimento
Dos Scipiões ; e os tumulos lá jazem,
E heroes, os domnos seus, não dormem nelles!

E tu correrás sempre, ó velho Tibre,
Por este ermo de marmore? — Sim, surge,
Co' as turvas aguas vela-lhe as desditas.

Foi o Godo e o Christão, e o tempo e a guerra
E delirios, e chammas, que humildaram
Dos sete montes a cidade altiva.
Astros de sua gloria se obumbraram,
Um por um — e ella o vio — e vio subirem
Barbaros reis esse ingreme caminho,
Por onde o carro triumphal buscava
O Capitolio; e sem deixar vestigio
A torre e o templo baqueiou por terra [1]!

Póde um sonhador como Lamartine extasiar-se mais diante de Napoles, nutrir estima superior pela vasta e admiravel bahia, aonde as ilhas, o golpho, o Vesuvio, e as grutas, parecem reunir-se e manifestar a magestade engenhosa do Creador, e a magnificencia sempre deslumbrante da natureza. Os poetas dos olhos, e os pintores da natureza, que anhellam luz e flores, parfumes, prazeres, e festas, folgam, como M^me de Stael, de passeiar pela Sulfatarra, percorrer Pausilippo, Baia, o cabo Miseno, e Isola bella, e diver-

[1] Lord Byron, *Childe Harold*, canto IV.

tir-se em Capri e Sorrento: escrevia-lhe por isso o celebre critico Schlegel : « Saborea a vida no seio voluptuoso de Parthenope; apprende o que é a morte sobre o tumulo do mundo. » Os homens porem de sentimento, e de coração, preferem as ruinas gigantescas de Roma, que parecem fallar, e gemer, como infelizes moribundos, recontando glorias que foram, e grandezas que se sumiram, mas que se gravam eternamente na memoria, como retrato fiel da humanidade, que não marcha para os seus destinos senão por meio de peripecias e perigos, que se encontram á cada passo pelo caminho da existencia.

Napoles alegra-nos sem duvida o espírito, sorri aos olhos, e encanta-nos os sentidos. É o tempo, que ali se passa, uma verdadeira festa de campo, aonde concorrem os divertimentos e prasceres de toda a especie. Até os proprios lazzaronis, que entopem a rua vastissima de Toledo, e as praias encantadoras da Chiaia, e fasem com as suas voses, e canticos, um barúlho original, e agradavel, parecem víver felizes, e sonhar amóres. A athmosphera enbalsamada de flores odoriferas, a doçura do clima, e a magnificencia do mar, que beija os seus golphos e bahias, as suas ilhas, e cabos, justificam o proverbio italianno — Vedi Napoli e puoi mori. —

A gravidade porem, e melancholia de Roma, tumulo do mundo, na phrase eloquente de Schlegel, e tumulo abandonnado hoje no meio do deserto arido,

e pestilento, fortifica-nos melhor o espirito, e leva ao coração um balsamo consolador, e succulento.

É para nós ainda a cidade eterna, e o será sempre, o primor e as delicias da alma.

FIM.

INDICE

ERRATAS

Conta-se com a disculpa do leitor pelos muitos erros ortographicos, que apparecem n'esta edicção, feita em paiz estrangeiro; não é um auctor o mais proprio para as correcções de provas, no toccante à faltas grammaticáes : e não se acham nas typographias de Pariz sujeitos habilitados na lingua portugueza, que se empreguem n'esta tarefa. Aguns mais graves, que depois de impresso, se encontráram no livro, vão aqui notados. O leitor por si mesmo terá de corrigir os de menor monta.

Pagina 1,	linha 7 :	recebem.	*diga-se*	recebe.
— 8,	— 28 :	esde.	—	desde.
— 11,	— 6 :	un.	—	um.
— 12,	— 4 :	disserás.	—	disséras.
— 18,	— 19 :	á.	—	para a.
— 37,	— 16 :	semblanta. . . .	—	semblante.
— 62,	— 2 :	trepaam.	—	trepam.
— 64,	— 18 :	o de.	—	o.
— 64,	— 19 :	os.	—	dos.
— 67,	— 13 :	nossa.	—	é.
— 68,	— 18 :	tinhão.	—	tinha.
— 77,	— 4 :	nassos.	—	nossos.
— 80,	— 10 :	Ficavã.	—	Ficava.
— 80,	— 11 :	deixavãam. . . .	—	deixavam.
— 81,	— 10 :	attrahiam. . . .	—	attráiam.

Pagina 119,	linha	8 :	observaın.	*diga-se*	observam.
—	120,	—	8 :	propro.	—	proprio.
—	120,	—	9 :	agora é.	—	agora.
—	120,	—	21 :	em seu.	—	á seu.
—	130,	—	13 :	não se.	—	se não.
—	137,	—	4 :	já á	—	já por.
—	149,	—	21 :	despeça-a. . . .	—	despedaça-a.
—	164,	—	17 :	relativos, a. . . .	—	relativos á.
—	167,	—	2 :	Desvaneio.	—	Devaneio.
—	168,	—	16 :	um como.	—	como.
—	174,	—	3 :	e que te.	—	e te.
—	173,	—	8 :	mehlorar.	—	melhorar.
—	183,	—	27 :	ver ei	—	verei.
—	186,	—	2 :	approximando, se	—	e approximando-se.
—	193,	—	27 :	lançado.	—	expellido.
—	207,	—	2 :	emprunto. . . .	—	sobre o leito.
—	212,	—	13 :	; os.	—	, e os.
—	214,	—	19 :	doces.	—	suaves.
—	216,	—	23 :	á os.	—	aos.
—	227,	—	13 :	correu elle. . . .	—	correndo.
—	227,	—	13 :	parecendo. . . .	—	e parecendo.
—	232,	—	26 :	si.	—	á.
—	246,	—	28 :	decantar.	—	descantar.
—	247,	—	4 :	?.	—	.
—	247,	—	22 :	a apenas.	—	e apenas.
—	277,	—	7 :	Alexandro. . . .	—	Alexandre.
—	277,	—	27 :	gem,.	—	gen.
—	284,	—	24 :	Inventára. . . .	—	Inventava.
—	284,	—	31 :	infamces.	—	infames.
—	285,	—	6 :	á horrores. . . .	—	e horrores.
—	299,	—	13 :	a gasta.	—	e gasta.
—	302,	—	16 :	Romá nos. . . .	—	Romanos.
—	304,	—	9 :	pódio.	—	podia.
—	312,	—	11 :	sobearnia. . . .	—	soberania.
—	312,	—	23 :	e os.	—	e.